

Diana Sofia Boisson Lopes do Mar

A AGÊNCIA LUSA E AS ELEIÇÕES NOS PAÍSES LUSÓFONOS

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientada pela Doutora Isabel Ferin Cunha, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A AGÊNCIA LUSA E AS ELEIÇÕES NOS PAÍSES LUSÓFONOS

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A AGÊNCIA LUSA E AS ELEIÇÕES NOS PAÍSES LUSÓFONOS
Autor/a	Diana Sofia Boisson Lopes do Mar
Orientador/a	Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha
Júri	Presidente: Doutora Rita Joana Basílio de Simões Vogais: 1. Doutor João José Figueira da Silva 2. Doutora Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha
Identificação do Curso	2.º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	Comunicação e Jornalismo
Especialidade/Ramo	Jornalismo
Data da defesa	23-9-2015
Classificação	16 valores



AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos à orientadora da presente dissertação, a Doutora Isabel Ferin Cunha, desde logo por ter aceitado o desafio de cumprir esse exercício à distância. Também por toda a disponibilidade e apoio no esclarecimento das inúmeras dúvidas e pelas importantes sugestões.

Palavras de apreço devem ser ainda dirigidas à uma série de colegas da Agência Lusa, desde membros da direção, a editores, passando por administrativos, pelo inegável apoio prestado em diversas frentes, fundamental para a execução do presente trabalho.

Agradeço também às Fátimas: à primeira por me “aliviar” no trabalho, permitindo-me dedicar mais tempo ao estudo e à segunda pelos dias passados na biblioteca. A ambas pelas palavras de estímulo. De igual modo, estendo o apreço à Marta e à Olga pelos conselhos.

Também aos meus pais, cujo esforço me permitiu uma dia realizar o sonho de frequentar a Universidade.

Ao Carlos, por estar sempre ao meu lado, por acreditar em mim, pelo incondicional apoio e pelas constantes palavras de incentivo.

RESUMO

O ano de 2015 marcou 20 anos de ciberjornalismo *made in* Portugal. Aproveitando a efeméride, o presente estudo descreve os diferentes estágios de evolução, as características e potencialidades do novo meio, bem como as transformações decorrentes da nova realidade comunicacional. No contexto desta “revolução” definiu-se como principal objetivo da presente investigação aferir o peso da Agência Lusa nos órgãos de comunicação social na Internet e, por contraste, o grau de produção própria dos mesmos. Para o efeito, foi selecionado um período muito particular para a elaboração da análise. Em causa, o mês de outubro de 2014 por reunir três eleições, um momento importante na vida de qualquer nação, em países de língua oficial portuguesa, uma das áreas “vocacionais” da Agência Lusa. Os três casos (São Tomé e Príncipe, Moçambique e Brasil) foram escalpelizados individualmente e, em paralelo, foi realizada em cada um deles uma análise aos despachos da Agência Lusa durante no mesmo período. Por fim, foi exposta uma perspectiva de todo o conjunto, em ambas as frentes, para uma melhor compreensão dos resultados do estudo, na medida em que permitiu colocar em evidência as diferenças observadas entre cada um dos casos e o todo. As principais conclusões apontam para uma elevada dependência da Agência Lusa e, por oposição, para um reduzido nível de produção própria por parte dos órgãos de comunicação social com presença na Internet, longe do patamar do que se consideraria como o ideal.

Palavras-chave: Internet, ciberjornalismo, agências de notícias, Agência Lusa

ABSTRACT

The year 2015 marked 20 years of online journalism "made in" Portugal. Taking this into account, the present study describes the different stages of evolution, the main characteristics and potential of the new medium, as well as the changes resulting from the new communication reality. In the context of this "revolution" the primary objective of this study was to assess the weight of the Lusa Agency in the media and on the Internet, by contrast, the degree of own production. To this end, was selected a very particular period for the analysis. It was run on October 2014 because it gathers three elections, an important moment in the life of any nation, in Portuguese-speaking countries, one of the "vocational" areas of Lusa. The three cases (Sao Tome and Principe, Mozambique and Brazil) were individually dissected and, in parallel, an analysis of the takes of Lusa News Agency published in the same period was held. Finally, it was shown a perspective of the whole, on both fronts for a better understanding of the study results. That allowed to highlight the differences between each case and the whole. Key findings indicate a high dependence on the Lusa News Agency as opposed to a reduced level of journalistic own production, far from the level that would be ideal.

Keywords: Internet, online journalism, news agencies, LUSA Portuguese News Agency

ÍNDICE

ÍNDICE	1
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I – Internet e Informação	4
1. – Ciberjornalismo	4
1.1 – Caraterísticas	7
1.2 – Fases da evolução	12
1.3 – Ciberjornalismo em Portugal	15
1.4 – Novo perfil do jornalista	18
1.5 – Diferentes formas de informar	27
CAPÍTULO II – Agências de notícias	30
2. – Aparecimento, história e papel	30
2.1 – Na era da Internet e da convergência multimédia	35
2.2. – A (s) experiência (s) de Portugal	37
2.3 – Lusa e Lusofonia	54
CAPÍTULO III – Lusofonia	56
3. – Conceito	56
3.1 – A CPLP	62
3.2 – Os Estados-membros	66
3.3 – Lusofonia e Informação	87
CAPÍTULO IV – Estudo de Caso: A agência Lusa e as eleições lusófonas de 2014	92
4. – Objeto de estudo	92
4.1 – Metodologia de investigação	93
4.2 – Apresentação de resultados	96
4.3 – CONCLUSÃO	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
ANEXOS	127

INTRODUÇÃO

A Internet transfigurou o mundo. O impacto, embora transversal, atingiu de forma particular o domínio da informação, impondo significativas mudanças sentidas, a jusante e a montante, em todo o ecossistema mediático. Apesar de o jornalismo ter sempre evoluído na esteira do progresso tecnológico, os desafios trazidos pela Internet talvez não encontrem paralelo no tempo e no espaço.

A “revolução” abalou não só as estruturas – aparentemente sólidas – que fundaram o estatuto que os *media* conquistaram ao ponto de serem chamados de “o quarto poder”, como alterou o próprio exercício de contar histórias. Embora pilares como o compromisso para com a verdade se devam manter inalterados, sob pena de o jornalista falhar a sua missão no mundo, a chegada da Internet veio beliscar princípios fundamentais, a partir do momento, em que, por exemplo, a rapidez ganha ao rigor ou a investigação aprofundada perde para a cobertura superficial. As alterações transformaram também o próprio perfil do jornalista que, em face de todas as potencialidades que o novo meio encerra, se viu redesenhado, forçado a transformar-se, a converter-se, nomeadamente à multimédia, enfim, a adaptar-se para poder garantir a sua sobrevivência como espécie.

A fim de aproveitar o marco dos 20 anos de ciberjornalismo em Portugal, o primeiro capítulo do presente estudo apresenta uma viagem pelas transformações que o novo tipo de jornalismo trouxe, percorrendo as diferentes etapas de evolução, traçando um quadro das principais características e potencialidades. Entra, posteriormente, numa abordagem pelo panorama em Portugal, replicando o exercício dos primórdios até aos dias de hoje, com subcapítulos dedicados nomeadamente ao novo perfil do jornalista e às novas formas de informar.

Já o segundo capítulo debruça-se sobre as agências de notícias: do aparecimento, ao papel, traçando um pouco da história que começa a narrar-se no século XIX. Já que, depois do pombo ou do telégrafo, viram-se também confrontadas com o fenómeno da Internet que as colocou diante dos mesmos desafios que os seus pares. Novamente, uma incursão pelo panorama mundial precede a (s) experiência (s) em Portugal, apresentando-se, seguindo o fio cronológico, o que viria a culminar no que é nos dias de hoje a Agência Lusa, a única agência de notícias portuguesa, expondo o contexto em que nasceram, cresceram e morreram as suas quatro antecessoras.

A Lusa figura no epicentro do estudo, muito por parte do manifesto interesse da autora, como jornalista da agência, em tentar melhor compreender qual o impacto ou influência no fluxo noticioso, em particular, numa das suas áreas de “vocaçãõ natural”: a lusofonia. Longe, porém, de ser um conceito consensual, dedica-se um terceiro capítulo a esse universo, pertinente que se afigura cruzar teorias e perspetivas na tentativa de melhor o explicitar, dando

também a conhecer um pouco a origem, o papel e a missão da entidade formal que o aglomera: a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

A diversidade dos atuais nove países que dão forma ao bloco levou também a uma apresentação de cada um dos estados-membros, facultando-se uma descrição do ponto de vista político, social, económico e geográfico, para uma melhor compreensão das singularidades de cada um. Esta é precedida de um subcapítulo sobre a relação entre a Lusofonia e a Informação, com uma passagem pelo ciberjornalismo no perímetro da CPLP.

Segue-se um estudo de caso, através do qual se pretende inferir a importância da Agência Lusa como fonte nos meios de comunicação social *online*. Para o efeito, foi selecionado um período muito particular. Em vez de um intervalo aleatório, a opção recaiu temporalmente sobre outubro de 2014 por reunir três eleições em países lusófonos, ou seja, um momento importante na vida de qualquer nação. O estudo de caso foi subdividido em diferentes estratos.

Assim, cada caso (São Tomé e Príncipe, Brasil e Moçambique) incluiu uma análise aos órgãos de comunicação social e uma sobre o trabalho produzido pela Agência Lusa. Ao fim dos três casos, foi inserido um quarto com a perspectiva do todo – submetendo-se o conjunto às duas análises seguindo os mesmos pressupostos –, a fim de colocar em evidência as diferenças sinalizadas em cada um dos casos e os resultados do cômputo geral.

Após a apresentação da metodologia utilizada e demonstração de resultados, foram expostas conclusões sobre o peso da Agência Lusa no fluxo noticioso *online*, esperando-se que o presente estudo possa vir a ser um contributo para futuras investigações sobre a Agência Lusa e o ciberjornalismo e, acima de tudo, um ponto de partida para uma reflexão.

CAPÍTULO I – Internet e Informação

1. – Ciberjornalismo

“Não estou certo de que a Internet tenha melhorado o jornalismo”

Umberto Eco ¹

O advento da Internet desencadeou um processo revolucionário (ainda em curso), cujo impacto poucos poderiam antecipar, com a dinâmica adjacente ao novo meio a marcar, de forma indelével, um ponto sem retorno no domínio da informação. Ao ponto de, entre o crepúsculo do século XX e a aurora do século XXI, o mundo ter visto emergir uma “nova forma de jornalismo”, com “qualidades distintas”, fruto de uma importante “profunda transformação” (Pavlik, 2001: xi).

Um impacto que “não deve ser subestimado” (Bardoel & Deuze, 2001) e que tem mudado o ofício do jornalista pelo menos a três níveis: “tem o potencial de tornar o jornalismo numa supérflua força intermediária na democracia (Bardoel, 1996); oferece aos profissionais dos *media* uma vasta gama de recursos e infinitas possibilidades tecnológicas com as quais trabalhar (Quinn, 1998; Pavlik, 1999); e cria o seu próprio tipo de jornalismo na net – o chamado digital ou melhor jornalismo online (Singer, 1998; Deuze, 1999)” (*Ibidem*).

Esse novo (tipo de) jornalismo pela série de potencialidades inerentes não podia – nem devia – deixar os *media* indiferentes, pese embora a hesitação inicial, por se impor “simultaneamente [como um meio] potenciador de uma fragmentação da produção e do consumo nunca antes vista, que poderia resultar numa rutura com a clássica relação de poder top-down a que os *mass media* estavam habituados e da qual, porventura, não queriam abdicar” (Zamith, 2011: 19).

Embora se afigure como (mais) um novo suporte colocado ao dispor do jornalismo, cuja história se foi escrevendo, aliás, na esteira de avanços tecnológicos, Rosental Calmon Alves (2006) destaca que “a Internet não é apenas um novo meio, como o foram o rádio e TV, cada um acrescentando um

¹ A afirmação surge a propósito da sua mais recente obra - *Número Zero* – que versa a crise do jornalismo a partir da história de um jornal falido. Prieto, Darío (2015, março 26). “Umberto Eco: 'No estoy seguro de que internet haya mejorado el periodismo'”. *El Mundo online*, accedido a 26 de março, 2015, em <http://www.elmundo.es/cultura/2015/03/26/551385fc22601dfd398b456b.html>

canal sensorial à comunicação existente”, ou seja, a audição e a visão, respetivamente. Ao invés, “representa uma mudança de paradigma comunicacional muito mais ampla do que a adição de um sentido”.

E, nessa linha de raciocínio, “pode ter sido prejudicial ao desejo dos jornalistas e editores de imprensa de evitar a interrupção da sua confortável hegemonia sobre os *media*”, ainda que tenha trazido ao jornalismo “oportunidades sem fim”, como advoga Jeff Jarvis (*apud* Zamith, 2011: 22), em referência ao ceticismo da classe.

Daí se compreende talvez que “a primeira reação dos media tradicionais à entrada da antiga audiência no processo comunicativo (até então apenas coletivo/massificado), impulsionada pelas características da Internet” tenha sido, como metaforiza Zamith, “igual à do caracol e à do cágado quando se sentem ameaçados”. Ou seja: “Fecharam-se na sua carapaça, como que a dizer que as suas identidade e função social estão defendidas por uma estrutura sólida, fortalecida ao longo de décadas de afirmação da democracia e dos seus valores” (*Ibidem*: 21). Temendo, em última instância, a extinção, a espécie conclui ser melhor adaptar-se, mas não o faz de imediato, mostrando relutância relativamente ao “novo *medium* onde novas vozes, individuais e em grupo, podem ser ouvidas e vistas por uma rede que ultrapassa as fronteiras convencionais dos sistemas mediáticos” (Silveirinha, 2002:12). “Só à entrada do século XXI, é que os *media* tradicionais começaram a perceber que a expansão da Internet iria, inevitavelmente, ser aproveitada pelos seus antigos recetores como meio ideal de expressão individual e de questionamento da comunicação e do jornalismo um-para-muitos” (Zamith, 2011:21).

Os receios por parte dos meios de comunicação tradicionais designadamente de que essa sua (perceção de) solidez fosse abalada impuseram-se não só no processo que levaria mudança – como uma força de atrito –, mas também pautaram a fase da adoção propriamente dita. Segundo Alves (2006), os primeiros dez anos foram precisamente “marcados por um esforço de transformar eventuais ameaças aos meios de comunicação tradicionais em oportunidades de criação de um novo jornalismo digital, que há tempos se esperava”.

Parafrazeando o “mestre” Gabriel García Márquez, com uma crónica de “um jornalismo anunciado”, o autor recorda, porém, que “a possibilidade de as novas tecnologias ameaçarem gravemente ou mortalmente os meios de comunicação tradicionais” já se vislumbrava há décadas, atendendo a experiências anteriores – como o teletexto – “rapidamente abandonadas quando os meios tradicionais se deram conta das vantagens da *web*” (*Ibidem*).

Em suma, “permite a acumulação de conteúdo”, “oferece um alcance global, rompendo barreiras de tempo e espaço como não tínhamos visto antes” e “um grau de interatividade que também nos era desconhecido”. E, como observa o autor brasileiro, tratando-se de um meio ativo, “requer constante interação”, em contraste com “a relativa passividade que marca a relação do telespectador, ouvinte ou leitor com os meios tradicionais”.

Essas transformações causadas pela Internet no jornalismo foram sentidas, segundo Jorge Pedro Sousa (2003), essencialmente em dois planos: “Em primeiro lugar, nas rotinas jornalísticas de produção de informação; e, em

segundo, nas formas e formatos de difusão de informação, ou seja, no produto jornalístico. O jornalismo *online* não exterminou o jornalismo noutros *media*, mas modificou-o, obrigando-o a uma adaptação constante, num processo que Roger Fidler denomina de mediamorfose”.

Mas Alves (2006) vai mais longe, ao considerar que “devido a essas proporções revolucionárias que assinalam o início de uma nova era, além de pensar em mediamorfose devemos pensar também em “mediacídio”. Isto é, “na possibilidade de a rutura tecnológica provocar a morte dos meios tradicionais que não tenham capacidade ou não se saibam adaptar ao novo ambiente mediático em gestação”. Esse mediacídio incluiria também “a ‘morte’ de carreiras (no caso de jornalistas que não consigam adaptar-se à nova realidade) e de empresas de comunicação insensíveis à necessidade de mudar os seus modelos de negócio e as suas linguagens”. (*Ibidem*).

Perante as virtudes do novo meio, a começar desde logo pelo poder de fazer convergir, numa mesma plataforma, elementos (até aqui) diferenciadores (texto, som, vídeo), os meios de comunicação tradicionais começaram então a percorrer, embora a diferentes velocidades, o caminho rumo à adaptação em várias frentes. “A imprensa, rádio e televisão perceberam que tinham na Internet uma forma adicional de chegar às suas audiências e de, eventualmente, conquistar novos públicos e novas receitas, usando-a como suporte alternativo para a difusão da sua produção” (Zamith, 2011: 19).

No entanto, esse processo “não foi fácil” (Sousa, 2003): “Por um lado, surgiu a necessidade de se descobrirem as características da linguagem do novo meio e de se adaptar o discurso jornalístico a essa nova realidade” e, por outro, os meios jornalísticos também sentiram a necessidade de afetar recursos humanos e financeiros ao jornalismo *online* e de capacitar os seus profissionais para o novo meio”. Com efeito, “a Internet não foi exceção” à luz da tese de Marshall McLuhan, citada por João Canavilhas, de que “o conteúdo de qualquer *medium* é sempre o antigo *medium* que foi substituído”. E, portanto, sem qualquer alteração na linguagem, “o chamado ‘jornalismo *online*’ não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofónico e televisivo para um novo meio” (Canavilhas, 2001:1).

Como assinalam Canavilhas e Sousa, a “migração” para o *online* começou a dar-se a partir do final dos anos 80, nos Estados Unidos, embora o “grande impulso” tenha ocorrido na década seguinte. Os jornais foram os primeiros a lançar-se à aventura. Talvez, segundo o segundo autor, “porque perceberam a aparição da Internet como mais uma ameaça à sua sobrevivência”. Segundo Sousa, “a grande inovação” da primeira versão *online* de um diário – o *San Jose Mercury News*, em 1994 –, “além do acesso aos seus conteúdos do dia, foi a possibilidade de o leitor interagir com os conteúdos, através de motores de busca e da navegação; de interagir com os jornalistas através do e-mail; e de participar em fóruns de discussão propostos pelo jornal – tudo receitas que ainda hoje se mantêm” (2003).

“A proliferação de publicações *online* conduziu paulatinamente à emergência de um novo género jornalístico, o jornalismo digital ou o ciberjornalismo, distinguível do tradicional por características essenciais como a multimedialidade, a hipertextualidade e a interatividade. As qualidades distintivas

desta nova forma de jornalismo incluem a atualização noticiosa contínua, acesso global à informação, reportagem instantânea e personalização de conteúdos” (Bastos, 2010 a: 1).

Ramón Salaverría define esse novo género como “ciberjornalismo”, considerando-o “a especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, elaborar e, em especial, difundir de conteúdos jornalísticos” (2005:21)². Como denota Zamith (2011:43), o conceito é, em tudo, idêntico ao de Parra Valcarce & Álvares Marcos, autores que “destacam ‘o sentido de pilotar’ do prefixo de origem grega ‘ciber’ bem adequado para caracterizar a nova realidade jornalística com que se deparam os novos profissionais da informação, as novas audiências e as novas estruturas empresariais”.

1.1 – Características

Não obstante a dificuldade em traçar parâmetros no caso particular do ciberjornalismo, como constata Bastos, instalou-se um relativo consenso³ em torno do figurino das principais características.

Marcos Palacios (2004), citando o estudo de Bardoel e Deuze (2000), acrescenta dois elementos aos quatro elencados pelos autores. À interatividade, customização/personalização de conteúdo, hipertextualidade e multimedialidade/convergência, adiciona a memória e a instantaneidade do acesso que, por sua vez, transforma a atualização contínua em mais um aspeto distintivo. Já Fernando Zamith (2011:25) alarga o quadro comparativo das possibilidades expressivas nas quatro características da Internet destacadas por Javier Díaz Noci e Ramón Salaverría – hipertextualidade, multimedialidade, interatividade e simultaneidade/instantaneidade –, ao incluir memória, ubiquidade e personalização.

² Segundo Fernando Zamith, que opta por seguir a aceção de “ciberjornalismo” de Salaverría – a mesma escolhida para o presente estudo – a designação de ‘jornalismo online’ é, no entanto, a mais utilizada nos países anglo-saxónicos e a adotada em manuais referência ou em revistas académicas prestigiadas.

³ O referido relativo consenso assenta no facto de as características identificadas se afigurarem como denominador comum nas teses de investigadores que se dedicaram ao tema do jornalismo desenvolvido na *web* consultadas para o presente estudo.

Eis uma síntese das principais características:

Interatividade – Definida como a possibilidade de o recetor participar e interagir com o órgão de comunicação social e até de noticiar, figurando como fonte de informação, faz também com que se assista, assinala Sousa, a “um nivelamento do jornalista com o leitor”.

Essa interação, como acrescenta Zamith, citando Kovach e Rosenstiel, (2004:23), “torna-se parte integrante da notícia, à medida que esta evolui”, pois ao efetuarem correções ou a facultarem outro tipo de contributo, designadamente através de emails enviados às redações ou aos jornalistas, “os leitores esperam ver assinalados novos factos por eles revelados” (*Ibidem*: 27).

Apesar de presente, a interatividade foi sempre limitada, relegada para segundo plano e, portanto, depreciada. A imprensa, cujas especificidades do próprio meio configuram desde logo um obstáculo à comunicação imediata, “quase sempre remete para um espaço pequeno e secundário a publicação (raramente integral) das tradicionais ‘cartas ao diretor’, enquanto na rádio e na televisão, embora haja condições para uma interatividade instantânea, esta “é normalmente limitada a curtas intervenções, muito condicionadas pelos temas escolhidos pelo meio e pelo controlo feito pelo moderador do debate ou fórum” (*Ibidem*: 28).

Ora, a Internet veio imprimir (quase) um novo significado a esse conceito, dado que “as possibilidades de interação dos visitantes/utilizadores, quer entre si, quer com os jornalistas, são muito maiores, podendo assumir a forma de, por exemplo, comentários publicados junto às notícias, troca de emails entre utilizadores e jornalistas, fóruns de discussão, salas de comunicação instantânea, inquéritos ou sistemas de votação/avaliação dos conteúdos” (*Ibidem*: 29).

Como constata Canavilhas (2001:2), “a máxima ‘nós escrevemos, vocês leem’ pertence ao passado”, com a possibilidade de interação direta a impor-se como “um forte trunfo a explorar pelo *webjornalismo*” numa sociedade com “acesso a múltiplas fontes de informação e com crescente espírito crítico”. Assim, no caso do ciberjornalismo, a notícia deve ser encarada, na perspetiva de Canavilhas, como “o princípio de algo e não o fim em si própria”: “Deve funcionar apenas como ‘ tiro de partida’ para uma discussão com os leitores”, defende o autor, para quem, para além da “introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, uma maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores” (*Ibidem*, 2-3).

Para atestar essa tese, o autor faz referência a um estudo que revela que “há uma espécie de ‘efeito multidão’ que conduz os leitores para notícias que registam grande número de visitas”⁴. E os órgãos de comunicação social não são alheios a esse facto. Em Portugal, um olhar pelos *sites* dos jornais confirma a presença generalizada de uma rubrica que, em síntese, agrega as notícias com maior número de visualizações, ainda que sob diferentes designações, dividida, por vezes, em subcategorias subjugadas nomeadamente ao volume de comentários e partilhas⁵.

Hipertextualidade – Permitindo estabelecer sucessivas ligações entre textos e até outros registos, tornando “o consumo informativo individualizado” (Sousa, 2003), esta característica tem estado na origem de inúmeros estudos pelas potencialidades que encerra, pese embora o incipiente aproveitamento.

A ideia de hipertexto foi descrita, em 1945, pela primeira vez, num artigo intitulado “As We May Think” pelo matemático e físico Vannevar Bush. Contudo, volveram 20 anos até o termo ser cunhado por Ted Nelson para designar em particular a escrita e a leitura não linear dos sistemas de computadores (Zamith, 2011:30). Definido, tecnicamente, como um conjunto de nós ligados através de conexões, o hipertexto surge como “uma forma de discurso que se constrói a partir da combinação de diversos textos” na definição de Díaz Noci e Salaverría (2003:117).

Com efeito, pode ser encontrado em distintos campos, como a literatura, estando patente nomeadamente “nas notas de rodapé, nos *flashbacks* e nas narrativas paralelas não sequenciais, que remetem o leitor para diferentes partes da obra” (Zamith, 2011:31). “Mesmo no jornalismo vemos frequentemente apelos hipertextuais, nomeadamente na imprensa, através de referências do tipo ‘Ver Caixa’, ‘Ver Gráfico X’ ou ‘Página Y’, e na televisão, através das informações que passam em rodapé (*tickers*)” (*Ibidem*).

Neste capítulo, Bardoel e Deuze (2000, *apud* Martins, 2012:26) destacam sobremaneira “a possibilidade de, a partir do texto noticioso, apontar para outros textos” como originais, outros *sites* relacionados com o assunto, material de arquivo dos jornais, textos que possam fazer o contraditório dos assuntos em análise”. Por conseguinte, pelo menos teoricamente, como observa Canavilhas (2008 b: 1), “uma notícia constituída por uma rede de textos ligados através de *links* tem enormes potencialidades”: “Desde logo porque liberta o leitor,

⁴ Segundo a pesquisa, realizada pelo Media Effects Research Laboratory, os participantes, quando convidados a classificar os conteúdos das notícias analisadas quanto à confiabilidade/credibilidade, valorizaram em primeiro lugar as notícias selecionadas pelos outros utilizadores. Shyam Sundar, um dos responsáveis pelo estudo, concluiu que os leitores acreditam que a um grande número de visitas corresponde uma notícia importante (Canavilhas, 2001:3).

⁵ A título de exemplo, o Público dispõe de uma rubrica intitulada “Mais populares” que quando aberta se desdobra em três categorias: “Mais partilhadas”, “Mais lidas” e “Mais comentadas”. Cada uma tem dez itens. Modelo idêntico segue o Correio da Manhã que também divide as “+ lidas”, “+ comentadas” e “+ partilhadas”. O jornal i apresenta os “+ visitados” e os “+ comentados”, enquanto os semanários Expresso e Sol disponibilizam, respetivamente, os “mais visitados” e os “artigos mais vistos”. O Observador filtra as notícias “Mais populares”.

oferecendo-lhe a possibilidade de escolher a forma como pretende efetuar a leitura. Depois, porque oferece mais informação de contexto, permitindo ao leitor aprofundar o assunto de acordo com as suas pretensões”.

Multimedialidade/convergência – Salaverría (2005a: 32) define esta potencialidade como a capacidade, outorgada pelo suporte digital, de combinar numa só mensagem pelo menos dois dos três seguintes elementos: texto, imagem e som”. Essa capacidade redundante na convergência dos formatos dos *media* tradicionais na hora de narrar factos, tornando-se possível “em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas ou suportes, numa situação de agregação e complementaridade” (Palacios, 2004:2).

Segundo Zamith (2011:33), estamos, aliás, diante do conceito que “menos discussão levanta entre os teóricos que refletem sobre as características da Internet, particularmente as associadas ao jornalismo”. Um conceito que também abre um novo horizonte, com “a possibilidade de associação entre hipertexto e multimedia comumente designada de hipermedia”, relevada por diversos autores (como Pavlik, Dias Noci e Salaverría, e Bastos) como “uma muito interessante potencialidade jornalística por permitir a criação de uma narrativa mais rica e mais contextualizada” (*Ibidem*, 33-34).

Trata-se, como sintetiza Sousa (2003), “da união num único suporte de conteúdos escritos, sonoros e imagéticos, sejam as imagens fixas ou animadas” que, na perspectiva de John Pavlik, representa mesmo “uma nova forma de jornalismo que coloca as histórias num contexto histórico, político e cultural muito mais rico” (2001:16).

Memória – Potencialidade de “importância crucial e distintiva” dos meios tradicionais. É assim que Zamith (2011:36) se refere à possibilidade de a Internet – “enorme armazém sempre presente” – arquivar e recuperar a qualquer momento a toda a informação publicada. Uma valência fulcral para o jornalismo que se soltou dos anteriores grilhões de tempo e espaço, encontrando “a sua primeira forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa”, mais viável técnica e economicamente na *web* do que em qualquer outro meio/suporte (Palacios 2004:6).

“O volume de informação produzida e diretamente disponível ao utente e ao produtor da notícia é potencialmente muito maior no jornalismo *online*, o que produz efeitos quanto à produção e receção da informação jornalística” (Idem: 3). Além disso, como destaca Zamith, o conceito encerra duas das cinco vantagens da Internet elencadas por Stovall. São elas: capacidade e perenidade.

Personalização – Consiste, à luz da definição de Palacios (2004:3), “na opção oferecida ao utente para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais”. É como colocar ao dispor de um cliente de um restaurante um conjunto de pratos selecionados – com base em pedidos anteriormente efetuados ou conhecidas as preferências por determinados ingredientes – em detrimento de um cardápio geral e completo, cuja maioria dos itens não é do seu interesse. Afinal, como atesta Sousa (2003), trata-se da “possibilidade de o leitor interagir sobre a forma e o conteúdo do jornal, para consumir unicamente o que quer e como quer, dentro dos condicionalismos do

software”, caindo na sua esfera alertas noticiosos, um jornal *à la carte* e/ou *newsletters*.

John Pavlik e J. D. Lasica figuram como dois destacados defensores da personalização, como elenca Zamith (2011:39), com base no facto de que o primeiro a considera “uma das cinco ‘dimensões básicas’ do que designa de ‘jornalismo contextualizado’”, enquanto o segundo a interpreta como a maior ameaça aos “guardiães dos velhos *media*”, dado que é o leitor quem passa a decidir o que é relevante como consequência da diminuição do papel dos editores.

Instantaneidade/Atualização contínua – Em síntese, trata-se “da possibilidade de as notícias serem transmitidas no momento em que são finalizadas ou em direto” (Sousa, 2003). Isto é, o cibermeio é livre de constrangimentos de tempo: não importa se o jornal fechou a sua edição diária, nem o horário fixo de um telejornal ou de um noticiário radiofónico. O tempo é o do acontecimento, num paralelo apenas passível de ser estabelecido com o desempenhado pelas agências noticiosas.

“Até à difusão pública deste novo meio, só os jornalistas e editores das agências noticiosas tinham o privilégio de poder difundir notícias a qualquer momento, 24 horas por dia, sem limitações temporais”, observa Zamith (2011:34) ressaltando, porém, que os meios audiovisuais “já então tinham o poder de interromper uma emissão para transmitir uma notícia importante de última hora, mas raras vezes o faziam, trabalhando as redações muito em função dos horários dos noticiários”

Esta potencialidade – aliás definidora da atividade das agências noticiosas – “possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse” (Palacios, 2004:3), mas não se circunscreve, porém, aos temas de ‘última hora’.

Embora se revista de “especial importância na cobertura noticiosa tanto de factos imprevistos (como acidentes, catástrofes naturais ou atentados), como de acontecimentos programados (competições desportivas, conferências de imprensa, sessões de bolsa, congressos ou outro tipo de eventos), a possibilidade de atualização contínua de informações e conteúdos tem até levado ao surgimento de novos géneros jornalísticos, como o relato escrito de jogos de futebol” (Zamith, 2011:35).

Ubiquidade – Intrinsecamente ligada ao conceito de glocalidade – ou seja, ao fabrico local de alcance mundial (Sousa, 2003) –, esta característica permite que “uma notícia publicada na rede possa ser acedida simultaneamente por utilizadores de todo o mundo”, tendo o seu “enorme potencial” passado a ser encarado “de uma forma mais séria e atenta com a expansão da Internet para os dispositivos móveis” (Zamith, 2011:35). Nota o autor que “mesmo que o cibermeio tenha como público-alvo utilizadores de uma determinada área geográfica, o ciberjornalista tem de ter sempre presente que está a produzir para um meio que permite que o seu trabalho possa ser acedido a qualquer hora em qualquer parte do mundo” (*Ibidem*:36).

Como realça Barbosa (2001:2), o alcance planetário surge como “um proveito que pode retirar-se da Internet e que nenhum meio de comunicação social lograra ainda atingir”.

1.2 – Fases da evolução

A adaptação à Internet por parte dos meios de comunicação tradicionais desenrolou-se por fases. John Pavlik (2001:43), dividindo a evolução do “conteúdo noticioso da Internet”, define e descreve três.

Na primeira, “os ciberjornalistas apenas republicam ou ‘redirecionam’ o conteúdo dos seus meios originais”. Já na segunda, “que está a ganhar força, os jornalistas criam conteúdo original, aumentando-o com aditivos como os *hiperlinks* (isto é, ligações eletrónicas clicáveis) para outros sites; alguns recursos interativos, tais como fotografia, vídeo e áudio: e alguma personalização”, em que os leitores escolhem as notícias que desejam ler mediante as suas preferências pessoais.

Por fim, a terceira etapa, ainda a começar a emergir, distingue-se pelos “conteúdos originais concebidos especificamente para a *web* enquanto um meio de comunicação novo, e frequentemente de foco cada vez mais especializado”, denotando-se uma “plena consciência e tratamento da Internet como um meio legítimo de distribuição de notícias, a vontade de avançar notícias de forma agressiva, de repensar a natureza de um comunidade *online* (...) e, mais importante, a vontade de experimentar novas formas de contar histórias”.

Com efeito, traça-se uma narrativa envolvente que permite ao leitor entrar e navegar e, ao longo de uma notícia, em vez de simplesmente a olhar e assimilar de forma linear, como sucede com os *media* tradicionais, por vezes, enriquecida com nova tecnologia. Em qualquer caso, como destaca o autor norte-americano, “o resultado é uma notícia mais contextualizada” (*Ibidem*).

Já Cabrera González (2000) baliza antes quatro fases ou modelos de jornalismo *online*. A primeira corresponde ao “fac-símile”: ou seja, à das páginas do jornal em papel para o formato PDF. “Trata-se, sem dúvida, de um modelo estático e de pouca utilidade para o leitor que, de forma alguma, aproveita as possibilidades de interatividade que oferece o novo meio”.

Já na segunda, a do “modelo adaptado”, são integradas, “embora de forma simples e pouco sofisticada”, algumas das características próprias da *web*, como o hipertexto. A principal diferença face ao modelo anterior consiste no facto de se verificar “uma apresentação e tratamento visuais totalmente diferentes da versão impressa”. Contudo, como ressalva a autora espanhola, continua a ter o excessivo emprego de texto e a simplicidade do *design* como traços distintos.

Em terceiro lugar, surge o “modelo digital”, o qual, segundo Cabrera González, figura como o de maior implementação na atualidade, em que o *design* é pensado, em exclusivo, para o *online*. “Os jornais que se ajustam a este modelo são mais interativos, visuais e oferecem serviços e conteúdos diferentes dos da edição em papel. Assim, a edição em linha do jornal transforma-se realmente num complemento da versão impressa”.

O “modelo digital” começa a ser – e, para a autora, será efetivamente – superado pelo quarto e último modelo que descreve – o “multimédia” –, cuja principal característica consiste “em aproveitar ao máximo as possibilidades de

interatividade e multimedialidade do novo meio, mediante as quais se pode disponibilizar informação em diferentes formatos distintos (som, imagem fixa ou em movimento e texto). Espera, por isso, que este modelo “sirva para aumentar as possibilidades de escolha” do utilizador, bem como “a oferta de um grande número de serviços em sentido vertical”, ou seja, mais especializados.

Fixando na linha do tempo as fases evolutivas, Rosental Calmon Alves (2006) considera que o primeiro estágio, em que a *web* não era encarada como um novo meio com características singulares, mas antes como um instrumento adicional de distribuição de conteúdos ou, na melhor das hipóteses, como uma “extensão” ou “complemento” ao produto original, corresponde ao primeiro decénio do jornalismo em linha.

“Esta primeira década do jornalismo digital foi caracterizada por este pecado original: a simples transferência do conteúdo de um meio tradicional para outro novo, com pouca ou nenhuma adaptação” (*Ibidem*). Esta prática ficou conhecida como *shovelware*, um termo que, observa, acabou por se tornar pejorativo, por “demonstrar a preguiça e a falta de visão das empresas que se lançavam muito timidamente à *web*”.

Boczkowski também reconhece que “a adesão dos jornais às novas tecnologias foi feita de forma conservadora”, mas considera, porém, que as transformações operadas não devem ser relativizadas. E, referindo-se ao panorama norte-americano, salienta: “No final da década de 90, os jornais *online* já mostravam infraestruturas técnicas, padrões organizacionais e um conjunto de produtos muito diferentes daqueles que caracterizavam a imprensa tradicional. Parece que os jornais, na sua busca incessante por se manterem atualizados, acabaram por implementar mudanças significativas” (2004: 52 *apud* Carvalho, 2013:16).

Para Alves (2006), os primeiros dez anos da nova era colocaram em evidência a timidez do jornalismo digital designadamente no que diz respeito à criatividade. Porquê? “O medo de canibalizar o meio tradicional e a preocupação em obter lucros imediatos limitaram bastante o ímpeto inovador” e optou-se pelo mais fácil: “tomar emprestada uma linguagem mais simples, baseada principalmente em texto e na reciclagem de material já usado em outro meio, desperdiçando-se novas possibilidades” narrativas que a Internet oferecia” (*Ibidem*).

Defende ainda o autor no mesmo artigo que esse período guarda “uma impressionante semelhança com a mediamorfose descrita por Fidler”: “Assim como o rádio, nos seus primórdios, era o ‘jornal falado’ e a televisão era ‘o rádio com imagem’, os meios tradicionais simplesmente levaram para a Internet os seus códigos comunicacionais ou linguagens e, principalmente, a linguagem do jornal diário”. Ou seja, o *medium* substituído de que falava Canavilhas citando a tese de Marshall (2001:1).

Contudo, a conceção então dominante de que o jornalismo digital servia apenas como “complemento” foi-se esfumando. “Desde o início da segunda década [de existência do novo meio] que existem sinais claros de que a difusão de notícias através da Internet teve consequências negativas na circulação dos diários impressos” (Alves, 2006). O autor ressalva, porém, que a entrada no segundo decénio se dá já num contexto de “uma séria crise dos meios

tradicionais, agravada pela popularização da *web*, mas causada também por motivos anteriores a ela”, como a “fragmentação e o declínio da audiência” no caso da televisão e o recuo da penetração dos jornais ⁶. Para Alves é também no início da segunda década do jornalismo digital que se percebe, com maior clareza, a “extraordinária transferência do controlo do emissor para o recetor”, com o “eu” a passar a figurar no centro: o indivíduo tem acesso ao que quer, à hora que quer, no formato que quer e onde quer (*Ibidem*).

Esse novo paradigma comunicacional moldado pela Internet traduz uma “evidente rutura dos modelos fechados”, em que o jornal não constitui mais do que “um pacote de notícias e informação selecionados” por jornalistas num intervalo de 24 horas e um noticiário de rádio ou TV “um encontro marcado a determinada hora para se ouvir (e ver) a apresentação de um número limitado de notícias” pré-definidas pelos mesmos *gatekeepers*”. Além disso, a tecnologia digital confere ainda “mais poder” ao recetor “ao abrir uma gama de possibilidades de busca e de reorganização do material oferecido pelos meios de comunicação”, de que é exemplo o sistema RSS (Really Simple Syndication) ⁷ (*Ibidem*).

Na perspetiva de Canavilhas (2005:2), “o jornalismo que atualmente se faz na *web* encontra-se ainda na segunda fase de desenvolvimento preconizada por Pavlik”. Porém, afirma Zamith, “deveríamos falar, mais apropriadamente, em várias fases de desenvolvimento coexistentes no tempo”. Se estudos recentes, incluindo o seu, “apontam para uma significativa percentagem de cibermeio presente na segunda fase”, também “não é menos verdade que persistem muitos títulos na fase de *shovelware*, até porque não encontram na Internet fontes de receita e modelos de negócio que justifiquem uma mudança para outro patamar”. E, por outro lado, como ressalva, “são muitos os cibermeios, sobretudo nos Estados Unidos, Reino Unido e Espanha, já claramente na terceira fase” (2011:24-25).

⁶ A proporção de adultos que liam jornais nos Estados Unidos caiu de 81% em 1964 para 52% em 2004, segundo Alves, que citando Meyer, refere que “o declínio da circulação tornou-se ainda mais agudo nos últimos anos”. Essa diminuição foi dissimulada, de acordo com o mesmo autor, pelo crescimento dos lucros. Desde que passaram, nos anos 80, de empresas familiares a empresas públicas com ações na bolsa, os jornais cederam às pressões de Wall Street para aumentar as suas margens de lucro, mesmo às custas da perda de qualidade e credibilidade”, pelo que “a Internet só veio complicar ainda mais uma situação já existente”.

⁷ Este sistema, amplamente adotado, permite, na própria definição de Alves, que “uma pessoa sem nenhum conhecimento técnico de programação estabeleça um mecanismo automático de seleção e busca de notícias das mais variadas fontes, criando uma página pessoal constantemente atualizada, de acordo com critérios pré-estabelecidos. Isto significa que até mesmo quando os meios ‘empacotam’ as suas informações nos sítios *web*, o usuário tem a capacidade de as desempacotar e acomodar segundo os seus parâmetros eucêntricos”

1.3 – Ciberjornalismo em Portugal

Portugal despontou para o ciberjornalismo em 1995. Helder Bastos, à semelhança de John Pavlik, divide o processo da evolução em três fases, correspondentes temporalmente aos primeiros 15 anos: a da implementação (1995-98), a da expansão ou *boom* (1999-2000) e a da estagnação/contração (2001-2010).

A primeira fase, “relativamente longa” de cariz “experimental”, traduz a mera transposição para a Internet (*shovelware*): “Os jornais abrem os respetivos *sites* para neles reproduzirem os conteúdos produzidos para a versão de papel, as rádios transmitem na *web* o sinal hertziano, as televisões os seus telejornais (Bastos, 2011).

Já a segunda, “tão acelerada e intensa quanto curta” da expansão ou do “otimismo, porventura exagerado”, é marcada pelo “aparecimento dos primeiros jornais generalistas exclusivamente *online* e pelo “reforço” das redações digitais para a abertura de serviços de ‘última hora’. Porém, o rebentamento da “bolha digital” e a queda do investimento em publicidade precipitam a fase da contração, “a do início do fim de uma certa ilusão”, com o “encerramento de *sites*, cortes em pessoal e redução das despesas”. Seguir-se-ia uma “prolongada estagnação – pontuada por investimentos a contracorrente, mais no acessório do que no essencial” – que ocupa praticamente toda a primeira década do século XXI” (*Ibidem*).

O ano de 1995, sobretudo a segunda metade, foi “o ano fundador da relação entre os *media* noticiosos generalistas portugueses, à cabeça dos quais os principais jornais diários, e a Internet” (*Ibidem*). O pioneiro foi o Jornal de Notícias que, a 26 de julho desse mesmo ano, arranca com a sua versão *online*, tornando-se “o primeiro diário geral a atualizar, diariamente, a informação na sua edição na *web*”, destacando, aliás, dois jornalistas a tempo inteiro para a recém-criada redação digital.

O segundo diário generalista a entrar na nova era seria o *Público* (22 de setembro de 1995), embora, como ressalva Bastos, previamente a essa data disponibilizasse *online*, de forma esporádica, artigos publicados na versão impressa, com as primeiras experiências na *web* a remontarem ao ano anterior.

Contudo, seria preciso chegar a setembro de 1999, em particular à crise de Timor-Leste, para que começasse a produzir informação própria, com a introdução do serviço ‘Última Hora’, como realça o autor – considerado um historiador do ciberjornalismo português –, notando que durante os anos volvidos, “o *site* limitou-se a fornecer uma versão eletrónica do jornal”. Isto não obstante algumas iniciativas pontuais, como o dossiê “*Público* Eleições-95”, disponibilizado em junho desse ano assente na cobertura das eleições legislativas disputadas a 03 de outubro, com a biografia dos candidatos a deputados à Assembleia da República, e os cartazes dos partidos (*Ibidem*).

O Diário de Notícias chega à Internet em dezembro de 1995, oferecendo “as notícias mais significativas da edição papel e um dossiê temático sobre as

presidenciais de 1996, com artigos, sondagens e *fait-divers* já publicados”. Quase dois anos depois é a vez de o Expresso despontar para a nova plataforma, estreando-se, “de forma experimental”, no dia 17 de julho de 1997. Entra a anunciar estar para “breve” a publicação na *web* das suas edições na íntegra, mas essa promessa, assinala Bastos, realizar-se-ia somente um ano depois.

Os principais jornais portugueses ficariam finalmente disponíveis *online* com a adesão, a 19 de março de 1998, do *Correio da Manhã*, com “um menu reduzido das seções de Nacional, Internacional, Espetáculos e Desporto” (*Ibidem*). O novo suporte desencadeou um processo de transição dos *mass media* existentes, mas também o surgimento de meios de comunicação única e exclusivamente nascidos dele e para ele. Esse fenómeno, semelhante ao registado noutras latitudes, deu-se em Portugal com o semanário regional *Setúbal na Rede* que, em janeiro de 1998, entrou “para a história do ciberjornalismo como o primeiro jornal exclusivamente *online*” do país ⁸ (*Ibidem*).

Já em televisão o pioneirismo coube ao canal privado TVI (janeiro de 1996), o primeiro a emitir um noticiário *online*, enquanto em rádio foi a TSF a liderar a aposta no novo formato (setembro de 1996). Seguir-se-ia, quase no dealbar do novo milénio, uma fase marcadamente eufórica com novos projetos fruto de avultados investimentos: “Grupos multimedia arriscaram e apostaram em portais. Procurando ‘marcar posição’, algumas redações alargam substancialmente os seus quadros, numa altura em que se verificava uma euforia, nacional e internacional, à volta da economia gerada pela Internet” (*Ibidem*).

É exemplo disso mesmo o lançamento, em julho de 1999, do Diário Digital, “publicação exclusivamente *online* que se propunha atualizar a informação em permanência, 24 horas sobre 24 horas, de segunda a sexta-feira, cobrindo todas as áreas” e cujo diretor do projeto, Luís Delgado, afirmava querer ‘bater’ a agência Lusa neste capítulo (Bastos, 1999)”. Precisamente um ano depois surge um concorrente direto: o Portugal Diário.

E assiste-se ao proliferar de promessas no quadro da corrida à Internet. Logo no início desse ano, o Público anunciava uma “nova era” e o lançamento das suas primeiras publicações exclusivamente eletrónicas e serviços pagos, enquanto, no ano seguinte, o grupo Impresa apregoava a adoção de uma estratégia “mais agressiva”, com uma maior integração das suas atividades *online*, em particular no *Expresso* e na SIC (*Ibidem*).

Contudo, começaram a sentir-se, logo no final do ano 2000, os primeiros “sinais de crise”, com uma série de despedimentos, provocados por receitas de publicidade aquém das expectativas e com implicações na própria evolução do ciberjornalismo em Portugal. “A dificuldade em encontrar modelos de negócio de sucesso levou a generalidade dos investidores a desinteressarem-se pelo ciberjornalismo” (*Ibidem*).

⁸ Primeiro órgão digital a registar-se no Instituto da Comunicação Social obrigou a Associação de Imprensa Portuguesa a alterar os seus estatutos para permitir a sua inscrição como sócio (Brinca, 2006 *apud* Bastos, 2011).

“Depois dessa quebra acentuada, o ciberjornalismo português viveu um longo período de estagnação, com redações muito pequenas e muitos escassos exemplos de investimento no setor” (Zamith, 2011:52).

A partir de 2008, porém, assiste-se a “alguns sinais de um renovado, ainda que tímido, interesse dos grupos dos *media* pela Internet” (*Ibidem*), com a fase da contração a ser contrabalançada por algumas iniciativas. “O grupo Impresa apostou na integração multimedia dos *sites* do jornal Expresso e da revista Visão, o grupo Global Notícias/Controlinveste renovou os seus *sites* generalistas nacionais – *Jornal de Notícias*, *TSF* e *Diário de Notícias* – e lançou um *site* noticioso especializado em economia – *Dinheiro Vivo* – e o grupo Cofina (*Correio da Manhã*, *Jornal de Negócios*, *Record* e *Sábado*) também se reforçou *online*.

Em paralelo, a introdução do vídeo generalizou-se, evidenciando-se as experiências dos diários *Público*, *A Bola*, *Jornal de Negócios* e *Diário Económico* e da *Rádio Renascença*, e assistiu-se ao surgimento de várias televisões *online*, de âmbito nacional e sobretudo de cariz regional ou local, todas elas centradas na informação. (*Ibidem* 52-53). Um novo jornal diário de informação geral de âmbito nacional – o *i* – nasce em maio de 2009, com a edição *online*, lançada em simultâneo, a revelar “uma aposta forte no *webdesign* e bom aproveitamento das potencialidades do meio, colocando o título na linha da frente nesta matéria entre os cibermeio portugueses”.

Porém, “quer em termos do aproveitamento das potencialidades da web, quer da qualidade da produção (ciber) jornalística, o balanço não deixa grande margem para regozijo”, avalia Bastos (2011), referindo-se primeiros 15 anos do ciberjornalismo em Portugal. Isto porque “os *media* portugueses estiveram longe de explorar o enorme potencial de interatividade, hipertextualidade, multimedialidade, instantaneidade, memória e personalização permitido pelo novo meio”. Além disso, “as versões *online* dos *media* tradicionais portugueses reproduziram, quase sempre, conteúdos e modelos decalcados das edições tradicionais. O *shovelware* misturado com ‘últimas notícias’, muitas vezes produzidas por agências de informação, fez escola no ciberjornalismo português” (*Ibidem*). Considera ainda o autor que o próprio jornalismo foi obnubilado pelos debates à volta do aproveitamento das potencialidades da *web*, do formato do ciberjornal ideal, das audiências, do *web design*, dos modelos de negócio, das necessidades de formação, ou das estratégias empresariais e de *marketing*.

“Com nuances consoante as diferentes fases, os *media* na *web* foram sendo encarados menos como plataformas para o desenvolvimento da informação de qualidade própria, isto é, produzida pelos ciberjornalistas, do que como suportes para a reprodução de conteúdos originalmente produzidos para *media* tradicionais. Raras vezes foi dado aos cibermedia e aos ciberjornalistas espaço para o desenvolvimento de uma identidade própria, que viabilizasse a assunção de alguns papéis tradicionais do jornalismo, a saber, investigar, cultivar fontes próprias, vigiar poderes instituídos, influir na opinião pública, proporcionar análise e interpretação sobre questões complexas” (*Ibidem*).

Assim, para Bastos, “o culto da instantaneidade – aqui também com recurso massivo a noticiário *outsourced*, leia-se, agências de informação –

sobrepôs-se à procura da (híper) contextualização em profundidade e multimedialidade”. Para o autor, “a generalização do *copy-paste* pouco espaço deixou para a reportagem multimedia que não fosse mera demonstração de habilidades rudimentares em *flash*. A sobrevalorização do *design*, do *podcast*, do *feed*, do *widget*, do *mobile*, do blogue convidado, da foto ou vídeo do leitor, da rede social, serviu, não poucas vezes, para mascarar a ausência de produção ciberjornalística pertinente e de qualidade. Em suma, o acessório venceu o essencial” (*Ibidem*).

Já à entrada da segunda década de ciberjornalismo em Portugal, em maio de 2014, surge uma dupla novidade: É criado o jornal exclusivamente *online* Observador e lançada uma edição diária *online* do semanário *Expresso*.

1.4 – Novo perfil do jornalista

“Os jornalistas extraviaram-se no labirinto de uma tecnologia disparada sem controlo em direção ao futuro (...) Atualmente, as salas de redação são laboratórios asséuticos para navegantes solitários, onde parece mais fácil comunicarem-se com fenómenos siderais do que com o coração dos leitores. A desumanização é galopante”

Gabriel García Márquez⁹

Sob um cenário de tamanha e constante mudança no mundo da informação compreende-se pois, com certa naturalidade, que o jornalista no centro de uma equação – ainda plena de incógnitas – não tenha saído incólume. O primeiro impacto decorreu do rol de transformações afetas à tecnologia que veio exigir novas competências técnicas – no sentido literal do termo.

Contudo, à medida que a narrativa se foi adensando, impuseram-se novas rotinas, alteraram-se práticas – introduzindo novas e esquecendo ‘velhas’ –, num curso (muito provavelmente) irreversível de mutações que tem causado, em toda a linha, profundo impacto no ofício que Gabriel García Márquez descrevera como “o melhor do mundo”. Como constatou Carl Stepp, citado por Aroso (2003:1), a Internet veio criar não apenas “novas formas de jornalismo, mas também de jornalistas”.

O esboço de um novo perfil começou a traçar-se logo nos primeiros estágios do ciberjornalismo, alinhando-se mimeticamente com a evolução dos próprios órgãos de comunicação, com o leque de requisitos a alargar-se, de forma exponencial, às habilidades técnicas. Cada vez mais exige-se ao jornalista que seja multifacetado, versátil e polivalente num plano em que forma se mistura com conteúdo e abarca sempre mais do que um meio. Um rol de competências

⁹ Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano – FNPI (s/d). El mejor oficio del mundo. *Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano – FNPI*. Acedido a 23 de abril, 2015, em <http://especialgabo.fnpi.org/las-ideas-de-gabo/el-mejor-oficio-del-mundo/>

que, não raras vezes, se impõe, incluindo já em ofertas de emprego, às que desde os primórdios pautam (ou pelo menos deveriam pautar) o exercício da profissão.

Wilkinson, Grant e Fisher (2009:7 *apud* Carvalho, 2013:19) consideram expectável que, com as alterações subjacentes à Internet, o profissional dos meios de comunicação social se dote de conhecimentos no campo da “criação de conteúdos”, da mesma maneira que, tradicionalmente, sempre se espera que possuíssem um elevado nível de conhecimento transversal em várias áreas (da política ao desporto, por exemplo) sem tal significar o completo domínio de cada uma. Kawamoto (2003:72 *apud* Carvalho: 2013:19), ao contrário de muitos autores, defende que tal não quer dizer porém, que o jornalista tenha de saber fazer tudo (escrever, fotografar, filmar) – porque cada uma dessas vertentes deve contar com os próprios especialistas –, embora antecipe maior sucesso para aqueles que melhor as entenderem.

Na conceção de Deuze (2006:18), “o jornalista *online* tem que fazer escolhas relativamente ao (s) formato(s) adequado(s) para contar uma determinada história (multimedia), tem que pesar as melhores opções para o público responder, interagir ou até configurar certas histórias (interactividade) e pensar em maneiras de ligar o artigo a outros artigos, arquivos, recursos, etc., através de hiperligações (hipertexto)”.

Com efeito, e embora partilhe de idêntico raciocínio quando afirma que o “jornalista deve entender a informação e as várias formas sobre as quais a pode apresentar” Stovall (2004:39 *apud* Carvalho 2013:18-19) ressalva que, “apesar de a *web* permitir fazer várias coisas, tal não significa, porém, que devam ser feitas”, dado que apresentar a informação de um modo entendível constitui “um desafio intelectual difícil”.

Já Anabela Gradim (2002:1) é perentória ao dizer que “o jornalista do futuro será uma espécie de MacGyver”. “Homem dos mil e um recursos, trabalha sozinho, equipado com uma câmara de vídeo digital, telefone satélite, *laptop* com *software* de edição de vídeo e HTML, e ligação sem fios à Internet”. Além disso, “na visão dos entusiastas da convergência”, “*one man show* será capaz de produzir e editar notícias para vários media: a televisão, um jornal impresso, o *site* da empresa na Internet, e ainda áudio para a estação de rádio do grupo”.

Uma versão “atualizada” de um “faz-tudo” ganha forma no chamado “*backpack journalist*”, uma figura que não causa particular estranheza no universo das agências noticiosas, já que os correspondentes a encarnam com regularidade diante de grandes eventos mediáticos – como sejam o funeral de um chefe de Estado ou a final de um jogo da Liga dos Campeões – mas cada vez mais em menores, nomeadamente nos que se prolongam noite adentro, como congressos de partidos ou festivais de música. Literalmente “jornalista de mochila às costas” descreve “os profissionais que carregam consigo todos os instrumentos da sua diversificada profissão” e que “podem, no caso da *web*, colocar informação *online* ainda antes de deixar o local do acontecimento, enviando também com igual rapidez os outros produtos do seu trabalho, já montados e editados, para as respetivas redações (*Ibidem*:7).

No entanto, ao tornar-se num profissional “multitarefa”, passou também a despender mais tempo na execução de trabalhos de pendor técnico, em prejuízo

de outros considerados fundamentais: “Aos jornalistas que produzem peças para múltiplos suportes sobra menos tempo para se dedicarem à investigação e verificação dos factos” (*Ibidem*: 8). Além da adaptação constante a novas tecnologias, linguagens e formatos, a Internet provocou – como primeiro de dois níveis principais de impacto iniciais na reconfiguração da prática jornalística – “alterações na forma como o jornalista dos *media* tradicionais procedia à pesquisa de conteúdos, à recolha de informações e ao contacto com fontes de informação” (Bastos, 2010).

Como simplifica Canavilhas (2004:2), a maior estação de televisão mundial e o mais pequeno jornal de província passaram a ter um denominador comum: “o recurso à Internet na luta constante contra o tempo e a distância”. Isto porque agora os jornalistas dispõem de “preciosos auxiliares” nas fases de pesquisa e contactos com as fontes, “duas etapas que absorviam muito do tempo de produção de uma notícia” (*Ibidem*).

Contudo, dessa consequente capacidade de lidar com muito mais informação decorre uma série de dilemas. A começar precisamente pelo excesso de fontes disponíveis. Além do potencial redobrado *stress* na hora de seleccionar e sob o estigma da concorrência, a abundância de informação acarreta acrescidos desafios como o da avaliação da mesma no que respeita ao interesse, veracidade e importância e à credibilidade da própria fonte, como sustenta Jorge Pedro Sousa (2003).

A resolução desse impasse pode, na sua perspectiva, “residir nas habituais ferramentas do jornalismo: a contrastação de fontes, a rede de facticidade discursiva, a inquirição sobre quando a informação disponível foi elaborada e disponibilizada”, ou seja, no ato de verificar/contrapor/confirmar. Mesmo assim, antecipa, “corre-se o risco de se acentuar o recurso às fontes de rotina, devido à falta de tempo para se avaliarem todas as fontes e informações disponíveis mas relativamente desconhecidas do jornalista que serão cada vez mais” (*Ibidem*).

Embora reconhecendo existir “grande qualidade” em muita da informação disponível na Internet – pelo que pode ser uma boa fonte jornalística – John Pavlik (2001:63) ressalva também que, dado que “muito do seu conteúdo é dúbio ou de origem desconhecida, é vital que os jornalistas avaliem cuidadosamente a informação obtida *online*. É igualmente importante verificar *offline* a informação que é obtida *online*”.

Nelia R. Del Bianco (2008:4) também considera que ao constituir-se num ambiente onde os jornalistas se movem em busca de informação, onde exercem a tarefa de escolher entre centenas de acontecimentos aqueles que merecem o ‘status’ de notícia, a Internet pode enfraquecer o jornalismo de verificação, na medida em que permite fácil acesso a matérias e declarações sem o trabalho de investigação. Esta tendência, nota a mesma autora, foi identificada pelos jornalistas americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003:119) quando postularam que na nova era os jornalistas passam mais tempo a procurar algo para acrescentar às suas peças, geralmente interpretação, em vez de tentar descobrir ou verificar, de forma independente, novos factos” (*Ibidem*: 4-5)

Além disso, “o fácil acesso à informação pode ainda dar a falsa impressão de não ser preciso ir além das fronteiras do ciberespaço para saber o que acontece”, adverte. “É como se na rede ‘coubesse’ o mundo e de tal forma não

fosse necessário sair dela para se obter a informação necessária à construção da notícia” (*Ibidem*:5).

Jorge Pedro Sousa (2003) também fala em fronteiras, em concreto nas que se dilataram, mas não necessariamente com nota positiva. Destacando a “enorme pressão” exercida pela abundância de informações no sentido de tornar “mais elásticas” as fronteiras do campo jornalístico, assinala, apoiando-se em resultados de estudos, que “o leque do noticiável” tem vindo a alargar-se, num processo que se tem acelerado desde as duas últimas décadas do século passado. Essa “‘overdose’ informativa” a que se refere transporta-nos para um conceito fundamental do jornalismo: o de *gatekeeper*. Aliás, segundo Bastos (2012:3), “talvez nenhuma outra função jornalística tenha sido tão claramente desafiada pela web”.

Embora forjado no campo da sociologia por Kurt Lewin foi, em 1950, pela mão de David Manning White que o termo granjeou popularidade devido aos estudos empíricos de jornalismo que realizou, focados na análise das escolhas feitas por um editor de um jornal norte-americano. White postulava que o processo de produção noticiosa não era mais do que um curso de escolhas, grande parte das quais carregadas de subjetividade, em que o fluxo de informação atravessa diversos *gates* (portões), passando ou ficando retida, consoante a opção do *gatekeeper* (porteiro).

Ao caber-lhe esse poder decisório – de estatuir se abre ou fecha determinada ‘cancela’ –, o jornalista assume-se assim como mediador ou filtro no xadrez comunicacional. Embora questionada por outros autores, por considerarem o fenómeno muito mais complexo e designadamente por não levar em conta constrangimentos organizacionais, essa teoria – também designada por “ação pessoal” – continua a ser empregue, pese embora a divergência de opiniões quanto à sua posição/sentido diante da interatividade e universalidade que subjazem ao novo meio.

Barbosa (2002:4) adverte, por isso, os jornalistas para a possibilidade de verem as suas rotinas alteradas. E, neste particular, refere o trabalho de Jane Singer (“Still guarding the gate? The newspaper journalist’s role in an online world”, publicado em 1997) que concluiu que “a maioria dos jornalistas e editores entrevistados considerava a sua função de ‘guarda do portão’ como vital, mas modificada” no novo ambiente *online* (*Ibidem*:4).

Aroso subscreve (2003:4), também citando Singer: “As pessoas na redação estão a modificar a sua definição de *gatekeeper*, passando a incorporar as noções de controlo de qualidade e significado. Em particular, eles veem o seu papel como o de intérpretes credíveis de uma quantidade de informação disponível sem precedentes”.

David Shaw, Joseph D. Lasica ou Tom Koch são três autores que denotam um declínio dessa “espécie de guardiães daquilo que chega e não chega à esfera pública” (Bastos, 2000). “Guiados pelos seus próprios princípios de relevância das notícias, gasto e interesse público, e severamente limitados pelo espaço e tempo disponíveis, editores dos principais *media* sempre decidiram a que, e em que quantidade, as suas audiências são expostas diariamente” (*Ibidem*), mas esse cenário transformou-se sobremaneira.

Afinal, como constata Shaw (1997 *apud* Bastos, 2000): “Não há nem limites de tempo nem de espaço – e em última instância *gatekeepers* – na Internet. O ciberespaço é infinito. Qualquer um pode disseminar informação instantaneamente através do mundo inteiro”.

Na mesma linha, Lasica “questiona se os jornalistas são ainda *gatekeepers* ou precisam de uma nova metáfora para o seu papel no novo meio” e Koch discorre sobre o facto de os novos recursos *online*, em “competição direta” com os órgãos tradicionais, colocarem a hipótese de se “torner a necessidade de um jornalista para mediação da informação” (*Ibidem*).

“Não preciso mais de um jornal para ler as cotações da bolsa ou as análises de negócios. Posso ultrapassar notícias em terceira ou quarta mão e obter informação primária - ou pelo menos secundária - no meu computador de casa (...) Tenho acesso a melhor e mais informação completa do que o jornalista tradicional cuja função, em teoria, se não em prática, era a de me informar sobre o mundo que partilhamos e explicar-me as suas mudanças” (Koch, 1996 *apud* Bastos, 2000).

Um exemplo paradigmático dessa realidade, invocado por diversos autores, é o chamado ‘escândalo Lewinsky’, o alegado caso sexual entre o Presidente dos Estados Unidos Bill Clinton e a estagiária da Casa Branca, que remonta ao final da década de 1990. Isto porque a história saiu na coluna *Drudge Report*, publicada e editada, a título individual, por Matt Drudge que pré-esvaziou, através do seu portal, a ‘cacha’ da *Newsweek* ao dar conta de que a suspeita estava a ser investigada pela revista, um caso que, para Bastos, “tornou evidente a redundância do *gatekeeping* tradicional quando estão em causa casos de protelamento, ou eventual encobrimento noticioso, relacionados com a natureza delicada de certas notícias”.

“O exemplo de Drudge mostra que qualquer pessoa que tenha uma ligação à Internet e algo de original para dizer pode chegar a uma audiência global. Pressentindo esta desintermediação nos trabalhos, os velhos *media* expandiram o seu perfil na web. Em adição ao extra da *Newsweek*, praticamente todos os grandes diários, *newsmagazine* e redes de televisão acrescentaram uma página ‘Crise de Clinton’ aos seus *websites*’ (Shafer, 1998 *apud* Bastos, 2000).

Este caso proporcionou um outro momento de viragem no jornalismo tradicional. Meses depois de estalar, a 11 de setembro de 1998, o procurador especial [Kenneth Starr] que investigou o caso, que quase custou o cargo a Clinton, disponibilizou na Internet o relatório. Kenneth Starr “não esperou pelos jornais”, assistindo-se a uma “desintermediação”, já que “todos, incluindo os jornalistas, foram buscar o relatório *online*”, destacou António Granado em entrevista à Agência Lusa, em 2009, a propósito do 20.º aniversário da chegada da Internet ¹⁰.

Jorge Pedro Sousa (2003) também faz referência a este episódio, embora ressalve: “Tirando casos pontuais desse tipo, em que as pessoas recorreram a

¹⁰ Cf. Lusa (2009, abril 21). Internet: Criação da *www* tornou mundo mais pequeno e informação imediata. *Lusa*, acedido a 30 de janeiro, 2015, em www.lusa.pt

fontes alternativas não jornalísticas ou para-jornalísticas para encontrar a informação que lhes interessava, no dia-a-dia, as pessoas continuam a preferir – e eu diria até a necessitar – da informação selecionada, avaliada, hierarquizada, organizada e muitas vezes com uma mais-valia de análise e de opinião que lhes é oferecida pelos jornalistas e pelos meios jornalísticos”.

Apesar da eventual pressão exercida pelo “avanço de ‘*media* não mediados’ na posição e no efeito de filtragem dos *media* e dos jornalistas”, “o espetro da redundância do jornalismo e dos jornalistas não impede Bardeol de considerar que a profissão vai continuar a desempenhar um papel crucial na seleção e processamento de assuntos relevantes das diferentes esferas públicas (Bastos, 2000). “A função do jornalismo como diretor do debate social será mais necessário do que nunca (...). É importante que os jornalistas levem mais a sério esta função de intermediação do que aquilo que parecem levar no presente” (1996 *apud* Bastos, 2000).

Como também releva Dominique Wolton (1996, *apud* Palacios, 2004:4): “o crescimento exponencial da massa de informação não nos leva a prescindir de mediadores, mas antes pelo contrário”: “Quanto mais informação há, maior é a necessidade de intermediários – jornalistas, arquivistas, editores, etc. – que filtrem, organizem, priorizem. Ninguém quer assumir o papel de editor chefe a cada manhã”.

Na mesma linha, Michael Schudson, em entrevista publicada em 2008, advoga que precisamos – e “desesperadamente” – de alguém que atribua sentido à informação: “É verdade que temos acesso a possibilidades infinitas de informação, mas continuamos a precisar de intérpretes, de mediadores que descodifiquem a informação fragmentada que nos chega e que a coloquem em contexto” ¹¹. “O jornalista torna-se indispensável para dar credibilidade ao meio, acontecendo aquilo em que Doug Millison (1999) acredita: ‘Agora, mais do que nunca, precisamos de jornalistas profissionais que ajudem a distinguir o trigo de notícias de confiança e opiniões credíveis do joio de rumores e propaganda que abundam na Internet’ (Aroso, 2003:5).

Não obstante, é inegável que o jornalista tem visto a sua a imagem bastante beliscada. Basta pensar no facto de cada vez mais redações estarem a aderir à utilização de “robôs” que elaboram notícias dispensando a mão humana, naquele que constitui o mais recente contributo para o desgaste do próprio estatuto do jornalista. Os “robôs” – na verdade programas de computador – têm vindo a ser um recurso extremamente vantajoso utilizado no desporto e na informação financeira. No tratamento dos relatórios e contas, por exemplo, as “grandes” empresas de comunicação já não abdicam dessa ferramenta ¹².

Basicamente, enquanto os “robôs” fazem notícias respondendo ao que, quem, quando e onde por via de algoritmos, num trabalho que não exige criatividade, os jornalistas libertados podem dedicar-se a outras tarefas. Esse

¹¹ Santos, Rogério & Pereira, Gonçalo (2008). Entrevista a Michael Schudson. *Comunicação & Cultura*, n.º 5, 2008, pp. 173-179. Acedido a 12 de fevereiro, 2015, em http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10402/1/05_09_Entrevista_a_Michael_Schudson.pdf

¹² Automated Insights (s/d). Case Study. The Associated Press Leaps Forward. *Automated Insights*, acedido a 22 de julho, 2015, em http://automatedinsights.com/AP_Case_Study/

“alívio” até pode ter vantagens, mas não deixa de ser um símbolo do impacto do *online*, na medida em que mostra que, embora pelo menos em parte da linha de montagem, o jornalista pode ser substituído por uma máquina. Depois, com a inovação tecnológica a acontecer de dia para dia, teme-se que seja apenas o início e que, um dia, até o Pulitzer vá para um computador ¹⁴.

1.4.1 – Rápido versus credível

Além de ter de passar esse ‘turbilhão’ de informação por uma peneira, de modo a garantir que apenas recolhe e transmite a verdadeira, o jornalista depara-se – também mais do que nunca – com a preocupação com o fator “tempo”. É que, apesar de o relógio sempre ter marcado o ritmo, o jornalista vive nos dias de hoje sob contínuos *deadlines*.

“Cada vez mais é preciso chegar mais cedo, escrever mais depressa e transmitir com rapidez (...), propiciando atitudes do género ‘divulgo antes e confirmo depois (Fidalgo, 2005: 5). Esta nova realidade veio levantar receios de que o ideal de jornalismo rigoroso possa ser beliscado pela ânsia do instantâneo, isto é, que a prioridade do jornalista ou do órgão de comunicação social seja impor-se como o primeiro a informar em vez de como o que fora melhor a fazê-lo, sem olhar a princípios basilares.

Segundo Pavlik (2001:94): “As pressões do *deadline* têm consequências negativas sérias para a veracidade das notícias. Jornalistas sob pressão do *deadline* podem cometer erros, por vezes sérios, têm pouco tempo para proceder à verificação dos factos e, podem até publicar uma história completamente falsa – tudo para cumprir um prazo. As fontes podem nem chegar a serem contactadas devido a essa necessidade”.

A mesma opinião é partilhada por Stovall (2004:230 *apud* Carvalho, 2013:24): “A web aumenta os perigos que acompanham as práticas do jornalismo de *deadline*. Um exemplo desses perigos é publicar informação incompleta e não confirmada com o intuito de ser o primeiro”.

Ramón Salaverría provou isso mesmo numa análise à cobertura dos atentados de 11 de setembro de 2001, atestando o velho adágio de que ‘a pressa é inimiga da perfeição’. Ao tentar perceber em que medida os *media* interativos “passaram no teste” tanto do ponto de vista tecnológico como editorial, com recurso a uma amostra de 18 jornais online de nove países, embora se foque em particular no caso de Espanha, o autor identifica três “fraquezas” em que se inclui a “falta de prudência editorial”.

“Esta falta de prudência editorial veio confirmar os receios de Fred H. Cate (1996:36) sobre as fontes *online*. Do seu ponto de vista, manifestado antes da popularização da Internet como um plataforma de divulgação de notícias, os *media online* deparar-se-iam com mais problemas do que os outros meios de

¹⁴ Adams, Tim (2015, junho 28). And the Pulitzer goes to... a computer. *The Guardian*, acedido a 05 de julho, 2015, em <http://www.theguardian.com/technology/2015/jun/28/computer-writing-journalism-artificial-intelligence>

comunicação em termos de rigor e fiabilidade devido às suas características estruturais” (Salaverría, 2005).

Salaverría identifica erros nunca corrigidos, incluindo eventos apresentados como factos que, como mais tarde, se viria a comprovar, originaram falsas notícias – como uma a dar conta da explosão de um carro armadilhado junto ao Departamento de Estado norte-americano –, pelo menos em quatro dos 18 jornais *online* alvo do estudo.

“Em resposta às necessidades de informar o público, os editores tomaram a decisão de dar prioridade às notícias de última hora, mesmo antes de os dados poderem ser verificados” (Idem). Contudo, ressalva, durante a cobertura daquele que foi “um dos eventos com mais impacto mediático da história”, “que pôde ser acompanhado literalmente em direto à medida que se desenrolava, e de múltiplos pontos de vista”, os erros também se estenderam às edições impressas.

“É inegável que a insuficiente prudência relativamente à informação, a par com a sede de ser o primeiro a publicar a notícia, leva a comunidade de jornais *online* a cometer erros significativos que poderiam ter sido evitados se a informação fosse processada de forma mais cuidadosa. Parece que os jornalistas dos *media online* tendem a dar mais importância à rapidez do que ao rigor, e que adotam um certo sentimento de impunidade justificado pela sua necessidade de serem velozes” (*Ibidem*).

1.4.2 – Sentado *versus* de pé

Essa urgência de alimentar um fluxo de informação 24 horas por dia – veio traduzir-se na pressão de produzir mais em menos tempo, retirando os jornalistas do lugar onde deveriam estar – na rua – e confinando-os cada vez mais à secretária.

Um simples computador com ligação à Internet transforma-se, não raras vezes, no cerne da ‘cadeia’ de produção noticiosa, onde atualmente raras peças se fabricam no terreno ou ganham forma no cultivo de outrora preciosas fontes com rosto, concebendo o que Érik Neveu designou de “jornalista sentado”. Esse ‘jornalismo de secretária’ (*journaliste assis*) é “mais orientado para o tratamento de informação que não foi recolhida pelo próprio” (2001:7), como despachos de agências noticiosas ou comunicados.

Os próprios profissionais parecem rever-se pelo menos parcialmente nessa definição, já que foi de concordância a tendência verificada por Gomes (2012) quando inquiriu 85 jornalistas de três jornais diários portugueses (Correio da Manhã, Diário de Notícias e Público) sobre a frase: “A Internet, devido ao manancial de informação que possui, tem contribuído para a fixação dos jornalistas na redação”. “Globalmente, 49,41% dos respondentes afirmaram concordar parcialmente, enquanto 25,88% sublinhou a concordância em absoluto com a mesma” (*Ibidem*: 231).

Assinala o autor que “é frequente verificar-se o recurso à fixação dos jornalistas, mantendo-os ligados a um qualquer computador, onde a informação cai ao segundo no ecrã, evitando assim, não apenas os custos financeiros

inerentes a uma deslocação ao local de um dado evento, mas também os condicionalismos que um período necessário para uma determinada deslocação colocam na produção de conteúdos, independentemente do formato em causa” (*Ibidem*: 240) e o inquérito atesta essa perceção. Constata Gomes: “O simples acompanhamento noticioso, muitas vezes sem a profundidade desejada na notícia divulgada e regularmente privado do testemunho de factos é prática quotidiana nos distintos meios de comunicação, como, de forma perceptível, os jornalistas consultados” manifestaram. Afinal, 41,17% concorda parcialmente e 30,58% totalmente com a ideia de que “a reportagem tem perdido espaço devido à pressão do tempo que os ciclos noticiosos impõem” (*Idem*: 248).

O autor, que debruça a sua tese de doutoramento sobre a queda da reportagem e os contributos da Internet para o sedentarismo jornalístico, refere-se a ela não apenas como género, mas também do prisma de “uma ação de cobertura de um acontecimento presencialmente no local onde o mesmo decorre”. Face ao exposto, e depois de inquiridos jornalistas, analisado o peso da reportagem e ouvidos os diretores das três publicações, conclui: “Os benefícios decorrentes da Internet no jornalismo terminam no exato momento em que as suas capacidades ou ferramentas são utilizadas de forma nociva como substitutos de comprovações ou testemunhos presenciais de factos, levando, geralmente por ordem de terceiros – ainda que não seja de excluir alguma inércia dos próprios –, à impossibilidade do jornalista efetuar reportagens nos locais dos acontecimentos, oferecendo como alternativa um jornalismo de ‘secretária’ e ao conseqüente sedentarismo da prática profissional” (*Idem*: 286).

Esta figura de “jornalista sentado” também surge associada a um outro fenómeno: ao do mimetismo mediático. Uma “febre que se apodera, de repente, dos *media* (sem distinguir suportes) e os empurra, com a urgência mais absoluta, a precipitarem-se para cobrir um acontecimento (...) com o pretexto de que os outros *media* – especialmente os de referência – lhes dão grande importância” (Ramonet, 1999: 20). “Esta imitação delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola de neve e funciona como uma espécie de autointoxicação: quanto mais os *media* falam de determinado assunto, tanto mais eles se convencem de que esse assunto é indispensável (*Ibidem*).

A Internet não é, porém, a única a quem se pode imputar responsabilidades pela cada vez maior presença da figura do jornalista ‘sentado’, havendo uma série de fatores que agudizaram um cenário já de si considerado negro, com o qual se deparavam os meios tradicionais. Para Pereira (2004:96), “apenas radicalizou esse tipo de produção ao centrar-se na publicação de informações provenientes, sobretudo, de fontes externas”, surgindo como a fórmula encontrada nomeadamente para resolver a “alimentação dos *sites* em fluxo contínuo”.

1.5 – Diferentes formas de informar

Depois do aparecimento e, conseqüente e crescente, popularização, a Internet conhece (u) um estágio totalmente distinto. A significativa mudança de paradigma que permite ao consumidor de informação deixar de ser um sujeito passivo, abrindo-lhe a possibilidade de também produzir conteúdos, vem marcar uma nova era “de acesso livre” referenciada por muitos como “a idade de ouro da Internet”.

Os blogues foram talvez o primeiro dos chamados *media* sociais a despertar significativo interesse pelo cidadão comum que tinha em si a vontade de intervir e ter voz. Pese embora, atualmente, outros como o Facebook, se tenham imposto pelo menos mediaticamente, não é menos verdade que continuam a desempenhar um importante papel sobretudo em contextos específicos. Basta pensar que, em latitudes com regimes ditatoriais ou onde persistem graves espartilhos à liberdade de expressão, um “post” pode redundar em sérias conseqüências¹³.

Essa (r) evolução, em que “uma plêiade de novos sistemas e ferramentas digitais” foram colocados “ao dispor dos utilizadores na Rede para que sentissem o sabor do poder da criação e da participação”, ganhou o epíteto de “Web 2.0” (Sá & Bertocchi, 2006:33). O termo, embora não consensual, foi utilizado pela primeira vez, em outubro 2004, durante uma conferência, nos Estados Unidos, por Tim O’Reilly, fundador da O’Reilly Media, para descrever um vasto leque de serviços e aplicações.

A escolha da personalidade do ano de 2006 pela Time figura como o “corolário” do fenómeno global. Na capa, a imagem de um computador com um ecrã espelhado, refletindo, o cibernauta, com uma esclarecedora legenda: “Sim, você. Você controla a nova era da informação. Bem-vindo ao seu mundo”¹⁴. Dos blogues, às redes sociais, como o Facebook e o Twitter, a outras ferramentas da “Web 2.0” – como a Wikipedia ou o YouTube –, milhões de pessoas foram engordando o fio da Internet com o seu “contributo”, num processo altamente alavancado pela crescente generalização dos dispositivos móveis, como *smartphones* ou *tablets*, dado que a partilha ou troca de informação deixou de estar circunscrita a um tempo e a um espaço, ocorrendo qualquer hora ou em qualquer lugar.

“A dimensão a que chegaram as redes sociais na Internet é de tal forma relevante, que se pode afirmar que a chamada Web 2.0 ou Web Social, é precisamente a conversão de grande parte das novas e antigas e aplicações de Internet em redes sociais: todo o *site* que hoje se preza contém componentes de

¹³ Cf. Silva, A.R. (2015, janeiro 10). “Blogger saudita que “insultou o Islão” recebeu as primeiras 50 de 1000 chicotadas”. *Público*, acessado a 22 de junho, 2015, em <http://www.publico.pt/mundo/noticia/blogger-saudita-que-insultou-o-islao-fustigado-com-50-chicotadas-1681778>

¹⁴ Time (2006). acessado a 13 de fevereiro, 2015, em <http://content.time.com/time/covers/0,16641,20061225,00.html>

rede social e interage com as redes sociais existentes” José Luis Orihuela (2008: 61-62 *apud* Veloso, Ana: 2014: 24).

À semelhança do que sucedeu com a “Web 1.0”, os órgãos de comunicação social transitaram para a segunda era da Internet e encontram-se amplamente presentes nas redes sociais – como o Facebook e o Twitter –, utilizando-as em duplo sentido: tanto para “apanhar” como para “lançar” notícias e, agora, “aprendida a lição” das últimas décadas, não raramente num único formato.

Os estudos sobre os consumos de notícias atestam, em geral, a premência que detêm na atualidade. Segundo o mais recente relatório do Reuters Institute, que compila anualmente, desde 2012, dados sobre as fontes utilizadas pelas pessoas para aceder a notícias, verifica-se um padrão consistente: a televisão e o online são a mais frequente, os jornais impressos sofreram um significativo declínio e os *media* sociais estão em crescente ascensão¹⁵.

No caso de Portugal, onde ainda um terço da população não utiliza a Internet¹⁶, o panorama não é muito diferente. Em meados de maio de 2015, apoiando-se precisamente no Digital News Report de 2014, a ERC (Entidade Reguladora da Comunicação Social) publica o seu primeiro relatório, a partir dos resultados de um inquérito, realizado no final do ano passado, versando, em particular, os hábitos dos consumidores de notícias nas suas relações com os *media* online.

“Os *media* tradicionais, sobretudo a televisão, continuam a constituir-se como os principais meios de informação dos consumidores de notícias portugueses”, refere o estudo, que releva também a “realidade diferente” que emerge de uma análise mais aprofundada à influência do digital. “O papel das redes sociais nos processos de circulação e difusão de notícias vem revelar-se como um dos dados mais expressivos do efeito disruptivo operado pelo digital”: “mais de três em cada cinco inquiridos utilizam os *media* sociais enquanto recurso noticioso (66%). “Podemos afirmar, com segurança, que as redes sociais se apresentam como uma das principais plataformas de acesso a notícias, desempenhando um papel decisivo ao nível da sua difusão e circulação entre os públicos. Esta realidade tem um efeito determinante sobre a cadeia de difusão de notícias, surgindo, assim, atores que se posicionam como grandes agregadores de conteúdos noticiosos, com um extraordinário potencial de alcance em termos de audiências, mas sobre o qual os órgãos de comunicação social têm pouco controlo”.

A quarta plataforma mais usada como meio de acesso a notícias foram os *sites* ou aplicações dos jornais, escolha de 54% dos inquiridos. Outra “interessante” conclusão é o facto de “os jornais surgirem como as fontes

¹⁵ Newman, Nic (2015). Digital News Report. *Reuters Institute for the Study of Journalism*, acedido a 25 de junho, 2015, em <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2015/executive-summary-and-key-findings-2015/>

¹⁶ Entidade Reguladora da Comunicação. ERC – Públicos e Consumos de Média. ERC, acedido a 03 de julho, 2015, em <http://www.erc.pt/pt/estudos-e-publicacoes/estudos/estudo-publicos-e-consumos-de-media>

noticiosas que os inquiridos mais consultam através da Internet. “São, aliás, praticamente os únicos em que o índice de utilização exclusivamente *offline* é muito inferior ao índice de utilização desses mesmos meios também em plataformas *online*”.

No contexto da imprensa, destacam-se o Jornal de Notícias (44%) e o Correio de Manhã (34%); entre os generalistas, seguem-se o Público (16%), o Diário de Notícias (14%) e o jornal i (2%). Surgem também como fontes de imprensa mais representadas os desportivos A Bola (17%), o Jornal Record (11%) e O Jogo (9%). Por semanários, surge o Expresso (7%), a Visão (4%), Sol (2%) e Sábado (2%). Já os jornais exclusivamente *online* registam baixos índices de frequência: Notícias ao Minuto (4%), Expresso Diário (2%), Observador (2%), Dinheiro Vivo e Diário Digital (1%).

Estes dados sugerem que “em Portugal, os jornais impressos (e em particular as suas marcas de origem em papel) detêm um potencial de agregação de públicos em plataformas digitais muito superior ao dos restantes meios tradicionais”.

CAPÍTULO II – Agências de notícias

2. – Aparecimento, história e papel

“Os jornalistas das agências (...) constituem o grupo menos conhecido do público. Não há qualquer vedetismo para estes invisíveis do jornalismo. Porém, sem eles, a maioria dos órgãos de informação não poderia funcionar, já que é a partir das notícias que passam pela “rede” das grandes agências que o acontecimento entra nas salas de redação e suscita a agitação e preparação para o respetivo tratamento informativo”

Érik Neveu

Amplamente definidas como “grossistas de informação”, as agências noticiosas poder-se-ão definir, no sentido lato, como empresas de cunho jornalístico que fazem a ponte, instituindo-se como intermediários entre os acontecimentos/fontes e os órgãos de comunicação social que subscrevem o seu serviço.

Duas grandes mais-valias sobressaem-lhes desde logo. A primeira tem a ver com a rede (mais ou menos vasta) de correspondentes espalhada pelo mundo que detêm, algo que muito poucos grandes grupos de *media* se podem dar ao luxo de ter (principalmente nos tempos que grassam); enquanto a segunda prende-se com o facto de fornecerem a informação não em bruto, mas sob a forma de um produto acabado, o mesmo será dizer, no formato de uma notícia.

Num documento publicado em 1953, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) postula que uma agência noticiosa é uma entidade que, “independentemente da sua forma jurídica, tem como principal objetivo recolher notícias e material noticioso, com o único propósito de expressar ou de apresentar factos para os distribuir a um conjunto de empresas jornalísticas e, em circunstâncias excepcionais, a particulares, com o fim de lhes assegurar um serviço de informação tão completo e imparcial quanto possível mediante pagamento ao abrigo de condições compatíveis com as leis e práticas comerciais”¹⁷.

Não obstante esse princípio basilar, existem significativas diferenças entre as agências nomeadamente em termos de escala e objetivos e até de eficácia das suas operações. A título de exemplo, podem assegurar a cobertura nacional e internacional e/ou ambas e também ser ‘generalistas’ ou especializadas (nos mercados financeiros, em turismo ou em religião). Em paralelo, evoluíram no sentido da diversificação dos formatos, independentemente das que se focam

¹⁷ UNESCO (1953). *News Agencies. Their Structure and Operation*. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), acedido a 02 de março, 2015, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000734/073446eo.pdf>

num em exclusivo (como fotografia), alargando os serviços a partir da distribuição de texto à fotografia, ao áudio, à fotografia, ao vídeo ou à infografia.

Seja qual for a tipologia em que se inserem, grosso modo, as agências apresentam uma característica peculiar: uma espécie de manto de invisibilidade. É que, ao constituírem-se como intermediários raras vezes o papel que desempenham – em que se destaca a presença no ‘terreno’ – é do conhecimento generalizado do derradeiro consumidor que “normalmente ignora os créditos no canto do ecrã ou entre parênteses, ou então, em letras pequenas nas notícias impressas” (Shrivastava, 2007:1).

Com efeito, também por vezes, a origem de uma dada notícia quando da pertença de uma agência internacional é obliterada pelos próprios meios de comunicação que a reproduzem sem a citar. A exceção verifica-se nomeadamente diante de notícias potencialmente polémicas ou perante a ausência de uma confirmação oficial. O consumidor mais atento aperceber-se-á que existem quando se questionar por que razão lê/ouve/vê as mesmas notícias em diversos meios, as quais, não raras vezes, são mimeticamente repetidas na linguagem inicial típica das agências, com ou sem ‘retoque’ ou adaptação ao meio em apreço.

Esse desconhecimento relativamente às agências, como pontualiza Silva (2002:3), é “imerecido e prejudicial para a compreensão do funcionamento do campo jornalístico, pois, evidencia a realidade, as agências noticiosas desempenham um papel fulcral na recolha, filtragem e difusão de notícias”. Além disso, sublinha a mesma autora, “constituem importantes *gatekeepers* - ou seja, decisores primários das ocorrências que poderão ascender a notícia e das que permanecerão ignoradas - e, conseqüentemente, poderosos definidores da agenda jornalística”.

Para melhor se compreender a figura da agência noticiosa afirma-se imperativo percorrer, pelo menos linearmente, o contexto em que surgiu e as alterações pelas quais passou. Afinal, o próprio aparecimento ocorre num período de viragem, marcado pela “transformação da imprensa de opinião em imprensa informativa, mais acessível e generalista e que começa a demonstrar uma postura pró-ativa na procura de factos noticiosos”, sendo a sua posterior evolução favorecida pelo progresso tecnológico (sobretudo pelo telégrafo) que permitiu “a transmissão rápida e à distância de informações, fazendo com que as agências encontrassem “o seu lugar no campo dos *media* e o garante do seu sucesso” (*Ibidem*: 4).

A história das agências remonta a meados do século XIX, em Paris, quando o ex-banqueiro francês Charles-Louis Havas monta um escritório de traduções de jornais estrangeiros que, três anos mais tarde, em 1835, transforma naquela que viria a ser a primeira agência de notícias internacional, partindo do pressuposto de que “nenhum jornal tem, *per si*, possibilidades financeiras para manter uma rede de correspondentes em todos os locais estrategicamente importantes sob o ponto de vista informativo” (*Ibidem*: 4-5).

E, segundo Carlos Veiga Pereira, citado por Silva, “três grandes inovações se ficaram a dever a Charles-Louis Havas: a introdução da divisão do trabalho na recolha das notícias; a noção de que a notícia é inseparável da rapidez na transmissão; e a compreensão de que uma agência deve fornecer uma matéria-

prima suscetível de ser utilizada por jornais das mais diferentes tendências” (*Ibidem*: 5) Essa visionária ideia de vender notícias que, numa primeira fase, suscitou dúvidas sobre a sua viabilidade financeira viria a dar origem a uma das agências de notícias internacionais mais importantes: a Agence France-Presse (AFP).

Dez anos depois da sua fundação, a Agência Havas – como era conhecida – utiliza pela primeira vez, em 1845, o telégrafo, uma invenção que esteve na origem da técnica da pirâmide invertida, a qual vinga até aos dias de hoje como o modelo de estruturação do texto jornalístico embora, com o amadurecimento do ciberjornalismo, se digladiasse com outras propostas de paradigma exclusivamente concebidas para o novo meio, como anteriormente exposto.

Silva (*Ibidem*: 5) define como “notável” o legado deixado por Charles-Louis Havas. Em primeiro lugar, porque inspirou dois dos seus antigos funcionários – os alemães Bernhard Wolff e Paul Julius Reuter – a fundar as suas próprias agências, respetivamente, na Alemanha e na Inglaterra, em 1848 e 1851. E, em segundo, por a sua atividade ter marcado “profundamente a evolução do campo jornalístico *tout court*”.

A primeira (Wolff) perdurou até meados do século XX e a segunda (Reuters) até aos dias de hoje, impondo-se, aliás, como uma das maiores agências da história. Na esteira do crescente progresso do telégrafo, assistir-se-ia, também em 1848, ao nascimento da primeira agência de informação norte-americana: a Associated Press (AP) – que também viria a vingar no quadro das maiores do mundo até à atualidade –, a qual resultou como fruto de uma cooperativa de cinco jornais nova-iorquinos.

Havas, Reuters e Wolff, “as agências líder no século XIX” (Boyd-Barret, 1998) partilham o mercado, num acordo explícito, com a primeira a ficar com a cobertura do Império Francês e dos países latinos, incluindo Portugal, tendo os primeiros despachos informativos da Havas só chegado, porém, em 1866. “Terá sido a 10 de março desse ano que o Diário de Notícias, fundado por Eduardo Coelho no ano anterior, iniciou a publicação de ‘participações telegraphicas’ desta agência” (Silva, 2002:6), um “sacrifício” mormente financeiro que o jornal se comprometera a fazer, referenciado numa nota com honras de primeira página e que, segundo a autora, tinha que ver essencialmente com os elevados custos associados ao uso do telégrafo.

Voltando ao “cartel europeu”, como explica Aguiar (2009), basicamente “repartiu o mundo em áreas de atuação nas quais cada uma teria monopólio tanto sobre a apuração de notícias quanto sobre a venda de assinaturas para a imprensa local”, deixando de fora a norte-americana AP norte-americana que, ao contrário, das europeias se deparou com a concorrência interna de agências nacionais que foram surgindo” (Sousa, 2008:134). Em 1870, é firmado um “acordo de partilha do globo, estendendo a divisão europeia a todo o planeta” (Aguiar, 2009). A parceria “durou quase 60 anos, até à I Guerra Mundial, quando a Wolff foi debilitada pela derrota alemã (não só por depender de incentivos do Estado, mas porque a economia alemã como um todo ficou arruinada, afetando seus próprios assinantes) e teve seu território repartido entre as concorrentes” (*Ibidem*).

Essa tripla aliança entre as agências europeias rompeu-se com a I Guerra Mundial (1914-18), como recorda Sousa (2008:253), mas antes de estalar o conflito, o trio tinha sido sujeito a importantes testes, ‘chumbando’ nomeadamente no da credibilidade. O primeiro decorreu da “feroz concorrência” movida pelas competitivas agências nascidas nos Estados Unidos.

“Logo a partir de 1902, as ‘três grandes’ sofreram com o impacto da abertura de sucursais da Associated Press (AP) na Europa. A United Press (UP), fundada em 1907, seguiu o caminho expansionista e fortemente concorrencial da AP. A agência do Grupo Hearst, a International News Service (INS), fundada em 1909, juntou-se às duas outras agências americanas que atuavam na Europa logo a partir do ano da sua fundação”. Um aspeto distinguia-as das congéneres europeias: eram “descomprometidas com os interesses governamentais de Paris, Londres ou Berlim (ao contrário do que sucedia com a Havas, a Reuter e a Wolff)” (*Ibidem*:252).

Além disso, “ofereciam mais exclusivos noticiosos e, principalmente, um produto que as ‘oficiosas’ agências europeias não costumavam dar mas para o qual existia mercado: notícias de interesse humano, sobre curiosidades, excentricidades e frivolidades, bem como notícias sobre pessoas famosas e o mundo do espetáculo, etc.”. O segundo desafio, segundo o mesmo autor, prende-se com o modo de atuação das três agências na I Guerra Mundial, o qual “minou a sua credibilidade”. “De facto, durante este conflito as três grandes foram convertidas em agentes de propaganda dos estados beligerantes, sendo usadas pelos governos para desacreditar os inimigos e combater a propaganda inimiga” (*Ibidem*).

As agências europeias sucumbiram perante a ofensiva dos governos que, cientes do poder que a comunicação exercia, começaram a envolver-se no processo de recolha e divulgação de informação, procurando colocá-las ao seu serviço, utilizando “uma variedade de meios ou uma combinação de métodos que incluíam a soberania direta, o controlo, a atribuição de tarifas aquando da utilização de instalações de comunicação do Estado, intervenção no conteúdo das notícias e evidente ou encoberto subsídio ou financiamento direto” (Shrivastava, 2007:7 *apud* Moreira 2011:12).

Como exemplo paradigmático surge a Reuters que, durante a Grande Guerra, “concordou em difundir notícias oficiais sobre as tropas aliadas e novidades para os países neutros, uma vez que, em contrapartida, o governo subsidiava o elevado custo de transmissão dos telegramas” (*Ibidem*: 13). Como sintetiza Sousa (2008:253), “lucraram, assim, os governos, que podiam camuflar a propaganda sob a capa das notícias; e ganharam, financeiramente, as agências, que aumentaram os lucros e puderam colocar jornalistas a cobrir o que se passava na frente”. Mas, no final das contas, conclui o autor, as três grandes agências europeias também perderam pelo menos parte da sua reputação e credibilidade. Com efeito, talvez tenha sido o público o que mais perdeu, “condicionado a consumir uma informação censurada e, por vezes, distorcida ou mesmo falsa”.

Apesar do fim da “tripla aliança”, em 1918, “por impulso da Havas e da Reuters”, foi criada a Rede Aliada de Notícias, que juntava as grandes agências francesa e britânica e 26 outras, como a espanhola Fabra (substituída em 1938

pela Efe), a holandesa Finska ou a turca Anatolia, a qual viria a permitir à norte-americana AP a possibilidade de vender notícias diretamente aos seus clientes europeus em 1932. Mas, a ascensão dos totalitarismos na Europa, a crise econômica nos anos 30 e as tensões que precederam a II Guerra Mundial, “provocaram um novo abalo no fluxo internacional de notícias e levaram as agências, principalmente as europeias, a tornarem-se numa espécie de organizações noticioso-propagandísticas intimamente ligadas aos respectivos governos, com perdas para a respetiva credibilidade” (*Ibidem*:253-54).

Como explicita Sousa, após ambições manifestadas pela alemã DNB (antiga Wolff), já em mãos do governo nazi, e sob o contexto supra descrito, a Rede acaba por sucumbir ainda que, em alguns casos, tenham perdurado acordos de cooperação entre agências que haviam sido parceiras, os quais possibilitaram à Reuters e à Havas deter “alguma predominância na gestão dos fluxos de informação na Europa, mas sem o relevo que tinham tido outrora”.

Com efeito, “a II Guerra Mundial recolocou novamente as agências europeias (pelo menos as que não suspenderam as atividades por causa da invasão nazi) na rota da propaganda [...] Essa estreita vinculação das agências ao poder político acabou por provocar a nacionalização e a mudança de denominação de várias delas no pós-guerra”, realça ainda o autor (*Ibidem*:254), dando como exemplo a conversão da francesa Havas na AFP ou a mudança de nome da alemã DNB para DPA (Deutsche Presse-Agentur). A outra gigante, a britânica Reuters, manteve-se como entidade privada, à semelhança das agências norte-americanas.

Já no cenário da Guerra Fria, “uma nova estrutura dos sistemas internacionais de informação instituiu uma espécie de redivisão global entre as agências de notícias: do lado capitalista, AP, UPI, Reuters e AFP (sucessora da Havas fundada pelo Estado francês) constituíram um novo oligopólio, apelidadas de ‘Quatro Grandes’ (ou ‘Big Four’), enquanto a Tass atuava como agência principal no bloco socialista, embora jamais exercendo monopólio de coleta e distribuição nos países satélites” (Aguilar, 2009).

Não obstante a hegemonia da época, as agências foram proliferando, sendo de assinalar nomeadamente o ‘surto’ resultante dos processos de descolonização, os quais geraram “um aumento considerável do número de agências em África e na Ásia, especialmente a partir dos anos Sessenta, mas nem sempre conseguiram cobrir, sequer, os respetivos países, por dificuldades técnicas, financeiras e materiais” (Sousa, 2008:255).

No entanto, a maioria das novas agências “continuou a depender das ‘cinco grandes’ para o fornecimento de informações sobre o exterior”. O domínio dos fluxos informativos era pertença, após a reconfiguração instituída pelo conflito, de seis grandes agências – AP, UP, INS, Reuter, AFP e Tass –, as quais ficaram reduzidas a cinco, na sequência da fusão da United Press com a a International News Service, em 1958, a qual resultou na United Press International (UPI).

Ora, com vista a manter o equilíbrio, a UNESCO interveio, ainda que somente entre os anos 70 e 80, criando a Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação (NOMIC), um novo modelo proposto pelos Países Não-alinhados em jeito de reação ao controlo do fluxo informativo pelos grandes países

desenvolvidos e pelas suas grandes agências, com o escopo de “combater as desigualdades existentes no campo comunicacional entre os países desenvolvidos e os em vias de desenvolvimento” (*Ibidem*). Foi, aliás, no seio das reuniões patrocinadas pela UNESCO sobre a NOMIC, que se “identificou claramente as agências como um instrumento de poder determinante na distribuição mundial de informação” (Benayas, 2006:26 *apud* Moreira 2011:22).

Esse esforço de cooperação redundaria, por exemplo, na formação de redes de agências dos países não-alinhados. Contudo, segundo Sousa, as agências dos países menos desenvolvidos “falharam” em atingir o principal objetivo de cativar o interesse dos mais desenvolvidos, pelo que, no final do século XX, “os fluxos internacionais de notícias continuavam a ser controlados”, ainda que não por cinco. Isto porque a UPI – atingida por uma crise económica – afastou-se das “grandes lides da cobertura noticiosa” – e a Tass perdeu a sua influência com o colapso da União Soviética. Além disso, a agência russa que, em 1992, passa a designar-se Inter-Tass, vê-se ainda confrontada com a concorrência exercida por agências privadas recentemente criadas como a Interfax, que nasceu em 1989 (Sousa, 2008: 256).

Aos comandos do mundo informativo ficaram, assim, a Reuters, AP e AFP, uma tripla que, no final do século XX, figurava como a fonte de cerca de 80% da informação divulgada ao público em todo o mundo, segundo um relatório publicado pela UNESCO ¹⁸.

2.1 – Na era da Internet e da convergência multimédia

Muito cedo, “as grandes agências noticiosas tornaram-se, com efeito, utilizadoras assíduas das redes de comunicação à distância”, como assinala Armand Mattelart (1991: 26). Dos pombos aos telégrafos foram acompanhando a evolução dos tempos. Com a Internet não foi diferente, embora as tenha obrigado a um maior exercício. Deixaram de ser só texto e avançaram para a convergência multimédia, alargando precocemente a oferta a diferentes formatos e mostrando a sua marca em distintas plataformas.

Contudo, primeiramente as agências também viram a sua sobrevivência em risco, emergindo o receio de que deixassem de ser (tão) necessárias no circuito informativo, dado que deixaram de ter o (quase) exclusivo poder de encurtar distâncias. Porém, essa apreensão acabaria por se esfumar, grosso modo, quando compreenderam que a sua característica maneira de informar se adequava perfeitamente ao perfil do novo suporte e que a Internet não era um entrave, mas antes um trampolim para a sua atividade.

E, como nota Shrivastava (2007:137 *apud* Moreira, 2011: 60), “a Internet passou, no espaço de poucos anos, de uma ameaça a ser o núcleo central de estratégias para o crescimento de, pelo menos, algumas”. Se por um lado,

¹⁸ Maherzi, L. (1997). *World communication report. The media and the challenge of the new technologies*. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), acedido a 30 de abril, 2015, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001112/111240e.pdf>

revelou ser um poço sem fundo de informação, por outro, mostrou ser terreno fértil à proliferação de muita de cariz duvidoso e até falsa.

E, em linha com a definição de Mauro Wolf (1995) de que constituem a “fonte mais notável de material noticiável”, as agências, que desde sempre desempenharam um papel fundamental para a subsistência dos meios de comunicação tradicionais, nunca deixaram de o fazer, vendo, aliás, um maior reconhecimento das suas mais-valias, como a clareza, imparcialidade e rapidez, pelos seus clientes, grande parte das vezes simultaneamente seus pares.

Afinal, em face da exigência de garantir um fio noticioso em constante atualização, os órgãos de comunicação social passaram a depender ainda mais das agências, habituadas a trabalhar em tempo real, como agora a nova realidade impunha. Embora tal tenha como consequência direta uma menor variedade de conteúdos ou de diferenciação da oferta face à concorrência, mormente, pesam mais, no outro prato da balança, constrangimentos de ordem económica.

Num estudo, publicado no início da década, Mimma Lehtovaara conclui que as agências de notícias continuam a ser necessárias na era da Internet, embora constate que o seu “bem-estar” se encontra em risco, tendo em conta que a convulsão no seio dos *media* está longe de chegar ao fim. “A sua função tradicional de grossista das organizações noticiosas não se alterou mas a forma de fazer negócio mudou e vai continuar a mudar” (Lehtovaara, 2010/11: 54).

Traçando perspetivas sobre o futuro das agências de notícias, a autora afirma-se convencida desde logo que o número vai diminuir, já que potenciais fusões permitem criar estruturas maiores e, portanto, dotadas de maiores recursos, ao mesmo tempo que defende maior cooperação interagências, aventando como possibilidade para a redução de custos a partilha de correspondentes internacionais.

O surgimento de novos tipos de agências especializadas e de cada vez mais serviços customizados ou “à medida” do cliente, por oposição ao passado em que distribuían o mesmo produto para todos, são outros dos cenários que antecipa (*Ibidem*: 54-55). Em paralelo, dado que estiveram “sempre na vanguarda das transformações da tecnologia em comparação a dos seus clientes dos *media* de forma condizente com o tamanho e o escopo das suas operações”, “não é surpresa, portanto, que as agências sejam também líderes na era da convergência multimédia” (Boyd-Barret, 2012:30).

E, porque muitas vezes também os números valem mais do que mil palavras, eis o que nos mostram os constantes nos relatórios anuais de 2014 de duas das principais agências de notícias mundiais, tanto sobre a produção em diferentes formatos como relativamente à sua presença nas chamadas redes sociais. A France Presse (AFP), com presença em 150 países produziu uma média diária de 5000 despachos, incluindo nas seis línguas em que opera (francês, inglês, alemão, árabe, espanhol e português), a somar a 3000 fotos e a 250 vídeos distribuídos diariamente. Em termos de presença nas redes sociais, contava com mais de um milhão de seguidores no Twitter e com mais de 417 mil “amigos” no Facebook, em ambos os casos contabilizando em conjunto as duas

contas em língua francesa e inglesa ¹⁹. Por seu turno, a Associated Press (AP), representada em 110 países, disponibilizava 2000 ‘takes’ por dia e anualmente 50 mil vídeos e um milhão de fotografias. No Twitter somava 5 milhões de seguidores e 270 mil no Facebook ²⁰.

2.2. – A (s) experiência (s) de Portugal

Depois de mais seis décadas a receber despachos informativos da Havas, o exclusivo da agência francesa em Portugal chega ao fim. É propiciada pelo golpe militar de 28 de maio de 1926, que resulta na queda da I República e dá origem ao início de uma ditadura – que haveria de durar por quase meio século –, com todas as implicações a ela inerentes, traduzidas em censura prévia e na perda das liberdades de expressão e de publicação.

A perda do exclusivo em Portugal por parte da agência Havas e abertura do mercado nacional à britânica Reuters e à concorrência das agências norte-americanas (AP e UP) que, segundo Silva (2002:6), foi uma das consequências dessa mutação política, dá-se a partir de 1930. Curiosa e estranhamente – sobretudo em face do novo contexto de regime ditatorial – Portugal era no mapa da Europa dos poucos países que não contava com uma agência nacional.

“Com a perda do monopólio da agência Havas e a instauração de uma ditadura, favorável ao controlo da informação, ao pensamento único e à propagação de ideais nacionalistas, é de supor que estivessem reunidas as condições para a criação de uma agência nacional, naturalmente ligada ao Estado, e que funcionasse não tanto como serviço de informação, mas mais como organismo de propaganda do regime. Contudo, o que é facto é que, por iniciativa direta do Governo, tal ideia nunca foi colocada em prática” (*Ibidem*: 7).

¹⁹ *Figures AFP 2014*. AFP, acedido a 02 de maio, 2015, em http://www.afp.com/communication/report_2014/figures_afp_2014.pdf

²⁰ *2014 Annual Report. AP by the Numbers*, AP, acedido a 03 de maio, 2015, em <http://www.ap.org/annual-report/2014/ap-by-the-numbers.html>

2.2.1 – Lusitânia

Os primeiros passos com vista à criação da primeira agência portuguesa só seriam dados efetivamente na década seguinte, ou seja, volvido mais de um século desde a fundação da pioneira Havas. Embora idealizada por Luís Caldeira Lupi, correspondente da AP e da Reuters, desde os anos 1930, a Lusitânia dá início ao serviço noticioso apenas no final do ano de 1944. Ideológica e pessoalmente próximo do poder político – Lupi começou a projetar a criação de uma agência sobretudo imbuído pelo descontentamento que sentia relativamente à forma como as notícias sobre Portugal eram apresentadas nas colónias, onde chegavam por via das agências de notícias estrangeiras.

Em 1938, segundo relata Wilton Fonseca (1995, *apud* Silva, 2002:8), deixa a seguinte anotação no seu diário: “O meu plano de sempre era criar os meios materiais que permitissem aos portugueses, onde quer que estejam, serem imediatamente informados do que acontecia a outros portugueses - fossem esses acontecimentos felizes ou infaustos - para que a distância, pela informação, fosse vencida (...), mas o Estado Português parece não compreender o alcance de uma tal tarefa”.

Não obstante, depois de alguns anos a rejeitar propostas com vista a levar essa ideia a bom porto, o Governo viria finalmente a tomar consciência desse referido alcance, vindo até depois a enaltecer a sua componente “patriótica”. “Desde o seu nascimento, e durante os 30 anos que se seguiram, para cumprir os objetivos (...), a Lusitânia caminhou sobre um contraditório e instável equilíbrio; o de, em simultâneo, ter que informar e fazer propaganda” (*Ibidem*: 10).

Uma vez que “serviu de veículo de propaganda do Estado Novo e das teses colonialistas da época” ²¹, a definição da Lusitânia como a primeira agência de notícias encontra-se longe de reunir consenso.

Tal classificação afigurava-se “muito discutível”, como observa Silva, dado que “não tinha um estatuto jurídico definido e que funcionava como seção da Sociedade de Propaganda”. Além disso, acrescentar “a esta dependência de uma estrutura do Governo de Salazar, há ainda os objetivos de promoção da ‘troca de informação entre Portugal e as suas colónias, numa perspetiva de clara exaltação do Estado Novo’ que Lupi defendia e a que a Lusitânia se propunha”.

Apesar de depender fortemente do Estado, sendo as avenças que recebia dos subscritores insuficientes para custear as despesas, a Lusitânia viveu sempre uma situação financeira instável. A título de exemplo, somente dois

²¹ Gabinete para os Meios de Comunicação Social (2014). Agências noticiosas. Breve retrospectiva histórica. GMCS, acedido em 01 de maio, 2015, em <http://www.gmcs.pt/pt/breve-retrospectiva-historica>

meses depois do arranque da atividade tinha já “uma dívida considerável para com a Marconi” (*Ibidem*: 11). Em fevereiro de 1945, Lupi, como administrador-delegado da Lusitânia, consegue, num encontro com o Professor Marcello Caetano, finalmente firmar um contrato que prevê a atribuição de um apoio mensal por parte do Secretariado Nacional de Informação e do Ministério das Colónias, como explica a autora, segundo a qual esse referido acordo seria mantido em “sigilo” e apenas viria a ser do conhecimento público dois anos mais tarde.

Talvez devido à instabilidade financeira e por força dos atrasos tecnológicos em Portugal, a Lusitânia “trabalhava ainda de uma forma muito primitiva” comparativamente às suas congéneres estrangeiras ao nível dos equipamentos de edição e transmissão do seu serviço de informações (*Ibidem*: 12) e cedo vê-se deparada com concorrência.

2.2.2 – ANI

Apenas três anos depois, Dutra Faria, redator-chefe do Diário de Notícias, em parceria com Barradas de Oliveira e Marques Gastão, funda a ANI – Agência Noticiosa de Informação –, “igualmente conotada com a propaganda do regime ditatorial”, pelo que, a partir de outubro de 1947 e até depois do 25 de abril de 1974, passam a coexistir em Portugal duas agências²².

“Embora privada, estabeleceu um contrato de prestação de serviços com o Estado, pelo que se tornou, essencialmente, em mais uma voz da máquina de propaganda do regime (Sousa, 2008b:21). Não obstante, para Carlos Veiga Pereira e José Júlio Gonçalves, “a agência ANI será a primeira agência portuguesa à qual será lícito aplicar a classificação de agência noticiosa” (*apud* Silva, 2002:12).

A partir da década de 1950, a ANI direcionou a aposta fundamentalmente para o noticiário internacional e das colónias, dispondo de correspondentes nas províncias portuguesas no Ultramar, nas ilhas da Madeira e dos Açores, e noutros pontos do mundo, começando a impor-se, apesar de a Lusitânia continuar a dispor não só de um maior orçamento, mas também de um maior número de correspondentes no estrangeiro.

As duas agências “pareciam então bastante similares em todas as áreas, tanto em termos de orientação jornalística e de recursos como de serviços prestados, diferenciando-se sobretudo pelo tipo de relação estabelecida com o regime: enquanto a Lusitânia vivia à sombra do poder, dele dependendo ideológica e financeiramente, a ANI tinha com ele uma mera relação contratual (LUSA, 2007:77).

O serviço internacional da ANI também beneficiou da cooperação encetada com várias agências de notícias durante o caminho que trilhou até à conquista de uma posição claramente dominante.

²² *Ibidem*

Uma mudança de paradigma era visível na primeira metade da década de 1960.

Para Silva (2002:14-15) quatro principais razões conduziram à estagnação da Lusitânia e proeminência da ANI. São elas: o baixo nível escolar e cultural dos jornalistas que colaboravam na Lusitânia, ao qual se contrapunha o dinamismo e a juventude da equipa da ANI; a melhor reputação na esfera dos *media* de que usufruía a ANI, tida como “mais liberal”; o aumento substancial da informação fornecida aos meios de comunicação social das colónias e no sentido inverso (das colónias para Portugal) após o início da guerra em Angola (em 1961) pela ANI, objeto de protestos da Lusitânia: e, por fim, a superioridade no plano da colaboração com agências noticiosas estrangeiras (incluindo da UPI) da ANI por oposição à incapacidade económica da Lusitânia para contratar serviços das agências internacionais.

Este cenário levou a que na década seguinte – sobretudo nos últimos meses do regime ditatorial – “aumentassem as vozes que defendiam a existência de apenas uma agência noticiosa e que se conjecturasse, inclusive, a possibilidade de as fundir” (*Ibidem*:15).

Todas as hipóteses caíram por terra – mesmo apesar de terem sido efetivamente formuladas propostas – com a chegada do 25 de abril de 1974. Porém, “se antes as duas agências estavam conotadas com o regime do Estado Novo, no período pós-25 de abril passaram a constituir-se como divulgadoras do programa do Movimento das Forças Armadas (MFA)”²³. E, pese embora a diferença temporal, as duas agências acabariam por ter o mesmo destino.

A Lusitânia – a primeira a nascer – foi também a primeira a desaparecer. É declarada extinta, por despacho ministerial, a 19 de novembro de 1974, sob o considerando de que correspondia e só se justificava pela tese colonialista – rasgada pela Revolução dos Cravos e, conseqüente, processo de descolonização. Já a ANI – que tinha sido adquirida pelo Estado em 8 de novembro de 1974 – é dissolvida em 24 de setembro do ano seguinte.

Eis os motivos explanados em Decreto-Lei: “Por um lado, a ANI, como fruto que é, e fiel servidora que foi, do próprio regime fascista, aparece com uma vinculação psicológica ao regime deposto que, pelo menos a curto e médio prazo, constitui uma carga negativa na ingente ação a desenvolver. Por outro lado, o tipo de estrutura requerida por uma agência noticiosa moderna, vigorosa e irradiante - veículo eficaz não só do nome do novo Portugal no Mundo inteiro, como também de uma informação ao serviço dos valores positivos da humanidade e da sua progressiva evolução -, de forma nenhuma pode ter como ponto de apoio a estrutura anquilosada, decadente e viciada de uma ANI que, se o Governo a adquiriu, mais foi para calar a conduta reacionária que perfidamente começava a manifestar que, de facto, por outra razão”²⁴.

²³ *Ibidem*

²⁴ Centro de Documentação 25 de abril. Universidade de Coimbra. (2012) Criação da ANOP, acedido em 22 de abril, 2015, em <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=liberdades02>

2.2.3 – ANOP

“A solução encontrada pelo Governo do pós-25 de abril para resolver a questão das agências passara assim por um corte total com o passado”, como refere Silva (2002:17), culminando com a criação de uma nova agência – uma empresa pública – a Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP).

Ativo, passivo, direitos e obrigações da ANI foram então transferidos para a ANOP, fundada a 01 de julho de 1975, que ganhou a forma da projetada “adequada” agência, cuja criação se entendia que deveria ser encarada como “inteiramente indispensável à defesa da consolidação do processo revolucionário”²⁵.

Esse corte radical com o passado ficou patente nos estatutos (alterados pelo Decreto-Lei de 29 de novembro de 1977, o qual foi ratificado, com emendas, em abril do ano seguinte pela Assembleia da República) nomeadamente quando determinam que a ANOP “exercerá a sua atividade com rigor e objetividade, por forma a garantir uma informação digna de confiança à escala nacional e internacional, a salvaguardar a sua independência, nomeadamente perante o Governo e a Administração Pública (LUSA, 2007:139).

O crescimento da ANOP foi galopante, fruto da aposta expansionista que encetou, ao abrir delegações por todo o país e ao dotar-se de uma significativa rede de correspondentes. Isto sem esquecer o plano internacional, muito pelo contrário, sendo de notar, por exemplo, que logo em 1978, cria as delegações de Bissau (Guiné-Bissau) e de Maputo (Moçambique), munindo-se, em simultâneo, de uma vasta rede de colaboradores nas principais capitais mundiais.

“Três anos passados após a sua criação e, fisicamente, a ANOP já havia alcançado uma dimensão considerável”, observa Silva, dando conta da evolução nomeadamente ao nível de trabalhadores que estavam ao seu serviço que passaram dos iniciais 69 para um universo de 261 no ano de 1982. Além disso, por esta altura, “tratava cerca de 300 mil palavras/dia e transmitia perto de 70 mil para os clientes nacionais e estrangeiros e para duas comunidades de emigrantes portugueses, 1500 para as missões diplomáticas do Governo Português, 4000 para Macau, e 2500 para jornais, rádio e televisão em língua portuguesa instalados, principalmente, no continente americano (EUA, Canadá e Venezuela)” (*Ibidem*: 19).

A ANOP dominava como principal fonte dos órgãos de comunicação social, tendo construído “uma forte posição no mercado nacional de informação, constituindo-se rapidamente como a principal fonte de notícias dos *media* nacionais, em particular, a imprensa, e criando junto desta uma espécie de monopólio informativo” (Lusa, 2007: 143).

“Esta dependência da imprensa relativamente à ANOP, que a transforma num poderoso definidor da agenda jornalística e conseqüentemente da agenda pública – ‘controlando’ uma significativa parte do que ascende a notícia e do que

²⁵ *Ibidem*

permanece “não-notícia”, obriga-nos necessariamente a pensar numa outra dependência: a da ANOP relativamente ao poder político vigente”, como anota Silva (2002:21), sem nunca perder de vista que o país vivia um ainda um período de instabilidade política, com manifestas movimentações de poder e contrapoder.

Pese embora o peso de que se revestia, a ANOP começa a dar sinais de instabilidade financeira em 1980, a qual atribui a fatores externos à empresa, mormente, à própria conjuntura do país ²⁶. A prova de que não havia volta a dar materializa-se pouco tempo depois quando, por necessidade de contenção de despesas e racionalização de meios, a agência fecha delegações em três cidades (Évora, Guarda, Vila Real). Esse declínio foi imputado pelo Governo à própria ANOP que a via como “sobredimensionada”, designadamente em termos do universo laboral. Além disso, “sucendendo que as suas receitas próprias – provenientes sobretudo das avenças pagas pelos órgãos de comunicação social – cobriam apenas uma pequena parte dos custos globais da ANOP, a situação conduzia a um contínuo agravamento das suas condições de exploração e, conseqüentemente, a uma sempre maior dependência económica em relação ao Estado” (*Ibidem*: 22).

E, apenas sete anos depois, a ANOP vê iniciar-se um processo que viria a culminar no seu fim, ainda que não imediato. “É, em meados de 1982, [...] que o Governo, inesperadamente – pois apesar de ser do domínio público a pouca saúde financeira da ANOP ainda pouco tempo antes o primeiro-ministro Francisco Pinto Balsemão tinha elogiado o trabalho da agência na cobertura da sua viagem a Moçambique e nada indiciava a tomada de uma medida tão drástica e repentina –, decide apoiar a constituição de uma nova agência noticiosa de base cooperativista”, refere Silva, para a seguir complementar. “Ao tomar esta resolução, o Governo inicia um processo que ainda hoje não tem contornos bem definidos, no que se refere tanto às suas motivações como às movimentações de interesses que estiveram por detrás da decisão e que, ao contrário da sua pretensão – a de rapidamente extinguir a ANOP e recomeçar do zero, com a criação de uma agência de informação de iniciativa privada –, permanecerá insolúvel por alguns anos” (*Ibidem*: 22-23).

Poucos depois de estalarem rumores sobre a eventual extinção da agência de notícias estatal, em julho de 1982, 21 empresas da comunicação (nove públicas e 12 privadas) assinam um contrato de intenções para a criação da Cooperativa Porpress ²⁷, a qual se destinava à fundação de uma nova agência privada, sendo dado como certo que o projeto iria contar com dinheiros públicos. “Quanto à hipótese de o Governo optar pela dissolução da ANOP, pela sua integração na nova agência a criar ou pela coexistência de duas agências

²⁶ Depois de uma primeira intervenção em 1977, o Fundo Monetário Internacional (FMI) “aterrou na Portela” pela segunda vez em 1983 para coordenar um programa de reformas devido às dificuldades financeiras

²⁷ Em causa: Radiodifusão Portuguesa, Radiotelevisão Portuguesa, Empresa Pública dos Jornais Notícias e Capital (EPNC), Empresa do Diário Popular, Jornal de Notícias, Comércio do Porto, Correio da Manhã, Primeiro de Janeiro, Diário de Lisboa, A Tarde, Tempo, A Bola, Record, Gazeta dos Desportos, Norte Desportivo, Expresso, Rádio Centro, Marconi, Correios e Telecomunicações e Telefones de Lisboa e Porto.

noticiosas nacionais, face ao secretismo que, a avaliar pelas reações dos jornais da época, nos parece ter imperado em torno de todo o processo, as dúvidas mantinham-se e os jornais equacionavam a exequibilidade de cada uma das possíveis soluções” (*Ibidem*: 24).

A 11 de agosto do mesmo ano, registam-se avanços na sequência de uma reunião realizada pelos que integravam a cooperativa Porpress, que abandonou essa designação, passando a chamar-se Notícias de Portugal (NP). Segundo Silva (2002: 26), essa foi uma das novidades, conforme a edição do dia seguinte do jornal Capital, que escreveu que o primeiro-ministro Francisco Pinto Balsemão, “havia referido ter assinado dias antes a ‘resolução do Conselho de Ministros de 29 de julho, que aponta para a extinção”, em declarações à própria ANOP, na véspera. Essa resolução, publicada em Diário da República, aproximadamente 15 dias depois, não emprega a palavra extinção. No entanto, como nota a autora, “claramente, todo o documento aponta nesse sentido”.

Diz a resolução nomeadamente que “a existência da ANOP (empresa pública) viria confirmar e acentuar os traços negativos resultantes da sua origem inquinada” e que, “no contexto dos fundamentos programáticos e das conclusões da análise efetuada à ANOP, sobressai, pela sua incorreção, à luz dos princípios democráticos de independência dos meios de comunicação social, a forma de empresa pública que a agência noticiosa reveste”. Também que, “sendo na informação produzida pela ANOP que os órgãos de comunicação social, públicos ou privados, colhem parte substancial do seu conteúdo informativo, o princípio da isenção e pluralismo exige, mais do que em qualquer outro caso, uma efetiva independência [...] em relação ao Governo”.

Além disso, apesar de nunca se referir a qualquer projeto na calha no sentido da criação de uma alternativa à ANOP, o Governo deixa patente “uma oportuna e inusitada posição favorável em relação às iniciativas de base cooperativa”, quando postula que “a existência, em termos de subsistência forçada, da ANOP tem tido como consequência inevitável, tal como se verificou já na altura da sua criação, a frustração de iniciativas de base cooperativa por parte dos seus utentes” (*Ibidem*: 26).

“Estas [iniciativas de base corporativa] mais conformes com os modelos utilizados nos países da Europa democrática e ocidental, poderão, aliás, eventualmente, adequar-se de forma mais cabal ao serviço a prestar aos órgãos de comunicação social e à missão de enriquecer o espaço multinacional da língua portuguesa”, pode ler-se. “No final do documento, o Governo vai ainda mais além na sua empatia para com o modelo cooperativo, ao deixar em aberto a possibilidade de o Estado vir a contratar os serviços de uma agência criada nesses moldes” (*Ibidem*: 27), quando autoriza diligências relacionadas com a eventual contratação da prestação de serviços noticiosos com entidades que, dando garantias de rigor, pluralismo e racionalidade de custos, contribuam para veicular informação noticiosa ao espaço alargado de Portugal e das comunidades portuguesas, bem como aos países de língua portuguesa”.

Embora aparentemente se caminhasse a passos largos para uma ‘morte anunciada’, o processo relativo à agência estatal sofre uma reviravolta, protagonizada pelo então Presidente da República Ramalho Eanes que decide não promulgar o Decreto Governamental referente à extinção da ANOP.

2.2.4 – NP

O veto coincide com o arranque da atividade, em 01 de novembro de 1982, da NP, com natureza jurídica de sociedade cooperativa de responsabilidade limitada. De ressaltar, porém, que seis empresas que firmaram o contrato-promessa saem de cena, pelo que a escritura, celebrada em 25 de agosto, apenas acabaria por contar com 15 das 21 empresas iniciais ²⁸.

“Assim, passam a coexistir duas agências noticiosas: uma pública (ANOP) e outra privada (NP - Notícias de Portugal). Ambas são apoiadas, em bases financeiras iguais, pelo erário público, através de contratos de prestação de serviços. Ironicamente, o Estado passava a subsidiar não uma, mas duas agências, quando pretendia acabar com a estatal sob a premissa de que constituía um pesado fardo financeiro.

Os estatutos da NP, publicados em 21 de setembro de 1982, às portas do lançamento, definiam que tinha “por objeto principal a prestação de serviços de informação noticiosa, através da recolha e difusão de material informativo, nomeadamente de notícias e imagens para utilização nos meios de comunicação social nacionais e estrangeiros” e que o seu serviço noticioso privilegiaria “os aspetos mais relevantes da vida portuguesa – nomeadamente no que se refere à vida política, cultural, económica e científica, à religião e ao desporto – cuja difusão possa interessar à população de Portugal, das comunidades portuguesas e dos países de língua portuguesa”.

No que à independência jornalística diz respeito, os estatutos da NP prescreviam que “deverá atuar em todas as circunstâncias isenta de influência e considerações de natureza ideológica, política e económica que comprometam o seu rigor e objetividade”.

Inicialmente, contava com 25 jornalistas, dos quais 15 eram ex-funcionários da ANOP, sendo de destacar, no plano do noticiário no estrangeiro, a assinatura de contratos exclusivos que a NP assinou com duas agências internacionais de relevo: a Associated Press e a United Press International. Esta última, ao passar a distribuir os seus conteúdos apenas através da NP, interrompendo o serviço que então prestava à ANOP desferiu-lhe um importante golpe no serviço noticioso internacional.

A ANOP, naturalmente, como consequência do crescimento da NP em diversas frentes, vai definhando. E, no final de novembro, sofre mais um revés, quando o conselho de gerência da agência anuncia um despedimento coletivo que afetaria a maior parte dos funcionários.

²⁸ Os restantes seis – Primeiro de Janeiro, o Diário de Lisboa, a Gazeta dos Desportos, o Norte Desportivo, a Rádio Centro e os Telefones de Lisboa e Porto – decidiram não aderir à agência Notícias de Portugal (NP) como fundadores (Silva, 2002:28)

“Contudo, a definição da sua condição tardaria ainda. No restante tempo em que o Governo de Pinto Balsemão esteve à frente dos destinos do país – ou seja, até abril de 1983 –, ao que tudo indica por razões relacionadas com a instabilidade política que caracterizou este período e a proximidade de eleições legislativas, a situação da ANOP permaneceria inalterada e indefinida” (Silva, 2002:31).

A coexistência da ANOP e da NP reaparece na esfera política só depois do início do novo ciclo político em Portugal, marcado pela formação de um Governo de coligação entre o Partido Socialista e o Partido Social Democrata, liderado por Mário Soares. Em julho, um mês depois de ter tomado posse, sai de um Conselho de Ministros a decisão de que a melhor solução passaria por uma fusão das duas agências.

Em comunicado, o Governo diz ser “inadmissível a subsistência de duas agências noticiosas, dado a sua dependência de subsídios do Estado e os constrangimentos financeiros com que o país se debate”, adiantando que, “o mais tardar a partir de 1984, só despenderá o montante razoavelmente correspondente ao funcionamento racional e equilibrado de uma” e declarando então que a solução perfilhada aponta para a fusão, “após adequada negociação com os respetivos órgãos de gestão e representação dos seus trabalhadores” (*Ibidem*: 32). Contudo, essas intenções seriam frustradas pela agência NP que se opôs ao proposto, protelando mais uma vez uma solução para o problema e deixando, como entidade privada livre de expressar a sua oposição, o Governo de mãos atadas.

Entretanto, um ano vovera desde o arranque da NP, com mostras de evolução. “Embora não escapasse às críticas de alguns dos órgãos de comunicação social seus cooperantes, que consideravam a qualidade do seu serviço aquém das expectativas e deficiente em relação ao produzido pela sobrevivente ANOP, a NP tinha progredido. Produzira um total de 19,9 milhões de palavras, o que significava uma média diária de 50 mil palavras, distribuía o seu serviço para mais de noventa por cento dos órgãos de comunicação social de relevância nacional e havia iniciado a primeira fase do processo de informatização da agência” (*Ibidem*: 33).

Uma vez gorada a investida do Governo este acabaria, no início do ano seguinte por formalizar a coexistência. A resolução do Conselho de Ministros publicada em 26 de março de 1984 assim o determinara. Revelando-se a fusão “impossível”, “dada a natureza privada de uma delas e a oposição que, no uso de um legítimo direito, viria a mover essa solução”, surge “a necessidade de reverter à situação de coexistência das duas agências, solução que, tendo defeitos, não deixa de ter o mérito de proporcionar uma concorrência emulativa entre ambas, de que é lícito esperar um certo aprimoramento da qualidade do serviço por elas prestado”. Uma solução que, de resto, “desde que criteriosamente conduzida, acabará por não custar ao Estado, a preços

correntes, significativamente mais do que vindo sendo despendido com a ANOP antes da criação da NP”²⁹.

Reconhece ainda o Governo, porém, que “nem a ANOP nem a NP, nem ambas, no período que coexistiram, lograram desempenhar, em toda a sua desejável extensão, o importante papel que delas se esperava, designadamente o de servirem de canal comunicante de notícias nos dois sentidos, entre o centro e as regiões e entre Portugal e os novos países de expressão portuguesa, por um lado, e as comunidades emigrantes portuguesas, por outro”³⁰. Em paralelo à resolução, foi declarada a situação económica difícil pelo prazo da ANOP, bem como o saneamento financeiro da empresa e alteração da sua estrutura e estatutos.

“Apesar do saneamento financeiro, a ANOP não lograria a sustentabilidade e, ainda em outubro de 1984, o Estado atribuir-lhe-ia uma polémica verba suplementar” para prosseguir com a reestruturação, pagar indemnizações aos trabalhadores despedidos e liquidar parte das dívidas a agências estrangeiras (Silva, 2002:35). A NP também não escapou a constrangimentos financeiros, sentidos no início de 1985, com planos para reduzir custos a terem direto impacto internamente ao conduzirem nomeadamente a demissões.

Não obstante as dificuldades financeiras, este período revelou-se importante para as duas agências que, ainda com um significativo atraso, rumavam à reconversão tecnológica, com o processo de informatização dos seus sistemas. Considerando que a coexistência de facto – formalizada dois anos antes – se havia tornado “extremamente dispendiosa”, não tendo, por isso, correspondido minimamente às pretensões que estiveram na sua génese, o Governo de Cavaco Silva decide retomar as conversações com as direções da ANOP e da NP para um acordo que viabilize a existência de uma única agência (*Ibidem*: 36).

A 01 de agosto de 1986 é assinado então um protocolo que determina a extinção da ANOP e a alteração da personalidade jurídica da NP, a partir da qual seria criada uma única agência, revestindo “a estrutura de cooperativa de utilidade pública, de responsabilidade ilimitada, agrupando o Estado e os utentes dos serviços informativos (através da entidade – ex-agência – Notícias de Portugal), cada qual com 50 por cento do capital social”, como explica Silva, (2002: 37) ainda que o facto de o Estado deter metade do capital tenha gerado reservas manifestadas nomeadamente pelo Sindicato dos Jornalistas e grupos parlamentares da oposição quanto a uma inequívoca independência da agência.

A resolução que autoriza a constituição de uma única agência noticiosa de âmbito nacional foi publicada em 28 de novembro e dita nomeadamente que “para a realização de um serviço público de interesse nacional, o Estado

²⁹ Gabinete para os Meios de Comunicação Social (2014). Resolução do Conselho de Ministros n.º 20/84 - Declaração da Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP) em situação económica difícil (Histórico). GMCS, acedido em 02 de maio, 2015, em <http://www.gmcs.pt/pt/resolucao-do-conselho-de-ministros-n-2084-declaracao-da-agencia-noticiosa-portuguesa-anop-em-situacao-economica-dificil-historico>

³⁰ *Ibidem*

celebrará contratos-programa plurianuais com a cooperativa de interesse público”³¹.

A escritura da nova agência – a Agência LUSA - Cooperativa de Interesse Público de Responsabilidade Limitada”, abreviadamente, “Lusa”, é assinada em 12 de dezembro.

2.2.5 – Lusa

A Lusa inicia a sua atividade em 01 de janeiro de 1987. Tornara-se, assim, na única agência de notícias de Portugal, num cenário que perdura até aos dias de hoje, depois de declarada a extinção da ANOP.

Às zero horas desse dia, inaugura o serviço noticioso, distribuindo a todos os seus clientes um comunicado, informando que, a partir daquele momento, lhe passa a caber “a responsabilidade de elaborar e de distribuir um serviço noticioso nacional e internacional à rede geral de utentes da ANOP e da NP”³².

Concomitantemente, a Lusa herda não apenas o património, incluindo as instalações, os serviços, mas também os funcionários – e até as críticas – das duas agências precedentes, arrancando com 240 trabalhadores, dos quais 170 jornalistas.

O primeiro ano de vida, como descreve Silva (2002), foi “mal-aventurado” e conduz, logo no início de 1988, a uma remodelação da estrutura interna da Lusa, com a saída da direção em funções e a entrada em campo de uma nova equipa para “dar um novo e melhor começo à agência”. Sinais de crescimento começam a verificar-se no princípio do ano seguinte, a começar, desde logo, pela inauguração de uma sede própria, em Lisboa, em janeiro. O serviço prestado, a funcionar 24 horas por dia, dividia-se em cinco setores (nacional, internacional, economia, comunidades/regiões e desporto), complementado por um centro de documentação e um serviço de fotografia nacional e internacional, o último por via da EPA³³, uma vez que, como membro, granjeava acesso a um gigante e diversificada plataforma mundial de distribuição de fotografias.

À medida que as dificuldades iniciais se ultrapassavam, a Lusa foi cimentado a sua posição. E, um ano depois do lançamento, cerca de 50% do noticiário nacional e 100% do internacional publicado pelos órgãos de comunicação social portugueses tinham o ‘carimbo’ da agência, segundo um estudo realizado pelo Instituto Progresso Social e Democracia citado por Sónia Silva, que acrescenta que, “ao nível internacional, o serviço noticioso difundido da Agência Lusa constitui a principal base de informação sobre Portugal, os

³¹ Gabinete para os Meios de Comunicação Social. *Resolução do Conselho de Ministros n.º 84/86 - Constituição da Agência LUSA*, GMCS, acedido em 01 de maio, 2015, <http://www.gmcs.pt/pt/resolucao-do-conselho-de-ministros-n-8486-de-28-de-novembro-arquivo>

³² LUSA, acedido em 02 de maio, 2015, em <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=historia>

³³ European Pressphoto Agency – fundada em 1985 por sete agências de notícias europeias, incluindo a então ANOP [\[http://www.epa.eu/\]](http://www.epa.eu/)

países africanos de língua oficial portuguesa e as comunidades portuguesas no estrangeiro”.

A toada de crescimento mantém-se nos anos seguintes, com melhorias quer do ponto de vista quantitativo como qualitativo, alargando o leque de correspondentes e delegações no estrangeiro e também, por conseguinte, a carteira de clientes, sem esquecer a aposta na modernização tecnológica.

No final de 1992, nas vésperas de assinalar seis anos de atividade, a Lusa publica um despacho sobre a sua própria história, praticamente contada em números, bem ilustrativo da sua expansão, em particular do ponto de vista internacional.

A par da vasta rede em Portugal – com delegações no Porto, Coimbra, Setúbal, Faro, Ponta Delgada e Funchal e correspondentes em todas as capitais de distrito –, a Lusa contava já então com uma importante presença na África de expressão portuguesa (delegações em Maputo, Bissau, Cidade da Praia e Luanda e um correspondentes em São Tomé e Príncipe). Neste particular, a agência destaca o feito de ter figurado como “o primeiro órgão de comunicação social português e a única agência ocidental a instalar-se na capital angolana”³⁴. Na África do Norte fazia-se representar através de uma delegação com sede na capital de Marrocos.

Além disso, dispunha também de um ‘Desk Ásia-Pacífico’, centralizado em Macau, que incluía delegados em Pequim, Hong Kong, Taipé e Tóquio, sendo que na Europa tinha um escritório em Bruxelas, a somar a uma rede de correspondentes permanentes nas principais capitais do velho continente (Madrid, Paris, Londres, Berlim, Roma e Estocolmo) e espalhados por outros pontos em todo o mundo: de Genebra, a Frankfurt, passando por Nova Iorque ou Washington, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Sydney, Telavive, até Argel e Goa.

Segundo o *take* da Lusa, publicado a 30 de dezembro de 1992, os mais de 200 jornalistas da agência produziam anualmente cerca de 110 mil notícias – ou seja, uma média de 80 mil palavras e distribuía já uma média diária de 120 fotos nacionais e internacionais.

Por contrato de prestação de serviços com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Lusa também dispunha de “uma rede de distribuição noticiosa via satélite junto das principais comunidades de emigrantes portugueses no estrangeiro”, um serviço “recebido em tempo real direta ou indiretamente por um total de 200 órgãos de comunicação social portugueses espalhados pelo mundo”. Em paralelo, mantinha uma “colaboração regular” com as agências AP (EUA), France-Presse (França), Efe (Espanha), ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), STP (São Tomé e Príncipe), NPG (Guiné-Bissau) e Inter-Tass (Rússia).

Em 1993, reconhecendo-se que estava “desatualizada”, a grande aposta dá-se no capítulo da reconversão tecnológica. A 06 de fevereiro, um despacho anuncia que, a partir de outubro, iniciar-se-ia a distribuição do seu serviço

³⁴ Cf.: LUSA (1992, dezembro 30). Agência Lusa/História: 110 mil notícias/ano, 80 mil palavras/dia, LUSA, acedido em www.lusa.pt

noticioso via satélite; abandonando a tradicional ligação telegráfica. “Trata-se de uma iniciativa considerada fundamental para futuro da Agência Lusa, colocando-a a par das principais agências noticiosas estrangeiras”, pode ler-se no *take*, no qual se relevavam vantagens como a distribuição “ao triplo da velocidade atual”, com “elevada qualidade e margem mínima de erro. Essa modernização também se traduziria na introdução de novos serviços através de telefone e videotexto – “mais específicos e vocacionados para públicos que, não pertencendo diretamente ao sector da comunicação social, necessitavam de uma informação contínua e permanentemente atualizada” (Silva, 2002:42).

Em 1995, a Lusa estreia-se no mundo da Internet, conduzindo as primeiras experiências para tirar o pulso às potencialidades do meio (*Ibidem*). O lusa.pt foi oficialmente registado como domínio em 03 de agosto, segundo António Granado ³⁵. E, no mesmo ano, aproveitando a realização de legislativas, cria um serviço – ainda que a título provisório – na Internet. “Conforme refere o jornal *Semanário*, ‘a principal atração deste serviço é um noticiário sobre a campanha eleitoral, elaborado pela Lusa e atualizado várias vezes por dia. (...) O serviço tem a vantagem de informar os emigrantes internautas, já que pode ser acedido de qualquer ponto do mundo onde haja um computador, um modem e uma linha telefónica” (*Ibidem*).

“Agência Lusa inaugura noticiário na Internet” – é o título de um despacho de 18 de setembro de 1995, no qual se indica que as informações relativas às eleições de 01 de outubro se encontravam disponíveis, em tempo real, “através da rede mundial de dados INTERNET”. “O Serviço Eleições Internet conta com as mais variadas opções como sejam as listas de partidos e candidatos, dados biográficos, fotos da campanha, zona exclusivas da Comissão Nacional de Eleições e do STAPE, um campo dedicado às origens da Assembleia da República e um elo de ligações a outros órgãos de comunicação social também já ligados à Internet (Público, TVI e Jornal de Notícias)”. Esse momento constituiu, aliás, um marco: “A atualização ‘online’ do fio de noticiário da campanha é feita pela primeira vez em Portugal através de uma interligação via satélite ao computador-servidor da Internet”.

A adesão definitiva à Internet só se consolida em 1996, com o Serviço Comunidades. Voltado, como o nome indica, para as comunidades portuguesas no estrangeiro era prestado gratuitamente ao abrigo de um protocolo estabelecido com o Ministério dos Negócios Estrangeiros ¹. Este precedeu um outro, fruto da cooperação com a Secretaria de Comunicação Social, direcionado para as rádios e jornais regionais e locais, fornecido a um preço inferior ao habitualmente praticado. E, antes de fechar o ano, a Lusa conquista mesmo um prémio de âmbito nacional pela sua página na Internet. Na altura, a Lusa produzia, uma média de 600 notícias diárias, cerca de um terço das quais destinadas às comunidades, e integravam os quadros 281 trabalhadores, dos quais 184 jornalistas.

³⁵ Granado, António, (2002). *Os media portuguesas na Internet*, acessado a 23 de novembro, 2014, em <http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>

Contudo, o balanço do primeiro decénio, no que a contas diz respeito está longe de ser positivo, com a acumulação de prejuízos, como resultado nomeadamente da aposta na modernização tecnológica, uma situação que, em 1997, culminou numa falência técnica. Para resolver o problema, o Governo saneia financeiramente a empresa, aumenta o capital e transforma a cooperativa de interesse público numa sociedade anónima detida maioritariamente por capitais públicos. E, por escritura lavrada, a 19 de dezembro de 1997, a Agência Lusa de Informação passa a denominar-se (até hoje) Lusa – Agência de Notícias de Portugal S.A.

No início de 2000, é criada, por decreto, a Portugal Global, SGPS, uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos destinada a gerir as participações do Estado na RTP, RDP e Agência Lusa, a qual viria a ser extinta em 2003. A aposta nas novas tecnologias, na diversificação de conteúdos, nomeadamente por via de novos serviços, e a adesão ao desafio da convergência multimédia marcaram os anos seguintes da agência Lusa. E, em 2002, em tempos em que abrir um portal na Internet era notícia, destaca-se precisamente a criação de um novo *site* em que, “pela primeira vez, se encontram disponíveis todas as notícias, tanto de atualidade como de arquivo”, com o público em geral a ter agora acesso livre a um conjunto mais vasto de notícias, no ‘Jornal Lusa’, e os clientes, além dos pacotes que já subscreviam, a terem novas opções em serviços noticiosos à medida das suas necessidades”. E, no ano seguinte, por exemplo, inicia a distribuição de notícias através de alertas SMS nos telemóveis de um dos operadores móveis (a então TMN).

Em 2004 a Lusa lança dois serviços – Lusa TV e Lusa Rádio – e “completa o seu papel”, ao passar a fornecer texto, fotografia, som e imagem, produtos que que a transformam “na maior e melhor agência noticiosa de língua portuguesa”³⁶. Já o ano de 2007 “caraterizou-se por quatro fatores dominantes: a assinatura de um novo contrato de prestação de serviço público com o Estado, a entrada em funcionamento de um novo sistema de produção, a consolidação do projeto editorial e a manutenção dos resultados positivos”³⁷.

Essa nova plataforma integrada para a gestão de conteúdos – o LUNA (LUSA News Asset) – que entrou em funcionamento em 20 de maio – constituiu um “marco importante na vida agência, por vários e importantes motivos”, nomeadamente porque se tratou de “um passo importante na estratégia multimédia”, dado que “tornou possível a produção, distribuição e arquivo de conteúdos compostos (texto, fotografia, áudio e vídeo), permitindo assim abranger outros segmentos de mercado”, substituindo cinco sistemas diferentes que funcionavam isoladamente.

Em termos editoriais, e no ano em que assinalou duas décadas de existência, destacou-se a criação da Editoria Lusofonia e ainda a descentralização em prol de algumas delegações nacionais. Já 2008 pautou-se

³⁶ Cf. Lusa (2004, março 31). Agência Lusa inicia serviço de som e texto para rádios, acedido em www.lusa.pt

³⁷ Lusa (2008). Relatório e Contas 2007. Acedido a 22 de abril, 2015, em http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/lusa_relatorio_contas2007.pdf

pela consolidação dos objetivos estruturantes de operação da agência a curto e médio prazo em três domínios: melhoria da situação económica e financeira; afirmação do seu projeto editorial e desenvolvimento tecnológico. “Foi o ano da consolidação da rede de cobertura noticiosa da Agência, em Portugal, na Europa e no mundo lusófono. E, sobretudo, foi o ano do início operacional do projeto multimédia, base para a transformação progressiva da redação tradicional em redação multimédia (produtora de texto, foto, áudio e vídeo, através da capacitação profissional dos seus jornalistas para estas áreas) e para a criação de produtos comerciais verticais, ajustados à crescente presença da Internet”, lê-se no Relatório e Contas³⁸.

Ora, esse projeto entra, em 2009, na perspetiva da própria Lusa, em “velocidade de cruzeiro”. E, em consequência dessa estratégia de investimento, a agência detinha então como clientes “quase 100% do mercado de *sites* e portais que contém informação noticiosa em texto, foto e vídeo”³⁹. No mesmo ano, os títulos da Lusa fazem a sua “aparição” nas redes sociais Facebook e Twitter.

Não obstante a conjuntura económica adversa, 2010 foi para a Lusa o ano de consolidação de “mais um ciclo de modernização”. A adoção generalizada da convergência no processo produtivo de conteúdos noticiosos multimédia para múltiplas plataformas revelava-se um “sucesso”, aliás, reconhecido com o prémio de excelência e qualidade atribuído anualmente pela Aliança Europeia das Agências de Notícias⁴⁰.

Todavia, como observa Narciso (2011:3), “ao convergir para o digital, a Lusa teve de introduzir na redação as novas ferramentas de trabalho para produzir conteúdos multimédia, a direção impôs a polivalência funcional e deu formação profissional a todos os jornalistas da empresa”. Um esforço que Narciso, que foi formador dos jornalistas da Lusa, considera ter sido “desajustado” e que “não conseguiu vencer totalmente as resistências que surgiram no seio da redação”.

Assim, vive-se dentro da Lusa “o dilema de não se ter encontrado um modelo de trabalho que agrade à redação e a necessidade de continuar a progredir na área da multimédia, porque há a perceção clara de que o mercado tradicional está a morrer e se a agência não trilhar novos caminhos e não encontrar novas fontes de rendimento morre também, a prazo” (*Ibidem*).

Em maio de 2011, a agência apresenta-se com um novo rosto na Internet, com “grafismo renovado” que mantém o essencial da sua filosofia de só permitir acesso à totalidade dos conteúdos aos seus subscritores, mas revela mais dos conteúdos produzidos. O portal, “além de apresentar as principais notícias e uma seleção das fotografias do dia na página de rosto, detalha os vários

³⁸ Lusa (2009). Relatório e Contas 2008. Acedido a 22 de abril, 2015, em http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/lusa_relatorio_contas2008.pdf

³⁹ Lusa (2010). Relatório e Contas 2009. Acedido a 22 de abril, 2015, em http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/lusa_relatorio_contas2009.pdf

⁴⁰ Cf. Lusa (2010, outubro 15). Media: Convergência multimédia da Lusa ganha prémio europeu de excelência, acedido em www.lusa.pt

serviços que compõem hoje a Lusa com uma amostra de cada um deles. Vídeos, infografias, *slideshows*, que normalmente só são disponibilizados para os clientes da agência, podem ser vistos aqui por qualquer utilizador”⁴¹. Nesse mesmo ano, aliás de eleições, começa a discutir-se na possibilidade de privatização, tanto da Lusa como da RTP, na sequência da sua inclusão no programa do XIX Governo Constitucional, rejeitada categoricamente pelo Sindicato de Jornalistas⁴².

E, em novembro, o grupo de trabalho criado pelo Governo para estudar a definição do serviço público de comunicação social apresenta um relatório em que defende a reformulação do modelo institucional da Agência Lusa e a sua detenção pelos acionistas privados. Segundo o documento, seria seguido um modelo de gestão “muito comum noutros países” e “sem prejuízo de o Estado manter um contrato de prestação de serviços públicos e respetiva comparticipação financeira”⁴³.

Essa ideia da fusão seria afastada pelo ministro dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas, em fevereiro de 2013, quando afirmou: “Lusa é Lusa, RTP é RTP. Bem separados, bem diferentes, juntos a defender a língua portuguesa”.

Já 2012 foi um ano de “profundas transformações organizacionais, funcionais e editoriais”, mas também “um momento de sedimentação do perfil da agência de serviço público”. Uma delas teve que ver com o efetivo encerramento de três delegações (Coimbra, Évora e Faro), decidido em 2009, amplamente discutido na praça pública, sobretudo atendendo à forte oposição manifestada em diversas frentes, ainda que não tenha implicado nenhuma redução de postos de trabalho⁴⁴.

A Lusa foi também notícia quando introduziu mexidas em termos funcionais, fundindo a editoria de Cultura com a de Sociedade e a de Lusofonia com a de Internacional. A mudança no seio da editoria Cultura teve particular impacto, potenciado pelas opiniões que a viam como consentânea com o desinvestimento do Governo. Estas mexidas radicaram, segundo a agência, num dupla preocupação: a de potenciar as competências transversais dos jornalistas das editorias em causa e a de criar sinergias provenientes de uma melhor articulação entre os temas tratados.

Apresentou ainda cinco novos serviços para dar resposta a um universo diversificado de clientes, com o “Última Hora” a surgir à cabeça do novo conjunto⁴⁵. E, no verão, lança uma aplicação *iPad* gratuita, que reúne as principais notícias da agência, galerias de fotos e vídeos, “forma de comemorar 25 anos de

⁴¹ Cf. Lusa (2011, maio 11). Lusa: Novo site lançado hoje”, acedido em www.lusa.pt

⁴² Cf. Lusa (2011, maio 12). Media: Sindicato dos Jornalistas volta a rejeitar privatização da RTP e Lusa”, acedido em www.lusa.pt

⁴³ Cf. Lusa (2011, novembro 14). Media: Controlo da Agência Lusa deve passar para as mãos dos acionistas privados - Grupo de Trabalho, acedido em www.lusa.pt

⁴⁴ Lusa (2013). Relatório e Contas 2012, acedido a 22 de abril, 2015, em http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/lusa_relatorio_contas2012.pdf

⁴⁵ Cf. Lusa (2012, março 15). Media: Lusa apresenta cinco novos serviços aos seus clientes, acedido em www.lusa.pt

serviço público”⁴⁶. E, antes de 2012 fechar, voltaria às parangonas dos jornais e não pelos melhores motivos. Em causa, o anúncio de um corte na ordem de 30% no contrato programa inscrito na Proposta de Orçamento para o ano seguinte, que viria a desencadear uma série de protestos e conduzir a uma greve de quatro dias na agência.

Como não poderia deixar de ser, o exercício de 2013 da Lusa viu-se assim “fortemente influenciado pela conjuntura económica e social do país”, de que foi reflexo essa redução de 31,3% no valor do Contrato de Prestação de Serviço Noticioso e Informativo de Interesse Público, celebrado em 21 de dezembro de 2012, para vigorar no triénio 2013-2015. Mediante este contrato, a Lusa assumiu um conjunto de obrigações e foi determinada uma fórmula de remuneração, num montante a ser pago pelo Estado, em função dos serviços prestados.

Apesar das medidas de racionalização de custos, a Lusa regista, pela primeira vez em últimos dez anos, resultados operacionais e resultados líquidos negativos e sofre uma diminuição de cerca de 10% do número de jornalistas, com impacto negativo sobre o número de conteúdos distribuídos⁴⁷. Da reorganização, a rede internacional foi “a mais afetada”, ainda que, por outro lado, a agência tenha aumentado a sua presença noutros pontos do mundo (Luxemburgo, Genebra, Jacarta, Viena, Toronto).

O exercício de 2014 também foi fortemente influenciado pelo corte imposto pelo Estado no contrato de serviço público, levando a Lusa a ficar no “vermelho” pelo segundo ano consecutivo, com resultados líquidos negativos de 802.415,41 euros⁴⁸. Além da redação central em Lisboa, e três outras em território nacional (Porto, Ponta Delgada e Funchal) e oito no estrangeiro, a Lusa dispõe de uma rede de correspondentes em todos os distritos de Portugal e em cerca de 30 países em todo o mundo. Ao seu serviço tinha 264 trabalhadores (tal como em 2013), dos quais 209 (ou 79,16%) jornalistas, Do universo total, metade eram mulheres e metade tinha formação superior.

Nacional, Internacional, Economia, Lusofonia e Desporto apresentam-se como os cinco serviços base da agência que oferece ainda Fotografia, Áudio e Vídeo. Existe uma série de outros associados aos principais como Lusaweb (que ‘dispara’ a notícia direta e automaticamente para os portais subscritores), Última Hora, Comunidades, Regional ou Atualidade, sem esquecer um outro não menos importante: o da Agenda, que basicamente informa diariamente da previsão antecipada de cobertura de acontecimentos de foro nacional e internacional.

Também de salientar outros produtos pensados para clientes específicos, como o VIP, dirigido especialmente a gestores de empresas, instituições e grupos nacionais e internacionais. A agência oferece ainda um serviço noticioso em inglês – Lusa News – por via do qual distribui aos subscritores estrangeiros as mais importantes notícias.

⁴⁶ Cf. Lusa (2012, agosto, 21). Media: Agência Lusa lança aplicação iPad”, acedido em www.lusa.pt

⁴⁷ Lusa (2014). Relatório e Contas 2013, acedido a 22 de abril, 2015, em http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/lusa_relatorio_contas2013.pdf

⁴⁸ Lusa ([2015). Relatório e Contas 2014, acedido a 22 de abril, 2015, em http://www.lusa.pt/lusamaterial/PDFs/lusa_relatorio_contas2014.pdf

Em 2014, a produção editorial da Lusa ascendeu a 225.453 conteúdos únicos, ou seja, uma média diária de 618, traduzindo uma diminuição de 2,5% face ao exercício anterior. O texto ocupou um peso de 52,8%, seguido da fotografia (21,6%), dos conteúdos mistos (14,8%), do áudio (4,7%) e do vídeo (2,4%)⁴⁹. Em termos numericamente discriminados: distribuiu 118.986 notícias texto; 48.623 fotos; 10.685 áudios; 5491 vídeos, a somar a outros produtos, como SMS (1.602) ou gráficos/infografias (68).

A Lusa é detida pelo Estado português (50,14%), pelo grupo de comunicação Global Media – antiga Controlinveste – (23,36%), pela Impresa (Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A. (22,35%), pela NP (2,72%) e pelo jornal Público (1,38%). A RTP (0,03%, o Primeiro de Janeiro e a Empresa Diário do Minho (ambos com 0,01%) também detêm participações no capital da agência.

2.3 – Lusa e Lusofonia

A Agência Lusa sempre teve um papel indissociável do universo dos países de língua portuguesa, herdando das suas antecessoras um primeiro cordão umbilical decorrente da relação metrópole/colónias.

Mas, mesmo após a Revolução dos Cravos e conseqüente processo de descolonização, a história mostra que sempre fez por manter laços com as antigas colónias portuguesas em África que paulatinamente foram conquistando a independência. Esse mundo da Lusofonia conta também com Brasil e Timor-Leste, que completam a CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), bem como com Macau, pequeno território na China que Portugal administrou durante quatro séculos e meio até 1999.

Em termos de presença física, a agência Lusa continua a fazer-se representar em todos os países de língua portuguesa – com delegações e/ou correspondentes –, um preceito, aliás, constante do contrato-programa com o Estado que também determina que esteja em pontos do mundo onde existem comunidades de portugueses de maior dimensão, como sejam Canadá, Venezuela ou África do Sul.

Ao nível da oferta sobre ou de/para os países de língua portuguesa destaca-se nomeadamente a criação de um serviço, logo no início de 2001, destinado a clientes africanos (o ÁfricaNet), que resulta de uma seleção do noticiário produzido pela agência e cuja temática possa interessar a clientes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), nomeadamente aos órgãos de comunicação social, sem esquecer o Serviço Comunidades, explanado anteriormente.

Entre outras iniciativas destaque também, em 2006, para a criação da Editoria Brasil, em regime de *outsourcing* e um *site* com notícias em português do Brasil, reforçando-se a cooperação com o portal UOL, com a Agência Brasil (da entidade de serviço público Radiobras) e com o Conselho das Câmaras de Comércio Português no Brasil, num “esforço” que permitiu aumentar

⁴⁹ *Ibidem*

substancialmente a presença de noticiário português naquele país ⁵⁰. Já em 2010 lança para o mercado externo, com especial aposta no Brasil, um novo produto denominado Lusa@fonia, um *site* vedado ao público em geral ao contrário dos extintos Lusa Brasil e Lusa Ásia ⁵¹.

Além disso, como referido, em 2007 foi criada a Editoria Lusofonia fundada cinco anos depois dando origem funcionalmente à Lusofonia e Mundo – sendo de ressaltar, porém, que os serviços continuam a ser autônomos, isto é, a ser distribuídos separadamente. O serviço de Lusofonia dedica particular atenção às relações entre os diversos países que constituem a CPLP e às suas mais relevantes atividades nos cenários internacionais, uma vez que a cobertura da atualidade dos países de língua oficial portuguesa, das comunidades portuguesas em todo o mundo e de Macau foi, desde sempre, uma vocação assumida pela agência. Aliás, como se salienta no Livro de Estilo, adotado a 01 de outubro de 2012, “uma parte significativa da informação produzida e consumida no e sobre o espaço de língua portuguesa” tem precisamente como origem a agência Lusa.

Citado como exemplo recente dessa posição editorial pode ser o lançamento, em 11 de junho de 2015, do portal Dias da Independência, de acesso gratuito ⁵². “Com este ‘site’, a Lusa quer assinalar e contribuir para a compreensão de um dos períodos mais importantes da história de Portugal e desses seis países, traduzindo também a sua vocação pela Lusofonia”, afirmou o diretor de informação da agência, Fernando Paula Brito ⁵³.

Com conteúdos multimédia e interativos permite acompanhar os acontecimentos mais relevantes dos seus dias históricos de afirmação da independência e o percurso que os conduziu até à atualidade, bem como consultar as notícias produzidas diariamente pela Lusa sobre esses seis países que se tornaram independentes depois do 25 de Abril de 1974.

Cada país tem, sucessivamente, destaque na página de abertura do portal à medida que se aproximar a data evocativa da sua independência.

⁵⁰ Cf. Lusa (2006, maio 17). Media: Lusa apresenta em Brasília site de notícias no Brasil, acedido em www.lusa.pt

⁵¹ Cf. Lusa (2010, janeiro 9). Media: Lusa lança novo 'site' para o mercado brasileiro”, acedido em www.lusa.pt

⁵² Cf. Lusa (2015, junho 11). Agência Lusa lança 'site' Dias da Independência”, acedido em www.lusa.pt

⁵³ *Ibidem*

CAPÍTULO III – Lusofonia

“Acho importante questionar a ideia da lusofonia. E perceber que o conceito é plural: existem lusofonias”

Mia Couto ⁵⁴

3. – Conceito

Para melhor se compreender a “lusofonia” afigura-se pertinente recuperar uma série de teorias e cruzar perspetivas sobre um conceito aparentemente longe de reunir consensos. Etimologicamente “palavra compósita, abrangente e agregadora”, resulta da conjugação de duas palavras – uma que se reporta a Luso sinónimo de lusitano/Lusitânia, ou seja, português/Portugal; e fonia, proveniente do grego e se refere à língua oral (Sousa Galito, 2012:2), dizendo respeito, em termos genéricos, ao universo “de falantes de língua portuguesa à escala global”. Abraça os países de língua oficial portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, S. Tomé e Príncipe e Timor-Leste); e também inclui antigos territórios portugueses como Macau (China), Goa, Damão e Diu (Índia); e a diáspora (lusófonos e os seus descendentes) (*Ibidem*: 5).

Laranjeira (2002 *apud* Xavier, 2008: 2) entende a lusofonia como “a prática e a teoria de se aceitar que os falantes e escreventes de língua portuguesa constituem uma comunidade linguística, nela reconhecendo, por via da língua, uma herança comum e um projeto cultural, político e económico que poderá também ser, cada vez mais, comum de oito países independentes, mais comunidades de emigrantes espalhadas pelo mundo”; enquanto Moisés de Lemos Martins, Helena Sousa e Rosa Cabecinhas (2007: 309) falam de uma “construção extraordinariamente complexa”, de “um espaço geolinguístico altamente fragmentado”, de “um sentimento pleno de contradições”, de “uma memória de um espaço comum, para o bem e para o mal” e de “uma cultura múltipla e uma tensa história partilhada”.

Ora, se o significado linguístico “reúne supostamente um maior consenso”, o mesmo não se poderá dizer da “sua inter-relação com os contextos geográficos, políticos e institucionais e, particularmente, as condições históricas,

⁵⁴ Palavras do escritor em 2010 [\[http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,lusofonia-inflama-a-discussao,592905\]](http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,lusofonia-inflama-a-discussao,592905)

que surgem reinterpretadas na abordagem do conceito”, os quais “põem em confronto um conjunto de pensamentos e ideologias do qual resulta uma maior complexidade e mesmo conflitualidade de significações e avaliações a respeito da lusofonia” (Medeiros, 2005: 1).

Isabel Ferin Cunha (2007) evoca três principais aceções para o termo mais ou menos centradas em Portugal e nos seus desígnios políticos e económicos: “a ideia de lusofonia como local geográfico de países que falam a língua portuguesa; a convicção que existe uma identidade espiritual/cultural numa comunidade dispersa pelo mundo e a atualização da conceção de Portugal como centro do Império”. Esta última, postula a autora, “operacionaliza” as duas precedentes, reforçando a “vocalização privilegiada de Portugal como elo entre um centro – agora União Europeia – e as periferias, os países que falam português”.

Ora, o facto de Portugal figurar ao “centro” constitui o primeiro contributo para a corrente que identifica no termo lusofonia, total ou parcialmente, rasgos de neocolonialismo. E, se Rosário (2007) constata que “não é o termo em si que transporta ambiguidades, pois desde a altura das independências que se busca uma expressão consensual que designe a realidade emergente” e que a falta de consenso resulta antes “do défice epistemológico que, por consequência, não cobre as zonas cinzentas que os espíritos inquietos querem ver esclarecidas”; Margarido (2000 apud Medeiros, 2005: 10) releva precisamente o facto de “a invenção da lusofonia se ter feito através de uma espécie de amnésia coletiva em relação à violência que foi exercida sobre aqueles que, hoje, falam português”. Postula ainda que, para uma expansão da língua portuguesa, se deve refrear “o instinto de dominação” sob pena de se passar de um colonialismo político a um colonialismo linguístico (2007 apud Carballido, 2014:23).

Num artigo sobre a presença da lusofonia nos manuais de português língua estrangeira, Carballido (2014:23) – que ressalva não a interpretar como uma outra forma de colonialismo e se distancia das posições ideológicas de Margarido – nota, porém, que “algumas elites portuguesas continuam a fazer da língua portuguesa um símbolo de expansão, quando não de neocolonialismo. Um património que lhes pertence e do qual são os donos, os senhores e os patrões. Uma espécie de senhorio, no qual os outros partícipes são apenas condóminos”, naquilo que designa como um dos “desencontros” no espaço da lusofonia que colocam em causa o próprio reconhecimento e funcionalidade no plano internacional das políticas linguísticas.

Também invocando a visão luso-cêntrica, no particular, da história que aprendera nos bancos de escola no tempo do Estado Novo, onde não cabiam heróis moçambicanos mas apenas portugueses, Nataniel Ngomane (2012) atenta, desta feita num cáustico artigo, o significativo por detrás do conceito: “Lusófonos, é? Só se for no quadro do velho sonho imperial português do além-mar, ‘do Minho a Timor’. Felizmente, e que se saiba, tal sonho ruiu, desmoronando-se completamente com as independências das ex-colónias portuguesas”.

Como sintetiza Cristovão (2003), há assim quem deseje consolidar a lusofonia e quem lhe seja hostil: “Há quem a olhe sob ‘suspeita’ de uma ‘invenção meta-histórica’, como um sucedâneo neocolonialista do império

colonial perdido” [e] (...) os que acreditam nela e a constroem todos os dias, não só na descoberta do património linguístico e cultural comum e anexo, mas sobretudo na multiplicação de laços entre as instituições e grupos profissionais dos oito, em ações de cooperação, na valorização dos afetos”. Xavier (2008:2) adverte, porém, para um trio de falácias subjacentes ao conceito: “a da História em comum, a da Língua em comum e a da Cultura em comum” – considerando, nessa linha, “perigoso” uniformizar os países de língua portuguesa seja em que campo for.

Outros autores também se dedicaram a desconstruir a lusofonia. Para Maria Manuel Baptista, o termo “sinaliza e encobre em Portugal o lugar verdadeiramente ‘não dito’, uma espécie de espaço fantasmático da nossa cultura, apesar de paradoxalmente tanto se utilizar (2006). A mesma autora, num outro, sobre artigo sobre o conceito de lusofonia em Eduardo Lourenço, com reservas “claras e reiteradamente assumidas”, parte logo da ideia de que se trata de um conceito que é “bom para abandonar” porque “imagina designar e conter em si um espaço linguístico-cultural que teria desde logo como centro os ‘lusos’ ou os ‘lusíadas’, apesar de o discurso oficial, de intelectuais e políticos dos mais diversos quadrantes e formações, ser incapaz de assumir claramente, e sem hipocrisia, a não-inocência de tal conceito”. A este propósito, recupera as palavras “perfeitamente esclarecedoras” do filósofo (1999 *apud* Baptista, 2000): “Não sejamos hipócritas, nem sobretudo voluntariamente cegos: o sonho de uma Comunidade de Povos de Língua Portuguesa, bem ou mal sonhado, é por natureza – que é sobretudo história e mitologia – um sonho de raiz, de estrutura, de intenção e amplitude lusíada”.

A ideia subjacente ao raciocínio de Eduardo Lourenço é partilhada por José Gil, que acrescenta o adjetivo “grande” a ilusão, rejeita a ideia de se “formar um império da língua” e carimba de “mito” o conceito de lusofonia⁵⁵. Helder Macedo, outro grande intelectual português, também vê o termo lusofonia como um “absurdo” e como algo que “ninguém realmente entende o que significa”⁵⁶.

Nesta linha, contesta-se o sentido único que, não raras vezes, lhe subjaz, quando parte de um ‘pseudo-centro’ que esquece ou ignora o plural de ‘pseudo-periferias’ e não inclui nem aplaude as suas amplas diferenças, numa lógica assente no princípio de “Nós” e os “Outros”, ou seja, nos portugueses e, no caso em particular, nos antigos povos colonizados. Essa ideia transparece, aliás, das palavras de Helder Macedo quando afirma que “nós ainda temos o sentido um bocado imperialista da língua portuguesa”, pelo que se afigura “muito importante que os praticantes culturais de língua portuguesa percebam que se podem entender uns aos outros sem nenhum dominar”. “Se nós, em português, não formos capazes de entender a diferença entre o português e o angolano ou entre o brasileiro e o moçambicano, aí a língua torna-se impositiva e

⁵⁵ Cf. “Lusofonia: Mito e Ilusão”, entrevista a José Gil, *in* jornal Plataforma Macau, em 29/08/2014. [<http://www.plataformamacau.com/macau/lusofonia-mito-e-ilusao/>] Acedido em 04/04/2015)

⁵⁶ Cf. “. “A língua portuguesa vai ser preservada por razões culturais e políticas”, entrevista a Helder Macedo, *in* jornal Hoje Macau, em 24/03/2014

culturalmente colonialista, quando tem de ser o oposto”, ou seja, “tem de explodir em todas as direções e ser uma língua da diferença”⁵⁷.

Também, neste sentido, e lançando as premissas para um melhor entendimento, Eduardo Lourenço (1999 *apud* Fonseca, 2013) advogara, há mais de uma década, que “se queremos dar algum sentido à galáxia lusófona, temos de vivê-la, na medida do possível, como inextricavelmente portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, cabo-verdiana ou são-tomense”. Isto porque “o imaginário lusófono tornou-se, definitivamente, o da pluralidade e o da diferença, e é através desta evidência que nos cabe, ou nos cumpre, descobrir a comunidade e a confraternidade inerentes a um espaço cultural fragmentado, cuja unidade utópica, no sentido de partilha em comum, só pode existir pelo conhecimento mais sério e profundo, assumido como tal, dessa pluralidade e dessa diferença” (*Ibidem*).

Ora, essa esfera onírica – envolvente do conceito de lusofonia – aparenta estar, no entanto, a esbater-se, do ponto de vista de Carmén Maciel (2010:34) que lhe avista recentes pinceladas de realidade em distintas frentes: “Quer a nível da vontade política entre as instituições de topo dos países e espaços de língua portuguesa, quer a nível da prática cultural de base, a multiplicação de situações em que o termo lusófono surge para definir o desejo de convergência e de traçar metas de ação (nos mais variados campos) é uma realidade que tem vindo, nestas últimas décadas, a ganhar relevância”. Embora, por vezes, o percurso tenha sido “sinuoso”, a autora denota que o contexto atual mostra um número crescente de iniciativas – ainda que nem sempre convergentes – “que concorrem para a mobilização em torno de uma ideia: a consolidação de uma comunidade que os indivíduos, as instituições, os espaços e países de língua portuguesa sem que estes, apesar dos laços que os unem, percam as suas características nacionais e a sua personalidade própria” (*Ibidem*).

A lusofonia tem, contudo, sido, ao longo dos tempos, um conceito afeto mormente à relação triangular entre Portugal, Brasil e África (os ‘três anéis’ de que falava Eduardo Lourenço), feito compreensível pelo peso de que se revestem esses vértices. Não obstante, parece-nos oportuno recuperar os “três círculos” de Fernando Cristóvão para uma visão mais abrangente. Desde logo porque o primeiro – aliás, “nuclear dos três concêntricos” – integra as oito nações lusófonas (somando-se Timor, logo Ásia, ao triângulo), mas também “regiões que, pertencendo a outros Estados independentes, também se consideram lusófonas, sem prejuízo da sua outra identidade e fidelidades nacionais” (2003). Como exemplos, o autor elenca Galiza (Espanha), Goa (Índia), Macau (China) ou Casamansa (Senegal).

O segundo círculo, que envolve o primeiro, “é constituído pelas outras línguas e culturas de cada um dos oito países em que, naturalmente, se estabelece o diálogo e colaboração entre a língua e a cultura comuns e as outras línguas e culturas do país, com vista a estimulá-las e protegê-las, tanto nacionalmente, como internacionalmente”, enquanto o terceiro “é formado pelas

⁵⁷ Cf. Agência Lusa (2014, março 25). Português tem de ser “língua da diferença”, defende escritor Helder Macedo, acedido em www.lusa.pt

instituições, pessoas e grupos alheios aos países lusófonos mas que mantêm a nossa língua comum e com as culturas e literaturas lusófonas um diálogo de erudição, de amizade, de simpatia, de interesses vários”.

Este último inclui “milhares de pessoas de uma qualificação especial, de outros povos, línguas e culturas que se interessam por nós” (*Ibidem*), por se considerar que estes “lusófonos especiais, ou lusófilos, [estão] em condições de intensificarem o intercâmbio entre os nossos países e os seus, de outras línguas e culturas”. Neste âmbito, poderíamos identificar como exemplos o historiador britânico Charles Boxer, um dos maiores especialistas em assuntos ligados ao império português; a professora catedrática e crítica literária italiana Luciana Stegagno Picchio, que teve um papel determinante na difusão, promoção e divulgação da língua e cultura portuguesa e brasileira pelo mundo; ou ainda o professor, tradutor, ensaísta francês Paul Teyssier, que foi o autor da primeira gramática de português em França.

Historicamente, a ideia de lusofonia surge associada à gesta portuguesa, a partir do século XV, ficando plasmada depois na literatura, por via do Padre António Vieira ou de Fernando Pessoa. Essa noção também não dispensa, como assinala Martins (2004: 9), a revisitação do sonho luso-tropicalista de Gilberto Freyre, que emerge no Brasil desde os anos 30 do século passado e, em Portugal desde os 50, por muito que “o Estado Novo salazarista o tenha enredado num equívoco colonialista”, já que proporcionou argumentos ao regime para exaltar a “missão civilizadora” e a “vocação universalista” de Portugal e justificar a resistência aos ventos da mudança, da democracia e da descolonização”, alargando a África o postulado para a colonização portuguesa no Brasil⁵⁸.

Como explica Castelo (2011: 277), “as ideias força do luso-tropicalismo penetraram no imaginário nacional português. Desde, pelo menos, o último quartel do século XIX, na imprensa e no debate político em Portugal circulava a ideia de que os portugueses tinham uma especial vocação para lidar com os outros povos”, pelo que “Gilberto Freyre veio dar autoridade científica a essa convicção”.

⁵⁸ Cf. CPLP (2007). *Pensar, comunicar, actuar em língua portuguesa. 10 anos da CPLP | Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, acedido em 23 de março, 2015, em <http://www.cplp.org/id-2611.aspx>

Martins rejeita que o luso-tropicalismo ⁵⁹, que ganhara projeção internacional mas era fortemente contestado ⁶⁰, “se reduza a estereótipos”, “com a voz de quem manda a reinar sozinha por cima da cabeça dos países de expressão portuguesa” e releva “a valorização dos diferentes contributos – africanos, ameríndios, orientais, europeus – para a civilização comum luso-tropical, e também a noção de que a ‘unidade de sentimento e de cultura’ deve sobrepor-se a questões de soberania, podendo florescer no seio de uma entidade transnacional ou supranacional uma federação cultural com lugar para muitos Estados (2004: 11). “A figura de lusofonia deriva desta raiz luso-tropicalista, de que é, no essencial, a meu ver, uma recomposição. Num contexto pós-colonial, mas uma vez liberta da componente colonialista (...) convoca hoje uma comunidade transnacional, com propósitos político-culturais”. Assim, “‘O Novo Mundo dos Trópicos’, afinal *O Mundo que o Português Criou* para glosar Gilberto Freyre (1940) uma derradeira vez, não concebe mais na lusofonia novas combinações de raças e de culturas que tendam, na essência, ‘a conservar-se lusitanas’, como o formulou o luso-tropicalismo (...) [antes] é convocado hoje a exprimir-se com o denominador comum de uma mesma língua. No território imaginário das culturas, é deste modo que eu entrevejo o sonho lusófono” (*Ibidem*: 11-12).

Em suma, como sintetizam Martins, Rosa Cabecinhas, Lurdes Macedo & Isabel Macedo (2014), “o conceito de Lusofonia tem uma genealogia e uma história; remete para um conjunto de representações, umas que privilegiam idealizações, outras que o estigmatizam; tem servido aproveitamentos políticos e ambições económicas, do mesmo modo que alimenta proveitosas aproximações entre artistas, empresários e académicos”. Assim, “espartilhada entre uma nostalgia lusocêntrica, que teima em sonhar impérios, e uma crítica pós-colonial, que procura plataformas de entendimento no presente e para o futuro, a Lusofonia parece-se, por um lado, a equívocos e a simplificações, bem como, por outro lado, a formulações promotoras do diálogo intercultural”, sendo nesse panorama que “se desconstroem e reconstroem os [seus] significados”.

⁵⁹ Teoria que pode ser sintetizada na ideia de que os portugueses fizeram uma colonização diferente dos outros Europeus, de que têm características próprias que levam a um melhor relacionamento com o Outro não europeu e de que se adaptam facilmente a novos ambientes (Cunha, 1997), já que, para Freyre, “dois séculos de presença colonizadora lusa no Brasil teriam sido um sucesso baseado na especial aptidão lusa para se adaptar aos trópicos, alicerçando-se o saber luso na mobilidade, na miscibilidade e na facilidade com que o português se aclimatara ao mundo tropical, de modo que esse processo, no seu conjunto, podia ser descrito como um equilíbrio entre antagonismos” (Medina: 2000: 52)

⁶⁰ “Mário Pinto de Andrade (fundador do MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola), sob o pseudónimo de Buanga Fele, foi o primeiro a denunciar as generalizações em que repousa a doutrina luso-tropical e o desinteresse que Freyre revela pelos aspetos políticos e económicos do colonialismo”; “o historiador inglês Charles Boxer também veio mostrar que “as relações raciais no império colonial português não apresentaram, invariavelmente, o quadro de integração harmoniosa que o luso-tropicalismo fazia supor”, já que “os portugueses, tal como os outros colonizadores europeus, foram profundamente racistas [e] os preconceitos e a tensão racial existiram em todos os territórios sob soberania portuguesa” (Castelo: 2011: 275-276)

Assim, com “quase tudo dito” sobre a lusofonia falta apenas “fazê-la” (Miguel Real, 2012 *apud* Sousa, 2013: 3).

3.1 – A CPLP

A ideia de avançar formalmente para a constituição de uma comunidade de países e povos que partilham a língua portuguesa – “nações irmanadas por uma herança histórica, pelo idioma comum e por uma visão compartilhada do desenvolvimento e da democracia” – foi “sonhada por muitos ao longo dos tempos”⁶¹. Foi, porém, na década de 1980 que efetivamente começou a ganhar forma, com a vontade expressa pela diplomacia portuguesa de “tornar mais consistente e descentralizar o diálogo [então apenas] tricontinental dos [então] sete países de língua portuguesa” por via nomeadamente de cimeiras rotativas, consultas políticas frequentes ou encontros ministeriais regulares, bem como pela criação de um grupo de língua portuguesa no seio da União Interparlamentar⁶².

O “decisivo impulso” tem lugar às portas dos anos 90, com o primeiro passo concreto para o projeto de uma comunidade de países de expressão portuguesa ser dado no primeiro encontro dos Chefes de Estado de e de Governo de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, a convite do Presidente do Brasil, José Sarney, anfitrião da cimeira de líderes, altura em que se deliberou a criação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP). No segundo encontro, em fevereiro de 1994, os sete ministros dos Negócios Estrangeiros, novamente reunidos no Brasil, decidem recomendar aos respetivos Governos a realização de nova cimeira para adotar o ato constitutivo da CPLP.

No âmbito dos preparativos, foi formado um grupo de concertação permanente, com sede em Lisboa, então única capital com embaixadas de todos os países. O trabalho foi vertido em dois documentos, adotados posteriormente: a Declaração Constitutiva e os Estatutos da CPLP. Em junho de 1995, os chefes de diplomacia dos sete voltam então a reunir-se, renovam compromissos e acordam recomendar nova cimeira para o final do primeiro semestre do ano seguinte, em Lisboa, precedida de um encontro ministerial, em abril, em Maputo.

Em 17 de julho de 1996, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) conhece finalmente a luz do dia, no encontro na capital portuguesa que reuniu os chefes de Estado e de Governo dos então sete países. Um feito que “consolidou uma realidade já existente, resultante da tradicional cooperação Portugal-Brasil e dos novos laços de fraternidade e cooperação que, a partir de meados da década de 1970, se foram criando entre estes dois países e as novas nações de língua oficial portuguesa”⁶³.

⁶¹ CPLP (s/d). Histórico – Como surgiu? *CPLP*, acedido a 23 de fevereiro, 2015, em <http://www.cplp.org/id-2752.aspx>

⁶² *Ibidem*

⁶³ *Ibidem*

Como realça Cunha (2007), a constituição da CPLP impôs-se, a par com a reforma de organismos vocacionados para a cooperação, de que é exemplo o Instituto Camões, como uma das muletas para os “desígnios da política portuguesa para a lusofonia”, no particular, dos governos liderados por António Guterres (1995-99; 99-2001), um caminho que começara, porém, a ser trilhado antes, com programas e discursos oficiais a projetarem uma política onde os Media puxariam a Cultura, que “introduz uma visão de identidade lusófona fundada na perspetiva da cultura de massas [quando até aqui estava associada às elites], veiculada pelos meios de comunicação públicos portugueses, como a RTP e a RDP África”, no quadro das reformas levadas a cabo pelos governos liderados por Cavaco Silva (1987-91; 1991-95) (*Ibidem*).

A palavra “lusofonia” não entra, porém, na Declaração Constitutiva da CPLP, apesar de existir, a par de “lusófono”, desde 1950 e de a sua utilização ser pós-colonial (Sousa, 2013: 2). Talvez por ser do senso comum a relutância relativamente ao termo, sobretudo no seio dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) ⁶⁴.

Em 2008, o próprio secretário executivo da organização, o embaixador cabo-verdiano Luís Fonseca, qualificava o termo de “restritivo” por ser passível de gerar sentimentos de exclusão, em particular, nos países onde existem grandes faixas da população que não utilizam o português. Dando o exemplo de Moçambique, onde apenas 30 a 40% da população utiliza o português, questionava: “Os outros 60% que não o utilizam são ou não lusófonos?” ⁶⁵ Assim, defendia a necessidade lhe ser agregado um conjunto de “outros valores” para uma maior aceitabilidade.

Também para Fontes (2005: 351), a delimitação formal feita segundo o critério da CPLP, reunindo os países de língua oficial portuguesa, parece “insuficiente”, embora seja, “com certeza, um ponto de partida para alcançar o objetivo final de reconhecer esta identidade a um conjunto de pessoas que nela, eventualmente, têm um interesse direto e imediato e em atribuir uma ‘nova’ cidadania juridicamente titulada”. Neste sentido, defende que dois critérios ajudarão à delimitação do universo a alcançar: um institucional – correspondente à delimitação feita pela CPLP – e outro histórico, “apelando a outras comunidades de cultura portuguesa, cujos povos não têm uma representação e uma base territorial”.

Ciente da celeuma, a própria CPLP baliza os universos: “A confusão entre os conceitos de ‘Lusofonia’ e de Comunidade dos Países de Língua Portuguesa tem estado na origem de muitas polémicas e a utilização do português como o idioma oficial necessita de ser esclarecida. Esta é a condição inultrapassável para pertencer à CPLP”, refere o organismo numa publicação pelo décimo aniversário, deixando claro que “o universo da Lusofonia não coincide sempre com as fronteiras da CPLP e esta, por sua, vez inclui povos e comunidades que não têm o português como língua materna”. É neste contexto, aliás, que surge o

⁶⁴ Editorial do Jornal de Angola (2013, outubro, 21). Adeus lusofonia, acedido em 22 de março, 2015, em http://jornaldeangola.sapo.ao/opiniao/editorial/adeus_lusofonia

⁶⁵ Agência Lusa (2008, julho, 16). CPLP: Lusofonia é conceito ‘restritivo’ e gera sentimentos de exclusão - sec. Executivo, acedido em www.lusa.pt

estatuto de Observador Associado ⁶⁶, que “abriu uma janela de oportunidade para o eventual ingresso de Estados ou regiões lusófonos que pertencem a Estados terceiros, mediante acordo com os Estados-membros” ⁶⁷.

Firmada pelos sete (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe), a Declaração Constitutiva da CPLP foi o culminar de um movimento que, “do universo das nações que partilharam com Portugal século de um passado feito História, só uma parecia reunir as condições ideais para desencadear: o Brasil” (Fontoura, 2002: 5). Afinal, um ressentimento face ao “inimigo da véspera” permanecia latente, pese embora os esforços de quem não desistiu de “meditar nas vantagens da reconstrução de um espaço histórico-cultural, partilhado e enriquecido por todas as nações livres que se expressavam em português”. Ora, apesar das investidas para um reaproximar, que vieram a derivar numa “consolidação das novas relações”, tal “não pareceu, no entanto, suficientemente legitimador de qualquer proposta que resultasse da iniciativa do Estado português” (*Ibidem*). Esta ideia surge pelo menos parcialmente corroborada por todos aqueles que reconhecem o trabalho envidado pelo então embaixador do Brasil em Lisboa, José Aparecido de Oliveira, referenciado como o mentor e/ou idealizador do projeto ⁶⁸.

“Consolidar a realidade nacional e plurinacional que confere identidade própria aos países de língua portuguesa, refletindo o relacionamento especial existente entre eles e a experiência acumulada em anos de profícua concertação e cooperação” e “encarecer a progressiva afirmação internacional do conjunto dos países que constituem um espaço geograficamente descontínuo mas identificado pelo idioma comum” figuram como dois dos “imperativos” inscritos na Declaração Constitutiva que reafirma a língua portuguesa como um “vínculo histórico e um património comum resultantes de uma convivência multiseular”. A concertação político-diplomática, nomeadamente para o reforço da sua presença no cenário internacional, e a cooperação em todos os domínios – da educação, à saúde, passando pela defesa ou justiça, até ao desporto, cultura e comunicação social – edificam os objetivos gerais da CPLP.

Organicamente, nasceu com quatro instâncias – Conferência de Chefes de Estado e de Governo, Conselho de Ministros, Comité de Concertação Permanente e Secretariado Executivo –, posteriormente aumentadas nomeadamente com revisões estatutárias. Destaca-se a inclusão como órgão adicional o IILP, “esse grande desconhecido” ⁶⁹, criado no papel em 1989, com a missão de garantir o enriquecimento, a defesa, a promoção e a difusão da língua

⁶⁶ Criado em julho de 1998. Em 2005, foram estabelecidas as categorias de Observador Associado e de Observador Consultivo [\[http://www.cplp.org/id-2765.aspx\]](http://www.cplp.org/id-2765.aspx)

Em 2005, no Conselho de Ministros da CPLP reunido em Luanda, foram estabelecidas as categorias de Observador Associado e de Observador Consultivo

⁶⁷ Cf. CPLP (2007). Pensar, comunicar, actuar em língua portuguesa. 10 anos da CPLP | Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, CPLP, acedido em 23 de março, 2015, em <http://www.cplp.org/id-2611.aspx>

⁶⁸ TSF (2007, outubro 20). Morreu Aparecido de Oliveira, impulsor da CPLP, acedido em 24 de março, 2015, em http://www.tsf.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=822270

⁶⁹ CPLP (2007). Pensar, comunicar, actuar em língua portuguesa. 10 anos da CPLP | Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, acedido em 23 de março, 2015, em <http://www.cplp.org/id-2611.aspx>

portuguesa. Em termos estruturais, sofreu dois alargamentos durante a sua jovem história. Primeiro, em 2002, com a adesão de Timor-Leste, após a conquista da independência, que veio estender o braço da CPLP de três para quatro continentes, ao incluir a Ásia, e, posteriormente, em 2014, com a entrada altamente controversa da Guiné Equatorial, ao fim de uma década de aproximação que, na perspetiva de muitos, veio dividir *de facto* o mundo lusófono, no ano em que o bloco atingiu a maioria ao completar 18 anos de existência.

Não só, mas também por isso, a cimeira de julho de 2014, em Díli, a primeira sob a presidência de um país asiático, marcou um ponto de viragem na CPLP, cada vez mais focada na cooperação económica e empresarial. Essa “lusofonia económica” tem, aliás, vindo a ser defendida, em várias frentes, por diferentes interlocutores, como uma das maiores oportunidades no seio do bloco, que representa atualmente 4% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial⁷⁰. Com a mira apontada aos negócios, apresenta-se especialmente atrativo o setor energético. Cientes disso mesmo, os líderes acordaram, a título de exemplo, o estabelecimento de um grupo de trabalho com vista a um consórcio petrolífero para a exploração e produção conjunta de hidrocarbonetos no perímetro da CPLP. Estima-se que o bloco, no seu conjunto, ocupe já hoje o 7.º lugar no ranking mundial dos produtores de hidrocarbonetos e que, em 2025, venha a ascender ao 4.º posto⁷¹. Dos nove membros, quatro são produtores de petróleo: Brasil, Angola, Timor-Leste e, agora, também a Guiné Equatorial.

Ora, apesar de a língua ter vindo a ser relegada para segundo plano e/ou excluída da agenda de cimeiras, um dos aspetos mais controversos a ela afetos – o Acordo Ortográfico (AO) – foi recentemente reavivado. O incidente de contornos protocolares veio colocar em evidência que se trata de um assunto por resolver no seio da CPLP e que o português no seio da organização enfrenta obstáculos à luz do princípio de que figura como elo aglutinador de países e povos, dado que nem todos os membros da CPLP o ratificaram. Foi, neste contexto, que exigências de Angola e Moçambique obrigaram à alteração da ata final da XIV Conferência dos Ministros da Justiça da CPLP, em Díli, em finais de junho de 2015, para incluir, ao longo de todo o texto, as duas grafias para o termo.

Esta solução visou evitar a alternativa inicialmente apresentada que seria a de elaborar duas atas, com as duas grafias distintas, um com “c” (anterior ao AO) e outra sem, a qual fora rejeitada por Portugal, Cabo Verde, Brasil e São Tomé e Príncipe, por considerarem que não faria sentido numa comunidade que fala a mesma língua e que daria “armas” aos que contestam a CPLP, sendo, por isso, prejudicial⁷². O critério usado nas cimeiras de chefes de Estado e de Governo, por exemplo, tem sido o de recorrer à grafia usada no país onde

⁷⁰ Agência Lusa (2014, fevereiro, 24). CPLP: Riqueza conjunta pode chegar a 10% do PIB Mundial em 15 anos - Salimo Abdula, acedido em www.lusa.pt. NB: Dados excluem Guiné-Equatorial

⁷¹ Agência Lusa (2015, maio, 27). Energia é um setor estratégico para o futuro da CPLP - Rui Machete”, acedido em www.lusa.pt

⁷² Cf. Agência Lusa (2015, junho 23). O debate sobre o AO que obrigou a uma ata (acta) da CPLP com duas grafias, acedido em www.lusa.pt

decorre a reunião, pelo que se esse preceito tivesse sido atendido no particular, a ata cumpriria a nova grafia, uma vez que o AO foi já ratificado por Timor-Leste.

Apesar de o AO (1990) ser uma questão precedente à CPLP encontra-se umbilicalmente ligada a ela. Um mês antes do incidente – quase caricato –, a diretora-executiva do IILP, Marisa Mendonça, afirmou, porém, não estar em causa em nenhum dos países lusófonos, sob o argumento de que cada um tem ritmos e recursos diferentes⁷³. É, no entanto, conhecida a forte contestação ao AO por diversos setores do bloco lusófono, tendo surgido mesmo pedidos de revogação, suspensão ou revisão do documento que também causou divisões por não incorporar "especificidades" linguísticas de cada um dos Estados-membros da CPLP.

Face ao exposto, este desacordo relativamente ao AO no seio da CPLP assemelha-se ironicamente contraditório. É que se, por um lado, estamos diante de uma organização que ambiciona tornar o português, quinto idioma mais falado do mundo, numa das línguas oficiais das Nações Unidas, por outro, mostra ela própria ter ainda caminho a percorrer até à conquista de uma língua "una" na diferença.

3.2 – Os Estados-membros

Para melhor se compreender o bloco, que junta realidades tão diversas, num espaço descontínuo em que o português constitui património comum de um universo atual de aproximadamente 250 milhões de pessoas – segue-se uma exposição de cada um dos nove Estados-membros da CPLP.

3.2.1 – Angola

Oficialmente República de Angola, situa-se na costa ocidental de África, tem uma área de 1.246.700 km² e faz fronteira com a República do Congo, República Democrática do Congo, Zâmbia e Namíbia.

Tem como capital Luanda e a língua oficial é o português, além de outras nacionais (dialetos), incluindo-se no grupo das mais faladas o umbundo, kimbundo, kikongo e tchokwé.

Detém uma grande diversidade de recursos naturais – estimando-se que o subsolo tenha 35 dos 45 minerais mais importantes do comércio mundial, como petróleo, diamantes e gás natural, sem esquecer grandes reservas de fosfato, ferro, manganésio, cobre ou ouro e uma grande produção pecuária. A cultura do café e o petróleo representam 90% das exportações. Detém um potencial turístico representado por um património natural rico em flora e fauna

⁷³ Agência Lusa (2015, maio 26). Acordo ortográfico não está em causa em nenhum país da CPLP – Instituto da Língua Portuguesa, acedido em www.lusa.pt

diversificado. Angola conta com uma população estimada em 24,3 milhões de pessoas, metade das quais mulheres e tem como moeda oficial o kwanza ⁷⁴.

A sua história como nação independente começa a contar-se a partir de 11 de novembro de 1975, culminar de uma intranquilidade que desponta com o aparecimento dos primeiros movimentos nacionalistas, formados em organizações políticas a partir da década de 1950, os quais promovem campanhas diplomáticas pelo mundo inteiro pugnando pela independência ¹⁶. Em 1961, um rol de acontecimentos marcam um ponto de viragem no destino de Angola, mas também das outras colónias (ou províncias ultramarinas) de Portugal em África, destacando-se a rebelião iniciada pelos militantes do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) em Luanda, a 04 de fevereiro e os violentos ataques iniciados pela UPA (União das Populações de Angola) – posteriormente denominada FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) – no norte do país, em 15 de março, data que ficaria como a do começo da Guerra Colonial. Anos mais tarde, já com a presença da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), começa uma luta armada pelo poder ⁷⁵.

O MPLA, fundado em 1956, no poder desde a sua independência do país, saiu vencedor da guerra civil (1975-2002) contra os dois movimentos/partidos adversários: UNITA e FNLA. A paz é finalmente consolidada a 04 de abril de 2002 por via dos acordos assinados no Luena (Moxico), uma das maiores conquistas desde a independência, que colocou um ponto final a um período que deixou milhares de deslocados, de mutilados e de órfãos, tendo esse dia sido instituído feriado nacional. Do MPLA saíram, aliás, os únicos dois Presidentes que Angola conheceu até hoje. O primeiro foi Agostinho Neto e o segundo e atual, José Eduardo dos Santos, que se tornou, aquando da sua investidura, em 1979, o mais jovem chefe de Estado do Continente africano.

Em termos económicos, o PIB de Angola estava estimado em 131.407 milhões de dólares, correspondendo a riqueza *per capita* a 6.127 dólares. Depois de, em 2014, ter crescido 4,2%, a economia angolana deve acelerar para os 4,5% este ano, mas abrandar em 2016, de acordo com as previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI). A fatura da descida dos preços do petróleo vai assim fazer-se sentir de forma mais acentuada em 2016, ano em que vai ficar-se pelos 3,9%, bem abaixo da média de 5,2% dos exportadores de petróleo da região. Tendência encetada no verão passado, a queda dos preços do petróleo tem tornado evidente a excessiva dependência da economia angolana do 'ouro negro', responsável por mais de 95% das exportações e por 70% da receita fiscal no ano passado ⁷⁶. Com efeito, um relatório recente da Agência Internacional de Energia (EIA) indica que Angola, com 1,8 milhões de barris

⁷⁴ Cf. CPLP (2014). 18 Anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acedido em 30 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf ; <http://www.independenciaslusa.info/> ; Site oficial do Governo de Angola, acedido a 23 de maio, 2015, em <http://www.governo.gov.ao/>

⁷⁵ http://www.citi.pt/cultura/politica/25_de_abril/guerra_colonial.html

⁷⁶ Cf. <http://www.independenciaslusa.info/> ; Agência Lusa (2015, abril 14). FMI/Previsões: Angola cresce 4,5% este ano e abrandar para 3,9% em 2016, acedido em www.lusa.pt

diários, vai superar a Nigéria e tornar-se o maior produtor africano de petróleo a partir de 2016 e até ao princípio da próxima década⁷⁷.

Pese embora o bom desempenho económico, a imagem de Angola é tingida por grandes “manchas”, como o incumprimento e desrespeito pelos direitos humanos, ao ser acusada de violações às liberdades de expressão e de imprensa, e ideia de que corrupção do Governo e do sistema judicial em Angola se regista a todos os níveis, prevalecendo uma cultura de impunidade⁷⁸.

3.2.2 – Brasil

Oficialmente República Federativa do Brasil, a maior nação da América do Sul divide fronteiras com uma série de países (Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, Colômbia, Bolívia, Perú, Argentina, Paraguai e Uruguai), tem como capital Brasília, mas São Paulo como maior cidade, e como moeda oficial o real. Maior país lusófono do mundo, e com uma população estimada em 202,7 milhões, caracteriza-se desde o início dos tempos por uma enorme mescla de diferentes culturas e etnias.

A industrialização concentra-se no triângulo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, daí que o desenvolvimento económico entre regiões tenha reflexo nas condições sociais, acentuando discrepâncias na distribuição de riqueza e de oportunidades. A atividade é variada, sendo de relevar produtos como café, banana, cacau, tabaco, açúcar, feijão, citrinos, milho, soja, algodão, arroz, trigo, batata e mandioca, sendo que o Brasil ocupa posições de destaque mundial na produção dessas culturas. No setor mineral, possui uma das maiores reservas de ferro do mundo. Também detém reservas petrolíferas e tornou-se recentemente autossuficiente. O setor secundário gira em torno das indústrias automobilísticas, siderúrgica, têxtil, química, de derivados agropecuários (açúcar, cacau, café, carne) e metalúrgica (aço, alumínio, ferro, zinco, chumbo). No turismo, tem também aplicado uma política com grande dinamismo tanto a nível nacional como internacional. A grande extensão territorial do Brasil abrange diferentes ecossistemas, como a Floresta da Amazônia, reconhecida como a de maior diversidade biológica em todo o planeta⁷⁹.

Atualmente, o Brasil vive um momento económico desfavorável. Ainda assim escapou à recessão em 2014, ao crescer residualmente no último trimestre do ano passado. Em 2015, o FMI prevê que o PIB da maior economia da América do Sul se contraia este ano 1% devido à aplicação de consequentes políticas fiscais e monetárias mais rígidas por parte do Governo, aos cortes no

⁷⁷ Cf. Agência Lusa (2014, outubro 16). Angola substituirá Nigéria como maior produtor de petróleo africano em 2016 – EIA, acedido em www.lusa.pt

⁷⁸ Nomeadamente nos relatórios anuais do Departamento de Estado norte-americano. Recentemente, a propósito do caso de Rafael Marques, autor do livro “Diamantes de Sangue”, um grupo de 37 eurodeputados de seis grupos políticos e 14 nacionalidades, enviou uma carta ao Presidente angolano, manifestando precisamente preocupações sérias sobre a deterioração da situação de direitos humanos

⁷⁹ Cf. CPLP (2014). 18 Anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acedido em 24 de outubro, 2014, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf]; Agência Lusa (2014, outubro 24). Brasil/Eleições: Ficha Técnica, acedido em www.lusa.pt

investimento da petrolífera estatal Petrobras – atingida por um mega escândalo de corrupção – e à diminuição da atividade que se arrasta desde 2014. Também negativa é a evolução prevista para a inflação este ano, que deverá chegar aos 7,8%, bem acima do limite superior da meta de 6,5% preconizada pelo Governo brasileiro ⁸⁰.

Descoberto em 1500 pelo português Pedro Álvares Cabral, que lhe chamou Terra de Vera Cruz, o Brasil deu o “Grito do Ipiranga” em 07 de setembro de 1822, proclamando a sua independência face a Portugal. Inicialmente monarquia parlamentar, tornou-se uma república em novembro de 1889, na sequência de um golpe militar liderado pelo marechal Deodoro da Fonseca que seria o primeiro de 36 presidentes da história do Brasil. O regime oligárquico não sofreu alterações de fundo durante a República, tendo experimentado apenas mudanças com a revolução dos “tenentes” de 1930 provocada pelo enfraquecimento económico dos grandes produtores de café durante a crise mundial ⁸¹.

Empossado pela revolução como chefe do governo provisório, Getúlio Vargas chega ao poder, marcando, de forma indelével, a vida política do Brasil, governado ditatorialmente de 1937 até 1945, depois de instituir o seu “Estado Novo” – curiosamente, a mesma designação adotada em Portugal durante o período em que vigorou um regime autoritário. Após um curto hiato, regressa ao poder em 1950, que fundara em 1945, vencendo Eduardo Gomes. Quatro anos depois suicida-se ⁸².

Em 1956, assume a presidência Juscelino Kubitschek que, até 1961, dá um impulso ao desenvolvimento do Brasil, numa administração marcada pelo Plano de Metas, cujo lema “50 anos de progresso em cinco anos de governo” resultou sobretudo em crescimento industrial. Notabilizou-se pela construção da cidade de Brasília, no planalto do centro do país, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, para onde foi transferida a capital administrativa em 1960, localizada até então no Rio de Janeiro. Jânio Quadros foi o senhor que se seguiu, mas renunciou ao cargo, em circunstâncias um tanto confusas, sete meses depois ⁸³. João Goulart, líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e herdeiro político de Getúlio Vargas, assume a Presidência da República por força da Emenda Constitucional que instituiu o regime parlamentarista, mas depois de um plebiscito nacional, realizado em 1963, é restabelecido o presidencialismo. Em abril de 1964, Goulart é deposto. O marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro militar a assumir a presidência após o golpe de Estado, que deveria ter governado até terminar o período constitucional, vê o mandato prorrogado até 1967.

⁸⁰ Cf. Agência Lusa (2014, abril 14). FMI/Previsões: Brasil em recessão de 1% este ano e com inflação nos 7,8%, acedido em www.lusa.pt

⁸¹ Guia do Mundo (2000: 74-77); Site da biblioteca da presidência, acedido em 20 de abril 2015, em <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes> ; <http://presidentes-do-brasil.info/presidentes-da-republica.html>

⁸² *Ibidem*

⁸³ *Ibidem*

Um novo “Ato Institucional” estabelecia a eleição do Presidente da República por um colégio eleitoral controlado e declarava extintos os partidos políticos existentes. Cria-se um sistema bipartidário formado pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional), organização oficial e necessariamente majoritária e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), de oposição, sem hipóteses de chegar ao poder. Em março de 1967 toma posse como Presidente o general Arthur da Costa e Silva, sendo sob o seu governo outorgados poderes autocráticos absolutos ao regime militar. Após adoecer, sucede-lhe, em outubro de 1969, o general Emílio Garrastazu Médici, cujo governo, até março de 1974, fica marcada, por um lado, pela expressão “milagre brasileiro” aplicada à economia e, por outro, pela extrema violência na repressão dos movimentos de oposição (legal e ilegal), repressão essa que se estendeu inclusive à Igreja ⁸⁴.

Seguiu-se mais um general, mas Ernest Geisel (1974-79) mostrou uma abertura à democracia, nomeadamente ao abolir a censura, um processo lento, porém, devido a oposição dos militares. Abertura essa que o seu sucessor, o general João Baptista Figueiredo manifesta querer levar até ao fim, acabando mesmo por se tornar o último militar na Presidência. Em janeiro de 1985, é colocado um ponto final nos mais de 20 anos de autoritarismo quando, por 480 votos contra 180, com Tancredo Neves a ser eleito Presidente da República Federativa do Brasil que morre, porém, horas antes da investidura. Sucede-lhe José Sarney, que lidera o primeiro governo civil desde o golpe de 1964, marcado por planos para reverter a profunda crise em que se encontrava o país.

Em março de 1990, Fernando Collor de Mello toma posse como o primeiro Presidente eleito por voto popular depois de 25 anos de regime de exceção. Cumpriu um mandato tão intenso quanto curto, marcado por substanciais mudanças na área económica, com o “Plano Collor” a precipitar o país para a pior recessão da sua história. Sucederam-se escândalos de corrupção que culminaram na sua saída, em finais de 1992, com a Câmara dos Deputados a aprovar a sua impugnação, por esmagadora maioria, sendo sucedido no cargo por Itamar Franco, também do Partido de Reconstrução Nacional (PRN) ⁸⁵.

Em 21 de abril de 1993, os brasileiros foram às urnas para referendar o regime e o sistema político. Um século depois da abolição da monarquia, foram chamados a escolher entre o regresso à monarquia ou a permanência na república e entre o parlamentarismo e o presidencialismo. Os resultados consolidaram esta segunda opção. A 01 de janeiro de 1995, Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) que fundou, toma posse e, em 1999, vence volta a vencer, tornando-se no primeiro Presidente a garantir a reeleição.

O Partido dos Trabalhadores (PT, centro-esquerda) chega ao poder em 2003, por via de Lula da Silva que também cumpre dois mandatos, depois de ser reeleito até 2011. Dilma Rousseff, da mesma cor partidária, sucede-lhe, convertendo-se na primeira mulher a assumir a Presidência do Brasil. Em 2014,

⁸⁴ *Ibidem*

⁸⁵ *Ibidem*

foi reeleita, depois de derrotar, à segunda volta Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB, centro-direita).

3.2.3 – Cabo Verde

Oficialmente República de Cabo Verde, é um país insular localizado num arquipélago formado por dez ilhas vulcânicas (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava) na região central do Oceano Atlântico. Situadas a 455 Km da Costa Africana da costa africana, as ilhas cobrem uma área total de aproximadamente de 4.033 km². Com uma população a rondar os 540 mil habitantes, segundo estimativas oficiais, Cabo Verde tem como capital a Cidade da Praia, na ilha de Santiago, e como moeda oficial o escudo cabo-verdiano. O português é a língua oficial, embora localmente se utilize o crioulo ⁸⁶.

Os recursos económicos dependem sobretudo da agricultura, frequentemente atingida pelos efeitos das secas, e da riqueza marinha. As culturas mais importantes são o café, a banana, a cana-de-açúcar, os frutos tropicais, o milho, os feijões, a batata-doce e a mandioca. O sector industrial encontra-se em pleno desenvolvimento, destacando-se o fabrico de aguardente, vestuário e calçado, tintas e vernizes, o turismo, a pesca e as conservas de pescado e a extração de sal, não descurando o artesanato e a construção. A banana e a indústria das conservas de peixe, o peixe congelado, as lagostas, o sal e as confeções são os principais conteúdos do cabaz de exportações ⁸⁷. O turismo, em especial nas ilhas do Sal e Boavista, tem sido uma área de forte aposta em Cabo Verde, sobretudo nos últimos cinco anos. E, em 2014, representava um quarto do total do PIB, estimado em 1.975 milhões de dólares ⁸⁸.

Antiga colónia portuguesa, Cabo Verde proclamou a independência a 05 de julho de 1975. O acordo assinado, em 19 de dezembro do ano anterior, entre Portugal e o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), fundado em 1956 e legalizado em agosto de 1974, conduziria à instauração de um governo de transição que preparou as eleições para uma Assembleia Nacional Popular ⁸⁹.

A governação conjunta com a Guiné-Bissau, sob a alçada do PAIGC, que sucedeu à independência do arquipélago, desmoronou em 1980, tendo por base

⁸⁶ Cf. CPLP (2014). CPLP. 18 Anos. Os Desafios do Futuro, acedido em 30 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf ; Site oficial do Governo de Cabo Verde, acedido em 22 de maio, 2015, em <http://www.governo.cv/>; Site das Independências, acedido em 22 de maio, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/>

⁸⁷ Ibidem

⁸⁸ Cf. Agência Lusa (2015, julho 04). 40 anos/Cabo Verde: Turismo já vale um quarto do total do PIB, acedido em www.lusapt

⁸⁹ [<http://www.independenciaslusa.info/> , acedido em 30 de junho, 2015

um golpe de Estado na Guiné. O primeiro presidente da República foi Aristides Pereira (1975-91), que sucedeu a Amílcar Cabral, assassinado em Conacri. Entendendo ser melhor continuar a sua caminhada política independente da Guiné, Cabo Verde formara o PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde), que continuou a governar até ao início dos anos 90 num contexto político monopartidário. “É desta forma que se explica o colapso do plano traçado por Amílcar Cabral, que concebia uma Administração conjunta para os dois países, que acabaram por seguir percursos histórico-políticos completamente diferentes.

Em janeiro de 1991, Cabo Verde realiza as primeiras eleições pluralistas da sua História, instituindo uma democracia parlamentar. As eleições gerais - presidenciais e legislativas - foram ganhas pelo MPD (Movimento para a Democracia), partido que mais se aflorou com a chegada da democracia, após 15 anos de regime monopartidário, liderados pelo PAICV, criado em 1981 depois de uma cisão com o PAIGC. O MPD foi então poder, na presidência, com António Mascarenhas Monteiro, e no Governo, com Carlos Veiga, até 2001⁹⁰. Nesse ano, o PAICV vence as duas eleições: conquista a maioria absoluta nas legislativas e José Maria Neves assume a chefia do Governo, e vence as presidenciais através de Pedro Pires que derrota Carlos Veiga (MPD) por apenas 12 votos. Nas eleições de 2006, mantém-se o cenário: José Maria Neves prossegue como primeiro-ministro e Pedro Pires é reeleito Presidente, voltando a bater Carlos Veiga. Contudo, nas eleições de 2011, o PAICV não consegue a “dobradinha”. Nas legislativas renova a maioria absoluta, elegendo 37 dos 72 deputados, e José Maria Neves continua como chefe do Executivo, mas nas eleições presidenciais, realizadas em agosto do mesmo ano, Jorge Carlos Fonseca, candidato apoiado pelo MPD vence o concorrente do PAICV, Manuel Inocêncio Sousa⁹¹.

Cabo Verde é apontado, nomeadamente pela Comissão Económica das Nações Unidas para África, como “o melhor aluno do desenvolvimento dos países africanos”, ao figurar “no topo dos que respeitam a democracia” e ao apresentar também “bons indicadores de governança e grandes resultados na área social”, pese embora os grandes desafios e vulnerabilidades por estar demasiado virado para a Europa⁹².

3.2.4 – Guiné-Bissau

Oficialmente República da Guiné-Bissau, com uma área total superior a 36.000 km², faz fronteira com o Senegal e com a Guiné-Conacri. O país é constituído por uma parte continental e uma insular que engloba o Arquipélagos

⁹⁰ [<http://www.independenciaslusa.info/>] (Acedido em 30/06/2015)

⁹¹ *Ibidem*

⁹² Cf. Agencia Lusa (2015, junho, 27). 40 Anos/Cabo Verde: Um exemplo em África, mas com grandes vulnerabilidades – ONU, acedido em www.lusa.pt

dos Bijagós, composto por cerca de 90 ilhas e ilhéus, dos quais apenas 17 habitados. Com uma população estimada em 1,5 milhões de pessoas, tem como língua oficial o português, embora localmente se utilize o crioulo, e como moeda o Franco CFA da África Ocidental⁹³.

Em termos de recursos económicos, encontra-se fortemente dependente da agricultura e da pesca (60% do PIB). Figura como o sexto maior produtor mundial de castanha de caju. Do seu cabaz de exportações destacam-se ainda peixe e mariscos, amendoim, semente de palma e produtos das atividades extrativas florestais, sendo o arroz o cereal mais produzido no país que tem vindo a fazer uma aposta crescente no turismo para dinamizar a sua economia que, em 2014, cresceu 2,9%, uma tendência que se projeta, aliás, para os próximos anos⁹⁴.

A antiga Guiné Portuguesa declarou unilateralmente a independência em 24 de setembro de 1973, por via do PAIGC. Só um ano depois, em 10 de setembro de 1974, após a Revolução dos Cravos, é que se converte na primeira colónia portuguesa no continente africano a ter a sua independência reconhecida por Portugal. O Acordo de Argel, datado mês anterior, estabelece a passagem de poder da administração colonial para o PAIGC. Movimento de libertação de inspiração marxista, foi fundado por Amílcar Cabral, Aristides Pereira e outros patriotas que combatiam o regime colonial no arquipélago e na Guiné-Bissau, na costa ocidental de África. A luta armada, entre 1963 e 1974, decorreu apenas em território continental⁹⁵.

A história da Guiné-Bissau independente continuou, porém a escrever-se, contudo, em tons de negro, com quatro décadas marcadas por uma série de conflitos e golpes de Estado. O primeiro Presidente da República da Guiné-Bissau foi Luís Cabral, meio-irmão de Amílcar Cabral, assassinado na Guiné-Conacri, em 1973, pelo que a declaração unilateral da independência ficou marcada por um sentimento misto de alegria e tristeza⁹⁶. Depois do 25 de abril em Portugal, o cabo-verdiano Pedro Pires liderou a representação do PAIGC que negociou com Lisboa o reconhecimento da independência da Guiné-Bissau e, mais tarde, de Cabo Verde. Pedro Pires foi depois primeiro-ministro do país insular, até 1991, e Presidente da República durante dez anos (2001-2011).

Luís Cabral, que assumira a liderança com um governo de inspiração socialista e regime de partido único, foi deposto, em 1980, na sequência de um

⁹³ Cf. CPLP (2014). 18 anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acessado a 22 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf ; Site oficial do Governo da Guiné-Bissau, acessado a 30 de junho, 2015, em <http://www.gov.gw/index.php?lang=pt>

⁹⁴ CPLP (2014). 18 anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acessado a 22 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf ; Cf. Agência Lusa (2015, junho, 24). Crescimento anual da economia da Guiné-Bissau vai superar valores de 2014, acessado em www.lusa.pt

⁹⁵ Site das Independências, acessado a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/> ; Guia do Mundo (2000:218-221)

⁹⁶ *Ibidem*

golpe de Estado liderado por João Bernardo “Nino” Vieira, através daquilo a que chamou “Movimento Reajustador”. Suspende a Assembleia Nacional e cria o Conselho da Revolução. Com Luís Cabral afastado, a soberania partilhada com Cabo Verde desfaz-se. O PAIGC parte-se ao meio: a Guiné manteve-o com a mesma designação, enquanto, em Cabo Verde, nasceria no ano seguinte, em 1981, como fruto da cisão, o PAICV. Em setembro de 1982, Guiné e Cabo Verde reconciliam-se. “Nino” Vieira e Aristides Pereira reúnem-se em Maputo e decidem o reatar das relações, interrompidas desde o golpe de 1980 ⁹⁷.

As primeiras eleições multipartidárias realizaram-se em 1994, terminando com a vitória do PAIGC, liderado por Nino Vieira, que derrotou Kumba Ialá. Quatro anos depois a Guiné-Bissau é palco de uma nova tentativa de golpe de Estado encabeçada por Ansumane Mané, em junho de 1998, uma semana após ser destituído do cargo de chefe de Estado Maior General das Forças Armadas. Depois de forçado a renunciar ao poder, Nino Vieira parte, no ano seguinte, para o exílio. O cargo é assumido interinamente, nos termos da Constituição, pelo Presidente da Assembleia Nacional, Malam Bacai Sanhá, pondo fim a uma guerra civil de 11 meses ⁹⁸.

Em novembro de 1999, o Partido para a Renovação Social (PRS), liderado por Kumba Ialá. Caetano N'Tchama é o novo primeiro-ministro. Em janeiro do ano seguinte, Kumba Ialá vence as eleições presidenciais, derrotando o candidato do PAIGC, Malam Bacai Sanhá. No final desse ano, Ansumane Mané é assassinado, na periferia de Bissau. Em 2003, o regime de de Kumba Ialá é destituído pelo golpe de Estado liderado pelo chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Veríssimo Correia Seabra. Henrique Rosa, empresário ligado à igreja católica, é empossado interinamente como Presidente da República, enquanto Artur Sanhá, até então líder interino do PRS, toma posse como primeiro-ministro da transição ⁹⁹.

Em março de 2004, a Guiné-Bissau realiza legislativas, saindo vitorioso o PAIGC, seguido do PRS e do Partido Unido Social-Democrata (PUSD) que fica como terceira força. Carlos Gomes Júnior, líder do PAIGC, é empossado primeiro-ministro. Na primavera de 2005, “Nino” Vieira regressa à Guiné-Bissau, ao fim de seis anos exilado em Portugal e, no mesmo ano, triunfa nas presidenciais. No outono do mesmo ano, demite o executivo de Carlos Gomes Júnior, alegando incompatibilidades institucionais, e Aristides Gomes é empossado primeiro-ministro. Dois anos depois, em março de 2007, o PAIGC, PRS e PUSD assinam Pacto de Estabilidade Governativa e Parlamentar, visando a demissão do Executivo e a criação de um governo de consenso nacional. Aristides Gomes demite-se do cargo de primeiro-ministro e Martinho N'dafa Cabi é nomeado para o lugar ¹⁰⁰.

Em 2008, Carlos Gomes Júnior (PAIGC) regressa ao poder, com maioria absoluta. No ano seguinte, Nino Vieira é assassinado, na sua casa. O presidente da Assembleia da República, Raimundo Pereira, assume interinamente a chefia

⁹⁷ *Ibidem*

⁹⁸ Site das Independências, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/>

⁹⁹ *Ibidem*

¹⁰⁰ *Ibidem*

de Estado. Em junho do mesmo ano, Malam Bacai Sanhá é eleito Presidente da República, à segunda volta, após derrotar Kumba Ialá. Em janeiro de 2012, Malam Bacai Sanhá, morre em França, vítima de doença prolongada, e Raimundo Pereira, presidente da Assembleia Nacional Popular, assume interinamente a chefia de Estado. Dois meses depois realiza-se a primeira volta das eleições presidenciais antecipadas: o candidato do PAIGC e primeiro-ministro, Carlos Gomes Júnior, fica à beira da eleição, e Kumba Ialá recusa ir à segunda volta queixando-se de fraude eleitoral. No mês seguinte, a Guiné-Bissau é palco de novo golpe de Estado. Posteriormente, Serifo Nhamadjo é nomeado Presidente e Rui de Barros primeiro-ministro até à realização de novas eleições ¹⁰¹.

Depois das legislativas de 2014, em que o PAIGC conquistou a maioria absoluta, tornando Domingos Simões Pereira no novo primeiro-ministro da Guiné-Bissau, e da eleição de José Mário Vaz, da mesma força política, para a Presidência, vislumbrou-se um efêmero regresso da paz e da ordem constitucional, já que o país voltou a mergulhar numa crise política após o Presidente ter demitido o Governo a 12 de agosto de 2015 e designado como primeiro-ministro, oito dias depois, Baciro Djá, vice-presidente do PAIGC.

3.2.5 – Guiné Equatorial

Oficialmente República da Guiné Equatorial, tem como capital Malabo, como línguas oficiais o português, o espanhol e o francês, e como moeda o Franco CFA. Com uma área de 28.051 km ², tem uma população estimada em cerca de 700 mil pessoas, segundo organizações internacionais, incluindo a CPLP (633.441 habitantes à luz de dados de 2010) e em 1,6 milhões de pessoas, de acordo com dados publicados no portal oficial do Governo referentes ao mesmo ano.

A exploração de hidrocarbonetos domina a economia da Guiné Equatorial, tendo a descoberta e exploração de reservas de petróleo e de gás contribuído para um crescimento significativo do país, por ser a base de sustentação das exportações e maior fonte de receita do Estado. Também se destaca por outros recursos naturais, como diamantes, ouro, zinco e madeira ¹⁰².

¹⁰¹ *Ibidem*

¹⁰² Guia do Mundo (2000: 222-223); Cf. CPLP (2014). 18 anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acedido a 29 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf ; Site oficial do Governo da Guiné Equatorial, acedido a 29 de junho, 2015, em <http://www.guineaecuatorialpress.com/>

Segundo dados de 2012, tinha um PIB *per capita* de 20,2 dólares norte-americanos e, no mesmo ano, a taxa de inflação correspondia a 6,2%. Este ano, devido à forte queda dos preços do petróleo, a Guiné Equatorial enfrenta, porém, um cenário de recessão superior a 8% ¹⁰³.

Apesar de ser uma das nações mais ricas de África é, porém, considerado o exemplo perfeito do 'paradoxo da abundância', em que uma pequena elite em torno do Presidente tem uma vida de luxo e grande parte da população continua a viver na pobreza, não tendo acesso a água potável, a cuidados de saúde ou a escolas decentes ¹⁰⁴. Além disso, é palco de significativas violações aos direitos humanos. No seu mais recente relatório, o Departamento de Estado norte-americano destaca o desrespeito pelo Estado de Direito e o direito a um processo judicial justo, incluindo o uso de tortura e força excessiva por parte da polícia; ausência de liberdade de expressão, de imprensa, de assembleia e de associação; e ainda pela corrupção administrativa generalizada ¹⁰⁵.

A Guiné Equatorial declarou a independência de Espanha em 12 de outubro de 1968. Com a subida à presidência de Francisco Macias Nguema, o sobrinho Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, "é privilegiado com uma série de promoções", segundo o instituto de investigação catalão Centro para as Questões Internacionais de Barcelona (CIDOB), até assumir o cargo de vice-ministro das Forças Armadas, em 1978. Em 03 de agosto de 1979, chega ao poder, através de um golpe. Em 1982, Obiang adota uma nova Constituição e garante um mandato de sete anos na chefia do Estado. Cinco anos mais tarde, cria o primeiro partido político da "nova era democrática do país": o Partido Democrático da Guiné Equatorial (PDGE), no poder. Como único candidato às primeiras eleições presidenciais, em 1989, é reeleito, acontecendo o mesmo em 1996, 2002 e 2009, já com o multipartidarismo legalizado, sempre com expressivas votações ¹⁰⁶.

Vicente E hate Tomi é, desde maio de 2012, o chefe de Governo. À luz dos termos da nova Constituição da República semipresidencialista, aprovada em referendo em 2011, o primeiro-ministro e os ministros são nomeados pelo Presidente, eleito por voto popular para dois mandatos consecutivos de sete anos. O parlamento, por seu turno, por uma centena de deputados, eleitos para um mandato de cinco anos, tem poderes limitados.

As últimas eleições legislativas tiveram lugar em 26 de maio de 2013, ano em que pela primeira vez foi eleito o senado, estabelecido pelo referendo constitucional de 2011. Do universo de 12 partidos políticos, nove participaram

¹⁰³ Cf. Agência Lusa (2014, julho 23). CPLP: Guiné Equatorial - Ficha Técnica, acedido em www.lusa.pt ; Agência Lusa (2013, maio 24). Guiné Equatorial/Eleições: Ficha técnica, acedido em www.lusa.pt; Site oficial do Governo da Guiné Equatorial, acedido em 25 de junho, 2015, em <http://www.guineaecuatorialpress.com> ; Agência Lusa (2015, maio 25). Petróleo empurra Guiné Equatorial para recessão de 8,7% - Banco Africano de Desenvolvimento, acedido em www.lusa.pt

¹⁰⁴ Cf. Agência Lusa (2014, fevereiro 21). Guiné Equatorial é o país mais rico abaixo do Saara, mas 75% vive na pobreza, acedido em www.lusa.pt

¹⁰⁵ Cf. Agência Lusa (2015, junho 25). Guiné-Equatorial ignora Estado de Direito, permite torturas e matança indiscriminada – EUA, acedido em www.lusa.pt

¹⁰⁶ Cf. Agência Lusa (2014, julho 23). BIOGRAFIA: Teodoro Obiang, o decano dos líderes africanos, acedido em www.lusa.pt

no último escrutínio coligados com o PDGE, no poder. O maior partido da oposição e o único a alcançar o feito de eleger deputados é a Convergência para a Democracia Social (CPDS) ¹⁰⁷. Com eleições marcadas para finais de 2016, a única mudança expectável pode ser a saída do Presidente, e por motivos de saúde, e a sua substituição pelo primogénito, atual vice-presidente, dado que, no último escrutínio, o partido no poder ganhou todos os lugares no Parlamento e no Senado, à exceção de um.

A Guiné Equatorial integra a CPLP desde julho de 2014. A sua entrada foi fortemente contestada, sobretudo devido à questão dos direitos humanos, pairando a suspeita de que o país só adotou uma moratória temporária à aplicação da pena de morte única e exclusivamente com o propósito de poder aderir à organização ¹⁰⁸.

3.2.6 – Moçambique

Oficialmente República de Moçambique, tem como capital Maputo, o metical como moeda. O português é a oficial, mas são faladas diversas línguas de origem bantu no país, destacando-se, pelo universo populacional que cobrem enquanto língua materna o emakua, o xisena e xitsonga. Localizado no sudeste da África, banhado pelo Oceano Índico a leste, faz fronteira com a Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabué, Suazilândia e África do Sul. Com uma área de 801.590 km², tem uma população estimada em cerca de 25 milhões de habitantes. Embora ainda pouco explorado, tem um solo rico, destacando-se nomeadamente o gás natural, carvão, madeira e minerais (titânio, grafite ou ouro, entre outros). As principais exportações incluem camarões, algodão, caju, cana-de-açúcar, chá e tabaco ¹⁰⁹.

Nos últimos anos, o desempenho económico tem mostrado sinais animadores, principalmente no campo da exploração de recursos naturais e às receitas potenciais do carvão e do gás natural. Os serviços e o setor do turismo também se começam a afirmar. Contudo, o crescimento médio de 7% ao ano no PIB nos últimos anos não é uniformemente representativo da economia nacional, segundo analistas, que consideram que a expansão da riqueza se concentra nas infraestruturas, nos megaprojetos e no setor financeiro, os quais representam menos de 20% da população ¹¹⁰.

¹⁰⁷ Cf. Agência Lusa (2014, julho 23). CPLP: Guiné Equatorial - Ficha Técnica, acedido em www.lusa.pt

¹⁰⁸ Cf. Agência Lusa (2014, abril 01). Moratória da Guiné Equatorial à pena de morte foi só para entrar na CPLP – Amnistia, acedido em www.lusa.pt

¹⁰⁹ Cf. CPLP (2014). 18 anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acedido a 30 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf; Site das Independências, acedido em 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/>; Site oficial do Governo de Moçambique, acedido a 29 de junho, 2015, em <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique>; Guia do Mundo (2000: 330-335);

¹¹⁰ Cf. Agência Lusa (2014, junho 16). ENTREVISTA: 40 anos/Moçambique: Crescimento económico em Moçambique só abrange 20% das pessoas - António Francisco, acedido em www.lusa.pt

Moçambique ocupa a quinta posição em termos das economias que mais crescem, mas figura na cauda da lista de países menos desenvolvidos em termos de riqueza *per capita*, com um ‘ranking’ apenas melhor do que a República Democrática do Congo. Muito negativos apresentam-se também os indicadores de desenvolvimento social e humano, dado que boa parte da população vive abaixo da linha de pobreza ¹¹¹.

Antiga colónia portuguesa, proclamou a independência em 25 de junho de 1975. Hoje, 40 anos volvidos, Moçambique reafirma que não foi contra o povo nem a nação portuguesa, deixando claro que a resistência e a luta armada visavam o regime colonial opressor por ter imposto a discriminação e humilhação ao seu povo ¹¹². A Frelimo - Frente de Libertação de Moçambique –, fundada no exílio, que havia conduzido a armada de libertação nacional durante dez anos, formou o primeiro governo, com um programa de trabalho orientado para a construção de uma sociedade socialista.

Samora Machel foi o primeiro Presidente de Moçambique. No ano seguinte, aparecem, porém, sinais de instabilidade, a qual ganha a forma de uma guerra civil que se alastra a todo o país, em particular na década de 1980, opondo Governo e a Renamo – Resistência Nacional de Moçambique, um movimento fundado em 1976, apoiado pelos serviços secretos da Rodésia. A desestabilização interna agudiza-se com agressões militares da Rodésia a Moçambique, mais tarde transferidas para o regime de *apartheid* da África do Sul ¹¹³. Em 1986, Samora Machel morre num acidente de aviação e Joaquim Chissano assume a chefia do Estado. Quatro anos depois, Moçambique adota uma nova Constituição que permite um sistema multipartidário e passa a República de Moçambique (sem o adjetivo “Popular” no meio) ¹¹⁴.

Só em 1992, ao fim de dois anos de conversações em Roma, é que inicia um processo de reconciliação com a assinatura do “Acordo Geral de Paz” entre as duas forças políticas. O processo de cessar-fogo e a desmobilização decorreram sem incidentes de maior e a Renamo passa a partido político. Em outubro de 1994, realizavam-se as primeiras eleições livres monitorizadas pela ONU e por observadores internacionais. Participam mais de seis milhões de eleitores e concorrem 14 partidos. Nas legislativas, a Frelimo vence com maioria absoluta, e Joaquim Chissano é eleito Presidente ¹¹⁵.

Cinco anos depois, Joaquim Chissano volta a ganhar as eleições e a Frelimo mantém-se como partido maioritário. Já em 2004, Armando Guebuza, o novo candidato da Frelimo, vence as presidenciais, derrotando Afonso Dhlakama (Renamo) que rejeita os resultados de um escrutínio criticado por

¹¹¹ Cf. Agência Lusa (2015, junho 25). Moçambique tem quinto maior crescimento do mundo mas é 9.º menos desenvolvido - Moody's, acedido em www.lusa.pt

¹¹² Cf. Agência Lusa (2015, junho 25). 40 anos/Moçambique: PR diz que guerra pela independência não foi contra o povo português, acedido em www.lusa.pt

¹¹³ Cf. Site das Independências, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/> ; Cruz e Silva, T. M. (s/d). Moçambique: um perfil. *Centro de Estudos Sociais (CES)* acedido a 29 de junho, 2015, em <http://www.ces.uc.pt/emancipa/gen/mozambique.html>

¹¹⁴ Cf. Site das Independências, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/> (Acedido em 30/06/2015);

¹¹⁵ *Ibidem*

organizações internacionais. Em 2009, Armando Guebuza é reconduzido no cargo, dilatando a percentagem de votos. O Movimento Democrático de Moçambique (MDM), de Daviz Simango, impõe-se como terceira força eleitoral. No ano de 2013 assiste-se a vários ataques armados, atribuídos diretamente à Renamo pelo Governo. Forças governamentais tomam a base do partido na Gorongosa, o que levaria a Renamo a anunciar o fim do Acordo de Paz ¹¹⁶.

Um novo pacto seria assinado, entre o Presidente moçambicano, Armando Guebuza, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, em setembro de 2014, para acabar com meses de violência. Em 15 de outubro, as eleições presidenciais dão a vitória a Filipe Nyusi e a Frelimo mantém a maioria absoluta. Dhlakama não aceita os resultados e reclama governar as províncias em que a Renamo ganhou ¹¹⁷.

3.2.7 – Portugal

Oficialmente República Portuguesa, é o país mais a ocidente da Europa, tem Lisboa como capital, o euro como moeda e uma população estimada em 10,4 milhões de habitantes. Portugal continental faz fronteira, a norte e a leste, com Espanha, encontrando, a oeste e a sul, o Oceano Atlântico. O território português, com uma área de 92.212 km², abrange ainda as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, localizando-se numa posição triangularmente estratégica (Europa, América e África) ¹¹⁸.

Em 25 de abril de 2014, Portugal assinalou 40 anos de democracia, obtida pela via da pacífica Revolução dos Cravos, levada a cabo pelo Movimento das Forças Armadas, que pôs fim à mais longa ditadura da Europa. Instituída após o golpe militar de Gomes da Costa e Carmona, em 28 de maio de 1926, a estrutura do “Estado Novo”, pela sua feição autoritária, é suscetível de ser integrada dentro dos movimentos fascistas que floresciam no velho continente ¹¹⁹.

E, porque, como diz o filósofo francês Michel Foucault, onde há poder há resistência, o regime ditatorial deparou-se, ao longo dos 48 anos, com movimentos de contestação de diversa ordem, dentro e fora de portas. É sob o chapéu da “velha senhora” que estalam as lutas pela libertação nacional das colónias africanas (as indianas de Goa, Damão e Diu já tinham sido subtraídas ao domínio português, em 1961) que acabariam por resvalar numa devastadora

¹¹⁶ *Ibidem*

¹¹⁷ *Ibidem*

¹¹⁸ Guia do Mundo (2000: 390-401); CPLP (2014). 18 anos CPLP. Os Desafios do Futuro. Acedido a 30 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf; [<http://www.portugalglobal.pt/pt/biblioteca/livrariadigital/portugalfichapais.pdf>

¹¹⁹ Guia do Mundo (2000: 390-401)

guerra colonial, “provavelmente um dos maiores tabus da história portuguesa”¹²⁰, que duraria compridos 13 anos, até 1974.

Até hoje, Portugal conheceu seis Presidentes da República e 25 Governos, dos quais os primeiros seis provisórios (1974-76). Menos de um mês depois, foi nomeado o I Governo provisório, com Adelino da Palma Carlos como primeiro-ministro. Contudo, antecipando a ‘turbulência’ governativa dos primeiros anos de democracia, dois meses depois já tomava posse o II, de Vasco Gonçalves, que chefiou os três seguintes (de setembro de 1974 a setembro de 1975). O VI e último, liderado por José Pinheiro de Azevedo, esteve em funções 10 meses (até julho de 1976)¹²¹.

O primeiro Governo Constitucional, saído das primeiras eleições livres e com sufrágio universal para a Assembleia da República, realizado um ano depois do 25 de abril, foi liderado pelo socialista Mário Soares, mas caiu no final do ano seguinte, com a rejeição de uma moção de confiança. Em janeiro de 1978, o socialista volta a liderar o bem mais curto II Governo em coligação com o CDS, mas que só dura até agosto, após a demissão dos ministros do CDS, sendo substituído por Alfredo Nobre da Costa, “derrotado” por uma moção de censura do PS. No final de novembro de 1978, Carlos Mota Pinto, indigitado por Eanes forma o IV Governo. Sob o mesmo preceito, toma posse em 01 de agosto de 1979, o V, o único liderado por uma mulher, Maria de Lurdes Pintassilgo, no cargo apenas por cinco meses¹²².

Segue-se no poder uma coligação entre o PSD/CDS/PPM, com o líder social-democrata, Francisco Sá Carneiro empossado primeiro-ministro a 03 de janeiro de 1980, para um mandato inesperadamente interrompido pela sua morte, em dezembro. Um mês depois, forma Governo a mesma coligação, desta feita, liderada por Francisco Pinto Balsemão, em funções até setembro de 1981. O formato repete-se no VIII Governo.

Das eleições de abril de 1983 resultou o Governo de coligação pós-eleitoral PS/PSD, o único executivo de ‘Bloco Central’, com Mário Soares de volta à chefia do executivo. Em 1985 é eleito o X Governo, com o social-democrata Aníbal Cavaco Silva a conduzir o Executivo, derrubado quase dois anos depois, com a aprovação de uma moção de censura. Porém, Cavaco Silva conquistaria, de seguida, e até 28 de outubro de 1995, duas maiorias absolutas.

Dez anos depois, chega a primeiro-ministro o socialista António Guterres, também eleito para um segundo mandato, encurtado, em abril de 2002, pela sua demissão do cargo. O XV Governo trilhou idêntico percurso, já que o social-democrata Durão Barroso se demitiu do cargo dois anos após a tomada de posse do executivo de coligação PSD/CDS-PP para assumir funções de presidente da Comissão Europeia. Sem eleições, a 17 de julho de 2004 toma posse novo executivo - formado com base na maioria parlamentar PSD/CDS-PP - liderado por Pedro Santana Lopes. O XVI Governo termina oito meses depois,

¹²⁰ Agência Lusa (2015, março 17). Historiador sugere investigação sobre memória da guerra colonial, acedido a 30 de abril, 2015, em www.lusa.pt

¹²¹ Cf. Agência Lusa (2014, março 23). 25 Abril: 40 anos de democracia com 24 Governos e seis Presidentes da República, acedido em www.lusa.pt; Guia do Mundo (2000: 390-401)

¹²² *Ibidem*

com a dissolução do Parlamento pelo então Presidente da República, Jorge Sampaio ¹²³.

Em 2005 chega ao poder José Sócrates, com o socialista a manter-se à frente de dois executivos: o primeiro de maioria (até 2009) e o segundo minoritário (2009-11). Segue-se o XIX Governo Constitucional, de maioria PSD/CDS-PP, liderado por Pedro Passos Coelho.

Já em Belém, os números e os nomes são mais simples, pese embora a agitação inicial pós 25 de abril, com António de Spínola e Costa Gomes a assegurarem a chefia do Estado após o golpe. Spínola renuncia pouco tempo depois e Costa Gomes assumiu a Presidência da República até 1976. Nesse ano, Ramalho Eanes é eleito e cumpre dois mandatos, um ciclo cumprido à risca por todos os sucessores até hoje (Mário Soares-1989-96), Jorge Sampaio (1996-2006) e Cavaco Silva (desde 2006) ¹²⁴.

Em termos económicos, Portugal começa a alterar a sua estrutura no final da década de 1940, com a indústria passa a ocupar uma posição maioritária no rendimento nacional e o país a deixar de ser essencialmente agrícola ¹²⁵. Pese embora, tem importantes culturas, como a da uva, que o colocam entre os principais produtores mundiais de vinho. A abundância de sobreiros também colocou Portugal no topo do mundo como produtor de cortiça ¹²⁶.

Atualmente, a estrutura da economia portuguesa caracteriza-se por um elevado peso dos serviços (destacando-se o turismo) que, na globalidade, empregava em Portugal mais de dois terços da população. Segue-se a indústria que, na última década, sofreu uma significativa alteração, saindo da dependência de atividades tradicionais para novos setores. A agricultura e pescas representaram apenas 2,3% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) e 8,6% do emprego em 2014 ¹²⁷.

Em termos macroeconómicos, Portugal viveu uma década negra na viragem do milénio, com um dos mais lentos crescimentos do mundo (0,8% ao ano) e um salto do desemprego de 4% para quase 11% no período 2001-10, que significaram uma travagem brusca face ao crescimento médio de 3% alcançado nos anos 90, a qual teve um contributo decisivo para a fragilidade com que a economia portuguesa enfrentou a crise financeira ¹²⁸. Teme-se, porém, que a atual década seja pior. O prognóstico é que cresça anualmente a uma média de 0,2% ao ano, mantendo-se na cauda do mundo. Estes números

¹²³ Cf. Agência Lusa (2014, março 23). 25 Abril: 40 anos de democracia com 24 Governos e seis Presidentes da República, acedido em www.lusa.pt;

¹²⁴ *Ibidem*

¹²⁵ Guia do Mundo (2000: 390-401)

¹²⁶ CPLP (2014). 18 anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acedido a 30 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf ; Site AICEP (2015, abril). Portugal – Ficha país, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://www.portugalglobal.pt/pt/biblioteca/livrariadigital/portugalfichapais.pdf>

¹²⁷ Site AICEP (2015, abril). Portugal Ficha País, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://www.portugalglobal.pt/pt/biblioteca/livrariadigital/portugalfichapais.pdf>

¹²⁸ Cf. Silvestre, João (2015, abril 19). Portugal é a sétima economia mais lenta do mundo, *Expresso*, acedido em 23 de maio, 2015, em <http://expresso.sapo.pt/economia/portugal-e-a-setima-economia-mais-lenta-do-mundo=f920420>

incluem, no entanto, quatro anos de recessão: em 2009, durante a grande crise financeira mundial, e três anos austeros da *troika*, contados a partir da sua ‘entrada’ em 2011 ¹²⁹.

Para 2015, o FMI calcula que Portugal tenha um déficit orçamental de 3,2% e uma dívida pública de 126,3% do PIB, indicadores dos mais elevados da zona euro, “título” que, à luz das previsões, vai manter até 2020. Após um crescimento de 0,9% em 2014, prevê que a economia portuguesa cresça 1,6% este ano. Já a taxa de desemprego deve atingir 13,1% e a inflação 0,6%, segundo antecipa a instituição ¹³⁰.

Em maio, assinalou-se um ano desde o “adeus” à *troika* (FMI, Comissão Europeia e Banco Central Europeu), com a saída de Portugal do Programa de Assistência Económica e Financeira, três anos depois do memorando inicial do resgate firmado pelo governo socialista de José Sócrates que implicaram amplas reformas estruturais traduzidas em severas medidas de austeridade. Quatro anos depois do início do resgate financeiro, a economia voltou a crescer, mas havia mais 210 mil pessoas em risco de pobreza e exclusão social do que em 2010, ou seja, uma em cada quatro pessoas residentes em 2014, segundo dados do INE ¹³¹. Por outro lado, Portugal mantém-se no grupo dos mais bem pontuados no Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, figurando, em 2013, na 41.^a posição num ranking de 187 países, pese embora um recuo do PIB *per capita* ¹³².

3.2.8 – São Tomé e Príncipe

Oficialmente República Democrática de São Tomé e Príncipe, é um estado insular localizado no Golfo da Guiné, composto por duas ilhas principais (Ilha de São Tomé e Ilha do Príncipe) e vários ilhéus, num total de 1001 km². Não tem fronteiras terrestres, mas situa-se relativamente perto das costas do Gabão, Guiné Equatorial, Camarões e Nigéria. Tem como língua oficial o português, mas localmente também se fala crioulo, como moeda o dobra, como capital São Tomé e uma população estimada em aproximadamente 180 mil habitantes.

O desempenho macroeconómico recente de São Tomé e Príncipe tem sido genericamente positivo e, apesar de o crescimento decorrer de forma lenta desde o abrandamento para 4% em 2012, existem sinais encorajadores, nomeadamente o aumento do investimento direto estrangeiro e o apoio estável dos doadores internacionais, que fizeram o PIB acelerar para um crescimento de

¹²⁹ *Ibidem*

¹³⁰ Cf. Agência Lusa (2015, abril 14). FMI/Previsões: Crescimento português revisto em alta para 1,6% este ano e 1,5% em 2016, acedido em www.lusa.pt; Agência Lusa (2015, abril 15). FMI/Previsões: Portugal entre os países do euro com mais déficit e mais dívida até 2020, acedido em www.lusa.pt

¹³¹ Cf. Agência Lusa (2014, abril 04). Ajuda externa: Portugal tem mais 200 mil pessoas em risco de pobreza ou exclusão desde 2010, acedido em www.lusa.pt

¹³² Cf. Agência Lusa (2014, julho 24). Portugal mantém 41.^a posição no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, acedido em www.lusa.pt

4,5% no cômputo de 2014 ¹³³. A principal atividade econômica é a agricultura, que produz cacau, óleo de palma, café, baunilha ou coco, e a pesca, mas a descoberta de jazidas de petróleo nas suas águas perspectiva-se uma importante fonte de receitas e de energia de São Tomé e Príncipe que também vindo a reforçar a aposta no turismo ¹³⁴. Aliás, o reforço das exportações de bens e serviços distintos como a agricultura e o turismo sustentáveis são considerados pelo FMI como principais impulsionadores do crescimento econômico. Contudo, este depende, em larga medida, da estabilidade política ¹³⁵.

São Tomé e Príncipe declarou a independência em 12 de julho de 1975. Ao contrário do que aconteceu nas antigas colônias portuguesas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, não foi palco de uma luta armada. Com efeito, é fundado, em 1960, o Comité pela Libertação de São Tomé e Príncipe, liderado por Manuel Pinto da Costa, atual Presidente da República, no Gana, uma estrutura que, em 1972, adota o nome de Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP). Em 26 de novembro de 1974, celebra-se em Argel, entre o MLSTP e o Governo português, o acordo que visava a independência.

Manuel Pinto da Costa tornar-se-ia então o primeiro Presidente da República, protagonizando depois, ao longo de 15 anos, um regime de partido único de inspiração marxista. O histórico líder do MLSTP ocupa de novo a chefia do Estado, desde 2011, desta vez eleito pelo povo, sucedendo a Fradique de Menezes, que cumpriu dois mandatos, à semelhança de Miguel Trovoada que foi Presidente da República entre 1991 e 2001. Trovoada, que também participou na fundação do grupo nacionalista que daria lugar ao MLSTP, é o atual primeiro-ministro, cargo que desempenharia entre 1975 e 1979 ¹³⁶.

O multipartidarismo foi adotado em São Tomé e Príncipe no início da década de 1990, com o arquipélago a testemunhar o aparecimento de novas formações políticas, como a Ação Democrática Independente (ADI), o Partido de Convergência Democrática (PCD) e o Movimento Democrático Força de Mudança (MDFM). Nas mais recentes eleições, em outubro de 2014, após quase duas décadas de instabilidade política, já que nenhum Governo conseguiu acabar o mandato, a ADI, liderada por Patrice Trovoada, conquistou a maioria absoluta, obtendo 33 dos 55 assentos, criando assim condições para poder levar a legislatura até ao fim, o que acontecer seria então um feito inédito ¹³⁷.

A última maioria absoluta havia sido conquistada pelo Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe – Partido Social-Democrata (MLSTP-PSD)

¹³³ Cf. Agência Lusa (2015, maio 07). FMI chega a acordo com São Tomé e Príncipe para apoio de 5,5 milhões de euros, acessado em www.lusa.pt

¹³⁴ CPLP (2014). 18 anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acessado a 30 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf; Site das Independências, acessado a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/>

¹³⁵ Cf. “Agência Lusa (2015, maio 07). FMI chega a acordo com São Tomé e Príncipe para apoio de 5,5 milhões de euros, acessado em www.lusa.pt

¹³⁶ Cf. Agência Lusa (2014, dezembro 14). 2014: ADI conquista maioria absoluta em São Tomé e Príncipe após duas décadas de instabilidade, acessado em www.lusa.pt; Site das Independências, acessado a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/>; Guia do Mundo (2000: 520-521)

¹³⁷ *Ibidem*

nas eleições de 1998, quando conseguiu eleger 31 dos 55 deputados, mas o Governo de Guilherme Posser da Costa foi derrubado em 2001 pelo então Presidente, Fradique de Menezes, que convocou eleições antecipadas.

São Tomé teve, desde a abertura ao multipartidarismo, 16 primeiros-ministros e nunca nenhum Governo conseguiu durar uma legislatura sobretudo devido à fragilidade das coligações. Patrice Trovoada ganhou as eleições de 2010, mas foi destituído em dezembro de 2012 da chefia do Governo pelo Presidente Manuel Pinto da Costa, após uma moção de censura aprovada por toda a oposição no parlamento são-tomense ¹³⁸.

O MLSTP-PSD teve nestas eleições a pior derrota de sempre, conseguindo apenas 16 deputados contra os 21 que tinha elegido em 2010. Outro derrotado em outubro de 2014 foi Fradique de Menezes, que vai alternando entre aliado e inimigo de Patrice Trovoada, e cujo partido, o Movimento Democrático Forças da Mudança – Partido Liberal (MDFM–PL) perdeu a representação parlamentar, quando em 2010 tinha conquistado um assento. O PCD também perdeu deputados, descendo dos sete conquistados em 2010 para cinco. A surpresa foi a União para Democracia e Desenvolvimento (UDD), do primeiro-ministro cessante, Gabriel Costa, atendendo a que conquistou um lugar na Assembleia Nacional pela primeira vez ¹³⁹.

3.2.9 – Timor-Leste

Oficialmente República Democrática de Timor-Leste, tem Díli como capital, o português e o tétum e como línguas de trabalho o inglês e o bahasa indonésio. Usa o dólar norte-americano como moeda, sendo as notas importadas dos Estados Unidos e as moedas (centavos) cunhadas em Portugal. Um dos países mais jovens do mundo, com uma extensão de 14.874 quilómetros quadrados, integra geograficamente o sudeste asiático e as únicas fronteiras terrestres que detém ligam-no à Indonésia. A população estava estimada em 1,17 milhões de pessoas e o PIB *per capita* em 3.615 dólares ¹⁴⁰.

A economia tem crescido, em grande parte devido às importantes reservas de gás natural e petróleo. Segundo previsões do Banco Mundial, datadas do início do ano, a economia que não gira em torno do crude de Timor-Leste vai crescer nos próximos anos uma média de 7% ao ano, sendo que o total (incluindo o PIB petrolífero) quatro vezes mais ¹⁴¹.

¹³⁸ Cf. Agência Lusa (2014, dezembro 14). 2014: ADI conquista maioria absoluta em São Tomé e Príncipe após duas décadas de instabilidade, acedido em www.lusa.pt

¹³⁹ *Ibidem*

¹⁴⁰ Guia do Mundo (2000-560-565); CPLP (2014). 18 Anos CPLP. Os Desafios do Futuro, acedido a 30 de junho, 2015, em http://www.cplp.org/Admin/Public/DWSDownload.aspx?File=%2fFiles%2fFiler%2fcplp%2fDesafios_Futuro_Final.pdf; [<http://www.independenciaslusa.info/>] (Acedido em 30/06/2015); [<http://timor-leste.gov.tl/>]

¹⁴¹ Cf. Agência Lusa (2015, janeiro 14). Setor não petrolífero de Timor-Leste cresce 7% ao ano - Banco Mundial, acedido em www.lusa.pt

Colónia portuguesa desde o século XVI, é unilateralmente proclamado independente em 28 de novembro de 1975 pela FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente), anterior ASDT (Associação Social-Democrata Timorense), uma das três organizações partidárias constituídas após o 25 de abril em Portugal. As outras duas foram a UDT (União Democrática Timorense) – que preconizava “a integração de Timor numa comunidade de língua portuguesa” – e a APODETI (Associação Popular Democrática Timorense), que propunha a “integração com autonomia na comunidade Indonésia”. Xavier do Amaral foi o primeiro Presidente da República, assumindo o cargo de primeiro-ministro Nicolau Lobato, que viria a ser o primeiro líder da Resistência Armada. Com a proclamação da independência tem também início a guerra civil. Pouco depois, e na senda de incursões de tropas junto à fronteira, dá-se a efetiva invasão pela Indonésia que anexaria o território como a sua 27.^a província ¹⁴².

Após a ocupação pela Indonésia a Resistência Timorense consolida-se progressivamente, inicialmente sob a liderança da FRETILIN. Para apoiar as FALINTIL (Forças Armadas de Libertação de Timor-Leste), criadas em 20 de agosto de 1975, organiza-se a Frente Clandestina ao nível interno, e a Frente Diplomática, ao nível externo. Posteriormente, sob a liderança de Xanana Gusmão é implementada uma política de Unidade Nacional, juntando os esforços de todos os sectores políticos timorenses e avançando com a despartidarização das estruturas da Resistência, transformando o CRRN (Conselho Revolucionário de Resistência Nacional) em CNRM (Conselho Nacional de Resistência Maubere), mais tarde transformado em CNRT (Conselho Nacional de Resistência Timorense), que viria a liderar o processo até à efetiva independência de Timor-Leste, já sob os auspícios das Nações Unidas ¹⁴³.

A ocupação havia sido devastadora. O uso do português foi proibido e o do tétum desencorajado pelo Governo pró-indonésio, que censurou a imprensa e restringiu o acesso de observadores internacionais ao território até a queda do regime de Suharto (1998) e da chegada ao poder de Habibie, homem que acabaria por abrir a porta ao referendo em Timor-Leste ¹⁴⁴.

Segundo dados oficiais, aproximadamente um terço da população do país, mais de 250 mil pessoas, morreu no conflito. O massacre de Santa Cruz, em 12 de novembro de 1991, atrairia efetivamente a atenção da comunidade internacional, que se multiplicaria em ações e movimentos de solidariedade para com o povo timorense. Mais de 2.000 pessoas reuniram-se numa marcha até cemitério, em Díli, para prestar homenagem a um jovem membro da resistência timorense (Renetil) – Sebastião Gomes – morto por elementos ligados às forças

¹⁴² Guia do Mundo (2000-560-565); Site das Independências, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info> ; Site oficial do Governo de Timor-Leste, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://timor-leste.gov.tl/>

¹⁴³ *Ibidem*

¹⁴⁴ Site oficial do Governo de Timor-Leste, acedido a 30 de junho, 2015, em <http://timor-leste.gov.tl/>

indonésias, quando o exército abriu fogo indiscriminadamente sobre a multidão. Em 1996, o bispo de Díli, Carlos Ximenes Belo, e o líder da resistência no exterior, José Ramos Horta, são distinguidos com o Prémio Nobel da Paz.

No referendo, realizado em 30 de agosto de 1999, com elevada participação e 78,5% dos votos, os timorenses rejeitaram a autonomia proposta pela Indonésia, escolhendo o caminho da independência formal. Apesar disso, milícias pró-Indonésia, descontentes com os resultados, continuaram a atuar no território. Massivos protestos realizam-se em diversos países do mundo, nomeadamente junto a embaixadas da Indonésia, exigindo a rápida intervenção da ONU. No mês seguinte, um contingente de “capacetes azuis” parte para Timor-Leste. A missão da força de paz, chefiada pelo brasileiro Sérgio Vieira de Mello, inicialmente com 2.500 homens, reforçada depois para 8.000, era a de desarmar os milicianos e auxiliar no processo de transição e na reconstrução do país ¹⁴⁵.

Em outubro, Xanana Gusmão regressa a Timor-Leste livre depois de uma ausência de mais de sete anos determinada pela sua prisão. Dois meses depois é a vez de Ramos-Horta voltar a ‘casa’, praticamente 24 anos depois de ter abandonado o território. Aos poucos, a normalidade vai sendo reposta, com o progressivo desarmamento das milícias e o início da reconstrução de casas, escolas e demais infraestruturas.

Em 2001, realizam-se eleições para a Assembleia Constituinte. A Fretilin vence e indica o seu líder, Mari Alkatiri, para primeiro-ministro. Em 20 de maio de 2002, entra em vigor a Constituição de Timor-Leste que recupera a sua soberania e passa a assinalar a data como Dia da Restauração da Independência ¹⁴⁶.

No mês seguinte, com 82,69% dos votos, Xanana Gusmão é eleito Presidente da República. Depois de repetir durante dois anos que não queria chefiar a nação, acabou por se candidatar no último dia, não como independente, mas com o apoio de nove das forças minoritárias timorenses, o que o colocou em rota de colisão com o maior partido timorense, a Fretilin. Em setembro do mesmo ano, Timor-Leste é admitido como 191.º membro nas Nações Unidas.

Já 2004 fica marcado pelo fim das missões operacionais dos “capacetes azuis” estacionados em Timor-Leste, cujas forças armadas e polícia assumem o controlo total na defesa e segurança. No ano seguinte, o então Presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono, visita oficialmente Timor-Leste, tornando-se no primeiro chefe de Estado estrangeiro a entrar em Díli após a independência ¹⁴⁷.

¹⁴⁵ Site das Independências, acessado a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/> ; Guia do Mundo (2000-560-565); DN.pt (2012, março 16). As principais datas de Timor-Leste. *Diário de Notícias*, acessado a 30 de junho, 2015, em http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2364660&seccao=CPLP&page=-1 ; Site oficial do Governo de Timor-Leste, acessado em 29 de junho, 2015, em <http://timor-leste.gov.tl/>

¹⁴⁶ *Ibidem*

¹⁴⁷ Site das Independências, acessado a 30 de junho, 2015, em <http://www.independenciaslusa.info/> ; Guia do Mundo (2000:560-565) ; s,

Na sequência da crise de 2006, desencadeada pelas queixas dos militares de perseguição e atos discriminatórios no seio da instituição castrense, que resvalam em confrontos, Mari Alkatiri demite-se, após um “braço-de-ferro” com Xanana Gusmão, apesar de a Fretilin ter apoiado a sua continuidade. José Ramos-Horta, que era ministro dos Negócios Estrangeiros, passa a ser primeiro-ministro.

É precisamente José Ramos-Horta que vence as presidenciais de 2007, derrotando Francisco Guterres Lu Olo, presidente do parlamento e candidato da Fretilin, à segunda volta. O partido, liderado por Alkatiri, também ganha as legislativas, mas não obteve o número de votos necessários para governar e Xanana Gusmão, presidente do CNRT, da Aliança para Maioria Parlamentar formada após as eleições de 30 de junho, é convidado a formar governo.

Em fevereiro de 2008, o Presidente José Ramos-Horta é ferido com gravidade, ao ser atingido a tiro num ataque e o presumível autor, o major Alfredo Reinado, é abatido a tiro. O primeiro-ministro Xanana Gusmão escapa ileso a uma alegada emboscada, perpetrada por Gastão Salsinha, novo líder da revolta e um dos coordenadores do protesto de 28 de abril de 2006, que se rende três meses depois. E, invocando motivos de segurança, Timor-Leste pede à missão da ONU que estenda a sua presença no país por mais um lustro ¹⁴⁸.

Quatro anos depois, e às portas de celebrar uma década de independência, os timorenses são chamados a votar nas terceiras presidenciais. Doze candidatos apresentam-se à corrida ganha pelo ex-chefe das Forças Armadas Taur Matan Ruak que vence à segunda volta, derrotando o presidente da Fretilin, Francisco Guterres Lu Olo. Nas legislativas do mesmo ano, Xanana Gusmão, pelo CNRT, obtém maioria relativa (35%) e coliga-se com o Partido Democrático e a Frente Mudança.

Em fevereiro de 2015, Timor-Leste daria, porém, posse a um novo Governo Constitucional liderado por Rui Araújo (Fretilin, oposição), com a saída de Xanana Gusmão que renunciou à chefia, mas ficou com o cargo de ministro do Planeamento e Investimento Estratégico ¹⁴⁹.

3.3 – Lusofonia e Informação

3.3.1 – Ciberjornalismo no perímetro CPLP

A diversidade que marca o perímetro da CPLP, não obstante denominadores comuns, estende-se, naturalmente, ao domínio da informação. Segundo dados da Internet World Stats ¹⁵⁰, sem surpresa, Portugal e Brasil lideram em termos da taxa de penetração da Internet – com 64,9% e 54,2%,

¹⁴⁸ *Ibidem*

¹⁴⁹ *Ibidem*

¹⁵⁰ Cf. Internet World Stats, acessido a 22 de novembro, 2014, em <http://www.internetworldstats.com/stats.htm> ; <http://www.internetworldstats.com/stats4.htm#europa> ; <http://www.internetworldstats.com/stats2.htm>; <http://www.internetworldstats.com/stats3.htm#asia>

respetivamente, seguidos por Cabo Verde (37,5%), São Tomé e Príncipe (25,6%), Angola (22,5%) e Guiné-Equatorial (17,2%). Moçambique (5,9%), Guiné-Bissau (3,4%) e Timor-Leste (1,1%)¹⁵¹ surgem na segunda metade da tabela, à luz de dados de 2014.

Os números permitem, em paralelo, ver também o reverso da medalha, transportando-nos para o conceito de infoexclusão de Manuel Castells, focado pelos autores que alertam para a importância de levar em consideração as elevadas taxas em muitos países da CPLP e para as consequências daí resultantes: “as vozes silenciadas e as realidades ausentes do espaço virtual, e que também são parte da lusofonia, encontram-se excluídas desta nova dimensão da identidade lusófona”.

Ora, no particular do ciberjornalismo, as disparidades entre cada um dos Estados-membros afiguram-se tão grandes quanto as distâncias que os separam do ponto de vista do desenvolvimento. Esta é uma das conclusões do estudo “Ciberjornalismo na Lusofonia: Contributo para um mapeamento” (2013) – um dos raros de uma perspetiva macro – fruto de um trabalho concertado de nove investigadores (Zamith, Reis, Jerónimo, Osório, Fariña, Limia, Évora, Joanguete, Demeneck) sobre uma “realidade ainda hoje pouco conhecida e estudada”.

“Sem grande surpresa, os resultados globais apontam para a inexistência de um único padrão que caracterize o ciberjornalismo lusófono” e para uma “clivagem clara” entre a Península Ibérica/Brasil, com níveis mais altos de aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet, e África, com os valores mais baixos¹⁵² (Zamith *et al.*, 2013: 260). Em paralelo, “indiciam uma relação direta entre diferentes níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo em cada país ou comunidade e respetivos níveis de desenvolvimento económico, e poderão ser explicados também pelas diferenças de acesso à Internet, literacia mediática e hábitos de consumo de notícias” (*Ibidem*).

O critério inicialmente adotado na seleção da amostra – usar um de cada uma das quatro origens (imprensa, rádio, televisão, Internet) com maior audiência – teve, porém, de ser ‘mexido’ em algumas latitudes “devido à atividade intermitente ou mesmo inexistência na Internet dos títulos oriundos dos meios audiovisuais”. Concluem os autores que “nenhum país ou comunidade atingiu metade do aproveitamento máximo das potencialidades jornalísticas da Internet” e que, entre os PALOP, são os países economicamente menos desenvolvidos (São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau) os que registam piores resultados”, um cenário que, com efeito, era já de esperar. Eis uma síntese das características do ciberjornalismo de cada país extraída do referido estudo¹⁵³:

¹⁵² Refere-se Península Ibérica porque o estudo inclui a Galiza pela proximidade linguística. E, por outro lado, apenas África, excluindo-se Ásia, dado que Timor-Leste teve de ser excluído da análise, por, aquando da fase de levantamento, não terem sido encontrados cibermeios em língua portuguesa. Resta-nos ressaltar que a Guiné-Equatorial não consta do estudo, já que apenas entrou na CPLP no ano seguinte. Em contrapartida, a amostra do estudo, com 36 cibermeios, inclui, além da Galiza, a diáspora

¹⁵³ Excluímos a descrição de Portugal, atendendo à apresentação constante do Capítulo I, sendo de recordar também a ausência da Guiné Equatorial

Angola – Com a penetração da Internet circunscrita a Luanda e, de modo irregular, a outras grandes cidades como Huambo, baixos níveis de literacia, beliscados por baixos níveis de consumo de notícias, Angola “está ainda a dar os primeiros passos” no que toca à Internet, o que pode explicar “o (ainda) escasso interesse na criação e desenvolvimento de *sites* jornalísticos” (*Ibidem*: 261). A amostra incluiu: os *sites* da Rádio Nacional de Angola e Televisão Pública de Angola – ambos estatais –, o Jornal de Angola (também estatal) e o Club-K, abertamente antigovernamental, em detrimento do Angonotícias e Central 7311. Os autores ressaltam, porém, para as dificuldades em escolher a amostra dada a inexistência de métricas de audiência fiáveis e o leque variado de publicações *online* de duvidosa credibilidade.

Brasil – Com quase metade da população ligada à Internet, segundo dados oficiais citados no estudo, retiraram os autores quatro conclusões que destacam como as mais relevantes. A primeira, que tem que ver com a limitação da afluência, é a de que “há pouca preocupação de fazer um jornalismo que influencie outros países com o seu noticiário”, notando-se, pese embora se tratar de um país emergente no plano económico mundial, que o jornalismo se centra ainda muito em assuntos de ordem nacional. Outro aspeto prende-se com a atualização dos jornais. Dizem os autores que os dois maiores (Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo) se mostram “muito ligados às tecnologias”, desde logo porque “possuem agências de notícias que distribuem e vendem conteúdos para todo o território nacional via online”, notando que “a ligação dos jornais a determinados portais tende a vir com um prémio por estes estarem ligados a mecanismos como planos de assinatura de contas de e-mail, por exemplo”. (*Ibidem*: 263). O terceiro ponto tem a ver com os recursos utilizados, destacando-se as fotomontagens a imitar bandas desenhadas, enquanto o quarto diz respeito ao facto de ser ainda pouco o material produzido em exclusivo para a Internet, que continua a servir mais como arquivo do que de meio de exploração das suas múltiplas possibilidades comunicativas. A amostra incluiu: Folha de S. Paulo, a Rede Globo, o portal UOL e a Rádio CBN.

Cabo Verde – Muito marcada pelo texto e fraco recurso ao multimédia – é assim que os autores descrevem o panorama do ciberjornalismo em Cabo Verde, aliás, “um pouco o reflexo do nível da penetração das novas tecnologias no país”. “Sendo o acesso à Internet ainda difícil em Cabo Verde, e restrito a uma percentagem ainda pequena da população, o grau de atualização da informação *online* tende a ser menor do que a noutros países, às vezes com apenas uma atualização diária” (*Ibidem*: 264). Também quase inexistente é o grau de interatividade com o público, pese embora uma preocupação em facultar informações úteis (como tempo ou trânsito). A amostra incluiu a Radiotelevisão Cabo-verdiana (RTC), estatal, a Rádio Nova, da Igreja, A Semana e Notícias do Norte, não tendo sido difícil de selecionar, de acordo com os autores, devido à escassez de cibermeios.

Guiné-Bissau – A instabilidade política e as dificuldades económicas pautam a história e o percurso dos *media* no país que não tem sequer jornais diários e o único semanário nem sempre consegue manter a periodicidade.

A amostra abarcou, portanto, o Gazeta de Notícias (GZ), criado em 1997 e com um *site* atualizado, a rádio Solmansi, que se intitula Rádio Nacional da

Igreja Católica e emite desde 2001 (já que a estação pública Rádio Difusão Nacional (RDN), que continua a ser um dos órgãos privilegiados de informação não tem *site*), bem como o único canal de televisão, a TGB, criada em 1998, cujo *site* não tinha conteúdos atualizados à data do estudo. Já no plano dos media exclusivamente digitais esclarecem categoricamente os autores que não foi encontrado um único exemplo, pelo que foi selecionado o Novas da Guiné-Bissau, fundado em 2012, “que se assume como ‘um diário de informação geral de referência’ feito por jornalistas oriundos da Guiné-Bissau” (*Ibidem*: 264-5).

Moçambique – Os primeiros jornais eletrónicos eram inicialmente distribuídos via telefax, “com meios muito modestos e pequenas equipas” e um mercado reduzido”, tendo a migração de alguns para a Internet sido feita com “muitas dificuldades”. Quer ao nível da adaptação do discurso ao novo meio, no plano dos recursos para suportar despesas de manutenção, quer em termo da mudança do perfil do próprio jornalista. Pese embora o investimento tecnológico para a modernização dos *media*, particularmente os do Estado ou por eles comparticipados (Jornal de Notícias, Rádio Moçambique e Televisão de Moçambique) não é ainda visível no aproveitamento das potencialidades, em particular, sublinham os autores, no campo da multimedialidade. Uma característica que se reveste de singular importância, devido ao sucesso do telefone móvel junto das populações de baixo rendimento, atendendo à elevada taxa de analfabetismo (quase 60%). Jornal Notícias, Jornal @ Verdade, Rádio Moçambique e Televisão de Moçambique foram os meios selecionados pela “longa tradição histórica no cenário mediático moçambicano”. Destacam os autores em particular o Jornal @ Verdade por ter introduzido em 2008, “uma nova forma de fazer jornalismo – participativo e próximo do cidadão –, e também por apresentar uma redação nativa do digital (*Ibidem*: 267).

São Tomé e Príncipe – “Muitíssimo primitiva” – assim é qualificada realidade no campo dos cibermeios, quer do prisma da estrutura, como da atualização. A olhar pelas “áreas mais definidoras do ciberjornalismo – interatividade, hipertextualidade ou multimedialidade – os cibermeios são-tomenses encontram-se “ao nível dos primórdios do ciberjornalismo, nos anos 1990, o que significa um atraso acumulado de 20 anos” (*Ibidem*: 269). Além disso, a escassez de *sites* noticiosos, como observam os investigadores, criou dificuldades em construir uma amostra, desde logo porque a única televisão do país, a estatal Televisão de São Tomé e Príncipe, não tinha *site*. Em paralelo, aquando da recolha de dados, o da Rádio Nacional de São Tomé não se encontrava acessível, pelo que foi substituído pelo da Agência Noticiosa STP-PRESS. As edições *online* dos jornais Vitrina e Jornal Tropical e o único título encontrado nascido e existente apenas na Internet (Téla Nón) completaram a amostra que deixou de parte o Jornal ST “por funcionar como mero *subsíte* do português Jornal Digital”.

Timor-Leste – Com o estudo focado no ciberjornalismo em língua portuguesa, o país teve de ficar de fora, por terem sido apenas detetados pelos investigadores três publicações passíveis de cair na definição de *sites* noticiosos – Timor Post, Radio Liberdade Dili e Saura Timor Lorosae –, nenhuma com conteúdos em português, reflexo da realidade do jovem país, onde se comunica maioritariamente em Tétum (*Ibidem*: 269).

Além das características peculiares identificadas nos dois padrões de ciberjornalismo lusófono identificadas, Zamith *et al* (2013) notam semelhanças relativamente aos resultados de outros estudos no plano das potencialidades mais ou menos aproveitadas, destacando-se no grupo das primeiras a memória e a instantaneidade e a interatividade, hipertextualidade e multimedialidade nas últimas. “Para os defensores do diálogo intralusófono e da expansão da língua portuguesa na Internet e no mundo, a ‘má notícia’ terá sido o fraco aproveitamento da ubiquidade, agravado pela ausência em Timor-Leste de *sites* noticiosos em língua portuguesa” (*Ibidem*: 271).

CAPÍTULO IV – Estudo de Caso: A agência Lusa e as eleições lusófonas de 2014

4. – Objeto de estudo

Na tentativa de responder à pergunta de partida, que serve de âncora a este trabalho, subordinada à importância da agência Lusa como fonte nos meios de comunicação *online* no âmbito da lusofonia, foi aproveitado o facto de o mês de outubro de 2014 concentrar três eleições em países de língua portuguesa¹⁵⁴. Em causa: as legislativas em S. Tomé e Príncipe (dia 12); as gerais em Moçambique (dia 15) e, por fim, as presidenciais no Brasil (dias 05 e 26, correspondentes à primeira e segunda volta).

A opção de restringir a análise à produção dos órgãos de comunicação social (OCS) com presença *online* vai ao encontro da importância de que se revestem nos dias de hoje, a Internet e as novas tecnologias, numa sociedade amplamente rendida ao imediato e que, cada vez mais, acede às notícias através de um dispositivo de bolso, explorada em capítulos precedentes. Características que se alinham, portanto, com a rapidez, uma das qualidades mais distintivas de uma agência. Em paralelo, a Lusa afirma-se, por um lado, como “o principal fornecedor de notícias para os *media* portugueses”¹⁵⁵ e, por outro, como o “mais fiável de todos os *media* digitais”¹⁵⁶, sem esquecer que define a cobertura da atualidade dos países de língua portuguesa e das comunidades espalhadas pelo mundo como uma das suas “vocações naturais”¹⁵⁷.

Em simultâneo, a análise ao peso da Agência Lusa permite, por contraste, uma reflexão sobre a produção própria no ciberjornalismo. Apesar de a investigação não ir além desse objetivo, entendemos oportuno realizar, em paralelo, uma simples incursão pelas características do ciberjornalismo no âmbito da amostra. Pequeno contributo encontra-se, portanto, longe de ser um estudo aprofundado desse prisma, já que, a título de exemplo, nunca foi objetivo definir *rankings*, avaliando e tecendo considerandos sobre a fase de evolução em que se enquadram os OCS, sob a premissa de que os dados seriam insuficientes para executar com rigor tal tarefa.

¹⁵⁴ A Guiné-Bissau também realizou, na primeira metade de 2014, eleições legislativas e presidenciais.

¹⁵⁵ Informação disponível no portal da Agência Lusa em http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product_textosub&prd=1

¹⁵⁶ Informação disponível no portal da Agência Lusa em http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product_internetsub&prd=4

¹⁵⁷ Informação disponível no portal da Agência Lusa em http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product_textosub&prd=53

Por outro lado, regra geral, traçam-se grelhas de análise no plano genérico (sobre X órgãos no período Y, normalmente em dois distintos, sem um tema subordinado) e, aqui, estamos diante de um momento muito específico. Com efeito, também não faria sentido simplesmente deixar passar em branco a presença de características próprias do ciberjornalismo, uma vez denotadas, pelo que se optou por fazer referência às mesmas e sinalizá-las. Em suma, serve o escopo de aferir, ainda que de forma ligeira, a sua frequência no panorama das eleições realizadas em três (muito distintos) países de língua portuguesa, com base nos preceitos aprendidos anteriormente na fase da revisão de literatura.

4.1 – Metodologia de investigação

Foi selecionada uma amostra aleatória – com base tanto nos resultados da procura em motores de busca como no arquivo dos próprios órgãos – com um cuidado atinente: incluir cada um dos diferentes meios (jornal, rádio, televisão e *online*). Em simultâneo, foram contabilizados os artigos produzidos pela agência em igual intervalo temporal.

Dos órgãos com presença *online* foram extraídos 508 artigos, enquanto da Agência Lusa contabilizados 346 referentes ao período compreendido entre 01 e 31 de outubro. Dada a diversidade – decorrente, desde logo, das diferenças entre os três países e das suas respetivas eleições –, os dados foram, em primeira instância, escalpelizados caso a caso, expondo-se, numa derradeira etapa, uma sintética perspetiva macro do conjunto.

E se no caso dos órgãos de comunicação social (OCS) a amostra significa isso mesmo – podendo não corresponder, na íntegra, a todos os artigos publicados – no da Agência Lusa foram contabilizados na totalidade. Em cada uma dos casos (São Tomé e Príncipe, Moçambique e Brasil) são, por conseguinte, expostos dois universos de artigos, pelo que passaremos a designar o primeiro conjunto de amostra principal por equivaler ao âmago do trabalho.

O estudo incluiu análise de conteúdo, porque oferece, por um lado, “a possibilidade de tratar de forma metódica informações (...) que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade” e, por outro, permite “satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva que não são sempre conciliáveis” (Quivy & Campenhoudt, 1998: 216); mas não ficou circunscrita a ela. Nesse sentido, expandiu-se o paradigma em linha com Susan C. Herring (2009), para quem “a inovação é especialmente necessária quando surgem novos fenómenos”. Para o efeito, cruzaram-se pressupostos enunciados por autores de referência em ciberjornalismo, em particular uma grelha desenhada por Fernando Zamith, embora tenham sido introduzidas adaptações como fechar o âmbito de determinados parâmetros sob pena de a investigação se dispersar, afastando-se do principal objetivo. Essa opção seguiu o princípio de que o aproveitamento das potencialidades do ciberjornalismo deveria ser relevado quando detetado no *corpus* da amostra, isto é, sem exigir qualquer ação externa suplementar.

Com recurso ao programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) introduziram-se 13 variáveis para proceder a análise da amostra que exclui artigos de opinião. A saber: data de publicação; órgão; secção em que se insere; género; autor; tamanho; áudio, fotografia, vídeo; hipertexto; interatividade; referências e parcial. Para os textos produzidos pela agência Lusa repetiram-se as variáveis, à exceção das últimas quatro. Além disso foram, obviamente, eliminadas as relativas ao órgão e à secção. Em contrapartida, foi adicionada uma outra, com o objetivo de destrinçar as peças atualizadas ¹⁵⁸ no quadro da instantaneidade, ou simultaneidade, já que refletem que houve, inicialmente, no artigo previamente divulgado, uma (maior) preocupação com a “urgência” de noticiar determinado facto. Embora se tenha observado, em muitos casos, na amostra principal a atualização explicitada de um artigo (com a referência “atualizado a X horas”) não foram recolhidos dados suficientes para uma análise abrangente.

Ora, se a maioria se afigura de fácil compreensão outras carecem de uma breve elucidação. Começamos pelo hipertexto, dividido em intratextual e extratextual. O primeiro refere-se a ligações embutidas, portanto, no corpo da peça, enquanto o segundo aos *links* para artigos subordinados à mesma temática mas – como o nome indica – exteriores a ele, com frequência apresentados sob o epíteto de “Notícias relacionadas”. A opção foi feita em linha com a de Zamith (2007:37) na tabela que concebeu para estudar os níveis de aproveitamento das potencialidades da Internet, com o autor a valorizar mais a presença de uma hiperligação no “miolo” do texto do que fora dele, considerando esse comportamento como “mais consentâneo com a leitura multilinear”.

Já na rubrica da interatividade – à qual é atribuída a pontuação máxima na referida tabela, com oito indicadores – sinalizamos a existência de caixas de comentários e de endereços de e-mail, um universo mais restrito, portanto, comparativamente às possibilidades de interação com a audiência que surgiram nomeadamente “a reboque do chamado jornalismo participativo” (Zamith, 2007: 37), desde que passíveis de serem visualizados na mesma página do artigo. Ao mesmo tempo, também não distinguimos, por exemplo, o comentário instantâneo do retardado, “por muitos eufemisticamente classificados como ‘moderados’” (*Ibidem*) ¹⁵⁹

A variável que denominamos de referências prende-se com a etiquetagem (*tagging*) através de palavras-chave que dão acesso a todo o conteúdo anterior que recorra às mesmas. Esta pode surgir sob diferentes designações como “palavras-chave” ou “tópicos”. Como nota Zamith (*Ibidem*: 40), “o uso de ‘tags’ nas cibernotícias é a primeira de 18 recomendações feitas por Todd Zeigler

¹⁵⁸ Como explica o Livro de Estilo, a “ATUALIZADA” é “uma figura usada em situações em que a primeira notícia tem sequência. Repete o ‘lead’ (a única coisa que não pode ser mexida) e acrescenta-lhe informação. Pode ter até duas versões.

¹⁵⁹ É o caso do Público [<http://www.publico.pt/nos/comentarios-e-inqueritos#/comentarios-fechados>]. Em contrapartida, o jornal oferece um botão – com um desenho de um lápis –, quando o objetivo do leitor é corrigir um erro no artigo, o qual o direciona para um formulário para o efeito. Abre-se uma pequena janela, com três campos para preencher: Nome, endereço de e-mail e mensagem.

(2006) para que os jornais melhorem a sua presença na Internet”. Este é, contudo, apenas um dos pontos que permitem medir o aproveitamento da potencialidade da memória. Mas figura, com efeito, como o que o autor adicionou aos tradicionais métodos de recuperação de informação (arquivo e caixa de pesquisa).

Já a última variável serve para identificar artigos não publicados na íntegra, que remetem o leitor para a versão impressa ou para o *e-paper*” do jornal. Consideramos ainda pertinente fazer um reparo relativamente a outras variáveis, como a do tamanho, considerado a partir do número de parágrafos. Foram definidos três parâmetros (1-3; 4-6 e, por fim, superior a seis). A medida pode, à primeira vista, desencadear uma certa estranheza, mas foi definida tendo em linha de conta as peças/serviços da agência noticiosa portuguesa ¹⁶⁰.

Em segundo lugar, no plano do género, entendemos ser relevante explicitar a categoria que denominamos de “peças de enquadramento”, sob cujo chapéu se incluem “cronologia”, “síntese”, “ficha”, “pontos essenciais” ou “frases”, um conjunto de compilações recorrentes que “se revelam muito úteis para se compreender certos acontecimentos”, como menciona o Livro de Estilo da Lusa. Esse “guião” define que os exemplos referidos e outros importantes géneros jornalísticos – reportagem, entrevista, biografia, perfil ou análise – devem ser grafados em maiúsculas e preceder o título. Com efeito, na prática, nem sempre tal sucede, pelo que, no caso concreto da Lusa, o género não foi sinalizado tendo apenas como base essa indicação. No particular da entrevista convém relevar também que, por norma, são editadas em texto corrido. O Livro de Estilo da agência salienta que “há, no entanto, situações em que, pela relevância do entrevistado, podem redigir-se no modelo pergunta-resposta”.

Por outro lado, no campo do autor, foram distinguidas as peças “assinadas à cabeça”. Em primeiro lugar, para ilustrar o maior ou menor ênfase dado à produção própria pelos OCS – até porque revela, muitas vezes, o envio de um jornalista para fazer a cobertura *in loco* – e, em segundo, porque tal se reveste de particular importância no caso da Lusa, cuja norma instituída, em linha com as congéneres internacionais, reduz o nome do jornalista a iniciais no final do texto. Determina o Livro de Estilo da Lusa que “assinadas à cabeça poderão ser as reportagens que obrigaram a uma pesquisa prolongada de elementos; os trabalhos que se imponham pela sua qualidade de estilo; os textos dos enviados especiais, as análises, as entrevistas pergunta-resposta”. Isto porque o trabalho de agência “é, por definição, um trabalho de equipa”, cabendo “a decisão quanto à assinatura (...) à chefia hierárquica do (s) jornalista (s) com o seu acordo”.

Relativamente ao recurso à multimédia foram discriminados os artigos acompanhados por fotografia, áudio e vídeo. De ressaltar, porém, que existem peças que combinam mais do que um suporte, pelo que esta não pode ser

¹⁶⁰ A primeira unidade de medida (1-3 parágrafos) foi definida a pensar no “FLASH” (só título) obrigatoriamente seguido de um “URGENTE”, que pode ter até três parágrafos. Também no facto de o Serviço Lusaweb, o primeiro criado especificamente para *sites*, que pode ser publicado direta e automaticamente nos portais subscritores, sem qualquer intervenção humana. Independentemente do tamanho, permite aos ‘sites’ “captar” somente os primeiros três parágrafos.

calculada a partir da simples fórmula aritmética da adição. Assim, complementarmente, foram selecionados casos quando cumprida uma condição: ter pelo menos um registo ¹⁶¹.

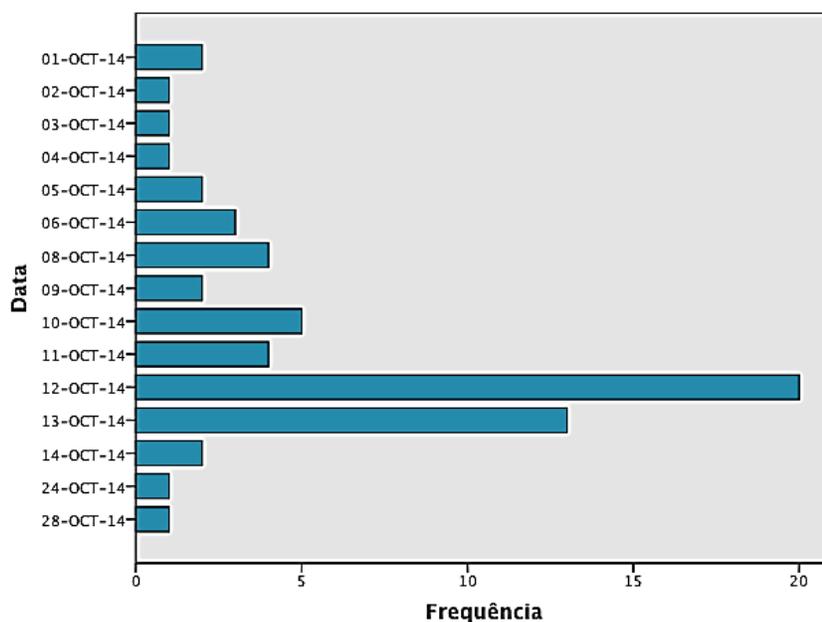
4.2 – Apresentação de resultados

4.2.1 – São Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe realizou, em 12 de outubro, legislativas, autárquicas e regional, após uma campanha pacífica. À eleição para escolher os deputados para os 55 lugares na Assembleia Nacional, apresentaram-se 12 partidos. A Ação Democrática Independente (ADI), de Patrice Trovoada, venceu com maioria absoluta, ao conquistar 33 assentos no parlamento. Em segundo lugar ficou o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe - Partido Social Democrata (MLSTP-PSD), com 16.

A amostra de São Tomé e Príncipe é composta por 62 artigos, extraídos de 13 órgãos. A data de publicação permite constatar que a maioria das peças se concentrou na primeira quinzena. O “pico” teve lugar, sem surpresa, no dia do escrutínio, reunindo quase um terço da amostra (Gráfico 1).

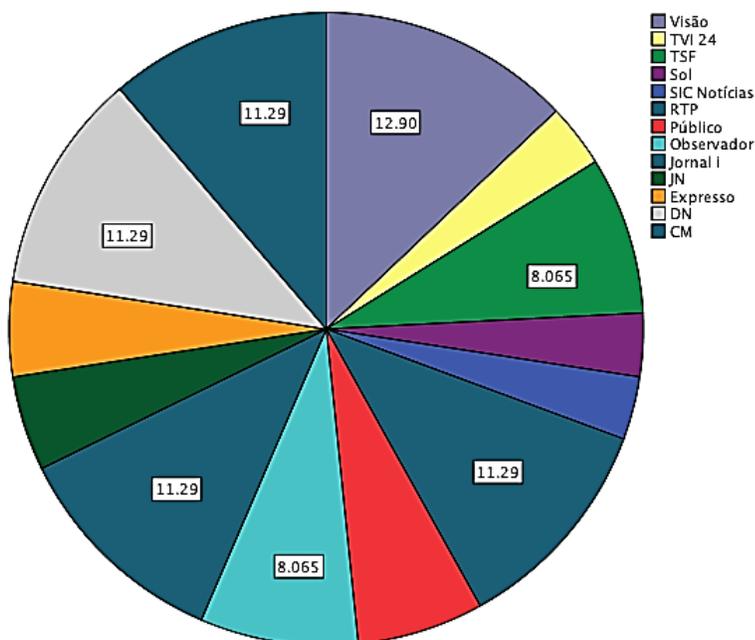
Gráfico 1 - Distribuição das peças por dia



¹⁶¹ No caso específico da Agência Lusa, o áudio, a fotografia ou o vídeo foram contabilizados a partir da indicação que sucede ao título. A ressalva visa clarificar que pontualmente se publicam textos sem indicação. Em paralelo, no particular da fotografia, distribuem-se com frequência diversas imagens agregadas, pelo que os dados apresentados são meramente indicativos sob pena de se extraírem ilações erróneas.

O maior número de artigos (oito) foi encontrado na Visão. Em segundo lugar, em *ex aequo* surge o Correio da Manhã, o Diário de Notícias, o Jornal i e a RTP (cada um com sete), enquanto em terceiro a TSF e Observador (com cinco).

Gráfico 2 - Distribuição das peças por órgão



Em termos de secção, dominou a Mundo (denominação comum a diversos órgãos), seguindo-se Internacional e Última Hora. No plano do género, a notícia evidencia-se com clara hegemonia (69,4%), tendo a reportagem correspondido a pouco mais de um quarto da amostra (Gráfico 1). O tamanho teve, por seu lado, uma distribuição mais equitativa, com uma ligeira vantagem para as peças com um número de parágrafos superior a seis (26 em 62) (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição das peças por género

	Frequência	%
Notícia	43	69.4
Reportagem	17	27.4
Entrevista	2	3.2
Total	62	100.0

Já ao nível do autor – variável fundamental no presente estudo –, detetou-se um curioso “taco-a-taco” entre produção própria e recurso à Agência Lusa.

Este cenário acentua-se quando agregados, por um lado, os artigos, cuja autoria se atribui ao órgão em geral e, em particular, a um jornalista; e, por outro, os que referem a Agência Lusa como autor e os que a sinalizam como coautor. Concretizada a adição, temos: 27 artigos fruto de produção própria contra igual número de peças total ou parcialmente elaboradas pela Lusa. Os restantes oito artigos em falta surgem sem autor especificado. Contudo, foi-nos possível verificar que, pelo menos, cinco dos oito artigos têm a Agência Lusa como fonte, apesar de o OCS o ter omitido. Tal significa que, na verdade, o peso da Lusa acaba por ultrapassar – ainda que por uma margem muito mínima – o referente à produção própria.

Na distribuição da amostra por órgãos, consideramos relevante destacar dois extremos: a totalidade dos artigos da revista Visão tem a Agência Lusa como autor por oposição aos pertencentes ao Público e à TSF, já que, em ambos, todos figuram assinados pelos seus respetivos jornalistas (Tabela 2).

Tabela 2 – Relação entre órgão e autor

	Autor					Total
	Jornalista do OCS	OCS	Agência Lusa	C/Agência Lusa	Não especificado	
CM	2	0	4	0	1	7
DN	3	1	2	0	1	7
Expresso	0	0	1	1	1	3
JN	0	0	0	0	3	3
Jornal i	4	0	1	0	2	7
Observador	0	0	5	0	0	5
Público	4	0	0	0	0	4
RTP	1	1	5	0	0	7
SIC N	0	2	0	0	0	2
Sol	2	0	0	0	0	2
TSF	5	0	0	0	0	5
TVI 24	0	2	0	0	0	2
Visão	0	0	8	0	0	8
Total	21	6	26	1	8	62

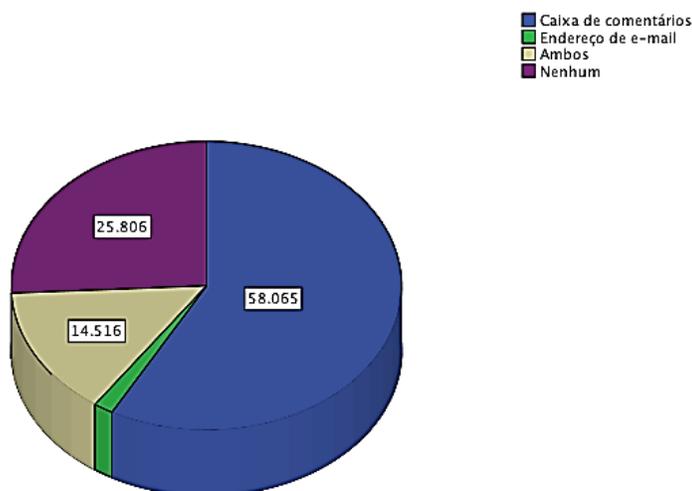
Já a multimédia encontra-se patente em mais de dois terços da amostra (42 em 62 artigos). A fotografia emerge como o meio mais recorrente, com o áudio e o vídeo a coincidirem com o registo de um número diminuto de casos (Tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição da multimédia

	Frequência	%
Fotografia	37	59.7
Áudio	4	6.5
Vídeo	4	6.5

Em paralelo, faltou uma forma de interatividade em pouco mais de um quarto dos artigos, já que não era facultada a possibilidade de comentar nem disponibilizado um endereço de correio eletrónico (com frequência a partir de uma hiperligação no nome do autor). (Gráfico 3).

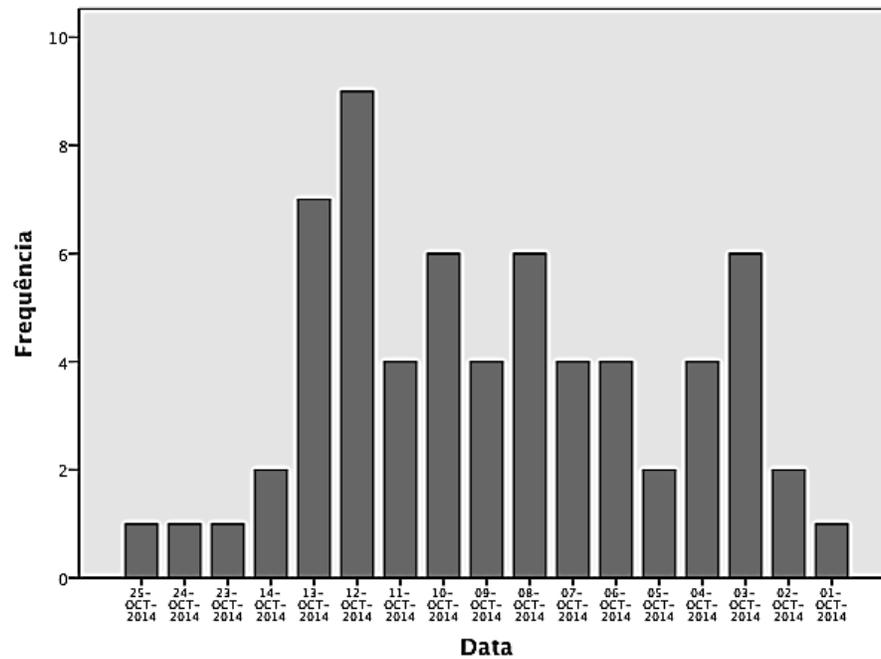
Gráfico 3 - Presença de interatividade



Mais de metade da amostra continha palavras-chave ou tópicos clicáveis, permitindo a navegação pelo tema/secção escolhidos. Não despidendo, denotaram-se pontualmente hiperligações que nada tinham a ver com o artigo em apreço. Já à ausência completa de hipertexto na forma intratextual juntou-se uma fraca percentagem de extratextual, com a falta de hipertextualidade a ser notada em 46 de 62 peças. Por fim, e após observar a última variável selecionada, contabilizaram-se quatro artigos incompletos – todos no Diário de Notícias.

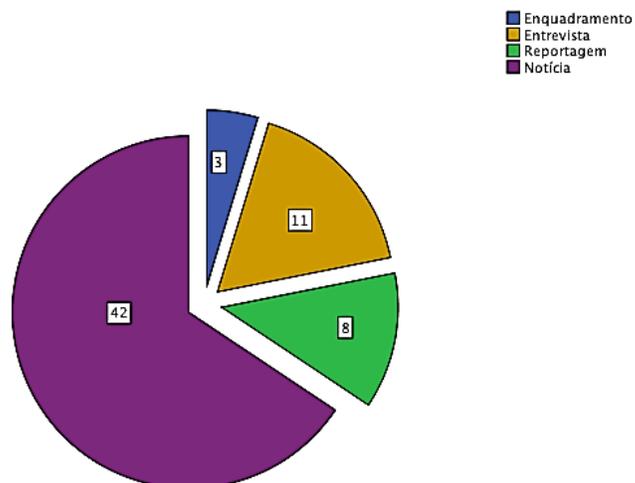
Já a Lusa publicou no total 64 artigos – mais dois do que a amostra recolhida dos órgãos de comunicação social na Internet. Em consonância com os clientes – ou vice-versa – a 'linha' da única agência portuguesa teve um fluxo interrupto sensivelmente na primeira metade do mês, com o dia do escrutínio (12) e o seguinte a serem responsáveis por um quarto de toda a produção sobre as eleições em São Tomé e Príncipe entre 01 e 31 de outubro. (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Distribuição das peças por dia



A notícia voltou a ser o género predominante. No entanto, houve maior variedade (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Distribuição das peças por género



Já no plano do tamanho, ao diminuto número de artigos com a dimensão intermédia (oito ou 12,5%) juntou-se a falta de peças obedecendo ao tamanho mínimo definido aquando da construção da variável (1-3). Destarte, os textos com um número superior a seis parágrafos granjearam com facilidade a esmagadora maioria.

Valoradas foram também as peças “assinadas à cabeça”: 19 num total de 64. A oferta multimédia foi identificada em mais de metade da amostra (56,2%) (Tabela 4).

Tabela 4 – Distribuição da multimédia

	Frequência
Áudio	19
Fotografia	13
Vídeo	4

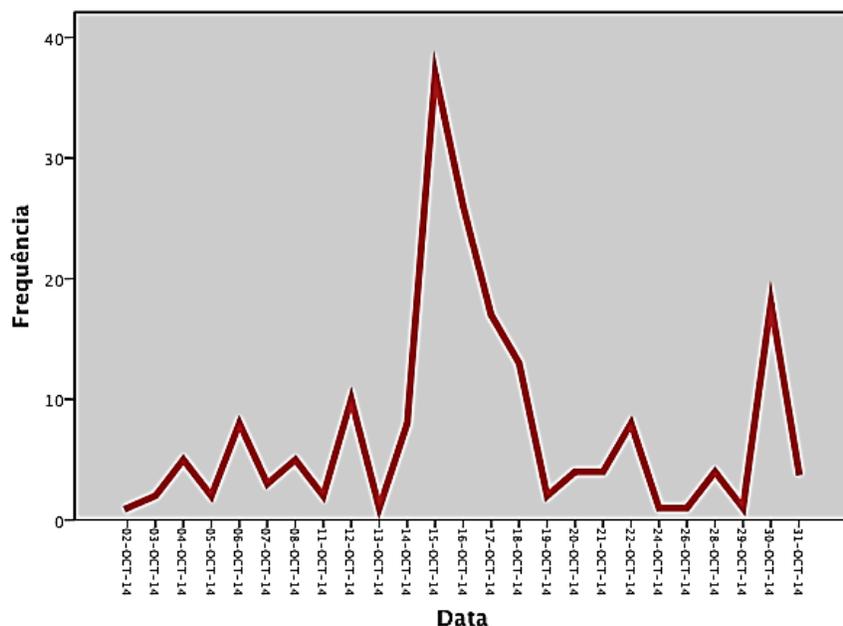
4.2.2 – Moçambique

Moçambique foi palco, em 15 de outubro, de eleições presidenciais, legislativas e provinciais. Na corrida à sucessão de Armando Guebuza na presidência moçambicana participaram Filipe Nyusi, candidatos da Frelimo (partido no poder) e Afonso Dhlakama, da Renamo (oposição), bem como Daviz Simango, líder do emergente MDM (Movimento Democrático de Moçambique).

Filipe Nyusi venceu as presidenciais com 57%, seguido de Afonso Dhlakama, com 36,6%, o qual rejeitou os resultados, por considera-los fraudulentos, reclamando governar as províncias em que o seu partido ganhou. Nas legislativas, a Frelimo conquistou uma maioria de 144 dos 250 assentos, seguida pela Renamo (89) e pelo MDM (17). Já dos 811 assentos em disputa nas eleições provinciais, a Frelimo obteve 485, enquanto a Renamo conquistou 294 e o MDM 32.

A amostra de Moçambique é composta por 187 artigos, distribuídos por 25 de 31 dias: ou seja, houve apenas seis sem registos. Por outro lado, aproximadamente metade de toda a amostra foi produzida em quatro (no dia das eleições e nos três subsequentes), sendo de notar um outro “pico” a 30 de outubro, o qual corresponde ao anúncio dos resultados oficiais das eleições gerais (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Distribuição das peças por dia



A Visão publicou o maior número de artigos de entre os 14 órgãos de comunicação social analisados, seguida de perto pela RTP. Em terceiro lugar, em *ex aequo*, surge o Jornal de Notícias e o Observador. A maior parte da amostra era composta por artigos com mais de seis parágrafos (59,4%), sendo de vincar a vantagem da medida mínima (1-3) frente à intermédia (4-6) – 28,3% contra 12,3%. No plano da editoria, mais de dois terços da amostra (68,4%) ‘encaixaram-se’ na secção Mundo e Internacional, ao passo que um quarto integrava o “Última Hora”.

No capítulo do autor, afigura-se evidente a dependência da Agência Lusa, já que apenas duas em cada dez peças da amostra foram produzidas pelo próprio OCS ou assinadas por um jornalista do mesmo (39 ou 20,8%) por oposição às identificadas como da agência (113 ou 60,4%).

O peso da Lusa sobe ligeiramente quando incluídos nos cálculos os artigos elaborados com a agência e os exclusivos Lusa para o respetivo OCS. Cruzando o autor com os meios de comunicação social, observa-se que os dois que produziram o maior número de peças da amostra (Visão e RTP) foram também os que mais recorreram à Agência Lusa, identificada como autor na esmagadora maioria, seguidos, também novamente, do Observador (Tabela 5).

Nos restantes 30 artigos o autor não é especificado. Contudo, pode constatar-se – por via de um simples confronto com os *takes* – que pelo menos 24 são da autoria da Lusa. Deste modo, nos artigos retirados da agência o leitor apenas percebe que figura como a fonte quando a própria o indica em algum momento no próprio texto, ao escrever, por exemplo, “em declarações à Lusa”.

Ora, se adicionarmos os citados artigos, a representação da agência cresce para 142 num universo de 187 artigos, determinando, por conseguinte, que a Lusa foi, afinal, responsável por 75,9% das peças que constituem a amostra.

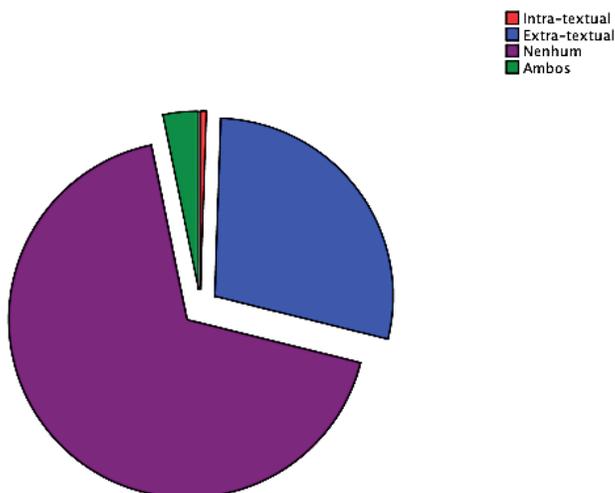
Tabela 5 – Relação entre órgão e autor

Órgão	Autor						Total
	Jornalista do OCS	OCS	Agência Lusa	C/Agência Lusa	Não especificado	Exclusivo Lusa/OCS	
TSF	0	0	5	0	3	0	8
RR	1	0	0	0	6	0	7
TVI 24	0	11	0	0	0	0	11
SIC Notícias	0	0	1	0	0	0	1
RTP	3	1	32	0	0	0	36
Visão	0	0	37	0	0	1	38
Expresso	5	0	5	0	0	0	10
Sol	4	0	0	0	0	0	4
Público	6	2	0	0	0	2	10
Observador	1	0	14	0	0	0	15
Jornal i	1	1	6	1	2	0	11
CM	1	0	4	0	3	0	8
JN	0	0	0	0	15	0	15
DN	2	0	9	1	1	0	13
Total	24	15	113	2	30	3	187

A notícia foi o género por eleição, com 175 artigos (93,6%), seguida da reportagem.

No campo da hipertextualidade verificou-se a sua ausência em mais de dois terços da amostra (127 ou 67,9%). De assinalar, contudo, que, ao contrário do sucedido no caso de São Tomé e Príncipe, foi detetado hipertexto intratextual – embora residual.

Gráfico 7 - Presença de hipertextualidade

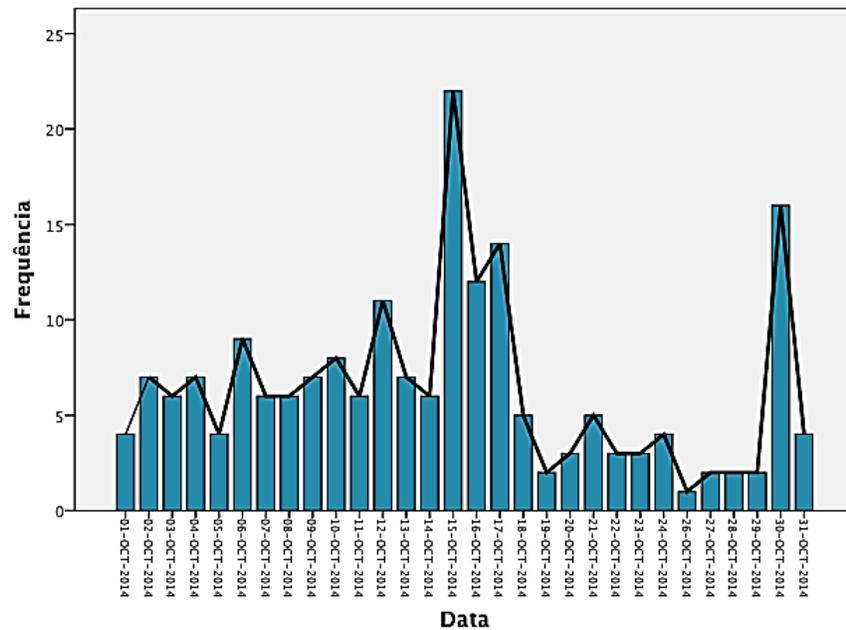


A presença multimédia foi detetada em mais de metade da amostra (98 artigos), estando a fotografia a acompanhar 96 peças; seguida do áudio (3) e do vídeo (2).

Já a interatividade faltou em 53 dos 187 artigos. Em contrapartida, 24 (ou 12,8%) tinham tanto caixa de comentários como endereço de *e-mail*. Por fim, três peças – duas do DN e uma do Expresso – estavam incompletas, ou seja, não eram disponibilizadas na íntegra.

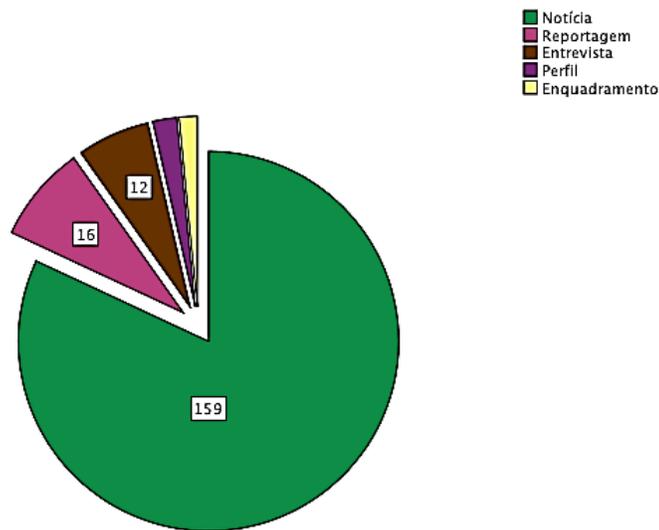
Já a Agência Lusa publicou 194 peças – mais sete do que as que perfazem a amostra dos órgãos de comunicação social na Internet. Entre 01 e 31 de outubro houve apenas um dia (25) em que a 'linha' ficou em 'branco' relativamente às eleições de Moçambique. O maior número de artigos foi publicado no dia 15, o do escrutínio, e nos dois seguintes, bem como no dia 30, tal como no caso da amostra principal, mas, grosso modo, a distribuição foi equilibrada (Gráfico 7).

Gráfico 8 - Distribuição das peças por dia



A notícia também foi o gênero dominante. Seguiu-se a entrevista e a reportagem, o perfil e, por último, as peças de enquadramento.

Gráfico 9 - Distribuição das peças por gênero



Em termos do tamanho, a hegemonia pertenceu indubitavelmente a artigos com número de parágrafos superior a seis (95,9%). Em sentido inverso, apenas escassos cinco foram “assinados à cabeça”.

A presença de oferta multimédia foi identificada em 30 artigos (15,4%), com muitos a fazerem-se acompanhar, em simultâneo, por mais do que um tipo de registo. O áudio e a fotografia “empataram”, com o vídeo a surgir, a curta distância, como o terceiro meio mais utilizado (Tabela 6). Cinco dos artigos correspondiam a versões atualizadas.

Tabela 6 – Distribuição da multimédia

	Frequência	%
Fotografia	14	7.2
Áudio	14	7.2
Vídeo	13	6.7

4.2.3 – Brasil

O Brasil realizou eleições, em 05 de outubro, para escolher um novo chefe de Estado, naquela que foi a sétima eleição direta para o cargo desde o fim da ditadura militar (1964-1985), bem como os governadores, deputados estaduais e distritais (no caso de Brasília), senadores e deputados federais. Dado que nenhum candidato obteve mais de 50% dos votos válidos teve lugar, em 26 de outubro, uma segunda volta para os cargos de Presidente, vice-presidente e governadores. A Presidente, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (centro-esquerda), conquistou a reeleição, ao vencer à segunda volta, com 51,6% dos votos. Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB, de centro-direita), obteve 48,3%.

A amostra do Brasil é composta por 259 artigos, publicados em 26 de um total de 31 dias. Dois períodos evidenciam-se em termos do fluxo: os dias 05 e 06 e 26 e 27, correspondentes, portanto, à primeira e segunda volta e ao respetivo dia seguinte. Tanto que só os referidos quatro dias equivalem a mais de metade.

Em termos de meios de comunicação social, o maior número de artigos foi encontrado no Diário de Notícias, seguido do Público, TVI e TSF. Os demais publicaram menos de 30 cada (Tabela 7). A secção Mundo dominou, tal como o uso de textos com um tamanho superior a seis parágrafos, com esta opção a superar as duas outras unidades de medida juntas.

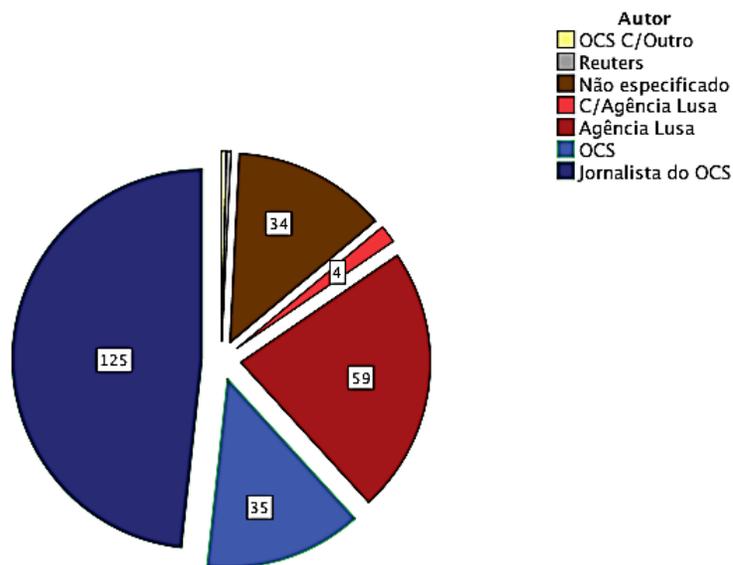
Tabela 7 – Distribuição das peças por órgão

	Frequência	%
TSF	30	11.6
RR	9	3.5
TVI 24	35	13.5
SIC Notícias	1	.4
RTP	21	8.1
Visão	17	6.6
Expresso	25	9.7
Sol	5	1.9
Público	36	13.9
Observador	15	5.8
Jornal i	7	2.7
CM	6	2.3
JN	10	3.9
DN	42	16.2
Total	259	100.0

No plano do autor, verifica-se uma clara preferência pela produção própria (61,8%). A esmagadora maioria dos artigos surge, aliás, assinada, o que se explica facilmente com o facto de terem sido enviados jornalistas para fazer a cobertura 'in loco'. Os artigos que têm a Lusa como fonte representam apenas 22,8% do total (59), aumentando ligeiramente se contabilizados os quatro escritos em conjunto com a agência assim identificados.

Sem autor não especificado foram sinalizados 34. Ficam a faltar duas unidades da amostra: um tem como fonte a agência Reuters, enquanto o outro diz respeito a um caso em que o jornalista do OCS assina com outros meios de comunicação social (no particular, um jornalista do Diário de Notícias assina com a revista Veja e com o portal G1).

Gráfico 10 – Distribuição das peças por autor



Ora, ao contrapor, como anteriormente, os artigos sem autor especificado com os da Lusa, constata-se que mais de metade (20 em 34) é parcial ou totalmente da agência. Assim, eleva-se a 83 o número de peças que tem a Lusa como autor, catapultando o seu “peso” para quase um terço (32%). Este valor é, todavia, manifestamente inferior ao registado no caso de Moçambique e de São Tomé e Príncipe em termos proporcionais.

Face ao explicitado relativamente à produção própria não é de estranhar também, e pese embora o predomínio da notícia, uma presença mais notável do género nobre do jornalismo: a reportagem. Além da entrevista, do perfil e de peças de enquadramento, às quais se fez referência anteriormente, foi sinalizado um formato distinto: o “Minuto a Minuto”

Apesar de não constituir, no sentido formal, o que a academia define como um tipo de género jornalístico, trata-se de um formato cada vez mais recorrente e exclusivo da Internet. A sua origem surge comumente associada ao relato de jogos de futebol, mas tem vindo a generalizar-se, em particular, em eleições ¹⁶². Em paralelo, o recurso a este formato reflete uma maior preocupação com o imediato – por oposição ao verificado na análise de Moçambique e São Tomé e Príncipe.

¹⁶² Como dois exemplos recentes poder-se-á citar o caso das eleições europeias [<http://observador.pt/2014/05/19/acompanhe-aqui-europeias/>] e o das eleições primárias no Partido Socialista [<http://www.publico.pt/politica/noticia/noite-eleitoral-do-ps-ao-minuto-1671166>]

A importância do Brasil na cena mundial terá contribuído para a tentativa de oferecer uma cobertura mais intensa – literalmente minuto a minuto –, talvez mais do que o fator lusófono, comum aos outros dois casos. Observador, TVI e Expresso recorreram a este modelo (Tabela 8).

Tabela 8 – Relação entre órgão e género

	Género						Total
	Notícia	Reportagem	Entrevista	Enquadramento	Perfil	Minuto a Minuto	
DN	39	3	0	0	0	0	42
JN	10	0	0	0	0	0	10
CM	6	0	0	0	0	0	6
Jornal i	7	0	0	0	0	0	7
Observador	7	1	0	2	3	2	15
Público	10	24	0	1	1	0	36
Sol	3	2	0	0	0	0	5
Expresso	19	4	0	0	0	2	25
Visão	17	0	0	0	0	0	17
RTP	14	7	0	0	0	0	21
SIC Notícias	1	0	0	0	0	0	1
TVI 24	23	8	0	1	2	1	35
RR	3	4	2	0	0	0	9
TSF	19	11	0	0	0	0	30
Total	178	64	2	4	6	5	259

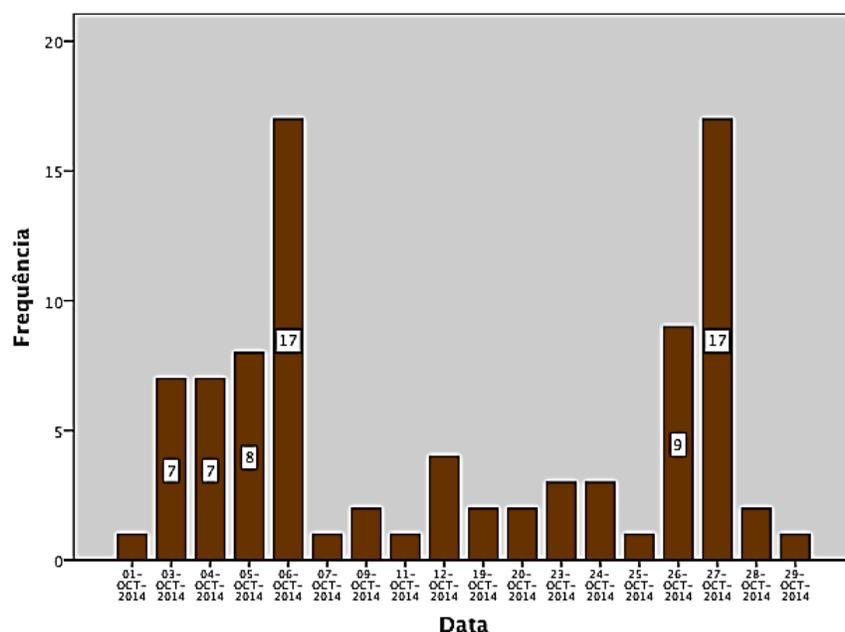
Aparentemente também a corroborar a ideia de um maior cuidado para com as eleições no Brasil – sempre na lógica da analogia – o facto de a hipertextualidade ter estado ausente em 28,6% da amostra, uma percentagem proporcionalmente muito inferior à apurada relativamente a Moçambique e, ainda mais, em comparação com São Tomé e Príncipe. Na mesma linha, o peso da multimédia é maior (patente em 216 peças ou 83,3% da amostra). Acompanhadas por foto (s) estavam 192 peças; por áudio 17, enquanto por vídeo 32.

A interatividade também foi maior, já que foi figura ausente em apenas 33 artigos (12,7%). À maior parte dos artigos (155 ou 59,8%) também estavam associadas palavras-chave ou tópicos clicáveis, convidando a rotas de navegação com eles relacionados. Dez peças apresentavam-se incompletas,

facultando-se um extrato, regra geral, correspondente aos primeiros três/quatro parágrafos.

Já a Agência Lusa publicou 88 artigos – menos 171 ou o equivalente a um terço da amostra principal. O maior fluxo noticioso ocorreu nos dias da eleição e no imediatamente seguinte (05/06 e 26/27) – com esses quatro dias a representarem a grande fatia da amostra (57,9%). Mas ao contrário de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, a cobertura do dia seguinte foi, em termos quantitativos, superior ao do da própria eleição tanto na primeira como na segunda volta. Aliás, em ambas, o total de artigos publicados correspondeu sensivelmente ao dobro face ao “dia D”. Por outro lado, foi notada a ausência de artigos num total de 12 dias (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Distribuição das peças por dia



No âmbito do género, a notícia manteve a hegemonia, com apenas seis artigos a ‘escaparem’: três reportagens e três peças de enquadramento. Ao nível de tamanho, os textos com um número superior a seis parágrafos representavam mais de dois terços da amostra (68,2%). Só quatro peças integravam a categoria correspondente à bitola mínima (1-3), enquanto as sobrantes a medida intermédia (4-6).

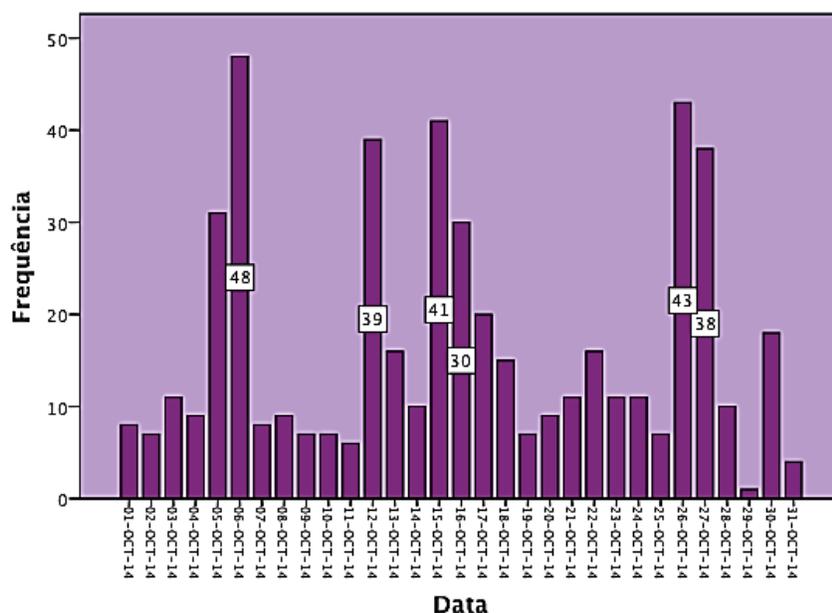
No universo de 88 peças que constituem a amostra somente uma (reportagem) foi “assinada à cabeça”. Extremamente reduzida é também a presença de multimédia: acompanha apenas duas: uma combina vídeo e fotografia e outra oferece vídeo e áudio. Versões atualizadas de textos previamente divulgados foram sinalizadas em igual número (duas) na “linha”.

4.2.4 – Perspetiva do conjunto

Expostos os resultados de cada um dos casos – e apesar de pontualmente terem sido feitos paralelismos – afigura-se pertinente facultar uma perspetiva do conjunto para uma melhor compreensão. A amostra principal agrupa 508 artigos; enquanto a secundária (referente à Agência Lusa) 346. Aplicou-se o mesmo exercício, seguindo o fio das variáveis.

O maior número de artigos foi sinalizado a 06 e a 26 de outubro – em conexão clara com Brasil (referem-se, respetivamente, ao dia seguinte às eleições da primeira volta e ao próprio dia da segunda volta); seguindo-se dia 15 e dia 12, correspondentes às eleições em Moçambique e em São Tomé e Príncipe (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Distribuição das peças por dia



RTP, Visão, DN, Público, TVI e TSF foram, por esta ordem, os órgãos de comunicação social que produziram o mais elevado número de peças, com os restantes a registarem um número inferior a 40 (Gráfico 13). A secção Mundo dominou, tal como a utilização de textos com um tamanho superior a seis parágrafos (Tabela 9).

Gráfico 13 - Distribuição das peças por órgão

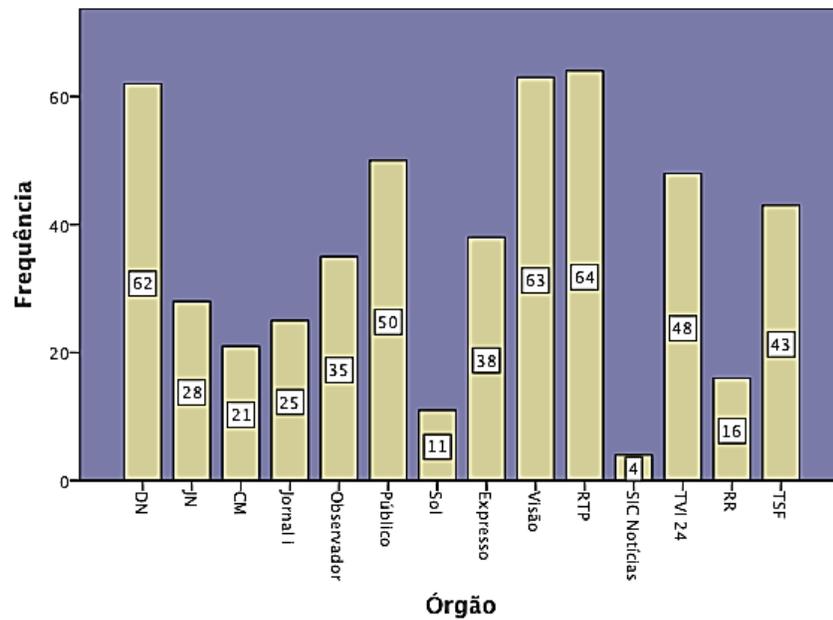


Tabela 9 – Distribuição das peças por tamanho

	Frequência	%
1-3	130	25.6
4-6	101	19.9
+6	277	54.5
Total	508	100.0

No plano do autor, a superioridade numérica, em termos individuais, vai para artigos da Agência Lusa (198), cujo total sobe marginalmente quando agrupados os “com Lusa” e os “exclusivos Lusa para o OCS” para 208, ou seja, para 40,9% da amostra. Trata-se, porém, de uma percentagem inferior à do cômputo da produção própria patente em 226 artigos, ou 44,5% do total, quando efetuada a adição entre as 170 peças assinadas pelo jornalista e as 56 pelo OCS em geral (Gráfico 14) .

Gráfico 14 – Distribuição das peças por autor

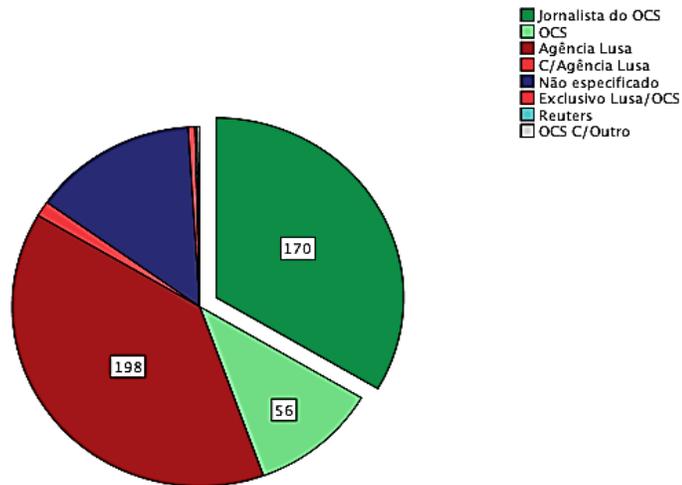


Tabela 10 – Relação entre órgão e autor

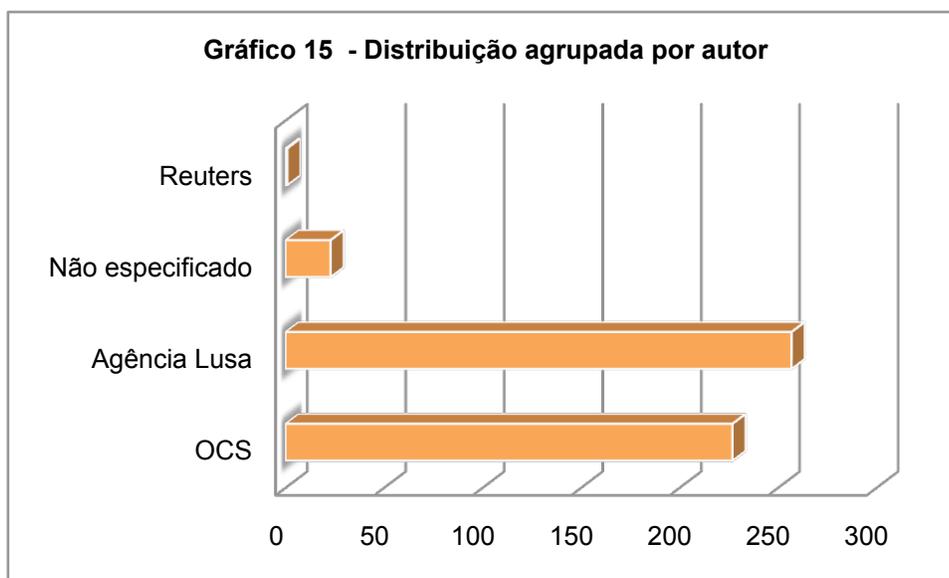
Órgão	Autor								Total
	Jornalista do OCS	OCS	Agência Lusa	C/Agência Lusa	Não especificado	Exclusivo Lusa/OCS	Reuters	OCS C/Outro	
TSF	19	0	7	0	17	0	0	0	43
RR	7	0	0	0	9	0	0	0	16
TVI 24	9	38	0	0	1	0	0	0	48
SIC Notícias	0	2	1	0	1	0	0	0	4
RTP	19	3	41	1	0	0	0	0	64
Visão	0	0	62	0	0	1	0	0	63
Expresso	17	1	18	1	1	0	0	0	38
Sol	9	0	2	0	0	0	0	0	11
Público	38	9	1	0	0	2	0	0	50
Observador	11	0	24	0	0	0	0	0	35
Jornal i	5	2	13	1	4	0	0	0	25
CM	5	0	9	0	7	0	0	0	21
JN	0	0	0	0	28	0	0	0	28
DN	31	1	20	4	4	0	1	1	62
Total	170	56	198	7	72	3	1	1	508

Tabela 11 – Distribuição de peças sem autor especificado por órgão

	Frequência	%
DN	4	5.6
JN	28	38.9
CM	7	9.7
Jornal i	4	5.6
Expresso	1	1.4
SIC Notícias	1	1.4
TVI 24	1	1.4
RR	9	12.5
TSF	17	23.6
Total	72	100.0

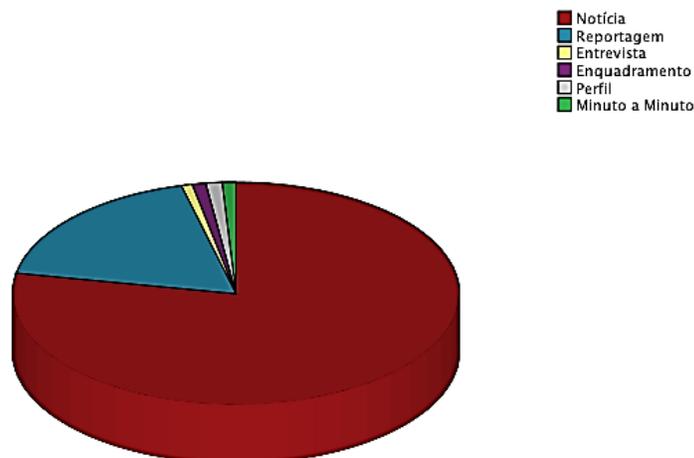
Os três meios que mais recorreram à Lusa foram: Visão, RTP, seguidos do Observador e DN. Em sentido inverso, o Público foi o que apresentou maior produção própria (Tabela 10). Com efeito, sobram 74 peças, das quais 72 surgem sem autor especificado (Tabela 11), a maioria publicadas pelo JN e TSF, ainda que seja comum a nove dos 14 órgãos de comunicação social examinados.

Neste particular, foram expostos, nos subcapítulos precedentes, os artigos em que foi possível atestar como sendo, afinal, propriedade da agência noticiosa portuguesa, após um confronto simples com os *takes*. Recorde-se que cinco em oito correspondiam à Lusa no caso de São Tomé; 24 em 30 no de Moçambique; e 20 em 34 no do Brasil. Significa isto, portanto, que 49 dos 72 artigos que surgem sem referência do autor têm a Lusa como fonte. Assim, o peso da agência eleva-se, por fim, de 208 (devidamente identificados) para 257, ou seja, para 50,59% da amostra, suplantando a representatividade da produção própria (44,68%). (Gráfico 15).



Inabalável permanece o domínio da notícia, com a reportagem a figurar em segundo lugar. Os demais géneros (como entrevista ou perfil) ocuparam uma reduzida quota (Gráfico 16).

Gráfico 16 – Distribuição das peças por gênero



Sete em cada dez peças ofereciam qualquer tipo de multimídia, com grande vantagem para a fotografia, seguida do vídeo e do áudio (Tabela 12). Por outro lado, a ausência de hipertexto foi notada em quase metade da amostra (Tabela 13), enquanto a de interatividade num quinto (Gráfico 17). Do total, 17 peças, em concreto afetas a dois jornais (Diário de Notícias e Expresso), não estavam disponíveis na íntegra.

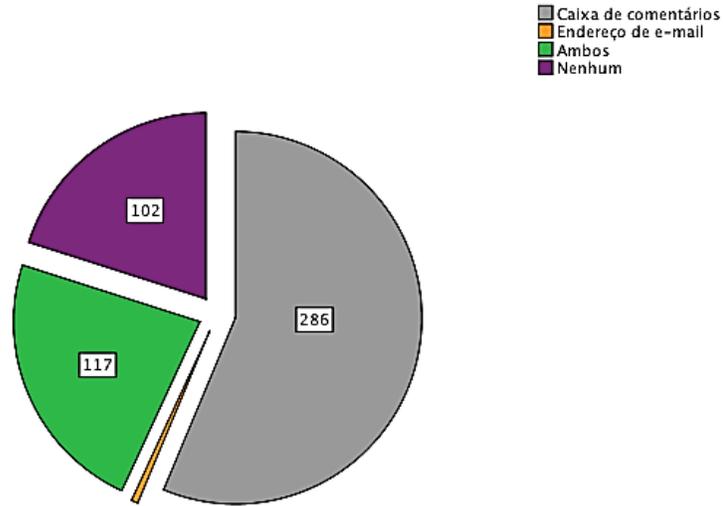
Tabela 12 – Distribuição da multimédia

	Frequência
Fotografia	325
Vídeo	39
Áudio	23

Tabela 13 – Presença de hipertexto

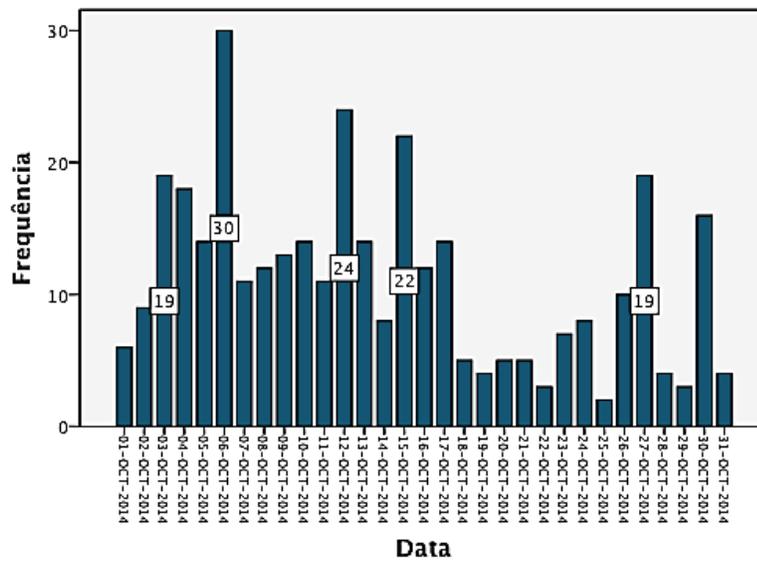
	Frequência	%
Intratextual	4	.8
Extratextual	200	39.4
Nenhum	247	48.6
Ambos	57	11.2
Total	508	100.0

Gráfico 17 – Presença de interatividade



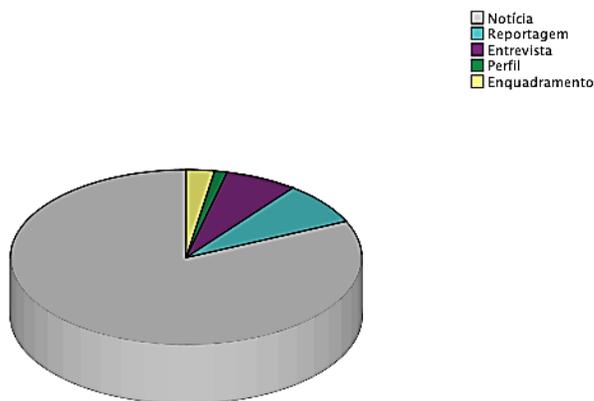
Já a Lusa publicou 346 peças. O maior fluxo correspondeu ao dia seguinte à primeira volta no Brasil. Ao contrário da amostra principal, a jornada eleitoral são-tomense vem em segundo lugar. No seu encaço surge o dia do escrutínio em Moçambique e o dia seguinte à segunda volta no Brasil (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Distribuição das peças por dia



A notícia impôs-se claramente com 283 artigos. A reportagem e a entrevista foram outros géneros preferenciais, mas a uma grande distância (Gráfico 19). De salientar que os únicos quatro perfis dizem única e exclusivamente respeito a Moçambique ¹⁶³.

Gráfico 19 – Distribuição das peças por género



A esmagadora maioria (87,3%) das peças tinham uma dimensão superior a seis parágrafos (Tabela 14).

Tabela 14 – Distribuição das peças por tamanho

	Frequência	%
1-3	6	1.7
4-6	38	11.0
+6	302	87.3
Total	346	100.0

Apenas 25 eram “assinadas” e nove correspondiam a versões atualizadas. Somente 61 artigos em 346 agregavam qualquer tipo de multimédia. O áudio vingou, seguido da fotografia e, por fim, do vídeo.

¹⁶³ Foram publicados, do dia 10, antes das eleições, três referentes aos principais candidatos. O quarto foi divulgado em 30 de outubro, dia em que foram anunciados os resultados, pelo que traça o retrato do vencedor, mantendo o título exatamente igual “PERFIL: Moçambique/Eleições: Filipe Nyusi, o gestor que chegou tarde à política”

4.3 – CONCLUSÃO

Talvez a mais imediata, e, porventura, também a mais importante conclusão a retirar da pesquisa é a de que os cibermeios dependem, em grande medida, do trabalho produzido pela Agência Lusa. Poder-se-iam aventar uma série de razões na tentativa de explicar o fenómeno a começar pelas que não são exclusivas do jornalismo, como a falta de recursos humanos decorrente de estrangimentos financeiros. Mas também outras tantas adstritas aos órgãos em particular porque, embora sem um barómetro, o nível de dependência naturalmente varia.

Em termos globais, como torna evidente a presente pesquisa, foram constatados diferentes graus de dependência mesmo sob um denominador comum: a realização de eleições num país de língua portuguesa. A proximidade (cultural e não geográfica), a importância no panorama mundial do próprio país, o contexto político (de eleições renhidas ou previsão de viragens no poder) ou o próprio trabalho dos seus pares (vulgo “concorrentes”) são fatores passíveis de influenciar uma maior ou menor cobertura por parte do OCS e também uma maior ou menor dependência da Lusa como reflete o presente trabalho. Esta dependência, aliás, pode até ser determinada logo à partida, quando a direção decide enviar um jornalista para o local tomando, portanto, a clara opção de privilegiar a produção própria.

Contudo, a análise de conteúdo permitiu verificar que mais de metade (50,5%) da amostra provem da Agência Lusa, com os *sites* noticiosos a transcreverem, parcial ou totalmente, e até com gralhas, os despachos, ou com pontuais mexidas sobretudo ao nível do título. Embora a diferença relativamente à produção própria, por contraste, acabe por ser percentualmente ligeira, o peso afigura-se significativo ao transparecer um elevado nível de dependência.

Tal tem, concomitantemente, efeitos. O mais visível talvez seja a homogeneidade, patente, aliás, na expressão popular de que “os jornais são todos iguais”. Objeto de queixa por parte de leitores ao longo dos tempos, herdada desde o exclusivo do papel, a publicação dos mesmos conteúdos (não apenas notícias) por diferentes meios provoca uma certa “perda de identidade” do jornal, um fenómeno que, ao mesmo tempo, inviabiliza uma visão plural do mundo¹⁶⁴.

Ora, isso acaba por suceder se o “retalhista” da informação (o jornal, a rádio, a TV ou o ciberjornal) não adicionar um contributo ao produto que o “grossista” (a Lusa) lhe fornece. Por outro lado, quando o produto sobressai

¹⁶⁴ Esta foi a expressão utilizada por um leitor numa carta ao provedor do jornal Público. Embora remonte a 1999, ou seja, aos primórdios do ciberjornalismo em Portugal, mantém atualidade, no sentido em que os aspetos mencionados podem ser “transpostos” para o *online*. Além disso, as considerações feitas (quer pelo emissor, quer pelo recetor) revestem-se, do seu nosso ponto de vista, de interesse para uma reflexão sobre o jornalismo.

porque é relevante, o mérito, normalmente, é imputado ao meio onde se leu, ouviu ou viu. O mesmo sucede perante a crítica ou chamada de atenção diante de um erro – maior ou menor. A diferença, porventura, reside no facto de, no segundo cenário, o órgão ter (mais) responsabilidades, já que a publicação tem o seu crivo ¹⁶⁵.

Além disso, o facto de os próprios órgãos não atribuírem devidamente a fonte também contribui para o desconhecimento do público relativamente às agências. Na presente pesquisa, como anteriormente referido, foram encontrados 72 artigos sem autor especificado, dos quais pelo menos mais de dois terços (49) pertencem, na verdade, à Lusa.

A influência da agência noticiosa portuguesa no fluxo de informação afigura-se, assim, inegável, pese embora a janela de potencialidades que a Internet abriu no jornalismo desde logo do ponto de vista da multiplicidade de formas de contar histórias e da interatividade com o público, potencialidades que, como se provou, estão longe de serem aproveitadas em pleno. Uma das razões para o constante recurso aos serviços prestados pela Agência Lusa prender-se-á com a busca (em curso) por um modelo de negócio adequado, um ponto que, aliás, sustentaria por si só um estudo autónomo. Uma ausência que entra em rota de colisão com a necessidade de manter o fio noticioso em constante e contínua atualização que, naturalmente, precisa de (ciber) jornalistas. Não os havendo, a solução passa por um recurso mais frequente à agência.

Essa solução não tem, convém esclarecer, que ser interpretada como algo de extremamente nefasto. Como sintetiza Nélon Traquina, “não é possível ‘ir a todas’”, ou seja, cobrir todos os acontecimentos por via do envio de um jornalista, por mais extensa que seja a rede. É, neste sentido, aliás, que a Lusa disponibiliza um serviço Agenda e divulga peças de enquadramento como o “Previsão de Cobertura para Hoje” e o “Hoje é Notícia” no sentido de orientar os clientes para que saibam com o que contar, servindo assim também de alerta para os temas que dominam a atualidade pelas diferentes editorias, de nacional a internacional.

O mais importante retém-se, por isso, na procura por um equilíbrio entre o recurso à Agência Lusa e a produção própria em nome da pluralidade, alcançável desde que o primeiro não suplante a segunda.

¹⁶⁵ A única exceção prende-se com o Serviço Lusaweb, ao qual já se fez menção. Só neste caso é que a notícia é “disparada” automaticamente para os portais, permitindo “alimentá-los” nomeadamente de madrugada, sem que haja intervenção do órgão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Lusa (2007). *Agências de Notícias de Portugal*. Lisboa

Agência Lusa (2012). *Livro de Estilo*. Lisboa

Aguiar, Pedro (2009). *Notas para uma História do Jornalismo de Agências*. 7.º Encontro Nacional de História da Mídia, Fortaleza. Acedido a 30 de novembro, 2011, em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Notas%20para%20uma%20Historia%20do%20Jornalismo%20de%20Agencias.pdf>

Alves, Rosental Calmon (2006). Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. *Comunicação e Sociedade*, vol. 9-10, 2006, pp. 93-102. Acedido a 10 de outubro, 2014, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29870/1/Revista%20Comunicacao%20e%20Sociedade%209-10.pdf>

Aroso, Inês (2003). *A Internet e o Novo Papel do Jornalista*. Acedido a 14 de novembro, 2014, em <http://bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf>

Barbosa, Elizabete (2001). *Interactividade: a grande promessa do Jornalismo Online*. Acedido a 14 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elizabete-interactividade.pdf>

Barbosa, Elizabete (2002). *Jornalistas e Público: Novas funções no ambiente online*. Acedido a 25 de outubro, 2014, em <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/barbosa-elizabete-jornalistas-publico.pdf>

Bardoel, Jo, Deuze, Mark (2001). Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. *Australian Journalism Review* 23 (2), pp.91-103. Acedido a 14 de outubro, 2014, em <http://jclass.umd.edu/classes/jour698m/BardoelDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf>

Bastos, Helder (2000). Jornalismo e Internet. O espectro da redundância. *Comunicação e Sociedade* 2, Cadernos do Noroeste, Serie Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000, 375-387. Acedido a 21 de outubro, 2014, em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1408/1340>

Bastos, Helder (2010 a). *Ciberjornalismo e Narrativa Hipermedia*. Acedido a 22 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-e-narrativa-hipermedia.pdf>

Bastos Helder (2010 b). *Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse*. Acedido a 22 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-dos-primordios-ao-impasse.pdf>

Bastos, Helder (2010 c). *Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal*. Acedido a 12 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-da-implementacao-a-estagnacao.pdf>

Bastos, Helder (2011). *Para uma história do ciberjornalismo em Portugal: das origens às múltiplas plataformas*. Acedido a 12 de outubro, 2014, em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57427/2/ActasConfibercom000148482.pdf>

Bastos, Hélder (2012). *A diluição do jornalismo no ciberjornalismo*. Acedido a 26 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-2013-a-diluicao-do-jornalismo-no-ciberjornalismo.pdf>

Baptista, Maria Manuel (2000). *O conceito de Lusofonia em Eduardo Lourenço: Para além do multiculturalismo 'pós-humanista'*, III Seminário Internacional "Lusografias", Évora, 8-11 de novembro, 2000. Acedido a 11 de outubro, 2015, em <http://tinyurl.com/cecls78>

Baptista, Maria Manuel (2006). *A Lusofonia Não É um Jardim ou da Necessidade de "Perder o Medo às Realidades e aos Mosquitos"*. *el/ipsis Journal of the Arnerican Portuguese Studies Association*, volume 4. Acedido a 11 de abril, 2015, em <http://mariamanuelbaptista.com/pdf/ALusofoniajardim.pdf>

Boyd-Barrett, Oliver (2012). *As agências nacionais de notícias na turbulenta era da internet*. *Comunicação & Sociedade*, ano 33, n. 57, p. 7-56. Acedido a 14 de dezembro, 2012, em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3149/2951>

Cabrera, González, Maria Ángeles (2000). *Convivencia de la prensa escrita y la prensa on line en su transición hacia el modelo de comunicación multimedia*. Acedido a 22 de outubro, 2014, em http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer_07/7-4-Comu/7-4-01.htm

Canavilhas, João (2001). *Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web*. Acedido a 15 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>

- Canavilhas, João (2004). *Os Jornalistas Portugueses e a Internet*. Acedido a 11 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf>
- Canavilhas, João (2005). *Os jornalistas online em Portugal*. Acedido a 01 de novembro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-online.pdf>
- Canavilhas, João (2006). *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Acedido a 12 de dezembro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>
- Canavilhas, João (2008 a). *Hipertexto e recepção de notícias online*. Acedido a 11 de outubro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-hipertexto-e-recepcao-noticias-online.pdf>
- Canavilhas, João. (2008 b). Cinco W e um H para o jornalismo na web. *Prisma* n.º 7, 2008. Acedido a 22 de outubro, 2014, em <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/678/pdf>
- Carballido, Xurxo Fernández (2014). A presença da Lusofonia nos manuais de Português Língua Estrangeira (PLE). *Interfaces da Lusofonia*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, pp. 21-40. Acedido a 21 de abril, 2015, em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1768/1699
- Carvalho, Tiago (2013). *A importância da Agência Lusa nos sites noticiosos portugueses – os casos do Público, Diário de Notícias e Jornal i*. Dissertação de Mestrado Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Acedido a 11 de outubro, 2014, em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/72519/2/71740.pdf>
- Couto, Mia (2007). *Língua portuguesa cartão de identidade dos moçambicanos*. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Acedido a 27 de abril, 2015, em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/categorias/idioma/lingua-portuguesa-cartao-de-identidade-dos-mocambicanos/1279>
- Cristovão, Fernando (2003). *Os três círculos da lusofonia*. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa Acedido a 11 de abril, 2015, em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/categorias/lusofonias/os-tres-circulos-da-lusofonia/102>
- Cunha, Isabel Férin (1997). *Nós e os outros nos artigos de opinião da imprensa portuguesa*. Acedido a 29 de abril, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-nos-outros-opiniao.pdf>

Cunha, Isabel Ferin (2007). Lusofonia, Media e Conteúdos. *Estudos do Século XX*, N.º 7, p. 97-113. Acedido a 22 de março, 2015, em <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/3496/1/10%20-%20Lusofonia,%20Media%20e%20Conte%C3%BAdos.pdf?ln=eng>

Del Bianco, Nélia (2008). *A Internet como fator de mudança no jornalismo*. Acedido a 23 de novembro, 2011, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>

Deuze, Mark (2006). O jornalismo e os novos meios de comunicação social. *Comunicação e Sociedade* n.º 9 e 10, vol. 9-10, pp. 15-37. Acedido a 21 de novembro, 2014, em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1152/1095>

Fidalgo, Joaquim (2005). *Novos desafios a um velho ofício ou... um novo ofício? A redefinição da profissão de jornalista*. Acedido a 23 de outubro, 2014, em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7448/1/Fidalgo,%20J.%282005%29-Desafios%20jornalismo.pdf>

Fonseca, Ana Margarida (2013). Em português nos entendemos? Lusofonia, literatura-mundo e as derivas da escrita. *Configurações*, 12. Acedido a 30 de maio, 2015, em <http://configuracoes.revues.org/2041>

Fontoura, Luís (2002). *CPLP. A importância do Brasil no Espaço Lusófono*. Acedido a 22 de abril, 2015, em http://adelinotorres.com/africa/luis%20fontoura_o%20brasil%20no%20espa%20E7o%20lusofono.pdf

Guia do Mundo: 2000 (2001). Lisboa: Trinova

Gomes, Rui (2012). *A queda da reportagem e os contributos da Internet para o sedentarismo da prática jornalística*. Tese de Doutoramento Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Acedido a 25 de outubro, 2014, em <http://run.unl.pt/handle/10362/7470>

Gradim, Anabela (2002). *Os Géneros e a Convergência: O Jornalista Multimedia do Século*. Acedido a 25 de outubro, 2014, em <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>

Herring, Susan C. (2009). *Web Content Analysis: Expanding the Paradigm*. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=74D7251C52700B79915B6EB66BB2EE5C?doi=10.1.1.476.6090&rep=rep1&type=pdf>

Lehtovaara, Mimma (2010/11). *The News Agency Goes Internet*. Reuters Institute for the Study of Journalism. University of Oxford. Acedido a 12 de dezembro, 2014, em <http://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/The%20News%20Agency%20Goes%20Internet.pdf>

Maciel, Cármen (2010). *A construção da comunidade lusófona a partir do antigo centro. Micro-comunidades e práticas da lusofonia*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Acedido a 25 de março, 2015, em <http://run.unl.pt/bitstream/10362/4440/1/carmenmaciel.pdf> (Consultado em 25/03/2015)

Martins, Moisés de Lemos; Sousa, Helena & Cabecinhas, Rosa (2007). *Lusocom: Estudos das políticas de comunicação e discursos no espaço lusófono*. Acedido a 11 de maio, 2015, em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24127/1/lusocom.pdf>

Mattelart, Armand (1991). *A Comunicação-Mundo. História das ideias e das estratégias*. Instituto Piaget

Medeiros, Paula (2005). Lusofonia, discurso e representações. *O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC*, Nº 1, 2006. Acedido em 26 de março, 2015, em http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n1/documentos/200611_lusofonia_discursos_r_epresentacoes.pdf

Moreira, Tiago (2011). *As agências noticiosas como fonte no jornalismo online generalista: Os casos do Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário Digital e Portugal Diário*. Acedido a 21 de outubro, 2014, em http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1978/1/DM_15642.pdf

Ngomane, Nataniel (2012). Lusofonia: quem quer ser apagado? *Semanário Sol*. Acedido a 06 de janeiro, 2012, em <http://fotos.sapo.pt/alterjpt/fotos/?uid=Uzy58jj5is3RwPIIoTwo> e <http://fotos.sapo.pt/alterjpt/fotos/?uid=DZDv2elY5jZ0qJw7a5YY#grande>

Noci, Javier Díaz (2000). *Hipertexto y redacción periodística ¿un nuevo campo de investigación?* Acedido a 22 de novembro, 2014, em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n48/bienal/mesa6.pdf>

Palácios, Marcos (2004). *Jornalismo online, Informação e Memória: Apontamentos para debate*. Acedido a 25 de outubro, 2010, em <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>

Palácios, Marcos (2011). *Ferramentas para a Análise de Qualidade no Ciberjornalismo*. LabCom Books. Acedido a 22 de novembro, 2014, em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20111202-201110_marcos_palacios.pdf

Pavlik, John V. (2001). *Journalism and New Media*. Acedido a 01 de outubro, 2014, em http://icank-ih-san.weebly.com/uploads/1/8/7/4/18748648/journalism_and_new_media.pdf

Pereira, Fábio Henrique (2004). O Jornalista Sentado e a Produção da Notícia online no CorreioWeb. *Em Questão*, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 95-108, jan/jun 2004. Acedido a 21 de novembro, 2014, em http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/04/pdf_b37fdda7dd_0009813.pdf

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigación en ciencias sociales*. México: Limusa

Ramonet, I. (1999). *A tirania da comunicação*, Porto: Campo das Letras

Rosário, Lourenço (2007). *Lusofonia: Cultura ou Ideologia?* Comunicação apresentada no IV Simpósio Internacional da Língua Portuguesa (Maputo). Acedido a 24 de janeiro, 2015, em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y5WB1shM0VsJ:www.saber.ac.mz/bitstream/10857/1684/1/Lusofonia.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&q=pt>

Sá, Alberto & Bertocchi, Daniela (2006). A Web 2.0 no ano de 2006. *Anuário 2006 – A comunicação e os media em análise*. Acedido a 25 de novembro, 2014, em <http://revistacomsoc.pt/index.php/anuario2006/article/viewFile/380/356>

Salaverría, Ramon (2005). *An immature medium: Strengths and weaknesses of online newspapers on September 11*, *Gazette: The International Journal for Communication Studies*, vol. 67 (1), 69-86. Acedido a 02 de março, 2015, em <http://core.ac.uk/download/pdf/25072059.pdf>

Salaverría, R.; Sancho, F. (2007). *Del papel a la Web. Evolución y claves del diseño periodístico en internet*. Acedido a 22 de outubro, 2015, em http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/5074/1/Del_papel_a_la_web.pdf

Santos, Rogério; e Pereira, Gonçalo. Entrevista a Michael Schudson. *Comunicação & Cultura*, n.º 5, 2008, pp. 173-179. Acedido a 30 de novembro, 2014, em http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10402/1/05_09_Entrevista_a_Michael_Schudson.pdf

Shrivastava, K. M. (2007). *News Agencies from Pigeon to Internet*. South Randall, New Dawn Press Group.

Silva, S. (2002). *Contributo Para Uma história das agências Noticiosas Portuguesas*. Acedido a 01 de dezembro, 2014, em <http://www.bocc.uff.br/pag/silva-sonia-agencias-noticiosas-portugal.pdf>

Silveirinha, Maria João (2002). *Novos media, Velhas questões*. Acedido a 29 de novembro, 2014, em <http://bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-maria-joao-novos-media-velhas-questoes.pdf>

Sousa Galito, Maria (2012). Conceito de Lusofonia. *CI-CPRI*, AI, N.º 16, pp. 1-21. Acedido a 02 de fevereiro, 2015, em <http://www.ci-cpri.com/wp-content/uploads/2012/10/Conceito-Lusofonia1.pdf>

Sousa, João Pedro (2003). *Jornalismo Online*. Acedido a 11 de outubro, 2014, em <http://www.ipv.pt/forumedia/5/13.htm>

Sousa, Jorge Pedro (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Acedido a 02 de dezembro, 2014, em <http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>

Sousa, Jorge Pedro (2008 b). *Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974*. Acedido a 21 de novembro, 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf>

Sousa, Vítor (2013). O difícil percurso da lusofonia pelos trilhos da 'portugalidade'. *Configurações*, 12 | 2013. Acedido a 05 de maio, 2015, em <http://configuracoes.revues.org/2027>

Veloso, Ana Sofia Rodrigues (2014). *Jornalismo na era da Web 2.0: O uso das redes sociais por jornalistas em Portugal*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Acedido a 21 de abril, 2015, em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/27267>

Xavier, Lola Geraldés (2008). Sobre a polifonia cultural de língua portuguesa, *ecadernos CES*, 02 | 2008. Acedido a 03 de junho, 2015, em <http://eceres.revues.org/1296>

Zamith, Fernando (2007). *O subaproveitamento das potencialidades da Internet pelos ciberjornais portugueses*. Acedido a 04 de maio, 2015, em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/26179>

Zamith, Fernando (2011). *A contextualização no Ciberjornalismo*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido a 04 de outubro, 2014, em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57280/2/zamith000148443.pdf>

ANEXOS

Lista 1 – Amostra principal S. Tomé e Príncipe

Total: 62 artigos

Data de consulta: 02/11/2014

01/10

1. São Tomé/Eleições: Revogada decisão de expulsar portugueses – advogado **VISÃO** - <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-revogada-decisao-de-expulsar-portugueses-advogado=f797090>
2. São Tomé/Eleições: Revogada decisão de expulsar portugueses – advogado **CM** - http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/sao_tomeeleicoes_revogada_decisao_de_expulsar_portugueses_advogado.html

02/10

3. Revogada decisão de expulsar portugueses de São Tomé e Príncipe – **RTP** - http://www.rtp.pt/noticias/mundo/revogada-decisao-de-expulsar-portugueses-de-sao-tome-e-principe_n770987

03/10

4. Milhares à espera de Patrice Trovoada, candidato a 1º Ministro de São Tomé – **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4160732

04/10

5. São Tomé. Trovoada recebido por multidão no aeroporto – **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/sao-tome-trovoada-recebido-multidao-no-aeroporto>

05/10

6. "Não serei primeiro-ministro com um governo minoritário" – **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4161971
7. Emigrantes são-tomenses em Portugal impedidos de votar – **CM** - http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/emigrantes_sao_tomenses_em_portugal_impedidos_de_votar.html

06/10

8. São Tomé quer saber quais são os travões ao seu desenvolvimento – **jornal i** - <http://www.ionline.pt/287443>
9. Candidato do MLSTP-PSD acredita que este ano não vai haver "banho" – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771977&tm=7&layout=121&visual=49>

10. São Tomé/Eleições: Candidato do MLSTP-PSD acredita que este ano não vai haver "banho" – **Visão** - <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-candidato-do-mlstp-psd-acredita-que-este-ano-nao-vai-haver-banho=f797478>

08/10

11. São Tomé. Observadores internacionais cancelam missão por "falta de condições" – **jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/sao-tome-observadores-internacionais-cancelam-missao-falta-condicoes/pag/-1>

12. Primeiro-ministro são-tomenses defende que as pessoas têm de "arregaçar as mangas" – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772492&tm=7&layout=121&visual=49>

13. São Tomé/Eleições: As pessoas têm de "arregaçar as mangas" – PM – **Visão** - <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-as-pessoas-tem-de-arregacar-as-mangas-pm=f797675>

14. São Tomé/Eleições: As pessoas têm de "arregaçar as mangas" – PM – **Expresso** <http://expresso.sapo.pt/feeds/lusa/lusageral/sao-tomeeleicoes-as-pessoas-tem-de-arregacar-as-mangas-pm=f892714>

09/10

15. São Tomé/Eleições: Povo é "uma espécie de país adiado" à espera de "um messianismo" – bispo – **Visão** - <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-povo-e-uma-especie-de-pais-adiado-a-espera-de-um-messianismo-bispo=f797827>

16. Campanha de São Tomé entre os apelos à festa e denúncias de emboscada – **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/campanha-sao-tome-entre-os-apelos-festa-denuncias-emboscada>

10/10

17. Eleições em S.Tomé: «O que é que os políticos fizeram por este país?» - **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4170477&page=-1

18. Sondagem dá vitória ao ADI e a Patrice Trovoada – **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4171617&seccao=CPLP

19. Observadores da CPLP atentos ao processo eleitoral em São Tomé – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=773177&tm=7&layout=122&visual=61>

20. Legislativas de São Tomé e Príncipe decorrem este domingo – **SIC Notícias** <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2014-10-10-Legislativas-de-Sao-Tome-e-Principe-decorrem-este-domingo>

21. Campanha eleitoral em São Tomé termina com comícios na capital – **Observador** <http://observador.pt/2014/10/10/campanha-eleitoral-em-sao-tome-termina-com-comicios-na-capital/>

11/10

22. Os rapazes do wi-fi – **TSF** http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4170347

23. Equipa de observadores apela ao voto no domingo em São Tomé – **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4174465&seccao=CPLP&page=-1

24. Polícia e exército vão garantir segurança durante votação **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4174646&secao=CPLP

25. Segurança reforçada nas eleições de São Tomé e Príncipe – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/policia_e_exercito_chamados_a_garantir_a_seguranca_durante_o_sufragio.html

12/10

26. Petróleo é cada vez mais uma miragem – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/petroleo-e-cada-vez-mais-uma-miragem-1672591>

27. São Tomé/Eleições: ADI confiante na maioria absoluta, mas preocupada com "banho escandaloso" – **Visão** <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-adi-confiante-na-maioria-absoluta-mas-preocupada-com-banho-escandaloso=f798098>

28. Presidente de São Tomé zanga-se com ex-ministro do PS – **Expresso** <http://expresso.sapo.pt/presidente-de-sao-tome-zanga-se-com-ex-ministro-do-ps=f893363>

29. Presença de deputados portugueses "é uma vergonha", diz Presidente de São Tomé – **Observador** <http://observador.pt/2014/10/12/presenca-de-deputados-portugueses-e-uma-vergonha-diz-presidente-de-sao-tome/>

30. Presença de deputados portugueses «é uma vergonha» - **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/presenca-de-deputados-portugueses-e-uma-vergonha>

31. Presença de deputados portugueses em São Tomé "é uma vergonha" – JN - http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4175409

32. Tudo ou nada em S. Tomé – **Sol** - <http://www.sol.pt/noticia/116567>

33. ADI confiante na maioria absoluta em São Tomé e Príncipe – **JN** http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4175461

34. Urnas abrem para eleições em São Tomé – **CM** http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/sao_tomeeleicoes_urnas_abriram_para_as_legislativas_autarquicas_e_regional.html

35. São Tomé, onde nenhum Governo cumpriu uma legislatura, escolhe novo Parlamento – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/sao-tome-onde-nenhum-governo-cumpriu-uma-legislatura-escolhe-novo-parlamento-1672589>

36. São Tomé/Eleições: Urnas abrem para as legislativas, autárquicas e regional – **Visão** - <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-urnas-abriram-para-as-legislativas-autarquicas-e-regional=f798081>

37. Já se contam votos em São Tomé e Príncipe – **TSF** - <http://m.tsf.pt/m/newsArticle?page=1&contentId=4175876>

38. São Tomé/Eleições: Acusações de PR a deputados portugueses marcam dia eleitoral – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-acusacoes-de-pr-a-deputados-portugueses-marcam-dia-eleitoral=f798109>

39. São Tomé/Eleições. Presença de deputados portugueses "é uma vergonha" – **Jornal i** – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/sao-tomeeleicoes-presenca-deputados-portugueses-uma-vergonha>

40. São Tomé/Eleições: Uns já contam votos, outros desistem para votar – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/12/sao-tomeeleicoes-uns-ja-contam-votos-outros-desistem-para-votar/>

41. Presidente de São Tomé e Príncipe considera vergonhosa presença de deputados portugueses nas eleições – **SIC Notícias** - <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2014-10-12-Presidente-de-Sao-Tome-e-Principe-considera-vergonhosa-presenca-de-deputados-portugueses-nas-eleicoes>

42. Acusações de PR a deputados portugueses marcam dia eleitoral em São Tomé e Príncipe – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=773601&tm=7&layout=121&visual=49>
43. Eleições em São Tomé e Príncipe com reforço policial – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=773516&tm=7&layout=122&visual=61>
44. São Tomé. Trovoada fala de "compra de votos" em dia calmo de eleições – **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/265619>
45. São Tomé à espera do desenvolvimento (e do petróleo) – **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4174921

13/10

46. Candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas com maioria absoluta – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=773628&tm=7&layout=121&visual=49>
47. São Tomé/Eleições: Candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas com maioria absoluta – **Visão** - <http://visao.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-candidato-da-adi-declara-se-vencedor-das-legislativas-com-maioria-absoluta=f798113>
48. Candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas – **JN** - http://www.jn.pt/PaginalNicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4176093
49. Dia de votação tranquila dá maioria absoluta à ADI de Patrice Trovoada – **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4176003&seccao=CPLP
50. Partido de Patrice Trovoada com maioria absoluta nas legislativas de São Tomé e Príncipe – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/partido-de-patrice-trovoada-reclama-vitoria-nas-legislativas-de-sao-tome-e-principe-1672719>
51. ADI de Patrice Trovoada celebra maioria absoluta em São Tomé – **Sol** - <http://www.sol.pt/noticia/116582>
52. Patrice Trovoada declara-se vencedor das legislativas com maioria absoluta – **Observador** - <http://observador.pt/2014/10/13/patrice-trovoada-declara-se-vencedor-das-legislativas-com-maioria-absoluta/>
53. São Tomé/Eleições: Candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas com maioria absoluta – **Expresso** - <http://expresso.sapo.pt/sao-tomeeleicoes-candidato-da-adi-declara-se-vencedor-das-legislativas-com-maioria-absoluta=f893394>
54. Patrice Trovoada declara-se vencedor das eleições em S. Tomé – **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4176165
55. Patrice Trovoada vence legislativas em São Tomé e Príncipe - **CM** - http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/patrice_trovoada_vence_legislativas_em_sao_tome_e_principe.html
56. São Tomé/Eleições: Candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas com maioria absoluta – **CM** - (01:01) http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/sao_tomeeleicoes_candidato_da_adi_declara_se_vencedor_das_legislativas_com_maioria_absoluta.html
57. Patrice Trovoada vence eleições em São Tomé e Príncipe – **CM** (08:08) http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/patrice_trovoada_vence_eleicoes_em_sao_tome_e_principe.html
58. São Tomé: candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas – **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/patrice-trovoada/sao-tome-candidato-da-adi-declara-se-vencedor-das-legislativas>

14/10

59. Trovoada de regresso. Ex-primeiro-ministro volta ao poder com maioria absoluta – **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/trovoada-regresso-ex-primeiro-ministro-volta-ao-poder-maioria-absoluta>
60. Comissão eleitoral confirma maioria absoluta da ADI em São Tomé e Príncipe – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/comissao-eleitoral-confirma-maioria-absoluta-da-adi-em-sao-tome-e-principe-1672907>

24/10

61. Supremo Tribunal de Justiça confirma vitória eleitoral de Patrice Trovoada em São Tomé – Observador – <http://observador.pt/2014/10/24/supremo-tribunal-de-justica-confirma-vitoria-eleitoral-da-adi-em-sao-tome/>

25/10

62. "Quem iniciar uma crise política em São Tomé e Príncipe será fortemente penalizado" – DN - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4204908

Lista 2 – Amostra secundária S. Tomé e Príncipe

Total: 64 artigos

01/10

1. São Tomé/Eleições: Revogada decisão de expulsar portugueses – advogado

02/10

2. São Tomé/Eleições: MDFM-PL quer atrair investimento estrangeiro para mudar economia (C/FOTOS)
3. São Tomé/Eleições: MLSTP-PSD quer formar Governo com outros partidos mesmo com maioria absoluta (C/FOTOS)

03/10

4. São Tomé/Eleições: Eleitores escolhem entre PM deposto e antiga oposição separada
5. São Tomé/Eleições: CRONOLOGIA
6. São Tomé/Eleições: Patrice Trovoada recebido por "banho de multidão"
7. São Tomé/Eleições: Patrice Trovoada recebido por "banho de multidão" (ATUALIZADA) (C/FOTOS)
8. São Tomé/Eleições: PCD promete emprego e valorização da diáspora (C/FOTOS)
9. São Tomé/Eleições: ADI promete mudança e até Internet gratuita (C/FOTOS)

04/10

10. São Tomé/eleições: É imperativo dar confiança aos investidores em São Tomé – analista
11. São Tomé/Eleições: Exportações de São Tomé para Portugal aumentam mas saldo ainda é negativo
12. São Tomé/Eleições: Analista diz que país deve "retomar caminho de normalidade" (C/ ÁUDIO)
13. São Tomé/Eleições: Candidato Rafael Branco quer um "governo de inclusão"

05/10

14. São Tomé/eleições: Emigrantes em Portugal impedidos de votar sentem-se marginalizados (C/ ÁUDIO)
15. São Tomé/Eleições: São-tomenses de França criticam "exclusão" nas urnas

06/10

16. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Candidato do MLSTP-PSD acredita que este ano não vai haver "banho"
17. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Para atrair investimento é preciso melhorar instituições – MLSTP-PSD (C/VÍDEO E ÁUDIO)
18. São Tomé/Eleições: Televisão pública sem meios para cobrir campanha eleitoral – diretor
19. São Tomé/Eleições: Pelo menos três feridos ligeiros em ação de campanha da ADI

07/10

20. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Não se pode combater o “banho” por decreto – Ex-PM Rafael Branco (C/ÁUDIO)
21. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Turismo tem potencial, mas com instituições competentes – Ex-PM Rafael Branco (C/ÁUDIO)
22. São Tomé/Eleições: Igreja Católica diz que eleições são oportunidade para conviver na diferença
23. São Tomé/Eleições: MLSTP-PSD promete mais emprego no Príncipe (C/FOTOS)

08/10

24. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: As pessoas têm de “arregaçar as mangas” – PM (C/ÁUDIO E FOTOS)
25. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Porto de águas profundas não pode ser “elefante branco” – PM (C/ÁUDIO E FOTOS)
26. São Tomé/Eleições: ADI acusa adversários de pretenderem “interromper processo eleitoral” (C/ÁUDIO)
27. São Tomé/Eleições: MLSTP-PSD diz que ADI anda a “brincar com o povo” (C/ÁUDIO)
28. São Tomé/Eleições: Patrice Trovoada promete baixar preço do arroz e outros produtos
29. São Tomé/Eleições: Campanhas eleitorais estão a decorrer num clima de paz – UA

09/10

30. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Povo é “uma espécie de país adiado” à espera de “um messianismo” – bispo (C/ÁUDIO)
31. São Tomé/Eleições: Comunidade em Angola sem expectativas por não poder votar
32. São Tomé/Eleições: Emigrantes em Cabo Verde esperam que novo governo mude o rumo do país
33. São Tomé/Eleições: CPLP deseja que ato eleitoral seja tranquilo, como as campanhas

10/10

34. São Tomé/Eleições: Campanha termina hoje e promete animar a capital
35. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Cassandra acredita em maioria absoluta para terceiro mandato no Príncipe (C/ÁUDIO E FOTOS)
36. São Tomé/Eleições: Ficha técnica
37. São Tomé/Eleições: Equipa de observação eleitoral apela a eleitores para votarem no domingo
38. São Tomé/Eleições: Patrice Trovoada promete arroz bom e barato e Internet para todos (C/FOTOS)
39. São Tomé/Eleições: MLSTP-PSD encerra campanha com acusações contra oposição (C/FOTOS)

11/10

40. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Comunidade portuguesa aumentou 30 por cento desde o ano passado – embaixadora (C/ÁUDIO)
41. São Tomé/Eleições: Mercado são-tomense é pequeno para grandes investimentos – portugueses (C/FOTOS)
42. São Tomé/Eleições: Polícia e exército chamados a garantir a segurança durante o sufrágio

43. São Tomé/Eleições: País não precisa de interferências de políticos do ex-colonizador – PR

12/10

- 44. São Tomé/Eleições: Mais de 92.000 eleitores chamados hoje a votar
- 45. São Tomé/Eleições: Urnas abriram para as legislativas, autárquicas e regional
- 46. São Tomé/Eleições: População impede abertura de urnas em três localidades
- 47. São Tomé/Eleições: Presença de deputados portugueses “é uma vergonha” – PR
- 48. São Tomé/Eleições: Candidato do MLSTP-PSD diz que acredita na maioria absoluta (C/ÁUDIO)
- 49. São Tomé/Eleições: ADI confiante na maioria absoluta, mas preocupada com “banho escandaloso” (C/ÁUDIO)
- 50. São Tomé/Eleições: Presença de deputados portugueses “é uma vergonha” – PR (ATUALIZADA)
- 51. SÍNTESE: São Tomé/Eleições: Acusações de PR a deputados portugueses marcam dia eleitoral
- 52. REPORTAGEM: São Tomé/Eleições: Uns já contam votos, outros desesperam para votar (C/FOTOS)

13/10

- 53. São Tomé/Eleições: Candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas com maioria absoluta
- 54. São Tomé/Eleições: Candidato da ADI declara-se vencedor das legislativas com maioria absoluta (C/ÁUDIO) (ATUALIZADA)
- 55. São Tomé/Eleições: Vitória do ADI é decisão do povo para se respeitar - MLSTP-PSD
- 56. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Futuro PM acredita que será o primeiro a cumprir mandato até ao fim (C/VÍDEO E ÁUDIO)
- 57. ENTREVISTA: São Tomé/Eleições: Futuro PM quer criar “pacote atrativo” para empresas portuguesas (C/VÍDEO E ÁUDIO)
- 58. São Tomé/Eleições: Comissão Eleitoral dá vitória provisória ao ADI com 33 mandatos
- 59. São Tomé/Eleições: UDD vai entrar pela primeira vez no parlamento

14/10

- 60. São Tomé/Eleições: Processo foi livre e transparente – CPLP (C/ÁUDIO)
- 61. São Tomé/Eleições: Escrutínio foi livre, tranquilo e transparente – União Africana

23/10

- 62. São Tomé/Eleições: Tribunal Constitucional confirma vitória eleitoral da ADI

24/10

- 63. São Tomé/Eleições: PM eleito afasta formação de Governo de coligação

25/10

- 64. São Tomé/Eleições: Primeiro-ministro Gabriel Costa demite-se

Lista 3 – Amostra principal Moçambique

Total: 187 artigos

Data de consulta: 01/11/2014

02/10

1. ONG moçambicanas alertam para possível agravamento da violência no fim de campanha – **Observador** - <http://observador.pt/2014/10/02/ong-mocambicanas-alertam-para-possivel-agravamento-da-violencia-fim-de-campanha/>

03/10

2. Moçambique/Eleições: Líder do MDM disponível para acordos pós-eleitorais – **Visão** - <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-lider-do-mdm-disponivel-para-acordos-pos-eleitorais=f797223>

3. Líder do MDM disponível para acordos pós-eleitorais – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771318&tm=7&layout=121&visual=49>

04/10

4. Moçambique/Eleições: Chissano defende mudança como exemplo de governação – **Visão** - <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-chissano-defende-mudanca-como-exemplo-de-governacao=f797325>

5. Chissano defende mudança como exemplo de governação – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771562&tm=7&layout=121&visual=49>

6. Governo português recomenda prudência aos cidadãos em Moçambique – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/04/governo-portugues-recomenda-prudencia-aos-cidadaos-em-mocambique/>

7. Moçambique/Eleições: Governo português recomenda prudência aos seus cidadãos durante período eleitoral – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-governo-portugues-recomenda-prudencia-aos-seus-cidadaos-durante-periodo-eleitoral=f797364>

8. Governo português recomenda prudência aos seus cidadãos durante período eleitoral em Moçambique – **RTP** <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771686&tm=7&layout=121&visual=49>

05/10

9. Três detidos após roubo de boletins de voto no centro do país – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771821&tm=7&layout=121&visual=49>

10. Analista alerta para risco de regresso da tensão após resultados eleitorais – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/05/analista-alerta-para-risco-de-regresso-da-tensao-apos-resultados-eleitorais/>

06/10

11. Partidos históricos levam vantagem nas redes sociais - **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4163557&seccao=%C1frica

12. Partidos históricos moçambicanos levam vantagem nas redes sociais – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771968&tm=7&layout=121&visual=49>

13. Moçambique/Eleições: Partidos históricos levam vantagem nas redes sociais – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-partidos-historicos-levam-vantagem-nas-redes-sociais=f797476>

14. Moçambique/Eleições: Campanha centrada em três figuras com meios desiguais – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-campanha-centrada-em-tres-figuras-com-meios-desiguais=f797477>
15. Campanha em Moçambique centrada em três figuras com meios desiguais – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771967&tm=7&layout=121&visual=49>
16. Três figuras dominam campanha em Moçambique – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4163555&seccao=%C1frica
17. Moçambique/Eleições: MDM acusa polícia de perseguir, prender e torturar os seus membros em Nampula - **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-mdm-acusa-policia-de-perseguir-prender-e-torturar-os-seus-membros-em-nampula=f797526>
18. Moçambique: Renamo e o MDM queixam-se de «perseguição» - **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/mocambique-renamo-e-o-mdm-queixam-se-de-persequicao>

07/10

19. Acordo de paz é só ponto de partida, falta reconciliação - embaixador de Portugal – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772225&tm=7&layout=121&visual=49>
20. Atores políticos devem respeitar interesses do país - Pedro Pires – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772224&tm=7&layout=121&visual=49>
21. Moçambique/Eleições: Atores políticos devem respeitar interesses do país - Pedro Pires – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-atores-politicos-devem-respeitar-interesses-do-pais-pedro-pires=f797570>

08/10

22. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo diz que críticos do seu programa de continuidade são "preguiçosos" – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-candidato-da-frelimo-diz-que-criticos-do-seu-programa-de-continuidade-sao-preguicosos=f797696>
23. Candidato da Frelimo diz que críticos do seu programa de continuidade são "preguiçosos" – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772524&tm=7&layout=121&visual=49>
24. Dhlakama promete "segunda descolonização" para Moçambique – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772690&tm=7&layout=121&visual=49>
25. Moçambique/Eleições: Dhlakama promete "segunda descolonização" para Moçambique – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-dhlakama-promete-segunda-descolonizacao-para-mocambique=f797785>
26. Moçambique e a «segunda descolonização» - **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes-mocambique/mocambique-e-a-segunda-descolonizacao>

11/10

27. Eleições. Multidão bloqueia baixa de Maputo para ver "papá" Dhlakama – **Jornal i** – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-multidao-bloqueia-baixa-maputo-ver-papa-dhlakama>
28. Moçambique/Eleições: Campanha encerra hoje ao fim de mais de 40 dias – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-campanha-encerra-hoje-ao-fim-de-mais-de-40-dias=f798074>

12/10

29. Moçambique/Eleições: Guebuza pede maioria qualificada para Frelimo e seu candidato presidencial – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-guebuza-pede-maioria-qualificada-para-frelimo-e-seu-candidato-presidencial=f798104>

30. "Já estou a formar Governo", diz Dhlakama – JN – http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4175113
31. Moçambique: 15 feridos no último dia da campanha – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/afonso-dhlakama/mocambique-policia-tenta-dispersar-comicio-de-dhlakama>
32. Moçambique/Eleições: Polícia tenta dispersar comício de Dhlakama em Nampula – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-policia-tenta-dispersar-comicio-de-dhlakama-em-nampula=f798097>
33. Confrontos em Nampula no último dia da campanha eleitoral – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/confrontos-em-nampula-no-ultimo-dia-da-campanha-eleitoral=f893350>
34. Moçambique/Eleições: "Já estou a formar Governo" – Dhlakama – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-ja-estou-a-formar-governo-dhlakama=f798078>
35. Violência eleitoral faz 15 feridos em Moçambique – Observador – <http://observador.pt/2014/10/12/violencia-eleitoral-faz-15-feridos-em-mocambique/>
36. Moçambique/Eleições: Quinze feridos em atos de violência eleitoral em Nampula – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-quinze-feridos-em-atos-de-violencia-eleitoral-em-nampula=f798108>
37. Moçambique/Eleições. Guebuza pede maioria qualificada para Frelimo e seu candidato presidencial – Jornal i – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/mocambiqueeleicoes-guebuza-pede-maioria-qualificada-frelimo-seu-candidato-presidencial>
38. Campanha eleitoral termina este domingo em Moçambique – CM – http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/mocambiqueeleicoes_campanha_encerra_ao_hoje_ao_fim_de_mais_de_40_dias.html

13/10

39. Moçambique: Do Frelimistão à parte incerta – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/mocambique-do-frelimistao-a-parte-incerta-1672660>

14/10

40. Moçambique/Eleições: Oposição queixa-se de atrasos na emissão de credenciais para mesas de voto – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-oposicao-queixa-se-de-atrasos-na-emissao-de-credenciais-para-mesas-de-voto=f798308>
41. Moçambique elege um novo Presidente esta quarta-feira - Rádio Renascença – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=165144
42. Candidatos só reconhecerão resultados de votação transparente – UE – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774103&tm=7&layout=121&visual=49>
43. Moçambique/Eleições: Candidatos só reconhecerão resultados de votação transparente – UE – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-candidatos-so-reconhecerao-resultados-de-votacao-transparente-ue=f798313>
44. Candidatos da Frelimo e Renamo votam no mesmo local separados por meia-hora – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774129&tm=7&layout=121&visual=49>
45. As eleições mais renhidas de sempre num país de "futuro incerto" – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/as-eleicoes-mais-renhidas-de-sempre-num-pais-de-futuro-incerto=f893646>
46. Moçambique: Três promessas de mudança – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambique-tres-promessas-de-mudanca=f798247>
47. A sucessão de Guebuza leva às eleições mais renhidas em Moçambique – Jornal i – <http://www.ionline.pt/284760>

48. Datas-chave da história de Moçambique independente – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dataschave-da-historia-de-mocambique-independente-1672885>
49. Moçambique/Eleições: MDM acusa órgãos eleitorais de impedir presença de delegados nas mesas de voto – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-mdm-acusa-orgaos-eleitorais-de-impedir-presenca-de-delegados-nas-mesas-de-voto=f893731>
50. Número de eleitores moçambicanos registados em Portugal aumentou 30% - JN – http://www.jn.pt/PaginalNicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4181159
51. Moçambique/Eleições: Candidatos da Frelimo e Renamo votam hoje no mesmo local separados por meia-hora – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-candidatos-da-frelimo-e-renamo-votam-hoje-no-mesmo-local-separados-por-meia-hora=f798328>
52. Polícia prende homem com seis urnas e boletins de voto – JN – http://www.jn.pt/PaginalNicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4181357
53. Moçambique: Detido homem com seis urnas e boletins de voto – CM – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/mocambique_detido_homem_com_seis_urnas_e_boletins_de_voto.html
54. Com o gás, Moçambique quer fugir do exemplo de Angola – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/mocambique-quer-fugir-do-exemplo-de-angola-1672832>
55. Moçambique/Eleições: mediador político diz que País vota com o coração nas mãos – TSF – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4181769
56. Grande afluência às urnas em Nampula, "cidade do cimento" – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4180874&seccao=CPLP&page=-1
57. Moçambique: polícia e população em confrontos em Nampula – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/mocambique-policia-e-populacao-em-confrontos-em-nampula>
58. Moçambique/Eleições: Observatório Eleitoral pede "calma e serenidade" face à violência – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-observatorio-eleitoral-pede-calma-e-serenidade-face-a-violencia=f798521>
59. Observatório Eleitoral em Moçambique pede "calma e serenidade" face à violência – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774468&tm=7&layout=121&visual=49>
60. Moçambique/Eleições. Observatório Eleitoral pede "calma e serenidade" face à violência – Jornal i – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/mocambiqueeleicoes-observatorio-eleitoral-pede-calma-serenidade-face-violencia>
61. Presidente de Moçambique apela a votação sem violência – JN – http://www.jn.pt/PaginalNicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4180417
62. Moçambique/Eleições: MDM acusa órgãos eleitorais de impedir presença de delegados nas mesas de voto – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-mdm-acusa-orgaos-eleitorais-de-impedir-presenca-de-delegados-nas-mesas-de-voto=f798352>
63. MDM acusa órgãos eleitorais de impedir presença de delegados nas mesas de voto – JN – http://www.jn.pt/PaginalNicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4180640
64. Moçambique/Eleições: Candidato do MDM insta membros das mesas de voto a não "se pautarem pela fraude" – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-candidato-do-mdm-insta-membros-das-mesas-de-voto-a-nao-se-pautarem-pela-fraude=f798379>
65. MDM acusa órgãos eleitorais de impedir presença de delegados nas mesas de voto – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774225&tm=7&layout=121&visual=49>

66. Moçambique: Renamo quer polícia longe das mesas de voto – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/mocambique-renamo-quer-policia-longe-das-mesas-de-voto>
67. Moçambique/Eleições: Membros da Renamo queimaram boletins de voto em Tete por suspeita de fraude – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-membros-da-renamo-queimaram-boletins-de-voto-em-tete-por-suspeita-de-fraude=f798470>
68. Em dia de “enchentes”, houve alguns atrasos e incidentes nas eleições em Moçambique – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/em-dia-de-enchentes-houve-alguns-atrasos-e-incidentes-nas-eleicoes-em-mocambique-1673023>
69. Atrasos, enganos e urnas encerradas marcam eleições em Moçambique – Rádio Renascença - http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=165325
70. Eleições em Moçambique. Dezenas de mesas de voto não abriram no centro e norte do país – Jornal i – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-mocambique-dezenas-mesas-voto-nao-abriram-no-centro-norte-pais>
71. Atrasos e suspeitas no dia em que Dhlakama foi observador – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774420&tm=7&layout=121&visual=49>
72. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo declara “confiança total” na vitória – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-candidato-da-frelimo-declara-confianca-total-na-vitoria=f798345>
73. Moçambique/Eleições. Candidato da Frelimo declara “confiança total” na vitória – Jornal i – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/mocambiqueeleicoes-candidato-da-frelimo-declara-confianca-total-na-vitoria>
74. Urnas abertas para 11 milhões de moçambicanos – Rádio Renascença – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=165278
75. Já se vota em Moçambique num ambiente de forte entusiasmo – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774173&tm=7&layout=123&visual=61>
76. Dhlakama quer polícia longe de mesas de voto – JN – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4180641
77. Assembleias de voto abertas para início da votação – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4180665&seccao=CPLP
78. Eleições em Moçambique: Dhlakama confiante na mudança – TSF – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4180778&page=-1
79. Moçambique vota em busca da paz – CM – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/mocambique_vota_em_busca_da_paz.html
80. Atrasos e suspeitas no dia em que Dhlakama foi observador – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4182708&seccao=CPLP
81. Frelimo vai saber se ainda é dona e senhora do poder em Moçambique – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/frelimo-vai-saber-se-ainda-e-dona-e-senhora-do-poder-em-mocambique-1672870>
82. Moçambique vai a votos – Sol – <http://www.sol.pt/noticia/116714>
83. Eleições em Moçambique: Dhlakama confiante na mudança – TSF – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4180778
84. Contagem dos votos já começou em Moçambique – Sol – <http://www.sol.pt/noticia/116763>
85. Machete diz desconhecer fraudes em Moçambique – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4185069
86. Imprensa moçambicana diverge no tom do relato da votação – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774563&tm=7&layout=121&visual=49>
87. Candidato da Frelimo lidera contagem das presidenciais em Moçambique – JN – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4184248

16/10

88. Eleições Moçambique: Renamo reivindica vitória e não reconhece resultados – **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4184677
89. Frelimo lidera contagem de votos em Moçambique – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?did=165572
90. Moçambique/Eleições: Renamo reivindica vitória e não reconhece resultados – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/2014_10_16_mocambiqueeleicoes_renamo_reivindica_vitoria_e_nao_reconhece_resultados.html
91. Candidato da Frelimo mantém liderança em Moçambique – **JN** – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4185316
92. Moçambique. Primeiras projeções dão vitória esmagadora à Frelimo, segunda volta é pouco provável – **Expresso** - <http://expresso.sapo.pt/mocambique-primeiras-projecoes-dao-vitoria-esmagadora-a-frelimo-segunda-volta-e-pouco-provavel=f894084>
93. Moçambique: Renamo reclama vitória nas eleições – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/frelimo/mocambique-renamo-reclama-vitoria-nas-eleicoes>
94. Moçambique/Eleições: Frelimo diz que denúncias da Renamo não põem em causa a votação – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-frelimo-diz-que-denuncias-da-renamo-nao-poem-em-causa-a-votacao=f798652>
95. Renamo reivindica vitória e não reconhece resultados – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774700&tm=7&layout=121&visual=49>
96. Renamo recusa-se a reconhecer vitória da Frelimo em Moçambique – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/renamo-recusa-se-a-reconhecer-vitoria-da-frelimo-em-mocambique=f894122>
97. Renamo reivindica vitória nas eleições e não reconhece resultados – **JN** – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4184666
98. FRELIMO e Nyusi em vantagem nos primeiros resultados provisórios – **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774656&tm=7&layout=122&visual=61>
99. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo lidera contagem das presidenciais – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-candidato-da-frelimo-lidera-contagem-das-presidenciais=f798605>
100. Frelimo diz que denúncias da Renamo não põem em causa a votação – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774747&tm=7&layout=121&visual=49>
101. Observatório Eleitoral pede «calma e serenidade» face à violência em Moçambique – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4183371
102. Candidato da Frelimo lidera contagem das presidenciais – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774653&tm=7&layout=121&visual=49>
103. Renamo reivindica vitória e não reconhece resultados das eleições em Moçambique – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/renamo-reivindica-vitoria-e-nao-reconhece-resultados-das-eleicoes-em-mocambique=f798630>
104. Renamo não aceita resultados das eleições que apontam para vitória da Frelimo – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/candidato-da-frelimo-lidera-contagem-das-presidenciais-em-mocambique-1673135>
105. Moçambique. Frelimo lidera contagem e surge à beira da maioria absoluta – **Jornal i** – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/mocambique-frelimo-lidera-contagem-surge-beira-da-maioria-absoluta>
106. Moçambique: Situação mais calma em Nampula após confrontos entre polícia e população – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/16/mocambique-situacao-mais-calma-em-nampula-apos-confrontos-entre-policia-e-populacao/>
107. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo lidera contagem das presidenciais – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-candidato-da-frelimo-lidera-contagem-das-presidenciais=f894090>
108. Renamo avisa que não reconhecerá resultado das eleições – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4184780

109. Observatório Eleitoral em Moçambique pede "calma e serenidade" face à violência - **RTP** - http://www.rtp.pt/noticias/mundo/observatorio-eleitoral-em-mocambique-pede-calma-e-serenidade-face-a-violencia_n774468

110. Moçambique/Eleições: Observatório Eleitoral pede "calma e serenidade" face à violência - **Expresso** - <http://expresso.sapo.pt/feeds/lusa/lusageral/mocambiqueeleicoes-observatorio-eleitoral-pede-calma-e-serenidade-face-a-violencia=f893992>

17/10

111. Dhlakama promete que "não haverá mais guerra" em Moçambique - **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dhlakama-promete-que-nao-havera-mais-guerra-em-mocambique-1673261>

112. Moçambique: Frelimo e Filipe Nyusi foram os mais votados em Portugal - **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/mocambique-frelimo-e-filipe-nyusi-foram-os-mais-votados-em-portugal>

113. Moçambique. Observatório Eleitoral projeta vitória da Frelimo, mas admite irregularidades - **Expresso** - <http://expresso.sapo.pt/mocambique-observatorio-eleitoral-projeta-vitoria-da-frelimo-mas-admite-irregularidades=f894262>

114. Frelimo e o seu candidato venceram no círculo Resto do Mundo - **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=775067&tm=7&layout=121&visual=49>

115. Frelimo e Filipe Nyusi foram os mais votados em Portugal - **CM** - http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/frelimo_e_filipe_nyusi_foram_os_mais_votados_em_portugal.html

116. Moçambique: Frelimo lidera após apuramento de 1/3 das mesas - **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4187079

117. Frelimo diz que denúncias da Renamo não põem em causa votação - **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4186127

118. Moçambique. Frelimo lidera contagem e surge à beira da maioria absoluta - **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/mocambique-frelimo-lidera-contagem-surge-beira-da-maioria-absoluta>

119. Moçambique/Eleições: Frelimo e o seu candidato venceram no círculo Resto do Mundo - **Visão** - <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-frelimo-e-o-seu-candidato-venceram-no-circulo-resto-do-mundo=f798769>

120. MDM diz que as eleições em Moçambique foram marcadas por "práticas de fraudes" - **Observador** - <http://observador.pt/2014/10/17/mdm-diz-que-eleicoes-em-mocambique-foram-marcadas-por-praticas-de-fraudes/>

121. Moçambique/Eleições: MDM diz que eleições foram marcadas por "práticas de fraudes" - **Visão** - <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-mdm-diz-que-eleicoes-foram-marcadas-por-praticas-de-fraudes=f798727>

122. MDM diz que eleições foram marcadas por "práticas de fraudes" - **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=774971&tm=7&layout=121&visual=49>

123. Moçambique/Eleições: Presença de partidos nas mesas de voto não foi abrangente - Observadores - **Visão** - <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-presenca-de-partidos-nas-mesas-de-voto-nao-foi-abrangente-observadores=f798748>

124. Renamo não reconhece resultados em Moçambique - **Sol** - <http://www.sol.pt/noticia/116906>

125. Frelimo diz que denúncias da Renamo não põem em causa a votação - **Observador** - <http://observador.pt/2014/10/17/frelimo-diz-que-denuncias-da-renamo-nao-poem-em-causa-votacao/>

126. CPLP considera escrutínio em Moçambique "credível" - **JN** - http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4186694

127. Oposição moçambicana indignada, espera que observadores tenham apreciado o camarão - **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=775070&tm=7&layout=121&visual=49>

18/10

128. Incidentes eleitorais na província moçambicana de Tete maiores do que se pensava – **JN** – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4188735
129. Moçambique/Eleições: Incidentes na província de Tete maiores do que se pensava – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/18/mocambiqueeleicoes-incidentes-na-provincia-de-tete-maiores-que-se-pensava/>
130. Ban Ki-moon pede "atmosfera calma" em Moçambique – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/ban_ki_moon_pede_atmosfera_calma_em_mocambique.html
131. Moçambique/Eleições: Ban Ki-moon apela para “atmosfera calma” na contagem de votos – **Observador** - <http://observador.pt/2014/10/18/mocambiqueeleicoes-ban-ki-moon-apela-para-atmosfera-calma-na-contagem-de-votos/>
132. Eleições em Moçambique. Dhlakama abdica de violência e está pronto a negociar com governo – **Jornal i** – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-mocambique-dhlakama-abdica-violencia-esta-pronto-negociar-governo>
133. Dhlakama vai contestar eleições, mas diz que “não haverá mais guerra” – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/18/dhlakama-vai-contestar-eleicoes-mas-diz-que-nao-havera-mais-guerra/>
134. Dhlakama contesta eleições mas afasta cenário de guerra – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4187677
135. Renamo promete que não irá recorrer à violência – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4188373
136. Dhlakama abdica de violência e está pronto a negociar com Governo – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/mocambiqueeleicoes_dhlakama_abdica_de_violencia_e_esta_pronto_a_negociar_com_governo.html
137. Renamo resume eleições como “fantochada” mas pede diálogo – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=775214&tm=7&layout=121&visual=49>
138. Afonso Dhlakama assegura que não vai recorrer à violência em Moçambique – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4188498&seccao=CPLP
139. Moçambique/Eleições: Frelimo promete responder a pedido de negociações de Dhlakama – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/18/mocambiqueeleicoes-frelimo-promete-responder-pedido-de-negociacoes-de-dhlakama/>
140. Dhlakama pronto a negociar com “os irmãos do Governo” de Moçambique – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dhlakama-pronto-a-negociar-com-os-irmaos-do-governo-de-mocambique-1673389>

19/10

141. Dhlakama assegura a diplomatas que fica em Maputo – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/19/dhlakama-assegura-diplomatas-que-permanecera-em-maputo/>
142. Dhlakama chama “fantochada” aos resultados eleitorais mas não deixa Maputo – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=165798

20/10

143. Dhlakama assegura a diplomatas que permanecerá em Maputo – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4190803&page=-1
144. Órgão eleitoral compromete-se a divulgar resultados finais no prazo legal – **JN** – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4191122
145. Presidente angolano felicita Nyusi e a Frelimo – **JN** – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4191886
146. Nyusi e Frelimo vencem destacados em Maputo – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/20/nyusi-e-frelimo-vencem-destacados-em-maputo/>

21/10

147. UE preocupada com atrasos no apuramento dos resultados – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=775837&tm=7&layout=121&visual=49>
148. Moçambique/Eleições: Estados Unidos pedem "contagem rigorosa" dos votos – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-estados-unidos-pedem-contagem-rigorosa-dos-votos=f799064>
149. Moçambique: «algumas irregularidades» nas eleições – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/21-10-2014/mocambique-algumas-irregularidades-nas-eleicoes>
150. Moçambique/Eleições: UE preocupada com atrasos no apuramento dos resultados – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-ue-preocupada-com-atrasos-no-apuramento-dos-resultados=f799040>

22/10

151. Moçambique/Eleições: Nyusi ganha na sua província natal de Cabo Delgado – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-nyusi-ganha-na-sua-provincia-natal-de-cabo-delgado=f894827>
152. Moçambique/Eleições: Dhlakama ganha em Tete, Nyusi vence em Niassa – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-dhlakama-ganha-em-tete-nyusi-vence-em-niassa=f894890>
153. Moçambique/Eleições: Nyusi ganha na sua província natal de Cabo Delgado – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-nyusi-ganha-na-sua-provincia-natal-de-cabo-delgado=f799117>
154. Nyusi ganha na sua província natal de Cabo Delgado – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=776037&tm=7&layout=121&visual=49>
155. Mediador não acredita no regresso da luta armada em Moçambique – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166253
156. Moçambique/Eleições: Dhlakama ganha em Tete, Nyusi vence em Niassa – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-dhlakama-ganha-em-tete-nyusi-vence-em-niassa=f799164>
157. Dhlakama ganha em Tete, Nyusi vence em Niassa – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=776128&tm=7&layout=121&visual=49>
158. Observadores da UE preocupados com atraso que “deteriora” processo eleitoral em Moçambique – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/observadores-da-ue-entendem-que-atraso-no-apuramento-de-resultados-deteriora-processo-eleitoral-em-mocambique-1673756>

24/10

159. Soma das contagens provinciais dá vitória a Nyusi e Frelimo nas eleições – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/24/soma-das-contagens-provinciais-da-vitoria-nyusi-e-frelimo-nas-eleicoes/>

26/10

160. Moçambique ainda conta votos – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166594

28/10

161. Moçambique/Eleições: Comissão eleitoral requalifica mais de 178 mil votos inválidos – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/mocambiqueeleicoes_comissao_eleitora_l_requalifica_mais_de_178_mil_votos_invalidos.html

162. Comissão eleitoral requalifica mais de 178 mil votos inválidos – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/28/comissao-eleitoral-requalifica-mais-de-178-mil-votos-invalidos/>

163. Comissão eleitoral moçambicana requalifica mais de 178 mil votos inválidos – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=777651&tm=7&layout=121&visual=49>

164. Moçambique: Frelimo e Filipe Nyusi na frente – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/mocambique-frelimo-e-filipe-nyusi-na-frente>

29/10

165. Governo moçambicano cria 300 lugares para Renamo na polícia e nas forças armadas – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4206846

30/10

166. Moçambique/Eleições: Frelimo e Nyusi ganham eleições gerais -- resultados oficiais – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-frelimo-e-nyusi-ganham-eleicoes-gerais-resultados-oficiais=f799956>

167. Frelimo e Nyusi vencem eleições gerais em Moçambique – **SIC Notícias** – <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2014-10-30-Frelimo-e-Nyusi-vencem-eleicoes-gerais-em-Mocambique>

168. Frelimo diz que vitória reflete "os resultados que o povo quis" – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=778211&tm=7&layout=121&visual=49>

169. Filipe Nyusi agradece vitória e aponta paz e estabilidade como prioridades – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=778240&tm=7&layout=121&visual=49>

170. Moçambique. Frelimo diz que vitória reflecte "os resultados que o povo quis" – **Jornal i** – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/mocambique-frelimo-diz-vitoria-reflecte-os-resultados-povo-quis>

171. Frelimo e Nyusi vencem eleições gerais – **JN** – http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4210499

172. Renamo diz que não reconhece resultados e vai impugnar – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=778197&tm=7&layout=121&visual=49>

173. Moçambique: Renamo não reconhece resultados e vai impugnar eleições – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4210748

174. Renamo contesta resultados eleitorais – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=778225&tm=7&layout=123&visual=61>

175. "Vitória renova aliança histórica com povo moçambicano" diz Comissão Política Frelimo – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=778228&tm=7&layout=121&visual=49>

176. Renamo vai impugnar resultados das eleições – **JN** – http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Palops/Interior.aspx?content_id=4210529

177. Moçambique/Eleições: Frelimo diz que vitória reflete "os resultados que o povo quis" – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-frelimo-diz-que-vitoria-reflete-os-resultados-que-o-povo-quis=f799972>

178. Moçambique/Eleições: Sete dos 17 membros da CNE votaram contra resultados – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-sete-dos-17-membros-da-cne-votaram-contr-resultados=f800002>

179. Frelimo e Nyusi ganham eleições gerais de Moçambique – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4210808&page=-1

180. Filipe Nyusi é o novo Presidente de Moçambique e a Frelimo ganhou as eleições – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/filipe-nyusi-e-o-novo-presidente-de-mocambique-e-a-frelimo-ganhou-as-eleicoes-1674644>

181. Moçambique/Eleições: Renamo diz que não reconhece resultados e vai impugnar – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-renamo-diz-que-nao-reconhece-resultados-e-vai-impugnar=f799963>

182. Nyusi e Frelimo são os vencedores da eleições em Moçambique – Sol – <http://www.sol.pt/noticia/117620>
183. Moçambique: Renamo vai impugnar últimas eleições – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/30-10-2014/mocambique-renamo-vai-impugnar-ultimas-eleicoes>

31/10

184. Moçambique. Frelimo vence eleições, Renamo vai impugnar resultados – Jornal i – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/mocambique-frelimo-vence-eleies-renamo-vai-impugnar-resultado>
185. CNE vai deliberar até sábado sobre reclamação da Renamo – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=778443&tm=7&layout=121&visual=49>
186. Moçambique/Eleições: CNE vai deliberar até sábado sobre reclamação da Renamo – Visão – <http://visao.sapo.pt/mocambiqueeleicoes-cne-vai-deliberar-ate-sabado-sobre-reclamacao-da-renamo=f800068>
187. Moçambique: decisão sobre eleições até sábado – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/cne/mocambique-decisao-sobre-eleicoes-ate-sabado>

Lista 4 – Amostra secundária Moçambique

Total: 194 artigos

01/10

1. Moçambique/Eleições: Um candidato omnipresente, outro messiânico e violência marcam mês de campanha
2. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo leva vantagem em campanha renhida – analista
3. Moçambique/Eleições: Ex-número dois da Renamo acusa Frelimo de investir na violência para se manter no poder
4. Observadores militares do fim da violência em Moçambique iniciaram hoje missão

02/10

5. Moçambique/Eleições: Frelimo com um pé na continuidade e outro na mudança
6. Moçambique/Eleições: Renamo insiste no “sacrifício” de Dhlakama para acabar com monopartidarismo
7. Moçambique/Eleições: MDM quer menos Presidente e mais poder local
8. Moçambique/Eleições: MDM tenta afirmar-se como alternativa à “Frenamo”
9. Moçambique/Eleições: Violência na campanha manchou processo eleitoral – CNE
10. Moçambique/Eleições: Frelimo e Renamo envolvem-se em confrontos em Nampula
11. ONG moçambicanas alertam para possível agravamento da violência no fim de campanha

03/10

12. Moçambique/Eleições: País é modelo de democracia - missão observadores SADC
13. Moçambique/Eleições: MDM apresenta queixas por incidentes em Gaza
14. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo “gosta de violência” – líder MDM (C/VÍDEO E FOTOS)
15. Moçambique/Eleições: Proibidos símbolos partidários no Dia da Paz em Nampula
16. Moçambique/Eleições: “Poderes excessivos do Presidente são extremamente perigosos” – líder MDM (C/VÍDEO E FOTOS)
17. Moçambique/Eleições: Líder do MDM disponível para acordos pós-eleitorais (C/VÍDEO E FOTOS)

04/10

18. Moçambique/Eleições: Governo português recomenda prudência aos seus cidadãos durante período eleitoral
19. Moçambique/Eleições: Exploração de recursos minerais sem impacto na redução da pobreza – Renamo
20. Moçambique/Eleições: Governo e Dhlakama realizam cerimónias separadas no dia da paz em Tete
21. Moçambique/Eleições: Abrandamento da China impede crescimento mais rápido em Moçambique – Economist
22. ENTREVISTA: Moçambique/Eleições: Chissano defende mudança como exemplo de governação (C/VIDEO)

- 23. Moçambique/Eleições: Moçambique prefere empréstimos da China apesar de serem mais caros – Economist
- 24. Moçambique/Eleições: Ex-ministro da Defesa considera "sábio" novo acordo de paz com Renamo

05/10

- 25. Moçambique/Eleições: Três detidos após roubo de boletins de voto no centro do país
- 26. Moçambique/Eleições: Analista alerta para risco de regresso da tensão após resultados
- 27. Moçambique/Eleições: Presidenciais são "cruciais para o futuro" económico do país- analista
- 28. Moçambique/Eleições: CNE diz que "estará mais atenta" aos focos de violência

06/10

- 29. Moçambique/Eleições: Dhlakama lamenta mortes desnecessárias no recente conflito
- 30. Moçambique/Eleições: MDM acusa polícia de perseguir, prender e torturar os seus membros em Nampula
- 31. Moçambique/Eleições: CNE diz que vai destruir boletins de voto de 'kits' roubados
- 32. Moçambique/Eleições: Ex-PR das Bahamas lidera observadores da Commonwealth
- 33. Moçambique/Eleições: Camponeses acusam candidatos presidenciais de "ignorar e marginalizar" agricultura
- 34. Moçambique/Eleições: Oposição denuncia na CNE perseguições aos seus apoiantes
- 35. Moçambique/Eleições: Renamo acusa líderes religiosos de falta de idoneidade
- 36. Moçambique/Eleições: Partidos históricos levam vantagem nas redes sociais
- 37. Moçambique/Eleições: Campanha centrada em três figuras com meios desiguais

07/10

- 38. Moçambique/Eleições: Frelimo devolve bandeira e símbolos roubados ao MDM
- 39. Moçambique/Eleições: Embaixada de Portugal envia observadores para cinco províncias
- 40. Moçambique/Eleições: Atores políticos devem respeitar interesses do país - Pedro Pires (C/ÁUDIO)
- 41. Moçambique/Eleições: Portugueses esperam melhoras na segurança e circulação entre os dois países
- 42. ENTREVISTA: Eleições/Moçambique: Portugal sem previsões de violência no processo eleitoral (C/ÁUDIO)
- 43. ENTREVISTA: Eleições/Moçambique: Acordo de paz é só ponto de partida, falta reconciliação – embaixador de Portugal (C/ÁUDIO)

08/10

- 44. Moçambique/Eleições: Ordem dos Advogados vai participar na observação eleitoral
- 45. Moçambique/Eleições: Dhlakama promete "segunda descolonização" para Moçambique
- 46. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo diz que críticos do seu programa de continuidade são "preguiçosos"
- 47. Moçambique/Eleições: Um país com crescimento económico acelerado e pobreza visível

48. Moçambique/Eleições: Reação da Renamo a uma eventual derrota é uma das incógnitas – investigadora Chatham House
49. Moçambique/Eleições: Ficha do país

09/10

50. Moçambique/Eleições: Secretariado de Administração Eleitoral diz que está tudo a postos
51. Moçambique/Eleições: Graça Machel entra na campanha da Frelimo em Maputo
52. Moçambique/Eleições: Líder da Renamo vota em Maputo
53. Moçambique/Eleições: Renamo exige explicações sobre furto de boletins de voto
54. REPORTAGEM: Moçambique/Eleições: MDM propõe em Maputo resposta “ao cansaço” dos eleitores
55. REPORTAGEM: Moçambique/Eleições: Paulo, o fã do “Mandela moçambicano”
56. REPORTAGEM: Moçambique/Eleições: O zelo das mulheres “da Frelimo” na lição do X em Nyusi

10/10

57. Moçambique/Eleições: Observadores podem acompanhar apuramento resultados – CNE
58. Moçambique/Eleições: Polícia recupera material de votação roubado
59. Moçambique/Eleições: Contrabando de madeira financiou campanha da Frelimo – ONG
60. Moçambique/Eleições: CNE apela para isenção das missões de observação
61. Moçambique/Eleições: Chissano prevê “vitória retumbante” da Frelimo e seu candidato
62. PERFIL: Moçambique/ Eleições: Daviz Simango, o homem da terceira via
63. PERFIL: Moçambique/Eleições: Afonso Dhlakama, entre o afável e o incendiário
64. PERFIL: Moçambique/Eleições: Filipe Nyusi, o gestor que chegou tarde à política

11/10

65. Moçambique/Eleições: Chefe da Missão da CPLP esperançado no sucesso do escrutínio
66. Moçambique/Eleições: “Mambas” rivalizam por multidões na reta final da campanha
67. Moçambique/Eleições: Multidão bloqueia baixa de Maputo para ver “papá” Dhlakama (C/FOTOS)
68. Moçambique/Eleições: Analista avisa para risco de aumento da dívida pública
69. Moçambique/Eleições: Próximo Presidente encontrará 50% da população na miséria
70. Moçambique/Eleições: Descobertas de carvão e gás marcam mandatos de Guebuza

12/10

71. Moçambique/Eleições: MDM volta apresentar urna com imagem de Nyusi
72. Moçambique/Eleições: Dhlakama agradece à Frelimo protagonismo da sua candidatura
73. Moçambique/Eleições: Quinze feridos em atos de violência eleitoral em Nampula
74. Moçambique/Eleições: Guebuza pede maioria qualificada para Frelimo e seu candidato presidencial (C/FOTOS)
75. Moçambique/Eleições: Na última cartada eleitoral, Nyusi pede aos eleitores para não terem medo da continuidade (C/FOTOS)

- 76. Moçambique/Eleições: Polícia tenta dispersar comício de Dhlakama em Nampula (ATUALIZADA)
- 77. Moçambique/Eleições: Polícia tenta dispersar comício de Dhlakama em Nampula
- 78. ENTREVISTA: Moçambique/Eleições: Dhlakama aguardará em Maputo divulgação dos resultados
- 79. ENTREVISTA: Moçambique/Eleições: “Já estou a formar Governo” – Dhlakama
- 80. ENTREVISTA: Moçambique/Eleições: “Violência é falta de transparência” – Dhlakama
- 81. Moçambique/Eleições: Campanha encerra hoje ao fim de mais de 40 dias

13/10

- 82. Moçambique/Eleições: Treze detidos e 16 feridos em incidentes de domingo em Nampula
- 83. Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo aponta emprego e agricultura como prioridades
- 84. Moçambique/Eleições: Artista moçambicano na diáspora desconfia das promessas de mudança
- 85. REPORTAGEM: Moçambique/Eleições: A loja dos camaradas
- 86. Moçambique/Eleições: Observadores eleitorais criam gabinete legal para dar seguimento a ilícitos
- 87. Moçambique/Eleições: O admirável país novo em promessas eleitorais
- 88. Timor-Leste envia dois deputados para observar eleições em Moçambique

14/10

- 89. Moçambique/Eleições: Candidatos só reconhecerão resultados de votação transparente – UE
- 90. Moçambique/Eleições: Oposição queixa-se de atrasos na emissão de credenciais para mesas de voto
- 91. Moçambique/Eleições: MPLA envia missão de observação às eleições gerais
- 92. Moçambique/Eleições: Ficha eleitoral
- 93. Moçambique/Eleições: Bastonário dos Advogados pede cumprimento rigoroso da lei eleitoral
- 94. Moçambique/Eleições: Um país à espera do dia seguinte

15/10

- 95. Moçambique/Eleições: Observatório Eleitoral pede “calma e serenidade” face à violência
- 96. Moçambique/Eleições: Polícia e população em confrontos em Nampula
- 97. Moçambique/Eleições: Muitos eleitores esperaram por votar após fecho das urnas
- 98. SÍNTESE-Moçambique/Eleições: Atrasos e suspeitas no dia em que Dhlakama foi observador
- 99. Moçambique/Eleições: Membros da Renamo queimaram boletins de voto em Tete por suspeita de fraude
- 100. Moçambique/Eleições: Votação terminou em quase todo o país – CNE
- 101. Moçambique/Eleições: Dhlakama vigiou pessoalmente o processo de votação (C/ÁUDIO)
- 102. Moçambique/Eleições: País vota com o coração nas mãos – mediador (C/ÁUDIO)
- 103. Moçambique/Eleições: Polícia prende homem com seis urnas e boletins de voto
- 104. Moçambique/Eleições: Número de eleitores registados em Portugal aumentou 30 por cento (C/Áudio)

- 105.** REPORTAGEM: Moçambique/Eleitores: Numa cidade parada, filas de eleitores ganham vida (C/VÍDEO)
- 106.** Moçambique/Eleições: Candidato do MDM insta membros das mesas de voto a não “se pautarem pela fraude” (C/ÁUDIO)
- 107.** Moçambique/Eleições: Dezenas de mesas de voto não abriam no centro e norte do país
- 108.** Moçambique/Eleições: “As coisas estão a correr de feição” -Presidente CNE (C/ÁUDIO)
- 109.** Moçambique/Eleições: Grande afluência no centro de capital do maior círculo eleitoral do país
- 110.** Moçambique/Eleições: Longas filas para votar onde começou recente conflito militar (C/FOTOS e VÍDEO)
- 111.** Moçambique/Eleições: MDM acusa órgãos eleitorais de impedir presença de delegados nas mesas de voto
- 112.** Moçambique/Eleições: Dhlakama quer polícia longe de mesas de voto e pede vigilância contra fraude (C/VÍDEO E FOTOS)
- 113.** Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo declara “confiança total” na vitória (C/FOTOS E VIDEO)
- 114.** Moçambique/Eleições: PR apela a uma votação sem violência (C/Vídeo e C/Fotos)
- 115.** Moçambique/Eleições: Assembleias de voto abertas para início da votação
- 116.** Moçambique/Eleições: Candidatos da Frelimo e Renamo votam hoje no mesmo local separados por meia-hora

16/10

- 117.** Moçambique/Eleições: Frelimo diz que denúncias da Renamo não põem em causa a votação
- 118.** Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo mantém liderança, após apuramento de um quarto dos votos – oficial
- 119.** Moçambique/Eleições: Renamo denuncia alegado enchimento de urnas e desaparecimento de cadernos (C/VÍDEO E FOTOS)
- 120.** Moçambique/Eleições: MNE português desconhece fraudes que ponham em causa resultados (C/ÁUDIO)
- 121.** Moçambique/Eleições: Renamo reivindica vitória e não reconhece resultados (ATUALIZADA) FOTOS E VIDEO
- 122.** Moçambique/Eleições: Renamo reivindica vitória e não reconhece resultados
- 123.** Moçambique/Eleições: Comissões eleitorais distritais recebem contagem até ao final do dia – CNE
- 124.** Moçambique/Eleições: Comissão Provincial de Eleições de Sofala desmente alegada fraude
- 125.** Moçambique/Eleições: Candidato da Frelimo lidera contagem das presidenciais
- 126.** Moçambique/Eleições: Imprensa moçambicana diverge no tom do relato da votação
- 127.** Moçambique/Eleições: Manhã calma em Nampula e Beira após graves distúrbios na noite eleitoral
- 128.** Moçambique/Eleições: Situação mais calma em Nampula após confrontos entre polícia e população

17/10

- 129.** Moçambique/Eleições: Oposição indignada, espera que observadores tenham apreciado o camarão
- 130.** Moçambique/Eleições: Eleitores expressaram vontade de forma livre – União Africana
- 131.** Moçambique/Eleições: Jovem morre baleado pela polícia – Sociedade civil

- 132.** Moçambique/Eleições: Queixas devem ser resolvidas pelas entidades competentes – UE
- 133.** Moçambique/Eleições: Frelimo e o seu candidato venceram no círculo Resto do Mundo
- 134.** Moçambique/Eleições: Renamo denuncia erro informático que transfere votos para Nyusi
- 135.** Moçambique/Eleições: Frelimo e Filipe Nyusi foram os mais votados em Portugal
- 136.** Moçambique/Eleições: Comunidade África Austral lembra que todos os partidos prometeram aceitar resultados
- 137.** Moçambique/Eleições: Presença de partidos nas mesas de voto não foi abrangente – Observadores
- 138.** Moçambique/Eleições: União Europeia sugere que Renamo cumpra a lei e mostre provas de fraude (C/ÁUDIO)
- 139.** Moçambique/Eleições: Observadores da Commonwealth com avaliação inicial positiva
- 140.** Moçambique/Eleições: Votação viciada por irregularidades - organizações da sociedade civil
- 141.** Moçambique/Eleições: CPLP considera escrutínio “credível, livre e pacífico” (C/ÁUDIO)
- 142.** Moçambique/Eleições: MDM diz que eleições foram marcadas por “práticas de fraudes” (C/ÁUDIO)

18/10

- 143.** Moçambique/Eleições: Ban Ki-moon apela para “atmosfera calma” na contagem de votos
- 144.** Moçambique/Eleições: Incidentes na província de Tete maiores do que se pensava
- 145.** Moçambique/Eleições: Frelimo promete responder a pedido de negociações de Dhlakama
- 146.** Moçambique/Eleições: Dhlakama abdica de violência e está pronto a negociar com Governo (ATUALIZADA)
- 147.** Moçambique/Eleições: Dhlakama abdica de violência e está pronto a negociar com Governo (C/FOTOS E VÍDEO)

19/10

- 148.** Moçambique/Eleições: Dhlakama assegura a diplomatas que permanecerá em Maputo
- 149.** Moçambique/Eleições: Apuramento dos resultados oficiais com atraso em alguns distritos

20/10

- 150.** Moçambique/Eleições: Presidente angolano felicita Nyusi
- 151.** Moçambique/Eleições: Órgão eleitoral compromete-se a divulgar resultados finais no prazo legal
- 152.** Moçambique/Eleições: Nyusi e Frelimo vencem destacados em Maputo – oficial

21/10

- 153.** Moçambique/Eleições: Estados Unidos pedem “contagem rigorosa” dos votos
- 154.** Moçambique/Eleições: Embaixador italiano confia em desfecho “pacífico e sem violência”
- 155.** Moçambique/Eleições: UE preocupada com atrasos no apuramento dos resultados

- 156.** Moçambique/Eleições: Renamo aborta marcha de celebração de resultados em Manica
157. Moçambique/Eleições: Chefe de operações eleitorais na Beira detida por suspeita de fraude

22/10

- 158.** Moçambique/Eleições: “Não queremos que fiquem quaisquer dúvidas” – CNE
159. Moçambique/Eleições: Dhlakama ganha em Tete, Nyusi vence em Niassa
160. Moçambique/Eleições: Nyusi ganha na sua província natal de Cabo Delgado

23/10

- 161.** Moçambique/Eleições: Dirigente da Frelimo declara “missão cumprida” mas quer reflexão sobre descida do partido (C/ÁUDIO)
162. Moçambique/Eleições: Renamo celebra resultados em marcha pacífica na província de Manica
163. Moçambique/Eleições: Nyusi e Frelimo dominam votação no sul do país

24/10

- 164.** Moçambique/Eleições: CNE analisa milhares de votos inválidos no fim de um apuramento marcado pela suspeição
165. Moçambique/Eleições: Vogal do MDM vai responder por suspeita de fraude
166. Moçambique/Eleições: ONU diz que futuro Governo deve apostar na educação e na economia
167. Moçambique/Eleições: Soma das contagens provinciais dá vitória a Nyusi e Frelimo

26/10

- 168.** Moçambique/Eleições: CNE espera acabar hoje análise de votos inválidos

27/10

- 169.** Moçambique/Eleições: CNE diz que irregularidades não terão influência nos resultados finais
170. Moçambique/Eleições: MPLA diz que vitória da Frelimo demonstra “confiança do povo”

28/10

- 171.** Moçambique/Eleições: Comissão eleitoral requalifica mais de 178 mil votos inválidos
172. Moçambique/Eleições: Embaixador de Portugal lamenta mensagem “caluniosa” a apontá-lo como incitador da Renamo (C/ÁUDIO)

29/10

- 173.** Moçambique/Eleições: Observadores do Centro Carter e EISA criticam apuramento
174. Moçambique/Eleições: Diplomacia norte-americana reúne-se com candidatos presidenciais

30/10

- 175. Moçambique/Eleições: Comissão Eleitoral anuncia hoje resultados das eleições gerais
- 176. Moçambique/Eleições: Polícia apela à calma em Sofala e Nacala
- 177. Moçambique/Eleições: Beira deserta e sob forte vigilância policial antes de resultados
- 178. Moçambique/Eleições: Frelimo e Nyusi ganham eleições gerais – resultados oficiais
- 179. Moçambique/Eleições: Frelimo e Nyusi ganham eleições gerais – resultados oficiais (ATUALIZADA)
- 180. Moçambique/Eleições: Renamo diz que não reconhece resultados e vai impugnar
- 181. Moçambique/Eleições: Frelimo diz que vitória reflete “os resultados que o povo quis”
- 182. Moçambique/Eleições: MDM classifica como “não credíveis” resultados eleitorais
- 183. Moçambique/Eleições: Renamo diz que não reconhece resultados e vai impugnar (ACTUALIZADA) (C/ÁUDIO)
- 184. Moçambique/Eleições: “Vitória renova aliança histórica com povo moçambicano” - Comissão Política Frelimo
- 185. Moçambique/Eleições: Filipe Nyusi agradece vitória e aponta paz e estabilidade como prioridades
- 186. PERFIL: Moçambique/Eleições: Filipe Nyusi, o gestor que chegou tarde à política
- 187. Moçambique/Eleições: Bastonário dos advogados diz que ilícitos eleitorais são “inadmissíveis”
- 188. Moçambique/Eleições: Sete dos 17 membros da CNE votaram contra resultados
- 189. Moçambique/Eleições: Resultados oficiais
- 190. Moçambique/Eleições: Principais cidades calmas e quase desertas mas sob forte vigilância policial

31/10

- 191. Moçambique/Eleições: CNE vai deliberar até sábado sobre reclamação da Renamo
- 192. Moçambique/Eleições: Frelimo perdeu 219 assentos nas assembleias provinciais
- 193. Moçambique/Eleições: Renamo quer conhecer "com clareza" votos na diáspora
- 194. Moçambique/Eleições: Cavaco confiante em "renovadas oportunidades" nas relações bilaterais

Lista 5 – Amostra principal Brasil

Total: 259 artigos

Data de consulta: 04/11/2014

01/10

1. Moody's não vê diferenças entre Dilma e Marina – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4155401&seccao=CPLP
2. A poucos dias das presidenciais, Dilma lidera nas sondagens – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/a-poucos-dias-das-presidenciais-dilma-lidera-nas-sondagens=f891780>
3. Marina Silva: uma história de sucesso improvável – **Observador** – <http://observador.pt/especiais/marina-silva-uma-historia-de-sucesso-improvavel/>
4. Dilma Rousseff e Marina Silva lideram as sondagens para as presidenciais no Brasil – **SIC Notícias** – <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2014-10-01-Dilma-Rousseff-e-Marina-Silva-lideram-as-sondagens-para-as-presidenciais-no-Brasil>
5. Beijaço» coletivo contra candidato presidencial – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/400-gays-e-lesbicas-em-beijo-coletivo-contracandidato-presidencial>
6. Brasil: Marina perde terreno para Dilma e Aécio – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/brasil-marina-perde-terreno-para-dilma-e-aecio>

02/10

7. Dilma e Aécio empenham-se na dura batalha por Minas Gerais – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dilma-e-aecio-empenhamse-na-dura-batalha-por-minas-gerais-1671543>
8. Eleições no Brasil: o perfil dos três candidatos ao pódio – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes-brasil/eleicoes-no-brasil-o-perfil-dos-tres-candidatos-ao-podio>
9. Brasil: o que nunca pensou saber sobre os candidatos presidenciais – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/dilma-rousseff/brasil-o-que-nunca-pensou-saber-sobre-os-candidatos-presidenciais>
10. Aécio Neves: Neto de peixe pode chegar a Presidente do Brasil – **Observador** – <http://observador.pt/especiais/aecio-neves-neto-de-peixe-sabe-chegar-presidente-brasil/>
11. Perfis: eles também querem ser presidentes do Brasil – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes-brasil/perfis-eles-tambem-querem-ser-presidentes-do-brasil>

03/10

12. Eleições: Cerca de 30 mil brasileiros em Portugal podem votar nas presidenciais – **Sol** – <http://www.sol.pt/noticia/116060/Eleicoes-Cerca-de-30-mil-brasileiros-em-Portugal-podem-votar-nas-presidenciais>
13. Ataques e clima tenso no último debate eleitoral no Brasil – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/ataques-e-clima-tenso-no-ultimo-debate-eleitoral-no-brasil=f892061>
14. Religião pesa na decisão dos eleitores brasileiros – **RTP** – http://www.rtp.pt/noticias/mundo/religiao-pesa-na-decisao-dos-eleitores-brasileiros_n771371

15. Entenda o sistema de voto no Brasil – TVI 24 - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/voto-via-satelite-para-evitar-viagem-de-seis-dias>
16. Brasil: Obama, Bin Laden e Neymar querem ser deputados – TVI 24 - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/brasil-barack-obama-osama-bin-laden-e-neymar-querem-ser-deputados>
17. «O brasileiro tem tendência a votar em quem vai ganhar» - TVI 24 - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/o-brasileiro-tem-tendencia-a-votar-em-quem-vai-ganhar>
18. Dilma, a guerrilheira intelectual que herdou o Brasil de Lula – Observador - <http://observador.pt/especiais/dilma-a-guerrilheira-intelectual-que-herdou-o-brasil-de-lula/>
19. O que pensam Dilma, Aécio e Marina – Observador - <http://observador.pt/especiais/eleicoes-brasil-2014/>

04/10

20. “Provavelmente está assustada”, diz Aécio sobre Dilma Rousseff – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771671&tm=7&layout=121&visual=49>
21. Brasileiros escolhem presidente na sétima eleição direta após ditadura militar – RTP <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771594&tm=80&layout=121&visual=49>
22. Ambiente com pouco destaque na campanha eleitoral do Brasil – TVI 24 - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/greenpeace/ambiente-com-pouco-destaque-na-campanha-eleitoral-do-brasil>

05/10

23. Dilma Rousseff e Aécio Neves disputam a segunda volta presidencial no Brasil – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/aecio-chega-ao-dia-das-eleicoes-a-frente-de-marina-nas-sondagens-1671938>
24. Aécio ganha fôlego na reta final e ultrapassa Marina – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4161953
25. Aécio e Marina confiantes de que vão à segunda volta – DN - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4162726&seccao=CPLP
26. Dilma e Aécio na segunda volta – Observador – <http://observador.pt/2014/10/05/em-direto-acompanhe-o-minuto-minuto-das-eleicoes-brasileiras/>
27. Dilma, Marina ou Aécio: eleitores justificam escolha – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771778&tm=7&layout=121&visual=49>
28. Sondagem à boca das urnas indica segunda volta entre Dilma Rouseff e Aécio Neves – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771889&tm=7&layout=121&visual=49>
29. Aécio Neves e Marina Silva confiantes de que vão à segunda volta com Rousseff – Observador – <http://observador.pt/2014/10/05/aecio-neves-e-marina-silva-confiantes-que-vaio-segunda-volta-com-rousseff/>
30. O Brasil entre a dúvida do que existe e o medo do que pode acontecer – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/o-brasil-entre-a-duvida-do-que-existe-e-o-medo-do-que-pode-acontecer-1671896>
31. Brasil: Dilma e Aécio na segunda volta – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/brasil-primeiros-resultados-colocam-dilma-e-aecio-na-segunda-volta>
32. Dilma e Aécio vão discutir a presidência do Brasil na segunda volta – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4163039&seccao=CPLP
33. Dilma descola de Marina e pode ganhar à primeira volta – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/dilma-descola-de-marina-e-pode-ganhar-a-primeira-volta=f892193>
34. Receber SMS ilegais e discutir política enquanto se toma um 'chopp'. É assim que um emigrante português vive as eleições no Brasil – Expresso –

- <http://expresso.sapo.pt/receber-sms-ilegais-e-discutir-politica-enquanto-se-toma-um-chopp-e-assim-que-um-emigrante-portugues-vive-as-eleicoes-no-brasil=f892196>
35. Dilma vence primeira volta das presidenciais – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/dilma_vence_primeira_volta_das_presidenciais.html
36. Brasil de A a Z – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/brasil-de-a-a-z-1671732>
37. Votação dos brasileiros em Portugal correu «maravilhosamente bem» – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4162976
38. Brasil: Dilma vence mas vai à segunda volta com Aécio Neves – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4163154
39. Brasil/Eleições: Aécio Neves e Marina Silva confiantes na segunda volta – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4162871
40. Aécio e Dilma decidem presidência do Brasil na segunda volta – **JN** – http://www.jn.pt/PaginalNicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4163144&page=-1
41. Dia da democracia no Brasil – **RTP** - http://www.rtp.pt/noticias/mundo/dia-da-democracia-no-brasil_a771835
42. Mais de 143 milhões de brasileiros votam entre as 8h00 e as 17h00 – **RTP** - http://www.rtp.pt/noticias/mundo/mais-de-143-milhoes-de-brasileiros-votam-entre-as-8h00-e-as-17h00_n771836
43. Eleições decorrem com normalidade no Brasil – **RTP** - http://www.rtp.pt/noticias/mundo/eleicoes-decorrem-com-normalidade-no-brasil_v771864
44. Eleições no Brasil: quando o voto tecnológico falha – **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/voto-biometrico/eleicoes-no-brasil-quando-o-voto-tecnologico-falha>
45. Eleições no Brasil: Bin Laden detido por vender água aos eleitores – **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/geral/05-10-2014/bin-laden-detido-por-vender-agua-aos-eleitores>
46. Ao minuto. Eleições no Brasil – **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/aominuto/5431923b0cf263a23c888260>
47. Brasil: Dilma enfrenta Aécio na segunda volta – **Sol** - <http://www.sol.pt/noticia/116180>
48. Brasil: «Trabalho com a hipótese das duas voltas», diz Dilma – **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/brasil-trabalho-com-a-hipotese-das-duas-voltas-diz-dilma>
49. Aécio Neves é o político que não precisa da política para viver e ser feliz – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/aecio-neves-e-o-politico-que-nao-precisa-da-politica-para-viver-e-ser-feliz-1671799>

06/10

50. "Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes." O Brasil votou e surpreendeu – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/eu-vou-desdizer-aquilo-tudo-que-eu-lhe-disse-antes-o-brasil-votou-e-surpreendeu=f892116>
51. Brasil/eleições: Final da contagem confirma segunda volta entre Dilma e Aécio – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/brasileleicoes-final-da-contagem-confirma-segunda-volta-entre-dilma-e-aecio=f892400>
52. Dilma e Aécio vão à finalíssima – **Expresso** - <http://expresso.sapo.pt/dilma-e-aecio-vao-a-finalissima=f892392>
53. Aécio surpreende e põe em causa favoritismo de Dilma na segunda volta – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/aecio-surpreende-e-poe-em-causa-favoritismo-de-dilma-na-segunda-volta-1671979>
54. Eleitores de Marina devem dividir-se na 2.^a volta – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4163610&seccao=CPLP
55. Marina Silva diz não se sentir "uma derrotada" – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4163621&seccao=CPLP

56. Brasil/Eleições: Eleitores de Marina Silva devem dividir-se na segunda volta – analista – **CM** –
http://www.cmjornal.xl.pt/cm_ao_minuto/detalhe/brasileleicoes_eleitores_de_marina_silva_devem_dividir_se_na_segunda_volta_analista.html
57. Marina indicia apoio a Aécio na segunda volta – **RTP** –
<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771994&tm=80&layout=121&visual=49>
58. Aécio Neves vence primeira volta em Portugal – **Observador** –
<http://observador.pt/2014/10/06/aecio-neves-vence-primeira-volta-em-portugal/>
59. Dilma Rousseff ganhou a primeira volta das eleições no Brasil – **RTP** –
<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=772117&tm=7&layout=122&visual=61>
60. Brasil/Eleições: Aécio Neves vence primeira volta em Portugal – **Expresso** –
<http://expresso.sapo.pt/brasileleicoes-aecio-neves-vence-primeira-volta-em-portugal=f892396>
61. Brasileiros violam lei eleitoral para tirar "selfies" – **DN** –
http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4162965&seccao=CPLP
62. Dilma e Aécio vão discutir a presidência do Brasil na segunda volta – **DN** –
http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4163039&seccao=CPLP
63. Brasil/Eleições: Aécio Neves vence primeira volta em Portugal – **Visão** –
<http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-aecio-neves-vence-primeira-volta-em-portugal=f797453>
64. O verdadeiro mapa político do Brasil – **Observador** –
<http://observador.pt/2014/10/06/mapa-politico-brasil/>
65. Aécio apela a "unir forças" contra Dilma na 2.ª volta – **DN** –
http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4163585&seccao=CPLP
66. Brasil/eleições: Final da contagem confirma segunda volta entre Dilma e Aécio – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-final-da-contagem-confirma-segunda-volta-entre-dilma-e-aecio=f797457>
67. Depois da surpresa, os desafios: São Paulo e a corrupção – **Observador** –
<http://observador.pt/2014/10/06/depois-da-surpresa-os-desafios-sao-paulo-e-corrupcao/>
68. Aécio Neves vence primeira volta em Portugal – **Observador** –
<http://observador.pt/2014/10/06/aecio-neves-vence-primeira-volta-em-portugal/>
69. Dilma agradece aos eleitores e a Lula: «A luta continua» - **TVI 24** –
<http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/dilma-agradece-aos-eleitores-e-a-lula-a-luta-continua>
70. Aécio Neves vence primeira volta em Portugal – **Público** –
<http://www.publico.pt/mundo/noticia/aecio-neves-vence-primeira-volta-em-portugal-1671982>
71. Eleitores de Marina Silva devem dividir-se na segunda volta – **RTP** –
<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=771903&tm=7&layout=121&visual=49>
72. Brasil: Final da contagem confirma segunda volta entre Dilma e Aécio – **TSF** –
http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4163335
73. Brasil: Os candidatos bons de bola – **TSF** –
http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4163497
74. Brasil: Rousseff diz que «luta continua», Aécio fala em «unir forças» (vídeos) – **TSF** –
http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4163339&page=-1
75. Brasileiros violaram lei eleitoral para tirar "selfies" – **JN** –
http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4163258
76. São Paulo e Minas Gerais elegem governadores na primeira volta – **JN** –
http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4163273
77. Aécio Neves vence primeira volta em Portugal – **JN** –
http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4163316
78. Romário e "Tiririca" entre os "famosos" reeleitos – **JN** –
http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4163308
79. No Brasil, a pergunta já não é se Marina Silva vai ao segundo turno – **Sol** –
<http://www.sol.pt/noticia/116183>

80. Aécio Neves dedica resultado a Eduardo Campos – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/aecio-neves-dedica-resultado-a-eduardo-campos>
81. A quem vai Marina Silva oferecer 21 milhões de votos? – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/dilma-rousseff/a-quem-vai-marina-silva-oferecer-21-milhoes-de-votos>
82. O que aconteceu a Marina Silva? – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes-brasil/o-que-aconteceu-a-marina-silva>
83. Brasil/Eleições: Sondagem à "boca das urnas" aponta Dilma Rousseff e Aécio Neves na segunda volta – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/brasileicoes-sondagem-a-boca-das-urnas-aponta-dilma-rousseff-e-aecio-neves-na-segunda-volta=f892380>
84. Brasil/Eleições: Brasileiros violam lei eleitoral para tirar "selfies" – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/brasileicoes-brasileiros-violam-lei-eleitoral-para-tirar-selfies=f892361>
85. A nova eleição tem a mesma polarização de sempre – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/a-nova-eleicao-que-comeca-hoje-tem-a-mesma-polarizacao-de-sempre-1671973>
86. Marina Silva deixa indícios de apoio a Aécio Neves na segunda volta – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/marina-silva-deixa-indicios-de-apoio-a-aecio-neves-na-segunda-volta-1671981>

07/10

87. A derrotada Marina Silva é quem tem a chave do poder no Brasil – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/a-derrotada-marina-silva-e-quem-tem-a-chave-do-poder-no-brasil-1672083>
88. Brasil: Dilma e Aécio na segunda volta – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/brasil-primeiros-resultados-colocam-dilma-e-aecio-na-segunda-volta>
89. Marina Silva apoiará Aécio Neves sob condições, diz imprensa – TSF – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4166741&page=-1
90. Marina Silva negocia apoio a candidato Aécio Neves – JN – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4166275
91. PT sofre com a fragmentação política resultante das eleições – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/pt-sofre-com-a-fragmentacao-politica-resultante-das-eleicoes-1672071>

09/10

92. PSB anuncia apoio a Aécio Neves mas Marina Silva só decide hoje – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4169513&seccao=CPLP
93. Sondagem diz que Aécio será o novo presidente do Brasil – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4170641&seccao=CPLP
94. Aécio ganha vantagem a Dilma para 2.ª volta das presidenciais – CM – <http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/aecio-ganha-vantagem-a-dilma-para-2-volta-das-presidenciais.html>
95. Partido de Marina Silva vai apoiar Aécio Neves – JN – http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4169730
96. Marina Silva adia declaração a dizer se apoia Aécio na segunda volta – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/marina-silva-adia-declaracao-a-dizer-se-apoia-aecio-na-segunda-volta-1672392>

10/10

97. Aécio Neves à frente de Dilma na corrida ao Palácio do Planalto – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=773054&tm=7&layout=123&visual=61>

98. Sondagens dão ligeira vantagem a Aécio mas Dilma segue muito próxima – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/sondagens-dao-ligeira-vantagem-a-aecio-mas-dilma-segue-muito-proxima-1672456>

12/10

99. Brasil/Eleições: Marina Silva declara apoio a Aécio Neves na corrida contra Dilma - **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/brasileleicoes-marina-silva-declara-apoio-a-aecio-neves-na-corrída-contra-dilma=f893367>

100. Brasil/Eleições: Dilma desvaloriza apoio de Marina a Aécio Neves – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/brasileleicoes-dilma-desvaloriza-apoio-de-marina-a-aecio-neves=f893379>

101. Brasil: Marina apoia Aécio contra Dilma – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/brasil-marina-apoia-aecio-contra-dilma>

102. "Votarei em Aécio e o apoiarei", diz Marina Silva – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4175498&seccao=CPLP

103. Dilma desvaloriza apoio de Marina a Aécio – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4175728&seccao=CPLP

104. Dilma desvaloriza apoio de Marina Silva a Aécio Neves – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Intenacional/Interior.aspx?content_id=4175612

105. Adversário de Dilma compromete-se com propostas de Marina – **JN** – www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4175029

106. Dilma desvaloriza apoio de Marina Silva a Aécio Neves – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4175612&page=-1

107. Marina Silva anuncia apoio a Aécio Neves mas diz que “continuará livre” – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/marina-silva-anuncia-apoio-a-aecio-neves-mas-diz-que-continuara-livre-1672669>

13/10

108. Marina apoia Aécio. Dilma não está nem aí – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/marina-apoia-aecio-dilma-nao-esta-nem-ai=f798101>

109. Eleições expõem a guinada conservadora da sociedade brasileira – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/eleicoes-expoem-a-guinada-conservadora-da-sociedade-brasileira-1672657>

15/10

110. "Nepotista", disse Dilma. "Leviana", respondeu Aécio – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/nepotista-disse-dilma-leviana-respondeu-aecio=f893767>

111. Dilma e Aécio, em modo de combate, esqueceram-se de falar no futuro – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dilma-e-aecio-partem-para-o-ataque-em-debate-televisivo-1672937>

112. Dilma e Aécio ao ataque no primeiro debate – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4180856&seccao=CPLP

113. Jovens da Turma do Chapéu criaram vídeo viral de Aécio – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4180014&seccao=CPLP

16/10

114. Novas sondagens mostram Aécio com ligeira vantagem sobre Dilma – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/novas-sondagens-mostram-aecio-com-ligeira-vantagem-sobre-dilma-1673081>

115. Mais duas sondagens dão Aécio à frente de Dilma – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4183243

116. Nepotista, acusa Dilma. Leviana e mentirosa, responde Aécio – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4183678

117. O empate que divide o Brasil – TVI 24 - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes-brasil/o-empate-que-divide-o-brasil>

17/10

118. Segundo 'round' televisivo. E Dilma sentiu-se mal após violenta discussão com Aécio – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/segundo-round-televisivo-e-dilma-sentiu-se-mal-apos-violenta-discussao-com-aecio=f894231>

119. Dilma sentiu-se mal em entrevista após debate com Aécio – DN - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4186133

120. Aécio e Marina aparecem juntos após anúncio de apoio – TVI 24 - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/aecio-e-marina-aparecem-juntos-apos-anuncio-de-apoio>

18/10

121. Aécio processa Dilma por difamação após anúncio de TV – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4188932

122. Banca e etanol duplicam aposta em Aécio Neves – DN - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4187712

19/10

123. “A turma está bem revoltada com a Dilma, acham que ela tem sido ruim” – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/a-turma-esta-bem-revoltada-com-a-dilma-acham-que-ela-tem-sido-ruim-1673360>

124. Justiça proíbe Aécio Neves de citar irmão de Dilma Rousseff na campanha – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4189881

125. Dilma admite que possa ter havido desvio de dinheiro público na Petrobras – DN - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4189333

126. Quando Dilma e Aécio viviam apenas a 1 km de distância em Belo Horizonte – DN - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4188836

20/10

127. Corrupção domina debate sem ataques pessoais entre Dilma e Aécio – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4190585

128. Evangélicos que apoiaram Marina Silva transferem o voto para Aécio Neves – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/evangelicos-que-apoiaram-marina-silva-transferem-o-voto-para-aecio-neves-1673444>

129. Brasil: celebrar Chico e "digerir" a campanha – TSF – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4191907

130. Brasil: Dilma e Aécio voltam a trocar acusações mas evitam ataques pessoais – TSF – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4190226

131. Dilma e Aécio obrigados a retirar ataques de debates eleitorais – TVI 24 - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/dilma-e-aecio-obrigados-a-retirar-ataques-de-debates-eleitorais>

132. Candidatos moderam os ataques, mas a tensão continua na campanha presidencial brasileira – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/debate-morno-entre-candidatos-a-presidencia-do-brasil-nao-desfaz-o-empate-da-campanha-1673473>

21/10

133. Dilma passa para a frente nas sondagens e abre nova fase na campanha – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dilma-passa-para-a-frente-nas-sondagens-e-abre-nova-fase-na-campanha-1673653>

134. Dilma passa para a frente de Aécio nas sondagens – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4192455
135. Lindsay Lohan apoia Aécio e Danny Glover 'vota' Dilma – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4193069
136. Dilma e Aécio evitam insultos para conquistar os indecisos – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4191824
137. Máquina de livros acaba com "jejum" de leitura a partir de 60 cêntimos – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4193411
138. Brasil: Falta de água pode custar a presidência a Aécio Neves – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4192205
139. Falta de água em São Paulo pode esvaziar a maré de Aécio Neves – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/falta-de-agua-em-sao-paulo-pode-esvaziar-a-mare-de-aecio-neves-1673548>

22/10

140. Dilma lidera sondagens no Brasil – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/dilma-lidera-sondagens-no-brasil=f894856>
141. Dilma Rousseff consolida liderança na corrida – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dilma-rousseff-consolida-lideranca-na-corrida-1673762>
142. Jornal japonês em São Paulo atento às eleições presidenciais – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4194366
143. Urnas eletrônicas começam a ser transportadas na quinta-feira – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=776082&tm=80&layout=121&visual=49>
144. Dilma lidera sondagens mas Aécio só confia nas suas projecções – **Sol** – <http://www.sol.pt/noticia/117152>
145. Lindsay Lohan e Naomi Campbell apelam ao voto em Aécio – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/geral/22-10-2014/lindsay-lohan-e-naomi-campbell-apelam-ao-voto-em-aecio>
146. Lula compara Aécio a nazis e Herodes – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/lula-compara-aecio-a-nazis-e-herodes>
147. Sete pontos que afastam Dilma de Aécio (e outros sete que aproximam) – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166224

23/10

148. Governo 'empata' dados que podem ser prejudiciais para Dilma – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/governo-empata-dados-que-podem-ser-prejudiciais-para-dilma=f894980>
149. Dilma pela primeira vez na frente das sondagens para a segunda volta – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dilma-pela-primeira-vez-na-frente-das-sondagens-para-as-presidenciais-de-domingo-1673958>
150. Duas sondagens apontam vitória de Dilma Rousseff – **JN** – http://www.jn.pt/PaginalNicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4198311
151. Lula lidera ataques a Aécio e compara tucanos aos nazis – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4195998
152. Dilma aumenta vantagem sobre Aécio nas sondagens – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4198229
153. Dilma adia divulgação de dados para não prejudicar campanha – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=776420&tm=80&layout=121&visual=49>
154. Brasil: As eleições e a expectativa de um realizador – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4198473
155. Brasil: Cineastas recebem eleição de Aécio Neves – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4196620

156. O debate quente entre Dilma e Aécio – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/os-temas-que-aquecem-o-debate-entre-dilma-e-aecio>
157. Os "dois Brasis" vão a votos. Qual deles vai ganhar? – **Rádio Renascença** - http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166356
158. Na vida dos brasileiros, como na campanha, os ânimos estão exaltados – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/na-vida-dos-brasileiros-como-na-campanha-os-animos-estao-exaltados-1673799>

24/10

159. A luta contra o crack faz-se nas ruas, Dilma e Aécio evitam o flagelo – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/a-luta-contra-o-crack-fazse-nas-ruas-dilma-e-aecio-evitam-o-flagelo-1673928>
160. Norte e sul do Brasil opõem-se na segunda volta das eleições – **JN** - http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=4199013
161. Brasil: Uma das campanhas mais duras e surpreendentes dos últimos anos – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4198861
162. Revista Veja acusa, Dilma acusa – **Jornal i** – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/revista-veja-abusa-dilma-acusa>
163. Eleições Brasil: Neymar ignora conselho de Dunga e declara apoio a Aécio Neves (video) – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4199647&page=-1
164. Aécio vê sondagens longe da vontade dos eleitores e Dilma remete para as urnas – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=776659&tm=7&layout=121&visual=49>
165. Eleições Brasil: Sondagens mostram empate técnico, mas Dilma tem vindo a subir – **RTP** – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=776537&tm=7&layout=123&visual=61>
166. Irmã de Lula critica Dilma e declara voto em Aécio: "Ele é o melhor para o Brasil" – **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4198310
167. "Aécio Neves é péssimo. Mas votava em qualquer candidato que interrompesse os anos do PT" – **Rádio Renascença** - http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166530

25/10

168. Dilma ou Aécio, quem vai sambar no Planalto? – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/dilma-ou-aecio-quem-vai-sambar-no-planalto=f895239>
169. Corrupção dominou o último debate entre Dilma e Aécio – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/corruptao-dominou-o-ultimo-debate-entre-dilma-e-aecio=f895282>
170. Dilma com ligeira vantagem mas analistas não arriscam interpretação das sondagens – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dilma-chega-ao-dia-das-eleicoes-com-ligeira-vantagem-nas-sondagens-1674169>
171. Dilma e Aécio trocam acusações no último debate antes da 2.ª volta – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4201031
172. Empate técnico entre Dilma e Aécio na véspera das eleições – **DN** - http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4201796
173. Último debate eleitoral no Brasil ainda dominado pelo tema da corrupção – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/ultimo-debate-eleitoral-no-brasil-ainda-dominado-pelo-tema-da-corrupcao-1674108>
174. Denúncias da Veja agitam o fim da campanha – **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/denuncias-da-veja-agitam-o-fim-da-campanha-1674156>

26/10

175. Brasil/Eleições: Aécio Neves vota em Minas Gerais e critica "sordidez" da campanha – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/brasileleicoes-aecio-neves-vota-em-minas-gerais-e-critica-sordidez-da-campanha=f895368>
176. Brasil/eleições: Dilma Rousseff reeleita com 98 por cento dos votos apurados – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/feeds/lusa/lusageral/brasileleicoes-dilma-rousseff-reeleita-com-98-por-cento-dos-votos-apurados=f895392>
177. Brasil/Eleições: Oposição elegeu governador em Brasília e candidato do poder foi reeleito no Rio de Janeiro – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/brasileleicoes-oposicao-elegeu-governador-em-brasilia-e-candidato-do-poder-foi-reeleito-no-rio-de-janeiro=f895387>
178. Os brasileiros dizem 'Sim' ao projeto do PT e reelegem Dilma Rousseff – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/os-brasileiros-dizem-sim-ao-projeto-do-pt-e-reelegem-dilma-rousseff-veja-como-foi-a-noite-eleitoral-ao-minuto=f895380>
179. A "eleição da mudança" deu afinal a reeleição a Dilma Rousseff – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/presidente-do-brasil-1674229>
180. Dilma e Aécio trocam acusações no dia das eleições mais renhidas desde 1989 – **Público** – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/dilma-e-aecio-trocam-acusacoes-no-dia-das-eleicoes-mais-renhidas-desde-1989-1674220>
181. Dilma Rousseff reeleita presidente do Brasil – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/26/quem-sera-o-proximo-presidente-brasil-acompanhe-em-direto-o-resultado-das-eleicoes-brasileiras/>
182. Lula da Silva vota e diz estar confiante na vitória de Rousseff – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4202415
183. Aécio vota e acusa Dilma de fazer "terrorismo" para continuar no poder – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4202422
184. Dilma quer Brasil unido em busca de "um futuro melhor" – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4202908
185. Eleitor de 20 anos morto na fila para votar – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4202590
186. Brasileiros em Portugal descontentes com situação no país de origem – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166587
187. Dilma reeleita no Brasil – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166600
188. Brasil elege, ou reelege, o presidente da república este domingo – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166582
189. Brasil/Eleições: Fernando Henrique Cardoso vota – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/brasileleicoes_fernando_henrique_cardoso_vota.html
190. Brasil/Eleições: Algumas assembleias de voto já fecharam – **CM** – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/brasileleicoes_alguas_assembleias_de_voto_ja_fecharam.html
191. Brasil/Eleições: Brasileiros voltam às urnas para escolher Presidente na segunda volta – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/feeds/lusa/lusageral/brasileleicoes-brasileiros-voltam-as-urnas-para-escolher-presidente-na-segunda-volta=f895335>
192. Eleições no Brasil. Dilma Rousseff à frente, com 95% dos votos apurados – **Jornal i** – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-no-brasil-dilma-rousseff-frente-95-dos-votos-apurados>
193. Eleições/Brasil: Dilma Rousseff à frente, com 95% dos votos apurados – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/eleicoesbrasil-dilma-rousseff-a-frente-com-95-dos-votos-apurados=f799539>
194. Eleições/Brasil: Dilma Rousseff à frente, com 95% dos votos apurados – **Expresso** – <http://expresso.sapo.pt/feeds/lusa/lusageral/eleicoesbrasil-dilma-rousseff-a-frente-com-95-dos-votos-apurados=f895388>
195. Eleições/Brasil: «O eleitor vem muito cedo e não quer deixar de votar» – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4202608

196. Dilma vota e diz que campanha teve «momentos lamentáveis» - **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4202227
197. Brasileiros voltam às urnas para decidir Presidente na 2ª volta - **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4202097
198. Brasil/Eleições: Dilma Rousseff vota e diz que campanha teve "momentos lamentáveis" - **Visão** - <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-dilma-rousseff-vota-e-diz-que-campanha-teve-momentos-lamentaveis=f799513>
199. Eleições no Brasil. Dilma Rousseff vota e diz que campanha teve "momentos lamentáveis" - **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-no-brasil-dilma-rousseff-vota-diz-campanha-teve-momentos-lamentaveis>
200. Material de propaganda irregular apreendido em dia de eleições no Brasil - **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=777074&tm=7&layout=123&visual=61>
201. Últimas sondagens mostram Brasil dividido - **RTP** - <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=777019&tm=7&layout=123&visual=61>
202. Brasileiros decidem continuidade ou mudança - **RTP** - http://www.rtp.pt/noticias/mundo/brasileiros-decidem-continuidade-ou-mudanca_v777028
203. Eleições no Brasil. Oposição elegeu governador em Brasília e candidato do poder foi reeleito no Rio de Janeiro - **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-no-brasil-oposicao-elegeu-governador-brasil-candidato-poder-foi-reeleito-no>
204. Brasil/eleições: Dilma Rousseff reeleita com 98 por cento dos votos apurados - **Visão** - <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-dilma-rousseff-reeleita-com-98-por-cento-dos-votos-apurados=f799542>
205. Brasil/Eleições: Aécio Neves vota em Minas Gerais e critica "sordidez" da campanha - **Visão** - <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-aecio-neves-vota-em-minas-gerais-e-critica-sordidez-da-campanha=f799522>
206. Brasil/Eleições: Candidato derrotado telefona a Dilma Rousseff e deseja sucesso no novo governo - **Visão** - <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-candidato-derrotado-telefona-a-dilma-rousseff-e-deseja-sucesso-no-novo-governo=f799543>
207. Eleições/Brasil: Dilma Rousseff reeleita para mais um mandato - **TSF** - http://www.tsf.pt/PaginalNicial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4202917
208. Aécio considera que esta foi a campanha "mais sórdida" já feita, e realçou que já se considera um "vitorioso" - **Jornal i** - <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-no-brasil-aecio-neves-vota-minas-gerais-critica-sordidez-da-campanha>
209. Eleições no Brasil: «Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come» - **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/eleicoes-brasil/brasileiros-em-portugal/eleicoes-no-brasil-se-correr-o-bicho-pega-se-ficar-o-bicho-come>
210. Dilma vota e diz que campanha teve «momentos lamentáveis» - **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes-brasil/dilma-vota-e-diz-que-campanha-teve-momentos-lamentaveis>
211. Aécio Neves vota em Minas Gerais e critica "sordidez" da campanha - **RTP** - http://www.rtp.pt/noticias/mundo/aecio-neves-vota-em-minas-gerais-e-critica-sordidez-da-campanha_n777087
212. Brasileiros votam em Lisboa com a esperança de uma mudança - **Sol** - <http://www.sol.pt/noticia/117348>
213. O Brasil escolheu Dilma - **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/geral/27-10-2014/52-do-brasil-escolheu-dilma>
214. Eleitor de 20 anos morto a tiro enquanto votava - **TVI 24** - <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/eleitor-de-20-anos-morto-a-tiro-enquanto-votava>
215. Ninguém ganha sem o voto dos pobres, mas desta vez é a classe media que vai decidir a eleição - **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/ninguem-ganha-sem-o-voto-dos-pobres-mas-desta-vez-e-a-classe-media-que-vai-decidir-a-eleicao-1674154>
216. As duas máquinas que escolhem os presidentes entre a balbúrdia dos partidos - **Público** - <http://www.publico.pt/mundo/noticia/as-duas-maquinas-que-escolhem-os-presidentes-entre-a-balburdia-dos-partidos-1674165>

217. Após vitória apertada, Dilma Rousseff apela à união e à paz entre os brasileiros – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/apos-vitoria-apertada-dilma-rousseff-apela-a-uniao-e-a-paz-entre-os-brasileiros-1674240>
218. Bolsa brasileira cai com a vitória de Dilma Rousseff – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/bolsa-brasileira-cai-com-a-vitoria-de-dilma-rousseff-1674282>
219. Reeleita, Dilma Rousseff compromete-se a dialogar e a reformar sistema político – Público – <http://www.publico.pt/mundo/noticia/reeleita-dilma-rousseff-promete-ser-melhor-pessoa-e-comprometese-a-dialogar-1674312>
220. Eleições no Brasil. Aécio Neves vence segunda volta em Portugal – Jornal i – <http://www.ionline.pt/artigos/mundo/eleicoes-no-brasil-aecio-neves-vence-segunda-volta-portugal>
221. Brasil/Eleições: 21% dos eleitores optaram pela abstenção – Expresso – <http://expresso.sapo.pt/brasileleicoes-21-dos-eleitores-optaram-pela-abstencao=f895396>
222. Economia e Europa não serão prioridades de Dilma – Rádio Renascença – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166631
223. Mercados castigam reeleição de Dilma – Rádio Renascença – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=166725
224. Brasil/Eleições: Passos Coelho felicita Dilma pela reeleição e reitera empenho na relação bilateral – Visão – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-passos-coelho-felicita-dilma-pela-reeleicao-e-reitera-empenho-na-relacao-bilateral=f799640>
225. Passos Coelho felicita Dilma pela reeleição – RTP – <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=777388&tm=80&layout=121&visual=49>
226. Passos e Jerónimo de Sousa saúdam Dilma pela vitória – TVI 24 – <http://www.tvi24.iol.pt/politica/passos-coelho/passos-e-jeronimo-de-sousa-saudam-dilma-pela-vitoria>
227. Brasil/Eleições: Cavaco saúda Dilma e vê "renovada oportunidade" para relações bilaterais – Visão – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-cavaco-sauda-dilma-e-ve-renovada-oportunidade-para-relacoes-bilaterais=f799649>
228. Brasil/Eleições: Dilma enfrentará "sérios desafios" no segundo mandato, diz Xinhua – Visão – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-dilma-enfrentara-serios-desafios-no-segundo-mandato-diz-xinhua=f799580>
229. Brasil/Eleições: Jerónimo (PCP) saúda Dilma na "defesa dos interesses das massas trabalhadoras" – Visão – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-jeronimo-pcp-sauda-dilma-na-defesa-dos-interesses-das-massas-trabalhadoras=f799641>
230. Obama felicita Dilma Rousseff pela vitória – DN – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4204107
231. Brasil/Eleições: Obama felicita Dilma Rousseff e quer aumentar laços bilaterais – Observador – <http://observador.pt/2014/10/27/brasileleicoes-obama-felicita-dilma-rousseff-e-quer-aumentar-lacos-bilaterais/>
232. Brasil/Eleições: Barroso e Rompuy felicitam Dilma Rousseff pela reeleição – Visão – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-barroso-e-rompuy-felicitam-dilma-rousseff-pela-reeleicao=f799571>
233. Brasil/Eleições: Costa (PS) saúda "triunfo das políticas de inclusão e desenvolvimento" de Dilma – Visão – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-costa-ps-sauda-triunfo-das-politicas-de-inclusao-e-desenvolvimento-de-dilma=f799653>
234. Eleições no Brasil. Costa saúda "triunfo das políticas de inclusão e desenvolvimento" de Dilma – Jornal i – <http://www.ionline.pt/artigos/portugal/eleicoes-no-brasil-costa-sauda-triunfo-das-politicas-inclusao-desenvolvimento-dilma>
235. Brasil/Eleições: 21% dos eleitores optaram pela abstenção – CM – http://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/brasileleicoes_21_dos_eleitores_optaram_pela_abstencao.html

236. Brasil/Eleições: Aécio Neves telefona a Dilma e deseja sucesso no novo governo – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4203256
237. Brasil/Eleições: Reduto de Aécio Neves e nordeste garantem vitória a Rousseff – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-reduto-de-aecio-neves-e-nordeste-garntem-vitoria-a-rousseff=f799547>
238. Se Portugal decidisse as eleições do Brasil, Aécio seria Presidente – **Rádio Renascença** – http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?did=166697
239. Dilma Rousseff promete uma reforma política e combate à corrupção (vídeo) – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4203218&page=-1
240. Cavaco saúda Dilma e vê «renovada oportunidade» para relações bilaterais – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Portugal/Interior.aspx?content_id=4204857
241. António Costa saúda «triunfo das políticas de inclusão e desenvolvimento» de Dilma – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Portugal/Interior.aspx?content_id=4204896
242. Pedro Passos Coelho felicita Dilma Rousseff pela reeleição – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Portugal/Interior.aspx?content_id=4204719
243. Brasileiros tiveram «receio de regresso ao passado», diz Seixas da Costa – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4203461
244. Dilma vai ter de mudar rumo ideológico da presidência, diz Luís Amado – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4203261
245. 21% dos eleitores brasileiros optaram pela abstenção – **TSF** – http://www.tsf.pt/PaginalIncial/Internacional/Interior.aspx?content_id=4203221
246. Reeleita para segundo mandato: e agora, Dilma? – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/reeleita-para-segundo-mandato-e-agora-dilma>
247. Dilma: «Quero ser uma presidenta muito melhor» – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/brasil/dilma-quer-ser-uma-presidenta-muito-melhor-do-que-fui-ate-agora>
248. Aécio Neves: «A maior de todas as prioridades é unir o Brasil» – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/aecio-neves-a-maior-de-todas-as-prioridades-e-unir-o-brasil>
249. Dilma venceu no Brasil, Aécio venceu em Portugal – **TVI 24** – <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/eleicoes/dilma-venceu-no-brasil-aecio-venceu-em-portugal>
250. Aécio Neves vence segunda volta em Portugal – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4204378
251. Dilma apela à união após vitória mais curta desde a ditadura – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4203581
252. Bolsa de São Paulo abre em queda após vitória de Dilma – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4203907
253. Os mitológicos trabalhos do presidente do Brasil – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4203592
254. Bolsa de São Paulo e real afundam após reeleição de Dilma – **Observador** – <http://observador.pt/2014/10/27/bolsa-de-sao-paulo-e-real-afundam-apos-reeleicao-de-dilma/>

28/10

255. Brasil/Eleições: Presidente chinês felicita Dilma Rousseff – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-presidente-chines-felicita-dilma-rousseff=f799668>
256. Brasil/Eleições: oposição venezuelana felicita Dilma e apela a esforço na solução da crise – **Visão** – <http://visao.sapo.pt/brasileleicoes-oposicao-venezuelana-felicita-dilma-e-apela-a-esforco-na-solucao-da-crise=f799678>
257. Um país partido ao meio para Dilma voltar a unir – **DN** – http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=4204899

258. Dilma Rousseff defende referendo para fazer reforma política – Observador - <http://observador.pt/2014/10/28/dilma-rousseff-defende-referendo-para-fazer-reforma-politica/>

259. Cinco gráficos para entender o resultado das eleições brasileiras – Observador - <http://observador.pt/2014/10/28/cinco-graficos-para-entender-o-resultado-das-eleicoes-brasileiras/>

Lista 6 – Amostra secundária Brasil

Total: 88 artigos

01/10

1. Brasil/Eleições: Dilma e Marina sem grandes diferenças de política económica - Moody's

03/10

2. Brasil/Eleições: Relações com Portugal não devem mudar com novo Presidente – investigador
3. Brasil/Eleições: Angola e Guiné-Bissau convidados para acompanhar votação
4. Brasil/Eleições: Mais de 142 milhões de eleitores poderão participar na votação de domingo
5. Brasil/Eleições: Relações comerciais entre Brasil e Portugal continuam reduzidas
6. REPORTAGEM: Brasil/Eleições: Presidenciais também envolvem portugueses
7. Brasil/Eleições: Cerca de 30 mil brasileiros em Portugal estão habilitados a votar nas presidenciais
8. Cantores, ex-jogadores e celebridades televisivas candidatos nas eleições do Brasil

04/10

9. Brasil/Eleições: Mais de 400 mil polícias e militares destacados para acompanhar escrutínio
10. Brasil/Eleições: Brasileiros escolhem presidente na sétima eleição direta após ditadura militar
11. Brasil/Eleições: Dilma promete maior transparência e combate à corrupção
12. Brasil/Eleições: Marina Silva promete "nova política" para substituir Dilma Rousseff
13. Brasil/Eleições: Candidatos ligados a Portugal disputam vaga para deputado em São Paulo
14. Brasil/Eleições: Ambiente tem passado ao lado da campanha – ativistas
15. Brasil/Eleições: Ficha Técnica

05/10

16. Brasil/Eleições: Sondagem à "boca das urnas" aponta Dilma Rousseff e Aécio Neves na segunda volta (ATUALIZADA)
17. Brasil/Eleições: Sondagem à "boca das urnas" aponta Dilma Rousseff e Aécio Neves na segunda volta
18. Brasil/Eleições: Votação terminou na maior parte do país e votos começaram a ser contados
19. Brasil/Eleições: Aécio Neves e Marina Silva confiantes que vão à segunda volta com Rousseff
20. Brasil/Eleições: Rousseff votou em Porto Alegre e reconhece que escrutínio será resolvido numa segunda volta
21. Brasil/Eleições: Salas de voto abertas na maior parte do país
22. Brasil/Eleições: Brasileiros vão às urnas hoje para escolher novo presidente

23. Brasil/Eleições: Brasileiros votam hoje na primeira volta com duas mulheres favoritas

06/10

- 24. Brasil/Eleições: Candidatos evangélicos mostram força em escrutínio
- 25. Brasil/eleições: Imprensa destaca "reviravolta" no cenário para segunda volta
- 26. Brasil/Eleições: Bolsa abre em alta e dólar em queda após resultados da primeira volta
- 27. Brasil/eleições: Final da contagem confirma segunda volta entre Dilma e Aécio
- 28. Brasil/Eleições: Rousseff vence no norte e nordeste e Neves, no centro e sul do país
- 29. Brasil/Eleições: Aécio Neves vence primeira volta em Portugal
- 30. Brasil/Eleições: "Famosos" conseguem reeleição e Romário chega ao Senado
- 31. SÍNTESE: Brasil/Eleições: Dilma Rousseff e Aécio Neves na luta final pelo poder
- 32. Brasil/Eleições: Rousseff diz que 'luta continua' na segunda volta
- 33. Brasil/Eleições: Marina Silva diz que brasileiros votam por uma mudança
- 34. Brasil/Eleições: Eleitores de Marina Silva devem dividir-se na segunda volta – analista
- 35. Brasil/Eleições: Aécio Neves celebra ida à segunda volta e fala em "unir forças"
- 36. Brasil/eleições: São Paulo e Minas Gerais elegem governadores na primeira volta
- 37. Brasil/Eleições: Dilma Rousseff e Aécio Neves na segunda volta, após 92% das urnas apuradas
- 38. Brasil/Eleições: Candidato 'Osama Bin Laden' detido por campanha ilegal no Amazonas
- 39. Brasil/Eleições: Fernando Henrique Cardoso disponível para negociar apoio de Marina Silva
- 40. Brasil/Eleições: Número de partidos na Câmara dos Deputados passa de 22 para 28

07/10

41. Brasil/Eleições: Marina Silva negocia apoio a candidato Aécio Neves

09/10

- 42. Brasil/Eleições: Grupo de Marina Silva defende mudança mas sem apoio direto a Aécio Neves
- 43. Brasil/Eleições: Partido de Marina Silva (PSB) vai apoiar Aécio Neves

11/10

44. Dilma Rousseff diz que denúncias sobre escândalo Petrobras são "eleitoralistas"

12/10

- 45. Brasil/Eleições: Dilma desvaloriza apoio de Marina a Aécio Neves
- 46. Brasil/Eleições: Marina Silva declara apoio a Aécio Neves na corrida contra Dilma (ATUALIZADA)
- 47. Brasil/Eleições: Marina Silva declara apoio a Aécio Neves na corrida contra Dilma
- 48. Adversário de Dilma Rousseff no Brasil compromete-se com propostas de Marina Silva

19/10

49. Brasil/Eleições: Urna eletrônica tem falhas e não está imune a fraudes, alerta especialista
50. Brasil/Eleições: "Máquina partidária" define os dois candidatos que disputam a segunda volta

20/10

51. Brasil/Eleições: Aécio Neves critica falta de parceria com Estados para combater falta de água
52. Brasil/Eleições: Rousseff abre última semana de campanha realçando melhoria do nível de vida

23/10

53. Brasil/Eleições: Empresários preferem Neves mas reconhecem tarefa difícil
54. Brasil/Eleições: As principais promessas dos candidatos para a Economia
55. Brasil/Eleições: Classe media vai "votar com o bolso" na segunda volta

24/10

56. REPORTAGEM: Brasil/Eleições: Muitos imigrantes em Portugal optam por não votar, desiludidos com a política (VÍDEO E FOTOS)
57. Brasil/Eleições: Norte e sul do Brasil opõem-se em segunda volta
58. Brasil/Eleições: Ficha Técnica

25/10

59. Brasil/Eleições: Acusação de revista contra Dilma e Lula marcam último dia de campanha

26/10

60. Brasil/Eleições: Candidato derrotado telefona a Dilma Rousseff e deseja sucesso ao novo governo
61. Brasil/Eleições: Dilma Rousseff reeleita, com 98 por cento dos votos apurados
62. Brasil/Eleições: Dilma Rousseff à frente, com 95% dos votos apurados
63. Brasil/Eleições: Oposição elegeu governador em Brasília e candidato do poder foi reeleito no Rio de Janeiro
64. Brasil/Eleições: Algumas assembleias de voto já começaram a fechar
65. Brasil/Eleições: Brasileiros votam em Lisboa com a esperança de uma mudança (C/VÍDEO E ÁUDIO)
66. Brasil/Eleições: Aécio Neves vota em Minas Gerais e critica "sordidez" da campanha
67. Brasil/Eleições: Dilma Rousseff vota e diz que campanha teve "momentos lamentáveis"
68. Brasil/Eleições: Urnas oficialmente abertas para escolha de novo Presidente

27/10

69. Dilma Rousseff defende consulta popular e combate à corrupção
70. Brasil/Eleições: Presidente angolano saúda reeleição que reflete vontade do povo
71. Brasil/Eleições: PR de Cabo Verde felicita Dilma Rouseff e deseja reforçar relações bilaterais
72. Brasil/Eleições: Costa (PS) saúda "triunfo das políticas de inclusão e desenvolvimento" de Dilma

- 73. Brasil/Eleições: Cavaco saúda Dilma e vê "renovada oportunidade" para relações bilaterais
- 74. Brasil/Eleições: Governo diz que queda da bolsa segue tendência internacional
- 75. Brasil/Eleições: Jerónimo (PCP) saúda Dilma na "defesa dos interesses das massas trabalhadoras"
- 76. Brasil/Eleições: Passos Coelho felicita Dilma pela reeleição e reitera empenho na relação bilateral
- 77. Brasil/ Eleições: Aécio Neves vence segunda volta em Portugal
- 78. Brasil/Eleições: Obama felicita Dilma Rousseff e quer aumentar laços bilaterais
- 79. Brasil/Eleições: Dilma enfrentará "sérios desafios" no segundo mandato, diz Xinhua
- 80. Brasil/Eleições: Barroso e Rompuy felicitam Dilma Rousseff pela reeleição
- 81. Brasil/Eleições: Reduto de Aécio Neves e nordeste garantem vitória a Rousseff
- 82. Brasil/Eleições: Venezuela felicita Dilma Rousseff pela reeleição
- 83. Brasil/Eleições: Estados Unidos, Argentina e Equador felicitam Dilma Rousseff
- 84. Brasil/Eleição: Dilma Rousseff promete mudanças a começar por reforma política
- 85. Brasil/Eleições: 21% dos eleitores optaram pela abstenção

28/10

- 86. Brasil/Eleições: Oposição venezuelana felicita Dilma e apela a esforço na solução da crise
- 87. Brasil/Eleições: Presidente chinês felicita Dilma Rousseff

29/10

- 88. Brasil/Eleições: Timor-Leste felicita Dilma Rousseff e espera reforço da cooperação